
RESULTADO

CATEGORIA CONTO

3ª EDIÇÃO

PRATA
DA CASA



CASA BRASILEIRA
DE LIVROS



CASA BRASILEIRA DE LIVROS

Categoria CONTO

Os textos são apresentados em estado de pré-revisão e não passaram por revisão editorial. Eventuais adequações realizadas tiveram caráter exclusivamente técnico ou de formatação, preservando-se o conteúdo original das obras.

Semifinalistas

Gilberto Arsiolli

*Nunca vi rastro de cobra
nem couro de lobisomem
Se correr, o bicho pega,
se ficar, o bicho come
Porque eu sou é homi
porque eu sou é homi
Menino, eu sou é homi,
menino, eu sou é homi
E como sou*

8 de maio de 1867

Laguna não é vila. Forno, matadouro, casa de moer gente — chame do que quiser. Vista de dentro, sob cerco, ela se dobra sobre si mesma, bicho acuado. As casas vazias viraram posto; porta arrancada virou barricada; telha quebrada, estilhaço. O cheiro é de pólvora, couro velho e água parada.

O terreno, que parecia favorável quando entramos, agora se mostra enganoso. Baixo demais para dominar, aberto demais para esconder. A rua principal vira corredor de tiro; os fundos das casas, trincheira curta. Fizemos parapeito com o que havia: sacos rasgados, móveis quebrados, adobe esfarelado na mão. Cavamos covas rasas para deitar homem e esperança.

Encostado na parede grossa de uma casa sem dono, enquanto a artilharia insistia — Laguna já estava sitiada — comecei a escrever. Entre um estampido e outro, conferi o cantil, contei cartuchos, reaprendi onde cabia o corpo. Do lado de fora, rodavam as sentinelas em turno curto: duas horas e troca, porque o olho também cansa e, cansado, trai.

As balas vinham de todos os lados, mas o pior vinha de dentro: o intervalo mudo entre um disparo e outro, o momento em que a gente percebe que ainda respira e isso dá trabalho. Quando caem as primeiras telhas, ninguém filosofa: empurra o ferido para trás da parede, recalca o reboco com a palma, muda de cômodo.

O coronel não gritava. Nunca vi Camisão gritar. Dava ordem curta, como quem rationa fôlego e autoridade: “fecha as portas”, “abre as janelas”, “ferva água”, “queima trapo”, “tira o doente do canto”. Mandou separar os febris, improvisar latrina longe da cisterna, queimar o que parecia apenas sujeira.

Acreditamos.

No começo, Camisão também acreditava. Não falo de fé religiosa — falo de uma crença mais dura, quase seca: a de que o Império podia organizar qualquer coisa com mapa, postura e disciplina. Vi-o riscar no chão, com carvão, um desenho tosco de ruas e pontos: ali guarnição, ali recuo, ali depósito de pólvora. O gesto era simples, mas vinha com a teimosia de quem tenta manter o mundo em linha reta.

Naquela hora, vi nele algo difícil de nomear sem errar: não era vaidade, mas também não era humildade. Era um orgulho que se manifesta em pequenos procedimentos — conferir uma porta, ajustar uma sentinela, recolher um saqueador pelo colarinho. Quando o medo cresce, ele respondia com método.

Às vezes penso que Camisão se parecia com aqueles homens antigos que avançavam pelo mato sem saber se voltariam, certos de que a vontade sustenta o corpo. Aqui, a vontade sustenta por minutos. Depois, o corpo cobra em febre, diarreia, tremor, olho perdido.

Quando Laguna caiu fácil demais, houve um silêncio estranho entre nós. Alguns riram. Outros saquearam. Camisão mandou cessar. Recolheu armas, fechou armazéns, proibiu bebida fora de hora — tentou separar guerra de desordem. Hoje vejo: aquele “cessar” era a última sombra de controle.

Agora, cercados, vejo Camisão de outro modo. Ele anda menos. Quando desmonta, demora um segundo a mais para firmar o pé. O corpo começa a cobrar aquilo que o dever não negocia. Mesmo assim, ele continua se movendo de posto em posto, olhando o reboco, a munição, o rosto dos homens — como se cada verificação segurasse um pedaço da linha.

Nós sete — aos quais ele mais recorria, não por preferência, mas por necessidade — ficávamos mais perto. Um rodava água, outro munição, outro recado; dois vigiavam; um carregava ferido; eu anotava quando dava. Entre nós havia uma confiança pobre, feita de repetição e falta de escolha.

Camição não via os paraguaios como homens. Via-os como obstáculo histórico. Talvez esse tenha sido seu erro mais humano. Aqui, porém, o obstáculo aprende o seu nome e o pronuncia com bala.

A artilharia recomeça. Camisão está lá fora, de pé, insistindo na postura como se postura segurasse parede. A cada impacto, o adobe cospe pó; a cada pausa, alguém corre, leva água, puxa um corpo para trás. Olho para ele e não sei se é coragem ou apenas continuidade.

Fecho o caderno. Se eu morrer, que alguém leia. Se eu viver, continuo.

A artilharia não cessou a noite inteira. Rabisco encostado na mesma parede de adobe, agora mais rachada, com a tinta tremendo ao ritmo do estampido. Fizemos vigia em revezamento; quem saía voltava com a cara branca de pó e cansaço. De madrugada, dividimos um resto de farinha e água morna. Ninguém comentou o gosto.

Aramirã é o primeiro. Alto, largo, peito em forma de escudo, barba cerrada que nunca conheceu lâmina mansa. Carrega o que pesa sem reclamar: caixa de munição, saco de farinha, homem desacordado. Quando fala, é para cortar: “agora”, “anda”, “não”.

Borba Ava’ẽ, o segundo, traz o nome cristão como herança distante e o apelido como verdade presente. Olho miúdo, mão inquieta. Conta tudo: cartucho, passo, minuto. Quando falta, ele não lamenta — ele redistribui. À noite, dorme pouco; de manhã, parece que já estava acordado há horas.

Jagaretê é o terceiro. Baixo e compacto, músculos curtos e densos, troncudinho, de sela e mato. Some e reaparece com informação curta: “tem movimento”, “tem fogo”, “tem água adiante”. Não gosta de ficar parado. Nem ele, nem seu cavalo Naurú.

Francisco Kuaray, o quarto, é pequeno e ágil, de pernas fortes e passo leve. O rosto fechado engana: é ele quem vai e volta com recado, quem acha passagem onde não há, quem atravessa rua aberta correndo no momento certo. Quando chega, não narra. Entrega. E pronto.

Moroti é o quinto. Claro de pele, cabelo ralo, bigode fino que ele alisa quando está nervoso. Guarda no bolso um punhado de sal e um rosário sem contas completas. Fala pouco. Quando fala, costuma ser tarde — e, ainda assim, ajuda. É o que fica perto dos febris sem fazer cena.

Joaquim Pitanga, o sexto, tem o rosto queimado de sol e um riso fácil demais para o lugar onde estamos. O riso dele não é alegria; é defesa. Ajuda a manter o fogo baixo, faz a água ferver quando há lenha, corta couro para virar sopa. Quando alguém cai, ele xinga e puxa pelo braço — como se o insulto fosse corda.

O sétimo sou eu. Chamo-me Quincas. O apelido, Ñe’ẽ, veio depois — os outros dormem, a palavra fica acordada. Escrevo porque não sei carregar de outro jeito. Às vezes, quando falta papel, escrevo na cabeça e espero não esquecer.

O cerco aperta. A fome começa a escolher rostos. E aquilo que viemos buscar — tecido antigo, guardado por povos que sabiam mais do que diziam — passa a parecer menos

objeto e mais isca. O que está lá fora não é só inimigo: é tempo, é lama, é doença rondando a ordem.

Se eu sair daqui, estas páginas ficam. Se não sair, que se saiba: não foi só o inimigo que nos cercou. Foi uma ideia grande demais para caber em corpo pequeno.

12 de maio de 1867

Preciso registrar o que até ontem eu empurrava para o canto do pensamento. A ordem não nasceu aqui. Nunca nasceu. Veio de longe, em papel dobrado, lacre apressado, mão suja de viagem. Chegou antes do amanhecer com um mensageiro exausto e uma assinatura que ninguém ousa discutir.

Chamavam-no entre nós por vários nomes – Arandu, Capuz Dourado, Anka-Açú, Capa de Pomo. Nomear servia para domesticar. Mas o objeto não se deixou: tecido antigo, custo antigo, promessa antiga. Não era só peça. Era chamado.

Camisão recebeu a ordem e ganhou um peso novo. Dobrou o papel com cuidado excessivo e guardou junto ao peito. Mandou separar homens e função: quem carrega, quem vigia, quem corre, quem volta. Contaram cantis, contaram cartuchos, escolheram duas mantas para ferido e um saco de farinha que já não era inteiro. Desde então, a retirada começou dentro da cabeça antes de começar no chão.

O primeiro desvio aconteceu sem cerimônia, e talvez por isso tenha sido tão perigoso. Uma patrulha voltou trazendo água de um poço que ninguém conhecia direito. Vieram com o balde cheio e a pressa nos olhos. Não ferveram. Não esperaram. Distribuíram como se fosse salvação.

A água tinha gosto de barro velho e culpa nova. Ninguém comentou. Mas algo se quebrou ali: pela primeira vez sobrevivemos fora do método. O corpo aceitou, a disciplina não.

Desde então, Camisão mudou. Não no físico — no olhar. Os olhos, antes atentos ao terreno, passaram a procurar sinais onde não havia. Começou a conferir lacre, a cheirar pano, a guardar o papel mais perto do coração do que a medalha. Dormia sentado, com a mão na cintura, como se o que ameaçava fosse roubo invisível.

Vi-o uma noite ajoelhado sobre o mapa, riscando com carvão linhas que não levavam a lugar nenhum. Murmurava nomes, datas, distâncias em léguas — e depois apagava com o polegar sujo, recomeçando. A manobra já não era só contra o inimigo: era contra o acaso.

Entre nós, os sete, o clima não se manteve. Aramirã ficou mais brusco e passou a afiar a faca como quem faz oração. Borba contava e recontava, como se o número pudesse impedir a falta. Jaguarê sorria menos e sumia mais. Francisco voltou mancando de uma ida curta. Morotê rezava em voz baixa para ninguém ouvir. Pitanga fez uma piada e ninguém respondeu. Eu escrevo e sinto a palavra pesar.

Não sei mais se cercamos Laguna ou se fomos cercados por aquilo que viemos buscar. Sei apenas que a ordem imperial, brilhando limpa no bolso de Camisão, não parecia mais comando: parecia dívida.

18 de maio de 1867

A doença entrou antes de bater. Veio sem bandeira, sem tiro, sem aviso. Veio pelo ar parado, pela água parada, pelo tempo parado. Primeiro foi a sede que não passava com a água — a boca molhada e o resto seco. Depois, a água passou a doer. Em seguida, as entranhas começaram a se esvaziar, como se tivessem esquecido para que servia reter.

Laguna se dividiu em espaços, e cada espaço ganhou sua cor. Não por escolha — por causalidade.

A casa do fundo, onde a sombra não alcança, ficou amarela: ali os febris tremiam até perder o nome. A sala estreita, sem janela, ficou verde: vômito, bile, o cheiro ácido da vida tentando sair. O corredor virou branco de cal e pano sujo: ali se limpava o que não se limpa. O quarto da frente, onde ainda se conversava, era violeta — cansaço profundo, sem dor, sem esperança. Do lado de fora, o pátio ficou negro: os que não voltavam.

A cólera ensinou rápido. A diarreia não pedia licença; a disenteria roubava o sangue; o mal do charco chegava febre baixa e saía sentença. A fome não gritava — convencia. A sede ensinava a engolir qualquer coisa. Aprendemos a beber o que antes recusávamos. Aprendemos a dividir o que não tínhamos. Aprendemos, sobretudo, que a matéria viva não negocia com ideias.

Camisão tentou organizar o inevitável. Estabeleceu turnos, isolamentos, ordens curtas. Mandou isolar, ferver e descartar tudo: até a última lenha. Pensamos, por instantes, ser possível conter a peste.

Depois, a doença atravessou a ordem, sem pedir explicação.

Vi Aramirã tremer criança. Vi Borba falar com o chão, pedindo trilhas que não existiam. Jaguarê ficou quieto demais. Kuaray trouxe água uma vez e voltou com os olhos

vazios. Moroti parou de explicar. Pitanga não riu. Eu tive a sensação clara de que palavra também adoece quando tenta abarcar o que não cabe.

A doença não escolheu. Não respeitou patente, força, astúcia. Entrava num homem e saía de outro, mudando de quarto. À noite, o intervalo era cortado por gemidos secos, passos apressados, um respirar que falhava e depois cessava. Ninguém usava máscara; a própria noite era a máscara.

Camisão passou a evitar o centro da vila. Caminhava pelos limites, tentando empurrar a peste para fora com a postura. Os olhos, antes presos ao mapa, agora miravam o vazio. Falava pouco. Quando falava, era para manter o ritmo — qualquer ritmo — porque acreditava que andar impede o colapso. Mas a doença não anda; espera.

E, nesse buraco de vigilância — aberto pela febre e pelo cansaço —, o inimigo voltou a lembrar que nossa miséria não tinha ido embora.

Naurú foi atingido por duas balas e caiu. Os soldados queriam comer sua carne, mas desistiram quando viram Jagaretê deitar-se junto do corpo de Naurú, a Winchester atravessada nas costas. Não temiam exatamente o rifle. Recuaram.

Na madrugada, a febre atingiu o número que não se esconde mais. Os mortos ocupavam o pátio negro. A lenha acabou. A água ferveu pela última vez. O Qori Unku — esse nome que pesava promessa — calou-se entre nós. Já não justificava nada. Já não explicava nada. O Império, distante, não sentia sede.

Camisão chamou os sete. Não havia voz de comando; havia fadiga lúcida. Disse apenas o que tinha que ser ouvido. Disse que a vila não nos protegia; nos consumia. Disse que ficar era morrer em quartos de cores diferentes, mas com o mesmo fim. Disse que marchar seria morrer andando — e que, mesmo assim, andar era escolha.

Ninguém discutiu. Não houve discurso. A decisão foi aceita do jeito que se aceita a chuva quando já se está molhado.

A retirada não nasceu do medo do inimigo, mas do reconhecimento da matéria. Não foi estratégia; foi instinto tardio. Fecho o caderno com as mãos fracas, sabendo que a doença ficou. Sabendo que ela vai conosco. Mas sabendo também que o primeiro passo para fora daquele labirinto colorido foi o primeiro gesto que ainda nos pertenceu. Amanhã, ao amanhecer, partimos.

Sáímos antes do sol. Não houve toque, nem palavra maior. Cada um juntou o que restava e amarrou do jeito que deu. O que não cabia no corpo foi para as carretas: munição de boca, pólvora embrulhada em couro, panela amassada. A vila ficou para trás sem protesto. Laguna não pediu despedida. Parecia satisfeita em nos ver ir. E o que se ouvia era o rangido das cangas no escuro.

Marchamos em fila curta. Os que ainda tinham força iam à frente. Os outros vinham atrás, regulando o passo pela respiração — e pelo dos bois, que puxavam o peso e marcavam o ritmo. O chão estava duro de seco por cima e mole por baixo. O pé afundava sem aviso. Quem caía, levantava se pudesse. Quem não podia, ficava olhando. Ninguém tinha ordem para parar; atrás, as carretas não paravam por ninguém.

O inimigo não atacou de imediato. Observava. A retirada é espetáculo paciente. Vi nisso uma lógica de tabuleiro: sacrificar peça miúda para ganhar terreno no centro. O Paraguai nos jogava com paciência. Quando o campo abria, a cavalaria aparecia na borda, rondava, sumia. E a coluna, por instinto, encolhia: baionetas para fora, carretas e gado no miolo, feridos no meio.

Camisão seguiu montado no início, depois passou a andar. O cavalo cansou antes que ele. Caminhava ereto, mesmo quando a postura já não ajudava. Dava ordens curtas, precisas: Direita. Água. Esperar. Seguir. Falava pouco porque o fôlego também é munição. Às vezes parava, erguia a luneta, e o horizonte virava relatório. O rosto estava fechado, a barba suja, os olhos fundos. Mantinha o ritmo, argumento sustentado por pernas e teimosia.

A fome veio cedo. Não a grande, mas a pequena — a que belisca e distrai. Depois veio a outra, a que pesa. A ração já vinha contada: um punhado de farinha na palma, um naco de charque, e o resto era invenção. Comemos o que havia. Raízes arrancadas à pressa. Um pedaço de couro fervido. Um peixe pequeno demais para dividir, mas dividido. A água era pouca. Quando achávamos, bebíamos mesmo assim. Pureza deixou de ser assunto.

O terreno se abriu em descampado e se fechou em mato ralo. O sol subiu rápido. O suor secava antes de cair. As moscas aprenderam o caminho. Os urubus também. Vi um pousar perto demais e ninguém espantar. O bicho nos olhou, conferindo agenda.

Aramirã seguia calado, respirando pesado. Borba perdeu o rumo duas vezes e depois acertou sem explicar. Jaguarê carregou um ferido até onde pôde e depois largou, sem palavra. Francisco trouxe água uma vez e voltou mancando. Morotĩ caminhava repetindo

números, talvez contas, talvez preces. Pitanga ainda fez uma piada curta, sem riso. Eu registrava quando dava, mais na cabeça do que no papel.

A tropa foi se desfazendo em partes. Primeiro o fundo atrasou. Depois o meio se esticou demais. Tinhoso foi o próximo a nos deixar. Morotĩ foi tomado pela desmedida e parou. A frente teve de parar. Esperar custava caro. Votamos. Morotĩ não aceitou o resultado e foi deixado pra trás.

À tarde, o chão começou a subir. Pequena elevação. Não era morro, mas parecia promessa. A terra ali era vermelha e quebradiça. Barro seco que vira pó. O vento levantava aquilo e jogava nos olhos. Pisávamos em pegadas antigas, humanas e de bicho, misturadas. A paisagem não ajudava nem atrapalhava. Apenas não se importava.

Camisão parou uma vez. Olhou para trás. Não contou. Contar não mudaria nada. Apenas assentiu. Mandou seguir.

À noite, fizemos fogo baixo. Pouca lenha. Pouca fala. Dormir era favor raro. Alguns deliravam. Outros ficaram acordados sem motivo. O céu estava limpo demais. As estrelas pareciam indiferentes, bem arrumadas. A terra respirava quente. Um inseto caminhou sobre meu caderno e deixei. Ele também marchava. Pensei, por um instante, que retirar-se era apenas continuar andando com outro nome. E que o que nos empurrava já não era a ordem, nem o objeto, nem o inimigo: era a vida tentando não cair antes da hora.

Ao amanhecer, retomamos. A coluna estava menor. A retirada seguia. Camisão insistia, irretornável. E enquanto ele insistia, o restante irretornava com ele.

29 de maio de 1867

Camisão morreu andando. Não foi de tiro, não foi de lâmina. Morreu do que já vinha nele havia dias: febre baixa que não cedia, água que não ficava, força que não voltava. O homem foi ficando curto para o dever. Ainda assim, continuava.

Naquela manhã, levantou-se antes dos outros. Amarrou o cinturão com cuidado — mais para segurar a farda folgada do que para sustentar o corpo. Ajustou o chapéu. Mandou seguir. A voz ainda saiu firme, embora diminuindo de tom. Caminhou alguns passos e parou. Não caiu. Parou, conferindo se o chão ainda estava ali. Estava.

O sol já batia. A poeira subia pouca. O vento não ajudava. Camisão tentou avançar mais uma vez. Deu dois passos. Falhou. Ajoelhou-se. Não pediu ajuda. Olhou para o horizonte, ainda tentando decidir alguma coisa. Chegamos perto. Ninguém falou.

Ele respirava curto. O suor frio escorria pela testa e se perdia na barba. Os olhos, antes atentos, agora estavam fundos e claros, olhando sem procurar. Tentou falar. Não saiu. Tentou de novo. Saiu pouco.

Disse para não parar. Disse para seguir o rumo marcado. Disse que a coluna não podia quebrar. Disse que o Imperador... Disse também que canhões e bandeiras não podiam ficar.

A mão direita afundou no chão. A esquerda segurou o mapa dobrado dentro da camisa, num estojo de couro. Não soltou. O peito parou sem aviso. Não houve espasmo. Não houve grito. A morte foi seca. Do feitio dele.

Ficamos ali um instante a mais do que o necessário. Aramirã fechou-lhe os olhos. Borba murmurou alguma coisa que não entendi. Jaguarê ficou de pé, olhando para longe. Francisco fez o sinal da cruz rápido. Pitanga não riu. Minha mão não obedecia. Um dos cabos da coluna foi atrás de Morotĩ, que voltou o mais rápido que pôde, olhos vermelhos e mareados, dividido entre o luto por Tinhoso e Camisão.

Enterramos Camisão ali mesmo. Terra dura. Pouca profundidade. Pedra e barro. Não havia cerimônia. Não havia madeira. Não havia discurso. Colocamos o corpo de lado, deitando alguém cansado. Nossas mãos amassaram nacos de terra antes de jogá-la sobre nosso coronel. A terra caiu pesada. O chão recebeu sem reclamar.

Alguém perguntou quem assumia. Ninguém respondeu. A pergunta não ajudava. Seguimos. A coluna andou mais leve e mais pesada ao mesmo tempo. Leve porque o corpo de Camisão ficou. Pesada porque o fardo que ele carregava passou para nós sem escolha. O mapa já não mandava. Ainda assim, o passo obedecia.

Pensei, enquanto caminhava, que Camisão foi um homem inteiro até onde a matéria permitiu. Não foi herói. Não foi mártir. Foi comandante. Cumpru até não caber mais. A morte não o desmentiu; interrompeu. O chão fechou sobre ele. O vento passou. Um urubu desceu longe. A marcha continuou. A mão treme. Ainda contorno as letras. Mas fomos adiante. Porque agora, mais do que nunca, parar seria mentir.

11 de junho de 1867

A guerra já não precisa de mim para continuar sendo guerra: depois do barulho, depois da febre, depois da pressa, o que restou foi um entendimento lento, desses que não se impõem — insistem.

A guerra não é um acontecimento; é um estado. Começa antes do primeiro tiro e persiste depois do último. Ela entra nos hábitos, no modo de olhar, no modo de calar. Não termina quando os homens voltam; termina quando já não sabem voltar.

Penso em Camisão agora sem a urgência do comando. Ele acreditou numa ideia grande demais para um só homem. Não foi exceção; foi regra. A batalha pede gente assim: inteiro por dentro e gasto por fora, disposto a sustentar uma coerência quando o mundo já desistiu.

Camisão não enlouqueceu de repente. Foi se estreitando; a obstinação virou modo de manter o sentido. Quando o sentido falha, o organismo cobra. O destino dele não foi singular: apenas ficou visível. Muitos morrem do mesmo jeito: não no choque, mas no prolongamento. A guerra tira primeiro o sono, depois o apetite, depois a coragem de imaginar; só então a carne. O erro é chamar isso de sacrifício. Sacrifício pressupõe escolha. Aqui houve continuidade.

O Pantanal e o Chaco não nos odiaram. Tampouco nos acolheram. Fizemos o que sempre fazem: existiram. Terra plana, água enganosa, calor que não discute. O chão não julga o invasor; cobra. Cobra água, cobra força, cobra tempo. O resto passa mancando, levando o que aprendeu sem querer.

A guerra não cria homens novos; revela os que já estavam ali. Uns endurecem. Outros quebram. Alguns escrevem. Heroísmo é adjetivo tardio, inventado longe do cheiro. Aqui, a coragem foi dividir água ruim. A lealdade foi esperar quem não voltaria. A covardia foi não virar a cabeça quando o outro caiu. E sobreviver, descobri, também pesa.

Penso nos que ficaram. Não como mortos, mas como interrupções. Vidas, planos, ideias. A guerra interrompe. Camisão foi interrompido no gesto de seguir. Nós, no gesto de acreditar. O Império, distante, continuou inteiro, e seguiu sem sentir nossa sede. Aqui, ficamos menores e mais exatos.

Se algo aprendi, foi isto: não há glória que atravesse a matéria viva sem deformá-la. As palavras grandes não passam pelo intestino, não aliviam a sede, não seguram o tremor. Servem depois, para organizar o esquecimento. O Pantanal continua. O Chaco continua. A água sobe e desce. A terra racha e fecha. Os bichos retomam os caminhos. A guerra passa como febre: deixa marca que aparece quando a gente tenta dormir.

Escrevo para que não se diga que não sabíamos. Vou fechar o caderno. Não por ter acabado o que dizer, mas porque prolongar seria amarrar a guerra dentro da palavra. E contra isso, não vou lutar com essas armas.

Nota: embrulhei os cadernos em pano cru, um a um, e enfiei na pasta de couro escuro. Derreti a cera com a ponta da faca; a gota ficou grossa, malfeita, mas pegou. Apertei o barbante até ele ranger, como nervo esticado. Desconfie se o lacre estiver rompido, ou se houver marca de unha.

Os diários devem ser entregues em mãos apenas ao **Senhor Taunay e/ou ao próprio MSS Nabuco de Araújo**. Fecho a tampa e torno a lacrar. Sobe um cheiro de tinta ferrogálica.

Quincas (Ñe'ẽ)

A cochonilha

Claudionor Aparecido Ritondale

Voltei para vender a chácara de meu pai numa quinta-feira sem vento. A casa dormia há anos no seu sossego úmido; as laranjeiras, esbranquiçadas de cochonilhas, lembravam o descuido com que envelhecem as promessas. Ao pisar o terreiro, senti o tapete espesso da folhagem abafar meus passos — como se a terra, de tão acostumada à nossa voz, recusasse testemunhar qualquer coisa nova.

Encontrei o Bento, filho da antiga caseira, rondando o poço. Tinha uns nove anos, a cara estreita, os olhos afiados de quem aprende cedo a ouvir sem ser visto.

— A senhora sua mãe? — perguntei.

— Foi pra cidade. Eu fico.

Dei-lhe moedas para varrer o alpendre e arejar os quartos. A casa abriu a boca, engoliu o ar quente e me devolveu, da cozinha, o cheiro rançoso de toucinho. Jaziam ali, numa prateleira, as taças de vidro baço do casamento de meus pais; toquei uma delas, e a poeira me sujou os dedos como a tinta de um documento triste.

À tarde, apareceu a vizinha do fundo, dona Zulmira, com um frasco de mel.

— Do Teyú Cuaré não é, mas apura a vista — disse, rindo dos próprios dentes gastos.
— O sítio precisa de sangue novo.

Sangue novo. Pousou o mel sobre a mesa e me olhou como se eu trouxesse na testa um anúncio: VENDE-SE O PASSADO. Agradei; não disse nada. O tempo ensina a calar — e a calar de modo bonito.

Na noite seguinte, uma carta apareceu pregada, com espinho de laranjeira, no tronco da figueira: “Quem esquece a casa morre de sede mesmo bebendo água.” Não sou homem de sustos gratuitos; ainda assim, fiquei um minuto lendo aquela linha até decorar o ritmo da ameaça. Arranquei o papel, amassei-o, joguei no lixo com métrica de escrivão. Bento me espionava do vão da porta.

— Foi a senhora do fundo? — ele arriscou. — Ela fala sozinha no quintal. Às vezes, chora.

— Não é da nossa conta. Vai dormir!

Na madrugada, acordei com chuva sem barulho. Fui ao quarto do menino. Ele dormia torto, descoberto. Puxei o lençol com uma mão, e com a outra, não sei por quê, apontei como meu pai apontava para mim, gesto de repreensão em quem tem medo de

perder o pouco que governa. O dedo suspenso sobre a inocência alheia é um pecado que sempre volta.

Passei o dia redigindo minutas. O comprador viria no sábado; eu precisava pôr ordem nos papéis — a partilha, os limites, a história dos eucaliptos plantados por teimosia. Enquanto alinhavava cláusulas, Bento circulava pela varanda com o mel de dona Zulmira debaixo do braço, como se carregasse um prêmio.

— Não mexe nisso! — falei. — Mel chama formiga.

— Também chama abelha.

— Abelha morde.

Ele riu do meu medo mal redigido e saiu.

No fim da tarde, nova carta na figueira: “O homem que vende a sombra perde o corpo.” Quem escrevia aquilo tinha tempo e tinta ruim. E o meu nome: “Arnaldo”. Dei um passo atrás, como quem dá passagem à própria vergonha. O único que me chamava de Arnaldo, com esse “r” duro, era meu pai.

Passei a tranca, sentei com o mel e uma faca. Escavei a superfície dourada como um arqueólogo apressado. No fundo, encontrei o nada. Fiz um sanduíche. O doce me feriu os dentes com a discrição da vingança.

Bento não voltou para o jantar.

Procurei-o pelo quintal, sob a mangueira, no paiol. Chamei seu nome com a voz de quem lê testamento. Nada. Só o raspar da chuva na telha e o suspiro da figueira, velha senhora de segredos. Encontrei-o, por fim, ao pé do muro, deitado de lado, pálido, respirando curto como seoubesse menos ar no mundo.

— O que foi, Bento? — ajoelhei.

— O peito... e uma coisa presa aqui — apontou a garganta. — Não sai.

Carreguei-o. Abri-lhe a boca, o reflexo branco da língua, o engasgo. Bati-lhe de leve nas costas, depois com força. O corpo, leve demais, era um pedido. Fui à cozinha, procurei entre as tábuas um truque, um santo, um telefone. Não havia nada de moderno naquela casa além do erro.

Dona Zulmira surgiu na porta, molhada de si mesma.

— Deus me livre! — pôs a mão na boca. — O menino!

— Abriu o frasco de mel, comeu às carreiras, agora está assim.

Ela olhou o pote que eu deixara aberto, viu a minha faca dentro, entortou a boca num cálculo.

— Tem consultório no centro. O homem dos pulmões. Mas... — fez gesto de desamparo, aquele “mas” que corta o pano ao meio.

— Vou levá-lo.

— À noite? Com esses barreiros? — olhou os meus sapatos limpos. — O senhor tropeça no próprio juízo.

Tropecei mesmo. No caminho, Bento desmaiou no meu ombro. Uma convulsão breve lhe sacudi os braços; a cabeça caiu para trás como se devolvesse ao mundo um peso emprestado. Ainda senti a luta pequena da vida contra a propriedade do silêncio.

O médico era um homem curto, de bigode, que cheirava a eucalipto. Pôs o menino de bruços, apertou-lhe a barriga, limpou com gaze, introduziu o dedo com decisão de pai que sabe o que retira. Quando afastou a mão, trouxe um objeto rodando luz sob a lâmpada.

— Um anel — disse, lavando-o. — Aliança de ouro. Ficou presa aqui, vê? — tocou a cartilagem macia sob o queixo do menino. — Engoliu no mel. Criança pesca o que brilha.

Olhou para mim e acrescentou, como quem explica a um parente aflito:

— Ele desmaiou pelo esforço, pelo pânico e pela sensação de sufoco. Mas, apesar do engasgo, nunca chegou a perder totalmente o ar.

Fiquei de pé, o corpo todo composto de ruídos por dentro. Dona Zulmira, que viera atrás, cruzou-se no meu olhar como uma sombra obediente: “Eu não fui.” O médico limpou o metal, leu a inscrição. Devolveu-me o ouro em silêncio, como se me entregasse uma parte do menino que me cabia. Estava gravado: “A. & L., 1994”.

O **A** (de meu nome) ainda feria como espinho; o **L** (do nome dela), ao lado, dormia sem memória. Olhei para o anel como se fosse um velho processo mal concluído. Perdi minha aliança no verão de 2003, numa noite de gritos, quando Laura fechou a porta com um vento que levou mais coisas do que deveria. Tive, desde então, o hábito de reescrever a cena em silêncio, com o método de quem arruma gavetas sem tocar o fundo.

— O menino? — perguntei.

— Vai viver — respondeu o médico, enxugando as mãos. — Mas o senhor precisa aprender a tampar os potes. E as lembranças.

O tom sem julgamento me humilhou. Levei Bento de volta; dormiu pesado, vestido, a respiração com tropeços leves. Dona Zulmira ficou na sala um momento, as mãos enroladas no avental.

— Eu não botei anel em lugar nenhum, seu Arnaldo.

— Eu sei.

— A colmeia é do senhor — apontou para mim, e o gesto bateu no peito com a simplicidade de uma verdade antiga. — E abelha não guarda aliança. Quem guarda é gente.

Quando ela se foi, abri a gaveta da escrivaninha. Ali dentro, sob as minutas, encontrei o que não procurava: papel de embrulho, um espinho de laranjeira, meu tinteiro. A letra, a mesma das cartas. Tentei rir: um homem ordenado sempre deixa a prova da próprio desordem onde possa ser encontrada.

Escrevi a terceira carta: “Quem volta para vender deveria, antes, comprar uma vela.” Espetei o papel na figueira. Precisava completar o círculo, como quem fecha um processo com a última rubrica, ainda que esta denuncie o escrivão.

Na manhã de sábado, o comprador chegou cedo, com gravata que tinha a mesma cor de pêssego partido. Mostrei-lhe os limites, o poço, a cerca que o vizinho, há anos, encostou no nosso lado. Ele sorriu com a educação dos homens que compram os sonhos dos outros com alvará legal.

— A casa está cansada — disse. — Mas a terra, não. A terra é bicho que dorme leve.

Assenti. Assinamos. Ele me deu o cheque. Fiquei olhando o espaço onde meu pai dizia palavrões quando pregava a mão no arame farpado. Bento apareceu de camisa limpa, a garganta riscada de um roxo leve, como lembrança. Olhou para mim e para a figueira.

— Quem escreveu aquilo?

— Fui eu.

Ele abriu a boca como quem recebe um doce mal explicado.

— Por quê?

— Porque às vezes a gente precisa do inimigo para entender a própria letra.

— Entendi não.

— Melhor assim.

Fui à cozinha, peguei o frasco de mel, lavei-o devagar, como quem prepara um batismo. Na prateleira, as taças baças me assistiam com a paciência dos objetos.

— Leva — entreguei o frasco a Bento. — Mas só abre quando tiver gente por perto.

— A senhora do fundo?

— Melhor ela do que eu.

Na varanda, dona Zulmira acenou com um gesto curto. Vi em seus olhos que, para além das cartas, das alianças e da venda, havia uma contabilidade que não se faz no papel: o menino respirava. Voltei à figueira, arranquei a última carta antes que o comprador a visse. Rasguei-a em tiras finas e as dei às formigas. Elas carregaram meus avisos como se fossem açúcar.

Na porteira, o comprador me esperava no carro. Olhei ainda uma vez o quintal; o chão fofo calou meus passos outra vez. No bolso, a aliança pesava a metade de um segredo.

— Pronto? — perguntou o homem do pessegueiro.

— Pronto.

Ficamos alguns segundos sem acrescentar nada ao mundo. E então, sem plateia, sem cartas, sem mel, a chácara, que sabia mais de mim do que qualquer testemunho, me perdoou com o único perdão que as coisas têm: aceitou que eu fosse embora.

A estrada se abriu em risca vermelha. O carro andou. E, mesmo com a janela fechada, juro que ouvi, lá atrás, o barulho de um lençol puxado, cobrindo um menino.

A contabilidade dos mortos

(Porto Silêncio)

Carolina Maida Santos

I. A Cidade dos Mortos-Vivos

Nina atravessou a Praça das Lamentações quando a neblina começou a subir do mar. Ela ainda acreditava que aquela noite seria sua fuga.

Em Porto Silêncio, aquela neblina não era um fenômeno; era um inventário. Ela subia do oceano para mumificar a cidade, selando o vilarejo sob um sudário de bruma que não escondia as mansões vitorianas, mas as preservava em sua putrefação. As casas pareciam inclinar-se sobre as calçadas, como velhas surdas tentando capturar o eco de passos que a cidade, por contrato, deveria esquecer.

No centro da praça, a estátua de bronze de seu tataravô não apenas vigiava a mordaza imposta aos vivos; ela parecia beber a umidade salina, suando uma agonia verde-zinabre que escorria pelo pedestal de granito. Nina apressou o passo. Sentia o DNA daquela linhagem pesar como uma armadura de chumbo, uma herança que não se veste, mas se carrega nas vértebras.

Porto Silêncio era um organismo que se alimentava de murmúrios. E Nina crescera ouvindo cada um deles. Ali, a importância de uma família era medida pela espessura de seus silêncios. Os Alencastro não eram apenas os donos das terras; eram os arquitetos de uma orquestra de línguas cortadas. Ninguém perguntava de onde vinham os cargueiros sem bandeira ou por que o mar, às vezes, devolvia sapatos sem donos. A cidade aprendera que a verdade era um artigo de luxo que o orçamento local não podia comportar. Em Porto Silêncio, o silêncio era mais estável que qualquer lei.

Ao passar pelo Cinema Imperial, a memória de Clóvis a atingiu como um estilhaço de vidro.

Dez anos antes, naquele átrio em ruínas, ele a puxara para as sombras.

— Sinta o cheiro, Nina — ele sussurrara, apontando para as frestas do porto. — Não é sal. É petróleo e ferro. É o hálito do sangue de quem foi mastigado pela nossa conta bancária.

Naquela noite, Clóvis entregara a ela uma pequena concha, as ranhuras naturais sufocadas por uma crosta de óleo negro.

— Se um dia eu sumir, não me procure no céu. Procure no que eles tentam esconder sob o peso das águas.

Nina tateou a concha no bolso. Ela era sua única bússola moral em uma cidade que navegava por cartas náuticas rasuradas. Lembrou-se dos bailes do pai, onde o vinho tinto tentava, sem sucesso, lavar o gosto ferroso das transações portuárias. Clóvis já sabia: o prestígio dos Alencastro era uma máscara de gesso aplicada sobre um rosto em decomposição.

II. O Píer e o Inventário do Abismo

O píer Santa Marta avançava sobre o Atlântico como um dedo necrosado. Suas vigas, colonizadas por cracas afiadas, gemiam sob o soco das ondas, devolvendo o estertor de quem nunca teve direito a uma lápide.

Nina atingiu a extremidade quando o relógio da torre golpeou a meia-noite, com badaladas argentinas. Adolpho deveria estar ali. Fora ele quem pedira aquele encontro, prometendo que naquela madrugada deixariam Porto Silêncio para trás.

Um misto de medo e desespero tomou conta de si; o que haveria acontecido com Adolpho? Ele não era de se atrasar...

Ele fora o arqueólogo de porões que ousara dissecar as camadas de poeira da burocracia local.

— Sua família não fundou esta cidade, Nina — ele dissera em seu último suspiro de coragem. — Eles a sequestraram e exigem resgate até hoje, cobrado em juros de sangue.

Sob a luz icterícia do último poste, ela rompeu o envelope pardo. As folhas tinham o toque de pele morta. Notas fiscais de empresas fantasmas, registros de cargas "evaporadas" e, finalmente, uma Polaroid antiga: uma reunião no velho farol, vinte anos antes. No centro, o jovem Clóvis sorria, uma anomalia de luz em uma família de sombras. Ao fundo, fundido à escuridão, estava Otávio. Seu pai.

A página seguinte trazia o laudo pericial suprimido, mas o que chocou Nina não foi a causa da morte — traumatismo craniano por objeto contundente — mas a anotação contábil no rodapé, escrita com a caligrafia impecável de seu pai:

"Carga perdida: 1 volume (inservível).

Custo do ajuste: Silêncio absoluto."

Ao fundo, o mar batia contra as estacas do píer com uma paciência quase burocrática, como se lembrasse à cidade que nenhuma contabilidade permanece enterrada para sempre.

Clóvis fora reduzido a um item de contabilidade. As mãos que afagaram o cabelo de Nina na infância eram as mesmas que haviam dado baixa na vida do próprio filho.

III. A Geometria da Traição

— Você herdou a obsessão suicida dele, Nina.

A voz emergiu da névoa como um coágulo. O corpo dela reconheceu o timbre antes da razão. Era a voz que narrava fábulas antes do sono, agora soando como o ranger de um mausoléu. Não era um fantasma; era o engenheiro daquela arquitetura de sombras.

Otávio surgiu impecável em seu sobretudo de lã, a bengala de prata batendo rítmica na madeira úmida.

— Você morreu... — a voz de Nina era um estilhaço. — Eu joguei terra sobre o seu nome.

— O nome morreu para que o homem governasse — respondeu ele. — Porto Silêncio não precisa de um pai, Nina. Precisa de um proprietário. Sangue é o cimento que mantém as estruturas sólidas, minha filha. Adolpho também não compreendeu a anatomia do poder.

Otávio inclinou levemente a cabeça.

— Porto Silêncio não é corrupta.

— Ela apenas funciona.

— Toda cidade tem um segredo, Nina. Porto Silêncio tem um método.

Um som viscoso subiu da lateral do píer. Entre as vigas, uma mão emergiu, os dedos em carne viva. Adolpho arrastou-se para as tábuas, um amontoado de sal e agonia. Ele ergueu o rosto mutilado, e seus olhos encontraram os de Nina com o vazio absoluto da derrota.

— Ele não veio aqui por você — disse o pai. — Ele me procurou antes de vir para cá. Ofereceu esse envelope em troca de uma saída limpa.

Otávio lançou um olhar breve para Nina.

— Disse que você viria com ele. Que bastaria eu permitir que os dois partissem e o problema estaria resolvido.

A bengala de prata bateu duas vezes na madeira.

— Homens como ele sempre cometem o mesmo erro, Nina. Tentam vender o mesmo silêncio duas vezes.

Adolpho não olhou para Nina. Seus olhos buscavam o rosto de Otávio com o vazio da submissão absoluta.

Nina sentiu o óleo da concha em seu bolso vazar entre os dedos. Ela era a isca de dois homens: um que a criara para a sucessão e outro que a vendera para a própria liberdade.

IV. O Veredito das Águas

Otávio parou a poucos passos, a mão estendida.

— Escolha, Nina. O peso da verdade ou a leveza do trono?

Nina olhou para Adolpho.

O homem que lhe prometera amor e jurara fugir com ela agora mal conseguia sustentar o próprio peso. Não havia ali coragem, nem redenção — apenas o reflexo vazio de quem tentara negociar sua confiança pelo preço de um passe livre.

Por um instante, os olhos de Adolpho encontraram os dela. Não havia mais cálculo ali — apenas o súbito reconhecimento de que havia vendido a única pessoa que ainda acreditara nele.

Por um instante, Nina compreendeu.

Ela nunca fora cúmplice.

Nunca fora amante.

Era apenas mais uma peça no tabuleiro.

Olhou para a fotografia de Clóvis.

O irmão havia tentado abrir as comportas de uma cidade construída sobre cadáveres. O pai transformara sua morte em contabilidade. E agora Adolpho tentara transformar sua confiança em moeda.

O jogo sempre fora o mesmo.

Nina tirou a concha do bolso e a esmagou contra a palma da mão. O óleo negro manchou sua pele e o cheiro de petróleo invadiu o ar, sufocando o perfume caro de Otávio.

Nina deu um passo para trás.

Não foi um gesto de raiva.

Foi apenas o fim de uma ilusão.

Pela primeira vez desde a infância, Nina compreendeu com clareza brutal o que Porto Silêncio realmente era.

Não uma cidade.

Uma máquina.

Uma máquina construída para transformar vidas em números e números em silêncio.

Pela primeira vez também percebeu que ninguém realmente escapava daquela máquina.

Alguns apenas mudavam de papel.

— Eu escolho o mar, pai.

Adolpho olhou para ela e compreendeu que estava sozinho.

Entre ele e o abismo havia apenas duas tábuas podres e o silêncio dela.

Ele correu dois passos cambaleantes e se lançou no escuro do mar gélido. No mesmo instante, uma onda ergueu-se como se o próprio oceano tivesse ouvido a sentença.

O impacto contra as estacas podres ecoou pela baía.

O píer Santa Marta estalou como um osso antigo cedendo ao peso dos anos. O mundo inclinou-se.

A madeira abriu-se sob os pés de Nina e Otávio.

Pregos saltaram.

Tábuas partiram.

Pai e filha despencaram juntos enquanto o mar reclamava aquilo que Porto Silêncio passara décadas tentando esconder.

O envelope abriu-se no ar e as folhas voaram como pássaros cegos antes de desaparecer na espuma.

Na manhã seguinte, a neblina voltou a fechar-se sobre Porto Silêncio.

Na areia da praia, quilômetros abaixo, um pescador encontrou uma folha protegida por um pedaço de plástico.

Nela, o nome de Nina aparecia sublinhado em vermelho na caligrafia trêmula de Adolpho. Abaixo, a anotação fria de Otávio sobre o “volume perdido” ainda era legível.

O pescador ergueu os olhos.

Entre os restos do píer destruído, um homem estava sentado na areia.

Adolpho.

O mar o havia lançado contra as estacas quebradas durante a queda e depois o devolvido à praia.

Ele não chorava.

Apenas olhava para o mar.

O mar continuava fazendo o que sempre fizera: guardando aquilo que Porto Silêncio não podia permitir que viesse à superfície.

O pescador caminhou até ele.

Sem dizer uma palavra, usou o papel para limpar o sangue de um peixe recém-abatido.

O sangue escorreu sobre o nome de Nina.

Depois dobrou a folha suja e a colocou na mão de Adolpho.

Por um longo tempo ele apenas ficou olhando para o papel.

Ao longe, a mansão dos Alencastro continuava dominando o morro dentro da neblina.

Adolpho fechou lentamente os dedos sobre a folha, enquanto a cidade respirava tranquila ao redor dele.

Pela segunda vez naquela família, a verdade morreu afogada enquanto Porto Silêncio, fiel ao contrato, continuou a devorar seus mortos em absoluto silêncio.

Em Porto Silêncio, o silêncio nunca ficava sem herdeiros.

A entrevista do século

Douglas Hamilton Santos Lobo

Joelson se ergueu da cadeira de presidente e, mãos espalmadas sobre a mesa de jacarandá, olhos em mim como os de um gato em uma lagartixa, disse (em voz tão alta que toda a redação do jornal deve ter ouvido):

— Desculpas não vão colar dessa vez.

Seu rosto, de pele parda bronzeada, tornara-se cor de cereja. As mãos pressionavam a superfície da mesa como um animal prestes a atacar. As veias do pescoço se contraíam, o pomo-de-adão se protuberava.

— É a terceira vez, só nesse ano, que a direção reclama do caderno de cultura, Lúcio.

“Reclamam porque cultura é algo além deles” — tive vontade de dizer. Mas me calei. Há cinco anos no Diário do Ceará, dois deles como editor, eu já aprendera os limites: a família Alencar, controladora do jornal (e de um sem-número de empresas de vários setores) —, tinha laços de longa data com os Freitas, uma das linhagens mais tradicionais do Estado — e cujo representante ainda vivo de maior visibilidade pública era o próprio Joelson.

— Acho que nem preciso dizer que o motivo dessa reclamação de agora foi o mesmo das outras vezes.

Medi as palavras, ao dizer:

— Um caderno de cultura tem o dever de—

— Eu pedi sua opinião?

— ...

Joelson se retesou. Tirou de uma carteira sobre a mesa um cigarro Marlboro, que acendeu com um isqueiro que pegara no bolso da calça social cinza. (O jornal se engajava na campanha antifumo que tomava o país; seu diretor, não.) Tragou e, olhos entrecerrados, acalmou-se — ou assim eu pensava, até ele baforar e, rosto envolto em fumaça, dizer:

— Não vai se defender?

Respirei fundo. Ao falar, tentei manter a voz calma (Joelson era um *pitbull*: cheirava medo, partia para esfaquear):

— Um caderno de cultura tem o dever de levantar questões, provocar o leitor, discutir tabus.

— O mesmo papo de novo...

— Não é “papo”... é uma convicção, que tento trazer para a linha editorial do caderno.

Joelson suspirou, sentou-se e deu outra tragada no cigarro. Expeliu a fumaça e ficou

a contemplar os fios tênues que subiam até o teto, onde se desvaneciam na penumbra, como um fantasma engolido pela escuridão. Pôs a vista em mim e correu a mão livre pelos cabelos grisalhos.

— A linha editorial do periódico se sobrepõe à de qualquer caderno, Lúcio.

— Não vejo choque entre a cobertura de cultura e a do jornal.

— O Diário do Ceará é um veículo católico.

Entrelacei as mãos à frente do corpo.

— Nem no manual de redação, nem no projeto editorial está dito que o jornal endossa alguma religião.

— Em uma redação, o que *não* está dito é tão importante quanto o que está. — Ele apontou a brasa do cigarro para mim: — Não... é *mais* importante.

— Infelizmente, não posso trabalhar com premissas subjetivas.

Joelson virou a cadeira para sua esquerda e bafou. A fumaça subiu rumo a um quadro na parede à frente dele. Na pintura, a última ceia de Cristo com os apóstolos.

Embora o cigarro ainda estivesse na metade, Joelson esmagou a guimba em um cinzeiro de mármore na mesa e virou a cadeira para mim.

— A cultura corporativa é uma cultura de entrelinhas. — Com um gesto, ele me impediu de interrompê-lo. — E ao contrário do que vocês jovens pensam, um jornal é antes de tudo uma empresa.

— Sim, mas—

— Não finja que não sabe que os Alencar são donos de um dos mais prestigiados colégios católicos aqui de Fortaleza. Que Eric é sócio emérito do Rotary Club, que tem como um dos maiores parceiros em suas ações de caridade a arquidiocese. Que Brígida já se encontrou com o próprio Papa João Paulo II!

— Mas—

— Eu posso ignorar quando você traduz e publica um trecho de livro daquele americano ateu...

— Richard Dawkins.

— ... mas não quando você vem com essa...

Joelson se ergueu, pegou um exemplar do Diário da Manhã sobre a mesa, destacou dele o caderno de cultura e, uma mão a segurá-lo, pôs o dedo indicador da outra na manchete:

Wicca é nova onda entre as garotas da geração X

— Joelson, é só uma matéria sobre uma tendência dessa última década do século XX.

Ele pôs o caderno sobre a mesa.

— Para os Alencar, é uma celebração da bruxaria.

— Sinto que pensem assim...

Joelson sentou-se, apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e percorreu o teto com o os olhos.

Eu já o conhecia o suficiente para desconfiar que a próxima etapa da conversa seria de apaziguamento — e tive certeza quando ele disse:

— Eu consigo acalmar o Rubens. O velho gritava no telefone, pra você ter uma ideia. Queria te demitir. — Minhas costas gelaram, mas disfarcei. — Eu o demovi.

— Eu agradeço.

— Não corra mais um risco desses. Não vale a pena.

Ele afastou a cadeira, tirou uma caneta de prata do bolso da camisa e voltou a escrever em um papel, como fazia quando eu entrara. Era sua deixa para eu sair, e assim o fiz.

Tão logo fechei atrás de mim a porta de vidro, Nágila, secretária de Joelson, sentada em sua baia na antessala, parou de rabiscar em um calendário de mesa.

— Então? — os olhos castanhos dela se agitavam por trás das lentes dos óculos sem aro, em cujas asas caíam mechas laterais de seu cabelo liso longo escuro, que lhe emoldurava o rosto, de pele viçosa e queixo fino.

— Me safei.

— Por que se queimar assim? — O tom dela era de preocupação sincera.

— Jornalismo é pra incomodar os acomodados.

— É isso mesmo? — ela deu um meio sorriso. — Ou sua namorada nova ‘tá te levando pro lado sombrio?

Contive minha irritação. Nos últimos meses eu já me acostumara com gozações e deboches em torno de Lili — mas ainda era difícil segurar o ímpeto de mandar ao inferno quem julgava meu relacionamento pelos princípios convencionais dessa metrópole provinciana chamada Fortaleza.

Forcei-me a sorrir, saí pela porta aberta da antessala e segui à esquerda para a última ala da redação, onde funcionava minha editoria.

#

Lili acendeu a última vela e se sentou no tatame, à minha frente. Estávamos no meio de um círculo de cinco pontas, cada uma delas marcada por uma vela acesa.

— Consegue sentir? — Ela me perguntou. — A energia?

Assenti com a cabeça.

Por um segundo, Lili sorriu. Uma brisa entrou pela única janela e empurrou para sua testa larga um fio de seu longo cabelo liso, o fiapo ruivo a lhe cortar a tez branca como sangue na neve.

Então, os lábios dela se contraíram e ela meneou a cabeça.

— Dessa vez eu quase acreditei...

Ergui-me.

— Lili, eu tento, juro... — eu dizia a verdade —... mas nada acontece.

Ela se levantou e passou a apagar e recolher as velas, jogando-as em seguida em uma lixeira de metal *inox* a um canto.

Estávamos em uma antiga dependência de empregada, que Lili transformara em estúdio assim que alugara o apartamento, há dois anos.

— Talvez nada aconteça, Lúcio, porque você não se dá a chance.

— Acabei de dizer que tento.

— Tua cabeça ‘tava longe daqui.

— Lá vem você...

Ela tinha razão. Minha mente vagueara durante todo o ritual. Não conseguia esquecer o confronto com Joelson, na manhã daquele dia.

— A energia espiritual não está lá fora, Lúcio. Está aqui — ela jogou a última vela na lixeira e levou as mãos aos seios, cobertos por um vestido negro decotado que lhe ia até os pés—, dentro de nós.

— Então pra que toda essa parafernália? — apontei para os utensílios no tapete, os quais ela começara a recolher em uma caixa de papelão: um cálice, uma varinha de madeira, um turíbulo...

— Só pra canalizar.

— Canalizar...

— Canalizar o ambiente, para que em vez de atrapalhar ele nos ajude a achar essa energia interior.

— Claro...

Ela pôs a última bugiganga na caixa e abriu os braços:

— Não sei por que ainda perco tempo contigo.

— Eu tenho interesse. Eu—

— Como fui tola de tentar converter um ateu.

Ela deu um passo rumo à porta aberta.

— Como assim? — Ela não fez menção de parar, daí aumentei a voz: — Como assim, “converter um ateu”?

Ela parou na soleira da porta e se virou.

— Eu me expressei mal...

Ela saiu. Segui-a.

— Lili — cruzávamos a área de serviço —, você disse pra mim que não tinha nada de religioso nesses rituais. Que eram só manipulações de elementos da natureza.

— E são...

— Então — chegávamos à cozinha —, que problema um ateu teria com a *wicca*? se, como você diz, a “mágica” é só uma coisa a que a ciência ainda não deu nome.

Lili estacou, eu em frente a ela.

— Que importa se é algo religioso ou não? se para você nada disso tem poder real?

— Eu não gosto de ser trouxa.

— Ninguém está te fazendo de—

— Participar de missas, cultos ou qualquer outro ritual religioso é alimentar a massa de alienados que padres, pastores e pais-de-santo exploram.

Ela olhou para os lados, antes de dizer:

— A *wicca* é, sim, baseada na manipulação dos elementos da natureza.

— Então por que—

— Mas só a *wicca* é assim.

Ergui as mãos e gesticulei.

— Eu continuo sem enten—

— Só a moderna feitiçaria consiste no uso sutil das forças naturais. A antiga, não.

— Você me disse que a bruxaria clássica nada tinha a ver com a moderna.

— Elas têm o mesmo tronco comum.

— Então... — cruzei os braços à minha frente... — você mentiu pra mim.

— Eu... me expressei mal.

Dei-lhe as costas e, as mãos sobre a mesa de jantar, olhei em torno.

— “Me expressei mal”...

— Os rituais da *wicca* evocam em segundo nível feitiços ancestrais, que não celebram a natureza, mas... — ela hesitou; por uma fração de segundo, a cozinha pareceu ficar gelada —... entidades.

Virei-me para Lili. Sorri.

— E que entidade eu celebrei sem saber? — Ergui uma mão espalmada: — A deusa Gaia? — Ergui a outra: — Odin? — Balancei o dedo indicador em riste: — Não, não... — antes de apontá-lo para ela:

— Satan—

— Não diga esse nome!

A voz dela explodira. Fitava-me com olhos atemorizados.

No silêncio que se seguiu, uma tensão percorreu o ar. Nas paredes bruxuleavam sombras, formadas pelos faróis dos carros nas ruas, dez andares abaixo. Por um instante, uma delas pareceu assumir a forma de um grande pássaro. Um calafrio percorreu meu corpo.

Quebrei o silêncio (sem saber o motivo, com voz baixa):

— O que deu em ti?

Ela me respondeu em sussurro:

— Palavras têm poder.

Ri, a voz alta de novo:

— Poder de evocar o quê?

Ela hesitou.

— As velhas bruxas não tiravam seu poder da natureza.

— Você me disse que—

— Elas manipulavam os elementos naturais, mas o poder originário que lhes permitia fazer isso vinha da... da...

— Da...?

— Da evocação do anjo caído.

Demorou um segundo para eu compreender a que ela se referia.

— Então esses rituais que fazemos—

— Não! — Assustei-me com o tom de voz dela; como a percebê-lo, ela emendou em timbre normal: — São limpos. Mas os rituais da *wicca* podem, em alguns casos, involuntariamente, evocar... evocar aquele que dava poder às antigas bruxas.

Uma ideia me surgiu. Peguei em minhas mãos as dela.

— Uma feiticeira *wicca* então consegue evocar o...? — deixei o nome no ar, receoso de outra reação histérica dela.

— Por que ela faria isso? — a pergunta trazia uma desconfiança. Já devia ter percebido que meu questionamento não tinha sido casual.

— Se quisesse, ela conseguiria?

Ela se desvencilhou de minhas mãos.

— Os velhos encantamentos são conhecidos de poucos hoje em dia.

— Alguém em Fortaleza?

Ela perscrutou meu rosto com os olhos.

— O que está tramando, Lúcio?

— Nada, eu só—

— Não se brinca com isso.

— Quem falou em brincar? Eu só—

— Não quero mais falar sobre isso.

Ela saiu, rumo à sala.

Eu fiquei. Recostei-me junto à geladeira e repassei para mim a ideia que tivera.

Decidi que seguiria em frente com ela. Mesmo que Joelson — e todos na cidade — me chamassem de louco.

#

— Ficou louco?

Joelson se ergueu da cadeira, foi até a porta que levava à antessala, abriu-a e disse à Nágila:

— Chame o serviço médico. — Ela ensaiou levar a mão ao telefone, mas Joelson completou: — O editor de cultura precisa ser internado.

Nágila se deu conta da gozação e sorriu. Joelson fechou a porta, voltou à mesa e sentou-se em sua cadeira — olhos em mim, de pé à frente dele.

— Deixe ver se eu entendi: você quer entrevistar o Diabo.

— Isso é uma simplificação.

— Me esclareça, então.

— Minha ideia é provar que o Diabo *não* existe.

Joelson entrelaçou as mãos sobre a barriga, cotovelos nos braços da cadeira.

— Você percebe que das duas uma? ou você entrevista o Diabo... ou ele não existe?

— Mas é isso. — Aponte-lhe o dedo indicador. — Eu irei evocar o Diabo, para uma entrevista. Se ele não aparecer, é porque não existe.

Joelson desentrelaçou as mãos, que passaram a segurar a quina dos braços da cadeira.

— Pensa que o leitor é tolo? “Chamei o Diabo, ele não apareceu e por isso ele não existe”?

Joguei meu grande trunfo:

— Vou usar uma evocação real. A mesma que as bruxas usaram ao longo da história.

Joelson recuou com a nuca.

— E como vai ter acesso a um feitiço assim?

— Tenho meus recursos.

Dei um passo à frente e, mãos a gesticular:

— Vou descrever o ritual em detalhes. Deixar claro a origem. Ao fim, irei desmascarar todos esses grupos e seitas que acreditam no Satanás.

Joelson meneou a cabeça.

— Você devia ter cuidado.

— Com o quê?

— Com *quem*.

— ?

— Tome cuidado com quem irá conversar para ter acesso a esses rituais. Tem muita gente doida por aí.

Por um segundo, a surpresa me calou. Joelson nunca demonstrara nenhuma preocupação comigo.

— Me autorize a fazer a matéria. Acho que dá manchete de primeira página. — Pus

as mãos no bolso da calça *jeans*. — Na verdade, vai ser a entrevista do século.

— Você só se esquece de uma coisinha.

— O quê?

— Os Alencar. Eles querem sua cabeça por causa das últimas matérias. Imagine quando lerem essa.

— Eles vão adorar.

Joelson tirou dos braços da cadeira as mãos, que ergueu à altura do rosto, palmas para cima.

— Vão adorar?

— Uma matéria mostrando com fortes evidências que o Diabo não existe?

Ele pôs as mãos em lâmina sobre a mesa, palmas para baixo.

— Se o Diabo não existe, Lúcio, significa que Deus também não. Afinal, a fonte de veracidade deles é a mesma: a Bíblia.

Fui pego de surpresa. Esse era meu trunfo secreto, que ia guardar para mim: ao demonstrar que o Diabo não existe, ia pôr no leitor a mensagem subliminar de que Deus tampouco. Jamais imaginei que Joelson seria vivo o suficiente para perceber isso.

Tive de improvisar:

— Somos jornalistas. Fomos treinados pra perceber essas conexões. Os Alencar, não. Mesmo se forem espertos para associar... — Tirei as mãos dos bolsos e as pus na borda da mesa. — O cérebro humano sempre tenta racionalizar; dizer a nós o que queremos ouvir. A mensagem da matéria será no fim a que todo cristão quer ouvir, por mais contraditório que pareça.

— E que mensagem seria essa?

— Que o Diabo é só uma história pra assustar crianças.

Por alguns segundos, Joelson pareceu refletir sobre tudo que ouvira.

Enquanto esperava, eu tentava esconder a ansiedade. Será que ele iria autorizar a matéria? E, se autorizasse, faria isso sem impor restrições? Eu teria plena liberdade de trabalho?

Joelson já ia falar, quando—

Crás!

A pintura da última ceia caíra da parede.

Entreolhamo-nos, sem nada dizer.

Joelson apertou um botão no painel do telefone e chamou por Nágila. Ergueu-se.

— Vá em frente com a matéria.

Saí rumo à porta — por onde entrava naquele instante Nágila — e, radiante com a vitória, fui até as baías da minha editoria.

#

Por acreditar no Satanás, Lili jamais iria me dizer o ritual de convocação. Teria de ser criativo para extrai-lo dela.

Tentei primeiro me informar de modo casual, como se por mera curiosidade. Sempre que saíamos — a restaurantes, cinema, *shows* de música —, eu tentava inserir na conversa os antigos rituais de bruxaria.

— Como se evoca? — perguntei enquanto caminhávamos no calçadão da Beira-Mar, as ondas de encontro às rochas a nos respingar de água salgada e espuma.

— Melhor não saber...

Após duas semanas, mudei de estratégia.

Nas noites em que ficava no apartamento dela, eu a esperava dormir e me esgueirava até o estúdio.

Ali, folheei livros e papéis soltos que descreviam um sem-número de feitiços. Nenhum, no entanto, era o que eu precisava.

Minha sorte mudou quando certa noite encontrei um diário, onde Lili anotava dúvidas, reflexões, memórias etc.

Uma das anotações informava que as feiticeiras *wicca* precisavam, uma vez por ano, às onze da noite, praticar com uma bruxa antiga um ritual de convocação. Só assim, por esse retorno isolado às raízes satânicas da bruxaria, mantinham em equilíbrio sua comunhão com a natureza.

Não tive de esperar muito: alguns dias depois, Lili me informou que precisaria da noite seguinte para o ritual mais importante do ano no calendário da *wicca*.

#

Na noite seguinte, despedi-me de Lili às nove, desci para a rua em frente a seu prédio, entrei no carro e... ali fiquei, à espera; no banco de passageiros, uma máquina fotográfica digital Canon, uma caneta esferográfica e um bloco de notas.

Às dez, o portão automático da garagem do edifício se abriu. Da rampa emergiu um Fiat Palio de cor negra, a silhueta de Lili discernível pelo vidro fumê.

Ela seguiu pela esquerda. Liguei o carro e fui atrás.

O Palio acessou à direita uma rua, seguiu por dois quarteirões, fez um quadrado e pegou uma avenida, rumo ao sul.

Eu a seguia de longe, as ruas quase desertas àquela hora. Às vezes acelerava, para não ser pego na luz vermelha de um semáforo.

Após cerca de dez minutos de viagem, Lili pegou à esquerda em uma avenida e depois à direita em uma rua. Alguns quarteirões depois, chegávamos a uma das favelas mais perigosas da cidade.

Lili dobrou à direita em uma ruela e parou.

Sem dobrar, passei pela viela e freei o carro.

Pelos retrovisores, vi que Lili estacara em frente a um barraco, junto a cuja parede frontal uma tabuleta de madeira anunciava, em letras escritas à mão:

Produtos místicos

Velas - Incensos - Banhos

Artigos de magia

Lili desceu do carro e, sem temor aparente, bateu duas vezes na porta do barraco e entrou.

Remexi-me no banco. Eu deveria temer pela segurança de minha namorada, à solta em um lugar daqueles; mas só me deixava assolar por um estranhamento: a Lili que eu conhecia jamais entraria por vontade própria, e sem medo, em um barracão de favela.

Sem que eu conseguisse barrá-la, a dúvida me atingiu:

“Será que a conheço mesmo?”

Tive de deixar os pensamentos de lado, ao perceber que tanto meus carros quanto o de Lili chamavam atenção dos moradores. Cabeças apareciam às janelas. Na frente dos barracões, pessoas sentadas em cadeiras tinham parado de conversar, olhos nos dois automóveis — ambos de categoria popular, mas de luxo para os padrões dali. Um rapaz em uma bicicleta estacou do outro lado da rua em que eu estacionara e, cigarro de rolo na boca, ficou a me prescrutar.

Tentei manter a calma. Olhos por todos os lados, limitei-me a esperar.

Rápido, Lili, rápido...

Após alguns segundos, para meu alívio, Lili saiu do barracão, entrou no carro e partiu. Fiz um balão e a seguí.

Cerca de vinte minutos depois, circulávamos no centro da cidade. Àquela hora, sem viv'alma nas ruas, exceto um ou outro mendigo em farrapos, a catar comida nos montículos de dejetos nas calçadas ou zanzar em transe de cola de sapateiro. Por quinas e recantos escuros, saíam e entravam ratazanas. Aqui e ali, sob ameaça dos pneus de meu carro, um pombo revoava.

Após dobrar em uma esquina, Lili estacionou em uma rua, desceu e, sem bater, entrou em uma casa.

Sem muro, com paredes brancas descarnadas, a residência tinha uma porta da frente de madeira maciça flanqueada por uma janela fechada, ao lado de uma caixa de correio metálica, de modelo antigo. Na calçada, vasos de concreto, sem terra nem plantas.

Parei o carro na esquina oposta e, virando-me no banco, examinei o local.

Ao ver janela e portas fechadas, praguejei em voz baixa. O que eu pensara, que o

ritual de magia negra ocorria em um jardim aberto? O que quer que acontecesse ali, seria longe de meus olhos.

Pensei no que fazer. Tentar entrar na casa? Como? Mil ideias mirabolantes de invasão flamejaram em minha cabeça, vindas de filmes a que eu já assistira e *thrillers* que já lera.

Nada prático, viável...

... até eu pensar:

A janela.

Rua deserta, casa pequena. Se o ritual fosse na sala, talvez eu conseguisse ouvir algo da janela. Lili já me falara de que como na *wicca* (e, imaginei, na bruxaria de verdade) as palavras tinham poder encantatório.

Botei a câmera fotográfica em meu bolso, peguei o bloco e a caneta e saí do carro. Atravessei a rua e, de cócoras junto à parede (de modo que minha silhueta não fosse vista ao cortar a luz que saía dos postes e atravessava as frestas das venezianas horizontais cerradas), pus-me no lado da janela mais afastado da porta.

Nesse momento, reparei: tratava-se de uma casa de esquina, a parte lateral mais distante de mim a dar com a outra rua.

Anotei: *encruzilhada*.

Abeirei o ouvido perto da madeira da janela — a tempo de escutar, a duas vozes:

“Lúcifer, nós te invocamos, em nome do poder da escuridão, para que...”

Anotei o horário (onze) e depois me pus a escrever as palavras. Minha caligrafia nunca fora bonita, mas naquela noite saiu pior, as letras como garranchos borrados. Com o canto da mente (a atenção no ritual), compreendi logo o motivo: minha mão tremia.

O frio, talvez...

À medida que o encantamento prosseguia (“dê-nos uma fração de seu poder, tu que és o Príncipe das Trevas, o—”), um enjoo me invadiu. Refluxo subiu por minha garganta e jogou em minha língua sabor quente de vômito. Notei que minha barriga estufara. Esforcei-me para ignorar tudo e continuar as anotações.

“... glorificado sejam vós, Príncipe das Trevas, como era no princípio, agora e sempre.”

Escrevi “sempre” e fiquei com a caneta no ar.

Nenhuma outra palavra se fez ouvir. A evocação acabara.

A chave da porta girou no trinco. Corri e me refugiei na viela lateral à esquerda, por trás de umas das paredes da casa.

Escutei, vindas da porta, a voz de Lili e uma outra — uma voz rasgada, como a de uma cantora de *blues*.

Devido à distância, não conseguia distinguir o que diziam.

Vupt!

Tomei um susto e só por sorte não gritei.

Algo cortara o ar.

Um gato preto. Pulara no parapeito de uma janela a meu lado, de onde me examinava. Os olhos dele refulgiam no escuro e algo neles (*o quê?*) me fez estremecer. Desviei os meus.

Nisso, notei que a janela tinha uma laceração, do tamanho de um punho cerrado, nas persianas de madeira da banda mais perto de mim.

Inclinei-me e olhei dentro da casa.

Na sala, estendiam-se pelo chão de concreto cinco velas acesas, em círculo. Dentro deste, um tapete cor de musgo, onde se espalhavam uma garrafa de cachaça, rolos de fumo, fitas vermelhas, três charutos, um montículo de pó escuro (pólvora, me parecia), um ovo cru e uma pena preta (ambos, pelo tamanho, de galinha).

Tirei a máquina do bolso e, após desabilitar a função *flash* e tirei algumas fotos.

(enquanto o fazia, tentava ignorar o gato, que ainda tinha em mim os olhos)

Da rua em frente à casa veio o ronco de um motor a ligar. Esgueirei-me até o canto da parede, a tempo de ver Lili partir em seu automóvel. A porta da frente da casa se fechou com um *bam!*

Acabara. Eu já tinha tudo de que precisava: os itens do ritual e as palavras de evocação. Só me restava sair dali.

Não conseguia. Perturbava-me uma curiosidade, tão intensa que parecia grudar meus pés à calçada: queria ver a mulher com quem Lili fizera a evocação.

Sem conseguir me conter, voltei até a janela lateral e espiei pelo oco.

Ela recolhia os itens do ritual. Na penumbra, só lhe via o corpo largo e os cabelos longos. Quando ficava ereta, para pôr em um saco de lixo os objetos que recolhia — as pelancas dos braços a fremir —, sobressaía-se às suas costas uma corcova. Esforcei-me para divisar-lhe o rosto; inútil, ainda mais depois que começou a pegar as velas uma a uma, apagá-las com um sopro e jogá-las em uma lixeira a um canto — a cada chama que sumia, maior a escuridão.

De costas para mim, ela se preparava para soprar a última vela, quando se retesou — e se virou rumo à janela.

Sobre a luz da cera a queimar, resplandecia um rosto velho, repleto de rugas e manchas escuras. Tinha as bochechas cavadas, a pele como que sugada para dentro. De seus lábios rachados escorria um filete de saliva. Encimados por sobranceiras espessas, olhos negros rodeados por olheiras punham-se em mim com uma frieza que eu jamais vira. A chama da vela bruxuleou (*de onde vinha o vento?*) e a parede atrás viu-se tomada por um amontoado de formas — só uma das quais consegui distinguir: três pontas de flecha

apontadas para cima, a do centro sendo a maior.

Um tridente.

Minhas pernas tremeram. Minha respiração travou. Meus dedos impregnaram de suor o parapeito da janela.

Sem olhar para trás, corri, cruzei a rua, entrei em meu carro e parti.

Pelo vidro retrovisor — minhas mãos a tremer no volante —, vi quando a bruxa saiu e, na calçada, o gato preto a seus pés, ficou a perlustrar meu carro.

#

No outro dia, eu estava pronto para o ritual — só para descobrir, ao chegar na redação, que eu não teria motorista.

— Nenhum dos meus homens quer ir pra esse trabalho — disse para mim ao telefone o chefe do setor de transportes do jornal.

— Por que não? — perguntei, sentado à minha baia.

— Primeiro, porque vai ser tarde da noite e o jornal não paga extra.

— Vou falar com o Joelson, pra abrir exceção.

— Mesmo com dinheiro, eles não vão.

Recostei-me na cadeira e suspirei.

— Por que não?

Uma pausa.

— Eles têm medo.

Afastei o telefone da boca e, mais para mim do que para ele:

— Ótimo...

— Eles dizem que com o capeta não se brinca.

Retesei-me, a mão livre sobre a baia:

— Sabe, é por causa de gente assim que eu ‘tô fazendo essa matéria.

— Gente temente a Deus?

— Alienados. Que se deixam iludir por crenças medievais.

— A não ser que a ordem venha direto dos Alencar, meus homens ‘tão fora dessa pauta.

Desferi algum impropério de que não me recordo e bati o telefone no gancho.

Nos minutos seguintes, tentei me acalmar. Disse a mim mesmo para ser mais compreensivo com as fantasias alheias irracionais. Afinal, não fora eu próprio vítima delas, na noite anterior? Não fora afetado pelo ritual a ponto de imaginar um vulto demoníaco dentro da casa? — de tomar por bruxa uma velha corcunda? — de me assustar com um gato em uma janela?

Eu estava pronto para seguir com a matéria. Não tinha sido difícil conseguir os itens

utilizados no ritual: garrafa de cachaça, velas, ovo e pólvora, comprara-os em uma mercearia de rua; fitas vermelhas, em uma papelaria; charuto e rolos de fumo, em uma conveniência de posto de gasolina; e um tapete verde-musgo, em uma loja de itens de decoração.

(Difícil mesmo só a pena preta: após rodar duas horas por bairros afastados, sem nada encontrar, tivera de tomar medidas drásticas: atropelou uma galinha, desceu do carro e, sob olhar perplexo dos locais, peguei o animal e parti.)

Eu tinha tudo pronto — e não iria parar por causa de funcionários covardes.

Ergui-me e fui até a sala dos fotógrafos.

Com o horário de almoço já próximo, a maioria deles estava por ali, preparando-se para encaminhar à Chefia de Reportagem os rolos de filme das pautas da manhã.

Localizei entre eles o editor, Josué, sentado sobre uma mesa.

— Tenho que conversar contigo.

— Nem perde teu tempo. Ninguém aqui vai participar dessa pauta.

— Ótimo! — abri os braços. — Um bando de adultos que acredita em histórias de assustar crianças.

Josué deu de ombros.

— Vocês, ateus, pensam que são espertos... mas são os mais despreparados pra lidar com o demônio.

Saí, decidido: iria no meu carro e tiraria eu mesmo as fotos.

#

Naquela noite, por volta das dez e meia, estacionei meu carro junto a um matagal, em uma rua secundária à rodovia BR-040.

A escolha foi proposital: por ser um lugar ermo e sombrio, fornecia a atmosfera tétrica que eu pretendia dar à reportagem.

Desceu do carro, os itens do ritual em uma sacola e, no bolso da calça *jeans*, o bloco de notas com a evocação.

Fui até uma encruzilhada, a alguns passos do carro. Deixei ali a sacola e voltei ao automóvel. No retorno, armei a câmera sobre um tripé e programei o disparo automático para começar às onze.

Após nova viagem ao carro, estendi na encruzilhada o tapete verde-musgo, sobre o qual espalhei os itens do ritual. Acendi cinco velas, que dispus em círculo, eu como uma das pontas. Tirei do bolso o bloco de notas, abri na página em que começava a evocação — e esperei, sentado, olhos no relógio de pulso, à espera das onze horas.

Fazia frio. Um vento forte trazia do mato cheiro de carniça. Às vezes um ou outro caminhão troava na rodovia.

Quando meu relógio indicou onze, comecei a ler em meu bloco:

“Lúcifer, nós te invocamos, em nome do poder da escuridão, para que...”

Enquanto lia, pipocavam à minha frente visões, tão vívidas que me assustavam. Minhas axilas se impregnavam de suor, grudando-se à minha camisa. Meus pés se mexiam, o resto do corpo a tremer com o movimento.

“... dê-nos uma fração de seu poder, tu que és o Príncipe das Trevas, o—”

Com os cantos dos olhos, eu imaginava ver coisas: sombras a meu lado, o vulto de uma mulher de preto a chorar, algum réptil (?) a se agitar entre as folhas... De algum lugar vinha o choro de uma criança, o pio de uma coruja, o rosnado de um cão...

“... a ti te adoramos, a ti que não se curvou a Deus, a ti que...”

Minha mente se via assolada por lampejos de visão que me enrijeciam o dorso, drenavam-me a saliva e faziam tremer meus lábios. Via à minha frente (e sentia o fedor de) nacos de carne putrefata sendo roídos por vermes e larvas; bueiros e sarjetas por onde escorria água impregnada de fezes; moscas a revoar sobre um rato morto...

“... glorificado sejam vós, Príncipe das Trevas, como era no princípio, agora e sempre.”

Após dizer a última linha, fechei os olhos, para me livrar das visões.

Quando os abri, as imagens tinham sumido.

Claro, tolo, só existiam na sua cabeça.

Ergui-me e, a girar meu corpo:

— Onde ‘tá você, capiroto? Apareça, se existe!

Nada.

Parei. Livre dos efeitos psicológicos do ritual de há pouco, tudo parecia normal. E como não estaria? Deus e o Diabo, afinal, eram só ilusões, criadas pelos poderosos para manter o povo sob seu controle.

Recolhi tudo, entrei em meu carro e parti.

Dominava-me uma sensação de triunfo: a matéria talvez tivesse repercussão nacional.

Enquanto dirigia, pensava no chefe dos transportes e em Josué.

Idiotas. Tinham inveja de mim... da visibilidade que a reportagem me daria.

Pensava em Joelson.

Arrogante. Não estava à altura do cargo de diretor. *Eu é que deveria sentar naquela cadeira!*

Pensava em Lili.

Dissimulada. Todo aquele papo de *wicca*, de feitiçaria branca... enquanto, às minhas costas, frequentava favelas, praticava magia negra!

O que mais? — pensei. O que Lili fazia sem que eu soubesse?

(será que me trai?)

O que farei com eles? — me perguntava. — O que farei com os que me invejam,

me sabotam, me traem?

Enquanto acelerava o carro, sem respeitar limite de velocidade, semáforos, placas de trânsito — sem ligar para essas e outras regras que tinham me prendido por toda a vida —, enquanto pisava fundo, a resposta me veio súbita como uma chama de isqueiro:

Vou matar todos.

FIM

A mancha na batina

Samuel Boitar

Quando eu era garoto e vivia no interior de Goiás, nossa cidadezinha era conhecida na região graças a seu habitante mais ilustre: o padre Jeremias. Fiéis das cidades ao redor peregrinavam todo ano para receber a benção do padre, e não raro nos deparávamos com pessoas que nem se confessavam católicas querendo vê-lo. Mesmo com essa popularidade e com propostas de se mudar para a arquidiocese da capital, padre Jeremias preferia permanecer conosco, fato que muito nos enchia de orgulho.

Podíamos sempre encontrá-lo pelas ruas, deslocando-se para a casa de alguém que necessitava de seus cuidados. Sendo o único padre da cidade, todo o trabalho pastoral recaía sobre seus ombros - o que não parecia de forma alguma abalá-lo, apesar de sua entrada na meia-idade.

— Bença, padre!

— Deus abençoe, meu filho! - respondia a figura alta e encurvada, de batina sob o sol quente, com um sorriso no rosto.

O motivo de sua fama era a quantidade de milagres atribuídos a ele. Na minha rua, sabia-se de pelo menos dois casos em que os envolvidos juravam de pé junto que Deus só havia se manifestado porque o intermediário tinha sido o padre Jeremias. Eu mesmo era desconfiado dessas histórias até presenciar o que houve com Carlinhos, filho de seu Carlos e dona Valdete.

Por volta dos doze anos de idade, Carlinhos começou a perder peso e passou a sentir febre quase todos os dias, o que sempre o tirava do futebolzinho improvisado que jogávamos na praça depois da aula. Em pouco tempo, também começou a sentir fortes dores nos braços e nas pernas, e raramente saía de casa. Eu, que morava na casa da frente, conseguia ouvir os urros de Carlinhos atravessando o silêncio das madrugadas.

Seu Carlos e dona Valdete optaram, então, por passar uma temporada na capital, peregrinando por uma série de médicos e hospitais, que submetiam Carlinhos a exames que me agoniavam só de imaginar. Quando retornaram, a notícia do diagnóstico caiu como uma bomba: câncer no sangue. Mas como uma criança podia ter câncer?, pensávamos. Isso não era coisa de velho? E logo com o filho de dona Valdete, mulher tão piedosa!

O tempo passava e o estado de Carlinhos só se deteriorava, e nem as orações da comunidade nem o tratamento dos médicos da capital pareciam surtir qualquer efeito. Um dia, passando em frente ao quarto de meus pais, entreouvi a voz de minha mãe:

— A Val me disse que não tem mais o que fazer. Já nem aceitam mais o menino no hospital.

— Ela disse quanto tempo falta?

— Uns dois meses.

Não me contive ao ouvir aquelas palavras e entrei de supetão no quarto, para o espanto dos dois, que ficaram tão desconcertados que nem conseguiram me repreender.

— Você precisa prometer que não vai contar pra ninguém, Alberto - disse minha mãe, ao notar o desespero nos meus olhos. - Muito menos pro Carlinhos.

— Ele não sabe que vai morrer? Mas ele não tinha que saber? - perguntei.

Os dois se entreolharam.

— Certas coisas a gente não fala, Alberto - sentenciou meu pai, encerrando a conversa.

Vi Carlinhos poucas vezes nas semanas que se seguiram. Dona Valdete me deixava visitá-lo em seu quarto por apenas alguns minutos, receosa de que ele se cansasse. Lembro-me de estar ao lado daquele garoto da minha idade, contando sobre como andavam as coisas na escola, quem havia aprontado o quê e quem estava a fim de quem, sabendo que eu guardava um segredo importantíssimo sobre ele que ele próprio não sabia. Eu me sentia falso ao ter que desempenhar aquele papel, e o peso dessa responsabilidade acabou por me fazer evitar aquelas visitas.

Certa manhã, estava batendo bola no quintal quando dona Valdete saiu afobada de dentro de casa e gritou:

— Chama o padre, rápido!

Parei o que fazia e corri em disparada para a paróquia, que ficava a cinco quadras de nossa rua. Eu suava e ofegava ao cruzar o corredor da igreja e, sem ao menos me benzer, adentrei o gabinete do padre no fundo do edifício. Ele estava sentado com a cabeça curvada, as palmas das mãos pressionando os olhos e os cotovelos apoiados sobre a mesa. Ao notar minha presença, dirigiu-me um olhar sério - senti que era a primeira vez que ele não sorria para mim - e percebi que seus olhos estavam vermelhos.

— Dona Valdete mandou chamar o senhor - falei, constrangido - Acho que é o Carlinhos.

Ele me fitou por alguns segundos e assentiu.

— Já vou.

Levantou-se com vagareza e se pôs a procurar alguma coisa no quarto. Vasculhou gavetas da escrivaninha e se agachou para ver debaixo das poltronas, mas não encontrava o que queria. Confesso que, ao vê-lo ali abaixado, procurando sabe-se lá o quê, por algum motivo fui tomado de raiva pelo padre Jeremias. O que é que ele tanto procurava? Por que não vinha logo? Mas, afinal, quem era eu para apressá-lo? Eu tentava não odiá-lo, e passei a inspecionar o gabinete para me distrair, mas meu olhar sempre recaía sobre uma estátua da santa, cujos olhos me cobravam o sinal da cruz.

— Pronto - o padre surgiu à minha frente, já de chapéu e com uma maleta na mão.

Quando chegamos à casa de Carlinhos, fui barrado na entrada. O que ocorreu a partir daí só descobri através de narradores que não conseguiam esconder o deslumbramento com as próprias palavras: seu Carlos e dona Valdete, vendo que o filho estava prestes a morrer, pediram que o padre lhe desse a extrema-unção. Mas o padre, para a surpresa e até mesmo a revolta de dona Valdete, que precisou ser contida pelo marido, recusou-se. Disse que não o faria, pois Deus curaria aquele menino. E se colocou a rezar com tanta calma e proximidade com o além que os pais, em um primeiro momento ofendidos com a falta de bom-senso do padre, acabaram se rendendo, até que todos os adultos no quarto oravam juntos.

Naquela noite o padre fez vigília no quarto de Carlinhos, rezando a seu lado durante a madrugada. Para o espanto de todos, exceto do padre Jeremias, na manhã seguinte o menino acordou com uma vitalidade que há muito havia perdido. Seu rosto retomara o rubor da infância e já não tinha o mesmo aspecto cadavérico. Aceitava alimentos sólidos e recusava a morfina. Dias depois, os novos exames feitos na capital indicaram uma remissão completa do tumor, fato para o qual os médicos não conseguiram encontrar uma explicação, e torceram o nariz quando dona Valdete disse que havia sido a intercessão do padre que salvara seu filho.

Foi na comemoração do décimo quarto aniversário de Carlinhos que a ideia surgiu. Lembro que eu e os outros garotos jogávamos carteadado em uma das mesas no quintal, já em clima de final de festa, quando a discussão surgiu ao lado, na mesa dos adultos.

— A gente podia dar o nome dele pra uma rua - ouvi seu Tônico dizer.

— Ou fazer uma festança pra arrecadar dinheiro pra paróquia... - disse o Zé da Venda.

— Fazer uma placa com o nome dele! - sugeriu dona Onésia.

— Não, não, isso é muito pouco - dona Valdete interferiu - Essas são coisas que a gente faria por qualquer padre, mas a gente sabe que o padre Jeremias não é qualquer padre. O homem é um santo e deveria ser tratado como tal!

— Que isso Valdete, olha a blasfêmia.

— E tô mentindo? Pensa bem, Simone. Você também, Zé. Vocês viram como meu filho estava - e apontou em nossa direção. A essa altura, já havíamos interrompido o jogo para escutá-los. - Se esse padre não é um santo, eu não sei mais quem seria.

Os adultos nos olharam e ficaram em silêncio, até que alguém perguntou:

— Mas então o que a gente poderia fazer?

Foi quando Luizinho sugeriu:

— E se a gente enviasse uma carta pro papa?

— Pro papa, Luiz? Acha que o papa vai ler uma carta vinda daqui desse fim de mundo?

— Não, não, não é uma ideia ruim... - interveio seu Tônico, com brilho nos olhos - Luizinho tem razão. Se a gente quer que ele vire santo, tem que contar direto pros superiores dele.

— E quem seria? O bispo?

— Não sei. Alguém vai ter que descobrir pra gente.

— O Alberto pode dar uma olhada na biblioteca - disse meu pai, que permanecera calado até então, não podendo desperdiçar uma oportunidade de se gabar do filho leitor.

Quis recusar de imediato, mas o olhar firme não me deixou alternativas. Ficou decidido então que eu seria o responsável de juntar informações para a beatificação do padre, e que marcaríamos uma nova reunião na casa de dona Valdete para mostrar os meus achados. Como eu iria encontrar esse tema na biblioteca municipal, da qual eu só locava livros de aventura para meninos, eu não fazia ideia.

Mas nem precisei descobrir.

No dia em que aconteceu, o céu estava limpo. Eu já pensava no joguinho na praça ao sair da escola, tentando adiar ao máximo o dia de busca na biblioteca. Não estava a fim de lidar com aquilo tão cedo. No caminho de volta para casa, porém, notei uma aglomeração na porta da igreja. Aquilo era incomum, não havia missa naquele horário.

Atravessei a rua e, ao me aproximar, avistei dona Onésia e o Zé da Venda. Para meu espanto, os dois choravam. Percebi, então, que todos ali, inclusive pessoas bem-vestidas e que eu não conhecia, ou choravam ou tinham uma expressão de pesar. Encontrei Luizinho na multidão e perguntei o que estava acontecendo.

— Você ainda não sabe? - ele me encarou como se minha pergunta fosse absurda. - O padre se matou.

— O quê?!

— Padre Jeremias morreu. Se matou. Encontraram o corpo no quarto da paróquia hoje cedo.

Vendo que eu ficara sem palavras, emendou:

— Morreu enforcado. Deixou uma carta. Leonora que encontrou o corpo, deixou ninguém ler a carta até o arcebispo chegar da capital.

Luizinho se virou e foi dar a notícia para outro curioso que chegava, me deixando com mais perguntas que respostas. Como o padre pôde fazer algo tão... egoísta? Quem era, de fato, aquele homem? Não pude deixar de me recriminar pelo que pensar aquele dia em seu gabinete. Mas o que mais me atormentava era a carta - cujo conteúdo nunca foi revelado. Se Leonora chegou a lê-la antes de entregá-la ao arcebispo, fez um ótimo trabalho em guardar segredo. Mais tarde, eu mesmo perguntei a ela se havia lido a carta, ao que ela desviou os olhos e não respondeu.

A segunda reunião na casa de dona Valdete nunca aconteceu. Ninguém nunca mais tocou no assunto da beatificação do padre. Em pouco tempo, a própria memória do padre foi sendo apagada. Até mesmo dona Valdete, que gostava de falar aos quatro ventos sobre o milagre de Carlinhos, agora, em sua narrativa, parecia dar maior ênfase na importância dos médicos.

A ramada

Rodrigo Lima Fernandes

Seu Joca estava na varanda, numa cadeira de balanço, marcando o compasso com o pé descalço. Escorava o queixo no punho, deixando a cabeça pesar sobre o braço que se apoiava no assento. Olhava longe, na linha das serras. Então eu o interrompi.

— Seu Joca, o que o trouxe até essas terras?

— Essa é uma boa história! Na primeira vez que andei por essas bandas foi por acaso, vim capturar um touro; na segunda, eu é que fui capturado — completou com um sorriso.

— Eu sou de outra região, lá do Mororó.

— Mororó?

— Sim. Fica longe daqui. Lá, onde a gente olha, tem mororó: uma árvore de copa rala. As folhas são cortadas ao meio e parecem as pegadas de uma vaca. A flor é branca e leitosa, como pano molhado... Nunca viu?

— Acho que não.

— É uma planta muito resistente, como o povo daqui. No sol forte, dá sombra e abrigo para o galo-de-campina e o rabo-branco-de-cauda-larga. E, quando a chuva falha, cobre o chão, formando um tapete de cascos de vaca, finos e secos. Sem folha nenhuma, o mororó parece um esqueleto de madeira.

* * *

Bom... A primeira vez aqui foi em 1956, faz tempo. Eu estava no campo quando ouvi o chamado do compadre Raimundo:

— O touro fugiu! Vá procurar o bicho pelo vale, que eu tenho um negócio para resolver e não posso ir.

— Tá certo, compadre. Deixa comigo!

Dei uma volta pela roça e não vi rastro nenhum do bicho. Encontrei o vizinho escorado na cerca, pajeando as cabras.

— Ô Tonho, cê viu o touro do compadre Raimundo por esses lados?

— Ih, rapaz... Raimundo deixou a cancela aberta de novo?

— Pois num é, Tonho.

— Meu menino disse, agorinha mesmo, que viu um touro desgarrado pras bandas de lá...

— Pra acolá?

— Sim, lá mesmo.

— Eita, Tonho, agora eu tô é enrolado...

Já era fim de tarde e, com a noite chegando, achei melhor deixar pro outro dia. Voltei pra casa e fui separar o que precisava. Peguei um pouco de carne-seca e enfiei no bernal. No poço, enchi a cabaça d'água; da mesa, apanhei a corda e a preendi no cinto, ao lado do canivete. Então, deixei o cavalo amarrado na cancela, esperando a sela, que eu poria antes do primeiro sopro do dia. Com tudo pronto, eu deitei na rede da varanda para descansar.

Por volta de quatro da manhã, eu ainda apertava a cilha da sela no cavalo, quando apareceu o sobrinho da mulher do Raimundo.

— Seu Raimundo mandou que fosse com ocê.

— Tá bem. Cê vai no jumento, e eu no cavalo.

— O jumento já está selado, lá no cocho.

Sáímos antes de romper a aurora, puxando pro rumo das serras. Eu nunca tinha andado por aquelas bandas, mas a gente foi seguindo as notícias de que o touro tinha se metido por aquele lado. No caminho, quebrei o silêncio:

— Eu sou Joca.

— Nome que preste eu num tenho, não... O povo me chama é de Sabiá.

— Sabiá? E por quê?

— Meu tio foi à cidade e trouxe um disco de Gonzagão. Eu vivia pelos cantos cantarolando aquele “tu que tanto já voou, sabiá” ... de tanto repetir, o apelido pegou.

— Pois então cante quando o dia ficar comprido!

Eu tava com pressa demais pra prosa naquele momento, mas o apelido ficou batendo no ouvido, junto com a música. Quando o dia abriu, a gente já vinha chegando ao primeiro serrote.

Foi aí que Seu Joca parou o que contava e me trouxe para o presente:

— Tá vendo aquele serrote ali, bem distante? — apontou para uma elevação que se erguia sobre a copa de uma árvore, no fim do horizonte. — O menorzinho. Tá vendo?

— Estou, sim.

— Pois logo abaixo corre um rio.

Ele baixou o braço e voltou para aquele tempo:

Paramos ali pra beber água e vimos um homem ajeitando a carga num jumento, perto de umas cabras. Perguntei de onde ele vinha.

— De acolá, do outro lado do rio.

— O amigo viu um touro por aí? Um de porte médio, cinza-pálido, de papada longa e chifres abertos, virados pra cima?

— Um bem magrinho?

— Esse mesmo!

— Vi, sim. Bem mais pra lá, perto da estrada de Orocó. Mas já faz um bocado de tempo. O amigo ainda vai andar umas léguas.

Ele apertou a última amarra, montou e seguiu viagem. A gente continuou.

O caminho esticou e o mato ia mudando de cor, de cheiro. De vez em quando o silêncio ficava grande e o Sabiá soltava um canto baixo, primeiro assobiado, que depois virava moda e terminava com a toada de gado. Quando ele ficava muito quieto, eu provocava:

— Canta aí, Sabiá! — e ele cantava mais.

Meu cavalo queria voar, mas o jumento era chão. Sabiá fazia um afago no pescoço do bicho e puxava o cabresto sem tranco, esperando o passo dele pegar. No cavalo eu ia mais solto; Sabiá, não. Ia no miudinho, no tempo do jumento. Quando eu puxava o cavalo pra adiantar, ele só dizia:

— Vá no seu passo. Eu vou no dele.

Depois de um bom tempo na estrada, decidimos fazer uma parada, debaixo do umbuzeiro. Amarramos as montarias ali perto e descansamos na sombra. Pra nossa sorte, o pé estava carregado de umbu.

— *Docinho, rapaz! Só cê vendo.*

De barriga cheia, a gente se encostou no tronco pra aproveitar a brisa e o Sabiá puxou conversa.

— Seu Joca, por que esse touro foi pra tão longe?

— Veio de outra fazenda que o compadre Raimundo comprou por essas bandas. Tá com querência, num sabe? Bicho assim faz miséria pra voltar pro canto de onde saiu: atravessa cerca de arame farpado, se mete em carrascal fechado, caminha dias, reto, só puxado pela lembrança do pasto velho.

— Será que ele ainda tá longe, Seu Joca?

— Espero que não.

— E se a gente esbarra com o Ciço Vairado?

— Ciço Vairado?

— Sim, Seu Joca... Ele perdeu a telha.

Eu dei uma olhada de lado, medindo a conversa. Aí Sabiá falou:

— Dizem que Ciço, filho de Mané Galego, lá da fazenda Baraúna, perdeu o juízo depois de brigar com um Boi de Guia. Foi pegar o bicho, que tava arisco, e levou uma cabeçada. Caiu no meio do xique-xique e saiu todo espetado. Voltou pra casa, pegou a espingarda e tornou pro rastro. Dizem que nem mirou direito e apertou o gatilho. Bôooooom. O som se espalhou pelo campo e levantou os pássaros do baixio. O balote não derrubou o boi: pegou na correia do chocalho, que cedeu e caiu no chão.

Um fio grosso e vermelho descia pelo pescoço do bicho, que continuou em pé. O couro da correia tinha segurado a pancada. Ninguém sabe por que, mas, no estampido, o boi veio pra cima dele. Ciço não tinha outro balote e correu. O bicho arremessou o homem na ribanceira. Ele quebrou o braço e bateu a cabeça numa pedra... e o juízo amoleceu de vez. Já o boi sumiu e nunca mais foi visto.

Ele fez uma pausa, respirou fundo e completou:

— E tem quem diga que Ciço pegou o chocalho, amarrou no próprio pescoço e saiu sem rumo, atrás do Boi de Guia. Vez ou outra, alguém jura que vê um homem correndo por aí, pelos campos, com o braço ruim estirado, sem mando, e o chocalho batendo no peito... dizem até que leva uma peixeira no braço bom...

— E se a gente dá de cara com ele, Seu Joca?

— Mas que credence é essa? História sem pé nem cabeça. Deixa de conversa torta! (...). Vamo embora, antes que me falte a paciência.

Dali pra frente, Sabiá ficou mais calado. O canto sumiu. Ele olhava pro mato, desconfiado, como quem esperasse alguma coisa sair, enquanto eu achava graça.

Juntamos as coisas, subimos na montaria e seguimos. Algumas horas depois, já perto da pista, a gente parou um grupo que vinha pela estrada pra prostrar. Perguntei se tinham visto um touro por aquelas andanças.

— Lá atrás — disse um deles.

— Tava na sombra de um juazeiro, vigiando a gente, arisco que só! Quando a gente chegou mais perto, ele ganhou o mato. Peguem aquela estradinha ali por dentro; se descenderem por ela, vão ouvir o chocalho dele.

Agradecemos. Amarramos o cavalo e o jumento na beira da estrada e entramos na vereda. Eu lembrava bem do chocalho dele: era de respeito. Grande, de som bonito, cheio. Com um barulho daqueles, ia ser fácil achar o rastro. Fomos descendo até o ponto em que o mato fechava mais. À medida que a gente se afastava da estrada, as árvores iam ficando altas

e carregadas. E foi aí que um clém-clém abafado soou, batendo por entre os troncos. Aquele som não enganava. O bicho tava perto.

— Mas seu Joca, e se for Ciço Vairado?

— Ora, deixe de besteira!

Seguimos o ruído do chocalho até que a vegetação abriu. Lá estava ele: parado à beira de uma vazante, bebendo água, tranquilo como se fosse o dono do rio.

— É o touro ali, camarada! — gritou meu companheiro.

Assustado com o grito, o touro ergueu a cabeça num solavanco e com a água ainda escorrendo pelo focinho, cravou os olhos na gente.

— *Não tinha laço, nem arreio — disse Joca, baixando o tom, como se ainda lamentasse o descuido. — É como ter ido pra guerra sem uma arma — completou.*

— Naquela manhã, eu tinha deixado o cavalo amarrado pra pastar, mas o bicho se assustou com alguma coisa e se enroscou num espinheiro. Quanto mais puxava, mais a corda apertava. Pra ele não acabar se quebrando todo ou se enforcando, não teve jeito: meti a faca e cortei. Na ânsia de sair atrás do touro, nem lembrei que eu só levava aquele toco de corda, tão curto que mal dava uma volta e meia num tronco. Teríamos que usar a força e a astúcia.

Começamos a arrodear, no miúdo, sem pressa. Eu fui pela esquerda, pisando macio no cascalho; Sabiá abriu pela direita, cortando a saída. O touro de olho aceso na gente. O barranco do rio ficava logo atrás dele, barro úmido, chão traiçoeiro. Ali ele não tinha firmeza pra estourar de vez, mas a gente também não.

Sabiá deu mais um passo e parou, como se a coragem tivesse pedido passagem. Foi só um instante, mas eu vi. O frio bateu em mim também. Meu olho correu pros chifres e a boca secou, mas eu mantive a firmeza.

Fomos fechando devagar, encostando o touro no aperto. Quando ele tentou virar, Sabiá entrou na frente e tomou o rumo. O touro deu um pulo curto pra ganhar espaço. Eu esperei o instante em que ele escorregou meio palmo no barro e o rabo ficou ao alcance: agarrei perto da base e puxei pro lado, num tranco, jogando meu peso junto. O touro perdeu o eixo e caiu de lado com um baque pesado, levantando a lama.

Sabiá já tava pronto. Passou o rabo por entre as patas traseiras e puxou pra cima, travando os quartos. Eu me joguei na frente, sentei na paleta e forcei a cabeça dele pro chão. Se levantasse a cabeça, levantava o resto. Não deixei.

O touro esperneou, duro, procurando alavanca. O couro quente raspava na minha perna, e o cheiro de bicho subiu forte. Minhas mãos tremiam, não de medo, mas de esforço. Coloquei meu chapéu no olho que ficou pra cima. No escuro, o touro ficou perdido.

Peguei a corda que eu trazia enrolada no cinto e trabalhei rápido no pescoço, sem fazer nó corredeço. Dei um nó firme, fixo, só o bastante pra segurar sem sufocar. A corda queimou a palma da mão quando o bicho deu um solavanco, mas eu aguentei e puxei até ficar justo. O pedaço que sobrou era pouco, então fiz um pé-de-amigo: amarrei a outra ponta numa das patas dianteiras, pra ele não levantar a cabeça. De cabeça baixa e presa à pata, ele não tinha equilíbrio pra um arranque. Qualquer tentativa ele voltava pro chão.

Ficamos os três ofegantes. Ele testou a corda num tranco curto. A gente respondeu com o corpo colado no couro, segurando a vontade dele na marra. Quando senti que a raiva já não tava tão cega, levantamos com cuidado e começamos a voltar, passo por passo, levando o bicho peado.

Só depois, já perto da estrada, eu soltei a pata e passei a corda na cangalha do jumento. Aí, sim, o passo dele ia no peso e na teimosia do bicho manso.

Começamos o caminho de volta, devagar. Quando dobramos aquela ponta de serra, o Sabiá disse:

— Pense num touro magro! — Num vai chegar lá hoje não!

Respondi que iríamos até onde desse. Seguimos. O touro já ia procurando onde se deitar, arrastando os cascos, com os flancos arquejando de fome e cansaço. Então, eu disse ao companheiro:

— Daqui para o Mororó não é moleza. E a gente a essa hora sem tomar nem um café. Vamos parar. Ele não vai andar muito mais sem um fôlego.

Fomos pra debaixo de um angico. Primeiro, amarrei o jumento no tronco, curto, pra ele não ser puxado de surpresa. Depois passei a corda do touro na argola da cangalha e dei um nó firme, deixando uma forga medida, só o bastante pra ele arriar sem arrastar o jumento junto, e não o bastante pra ganhar corrida.

O touro arriou pesado, e eu arriei ao lado, de olho no resfolego dele e no ranger da cangalha. Pedi para Sabiá amarrar o cavalo mais afastado, também no angico, pra não se assustar com qualquer tranco. Quando tudo sossegou, abri o bernal. Tirei a carne-seca e parti em dois, na mão.

— Tome, Sabiá.

Ele pegou sem dizer muito. Eu passei a cabaça.

— Beba um gole.

Ele bebeu e devolveu, limpando a boca com o dorso da mão.

No meu bernal sempre tinha fumo. Peguei a lata de tabaco e catei uns pedaços de palha de milho que andavam soltos ali dentro. Enrolei dois cigarros no capricho e selei a

ponta com a língua. Procurei os fósforos num dos bolsos, risquei um, acendi o meu e passei o outro pra ele.

— Pegue.

— O touro está muito magro, Seu Joca.

— Essa terra é muito dura conosco, Sabiá. Todos nós.

— Se como dizem, a tempestade faz o bom marinheiro, a seca faz o bom sertanejo.

O silêncio virou companhia e o sono veio pesado. Não sei quanto tempo passou. Acordei com o touro se remexendo pra levantar. A corda esticou, a cangalha rangeu, e o jumento fez força no cabresto, incomodado, mas ficou. Preso no tronco, não tinha pra onde ir.

Sabiá tava entregue ao sono, encostado no angico. Deu trabalho pra acordar. Eu o chamei, cutuquei no ombro, até ele abrir o olho.

— Ô... acorda. O bicho tá querendo aprumar. É hora de ir.

Retomamos a estrada. O sol já se despedia, e a gente ia num passo de enterro, levantando aquela poeira vermelha que colava no suor. Naquele tempo, a coisa era séria: não se via uma roça por perto pra tirar um capim pros bichos. Eles vinham morrendo de fome — e a gente também. Quando a noite caiu de vez, a escuridão quase engoliu o caminho. A gente parou no meio do nada.

— O que a gente faz agora, camarada Joca? — perguntou Sabiá, com a voz arrastada de cansaço.

Eu olhei ao redor. Não tinha cerca, nem curral, nem sinal de gente. Só o escuro e o caminho sumindo na frente.

— Vamos fazer o seguinte: não tem mais jeito! Vamos fechar o touro numa ramada.

Avançamos pra beira da estrada, onde o mato era mais fechado, e escolhemos um trecho em que o carrasco já fazia dois lados, como se a terra ajudasse a gente. Ali dava pra levantar a ramada sem deixar brecha.

— “Carrasco”, Seu Joca? — *eu interrompi a história.*

— *Sim! Carrasco é o mato fechado do sertão, aquele emaranhado de arbusto duro, espinho, galho torto. Muita gente também chama de carrascais. Mas voltando...*

Amarramos o cavalo e o jumento num tronco seco, só pra eles não se assombrarem, e trouxemos o touro pra dentro do vão, na corda curta. Eu não soltei a guia nem um instante. Primeiro, preendi a corda num toco firme, bem baixo, pra ele não tomar impulso. Só depois começamos o serviço.

Quebramos galhos grossos, cheios de espinhos e pontas agudas. Arrastamos moitas inteiras, braço ardendo, e fomos montando as paredes. A madeira estalava, as folhas raspavam no chão, e aquilo era o único barulho no início da noite. Quando um chocalho bateu solto no escuro, Sabiá parou na hora. Eu também.

— Ai, meu padrinho... é o Ciço!

Ele pareceu prender a respiração por um instante. Eu pisei num galho e o estalo foi seco demais. Sabiá se assustou e correu pra dentro do mato. Eu gritei, mordendo o riso pra não soltar de vez:

— Ô, rapaz... era só o nosso touro se ajeitando na corda. Tá tudo bem!

Ele voltou devagar, ainda com medo.

— Vamos, homem. Só mais um pouco e a gente vai embora.

Voltamos ao trabalho, cruzando os galhos de uma beirada à outra, travando as pontas no mato duro e socando mais espinho por cima, até virar um muro. Deixamos uma abertura, só para empurrar o touro pro miolo e, quando ele entrou, fechamos também. Em pouco tempo, ele ficou preso entre espinhos, corda curta e cansaço.

O touro só olhava, olho brilhando na pouca luz, sem ânimo pra testar nada.

— Ele não vai nem tentar passar — eu disse. — Tá morto de fome e de corrida.

Antes de ir, dei mais uma volta na ramada, apertando onde parecia frouxo. Aí sim soltamos as montarias do tronco, montamos e seguimos pra casa, atrás de um bocado e de uma cama.

Combinamos que, no outro dia, na primeira hora, a gente voltaria pra tirar o bicho dali. Subimos na montaria e tocamos embora no pique. Eu cheguei em casa poucas horas depois; Sabiá ainda ia rodar mais um pedaço de terra.

— Até amanhã, Sabiá.

— Até amanhã — disse ele, e partiu.

Tomei um copo de leite, comi um pedaço de queijo e me deitei na rede. Dormi. Acordei horas depois, com o chamado do galo da madrugada.

No clarear do dia, procurei Sabiá e nem sinal dele.

— *Acho que ele ainda estava dormindo, coitado!*

Então voltei com o compadre Raimundo.

— E como foi com o Sabiá? — perguntou Raimundo no caminho, a gente puxando pro lado da estrada.

— Sem ele eu não sei se tinha dado jeito, compadre. Sabiá foi valente... é como dizem: “Vassoura atada ninguém quebra; vassoura solta o vento leva.” Só ficou meio

encabulado com aquela conversa tola do Ciço Vairado. Qualquer barulho diferente, ele já se encolhia no jumento, como se quisesse sumir.

Raimundo deu uma risada baixa.

— Essa conversa é velha. Eu ouvi quando era criança. Imagina se o tal Ciço ainda tá vivo?

— Pois num é? — eu achei a história engraçada.

— Mas me diga, Joca... o touro tava muito longe daqui?

— Tava sim. Bem longe. Passando as serras e cruzando o rio.

Raimundo estalou a língua e disse:

— É a maldita querência. O bicho nasceu pra acolá.

Fizemos boa parte do caminho em silêncio, aproveitando a manhã fresca. Então o compadre me disse:

— Bom que tu já conhece o caminho... porque nós vamos pra lá. Vou plantar arroz e algodão, bem perto do rio, assim que a chuva molhar o chão.

A gente chegou ao local antes do sol ficar a pino. O touro tava no mesmo canto, do jeitinho que deixamos.

— Num saiu, não! Viu só? — eu disse ao compadre.

— É, estou vendo.

Foi só arrancar uma parte da ramada e abrir passagem. Raimundo chegou perto, falou baixo com o bicho e tratou do básico: deu água e o deixou beber com calma. Depois, jogou um punhado de sorgo, só para o touro firmar as pernas e aguentar a viagem. Aí eu disse:

— Compadre, se ocê deixar a cancela aberta de novo, é ocê que vai atrás.

— É justo... é justo.

Tiramos o animal dali e começamos o percurso de volta pra casa, puxando o touro mais uma vez.

* * *

Seu Joca silenciou por um momento. O olhar buscava o contorno das serras no horizonte, como se ainda visse a trilha que percorrera décadas atrás. O balanço da cadeira seguia leve, cadenciado.

— Eu nunca tinha andado por aqui — disse ele, voltando-se para mim. — A primeira vez que pisei nessa região foi atrás desse touro. Bem ali. Naquele tempo, eu nem pensava que ia morar por essas bandas, mas a vida tem dessas voltas.

Ele deu um sorriso curto, e um brilho novo apareceu nos olhos cansados.

— Acabei voltando pra trabalhar na lavoura e me apaixonei pela Maria, perto do rio. Foi por causa dela que eu finquei o pé e não saí mais. Mas essa segunda vez... e a Maria... é outra boa história. Vamos tomar um café. Depois eu te conto.

Aquela rapaz

Alexandre Arbex

No final da adolescência, após uma série de desmaios nas aulas de Educação Física, fui diagnosticada com miocardiopatia hipertrófica, uma doença rara do coração, por algum tempo controlável à base de remédios e apenas nos melhores casos suscetível à cura por cirurgia. Desde então, apesar dos modestos recursos da família, meus pais se encarregaram de me assegurar o melhor tratamento médico disponível. Meu irmão, obrigado a desistir do curso de Engenharia de Minas, voltou a trabalhar na serralheria do Ortiz, onde tinha perdido o anular da mão esquerda como ajudante na adolescência, e ficou tomando conta da casa quando o agravamento do meu quadro nos fez antecipar a mudança para a capital. Lá, selecionada para uma internação gratuita numa clínica particular, fui submetida a um procedimento novo, “experimental mas seguro”, de acordo com os médicos, e apresentei uma evolução tão rápida que minha mãe não hesitou em usar a palavra “milagre” ao anunciar à família minha recuperação. Em pouco tempo, eu já me achava adaptada à escola nova, e meu pai, tirando da moldura o diploma pendurado atrás do caixa da padaria fechada em Pedra Miúda, arrumara um emprego de contador numa firma bem perto do apartamento. Eu melhorava, mas não podia me afastar da clínica. Um ano e meio depois, com a vida arrumada, meu irmão veio morar conosco e reabriu a matrícula na faculdade. Eu vivia tão bem disposta, abraçada às minhas amigas pelos corredores do shopping ou aos beijos com os meninos depois de dançar nas festas, que mal me dei conta de que o tempo de espera por um doador já havia ultrapassado as mais otimistas expectativas. Quando apareceu um compatível, os riscos de um transplante e de uma eventual rejeição não se mostravam suficientemente compensatórios diante dos progressos do tratamento, e eu, já aos dezoito, assinei um papel renunciando à cirurgia. Iniciei a graduação em Jornalismo, decidida a me tornar correspondente internacional para viajar o mundo. Nos primeiros meses de faculdade, me permiti algumas extravagâncias. Passei a beber, fiz uma tatuagem na perna, experimentei pessoas e substâncias. No quarto semestre, conheci o Nuno, um cabeludo das Letras que colava versos nos postes, e começamos a namorar. Demorei uns três meses para revelar meu problema de saúde. Não queria alarmá-lo nem inspirar nele alguma compaixão que pudesse confundir o amor. Poucos dias depois de conversarmos, Nuno me disse que havia pesquisado tudo sobre o assunto e já queria marcar os primeiros exames necessários para provar que era um doador apto. Brincando, respondi que, mesmo se ele tivesse dois corações,

eu não aceitaria aquele sacrifício. Ele se prostrou de joelhos diante de mim e disse que estaria disposto a morrer para me salvar. Poetas.

Morri vinte dias depois disso. Não me lembro dos detalhes. Nossa morte só acontece para os outros, li em algum lugar. De saída para a aula, senti a boca seca de repente e pedi à minha mãe um copo d'água. Daí para frente, não me recordo de mais nada. Quando recobrei a consciência, já não estava lá. A primeira reação de meu pai foi correr à clínica, os óculos trepidando no nariz, embaçados pelo suor fervido no choro, e exigir explicações aos médicos. Minha mãe, ao contrário do que eu previa, manteve-se serena todo o tempo e velou meu corpo como se eu tivesse apenas adormecido. Coube ao meu irmão encarregar-se da papelada no hospital e das providências funerárias. Transladaram meu caixão para Pedra Miúda na manhã seguinte. À tarde, me enterraram. De início, a tristeza de Nuno me enterneceu: tresnoitado, com as pálpebras inchadas atrás dos óculos escuros, permaneceu ao meu lado até o sepultamento. Ouvi-o murmurar que me amava e jamais se esqueceria de mim, ouvi-o chorar baixinho feito um menino esquecido no colégio. O anel de prata que eu usava no polegar agora aparecia no anular de sua mão esquerda, como uma aliança. Ao final da cerimônia, ele pareceu exagerar um pouco na atitude de viúvo inconformado, disputando com minha mãe a dianteira na fila das condolências. Compreendi que era seu modo de viver um luto intenso e curto, e imaginei que, tudo acabado ali, ele retomaria a rotina, se interessaria por alguém e viraria com uma leveza inconsciente a página da memória onde meu rosto começava a se esfumar. Meu irmão ainda ficaria em Pedra Miúda por uma semana, às voltas com os documentos exigidos pela prefeitura para a reabertura da padaria, convencido de que o trabalho aliviaria a consternação do meu pai. Minha mãe, exaurida ao longo dos dias seguintes pelas visitas de pêsames, esperou o domingo para criar coragem de entrar no meu quarto e abrir as caixas da mudança. Sozinha com minhas roupas, meus livros, minhas bijuterias, se ajoelhou no chão e chorou, com um gemido agudo e longo, socando o colchão. Se Nuno não tivesse vindo ampará-la, ela teria chorado até desfalecer. Ele desmarcara o retorno à capital duas vezes e, afinal, disse aos meus pais que passaria com eles mais algum tempo para ajudar nas tarefas domésticas e dividir a dor da minha ausência. Meu pai tentou movê-lo da decisão com argumentos de ordem prática que mal dissimulavam o desejo de viver sozinho seu sofrimento de homem, mas minha mãe o abraçou com uma febre tão violenta que Nuno se sentiu, mais que acolhido, adotado.

Passados os primeiros dias, o abatimento que desfigurava sua aparência se dissipou de repente, e Nuno, possuído por uma energia dinâmica e prestativa, bem diferente do estado de contemplação melancólica que era o seu normal, pediu ao meu pai uma navalha e não saiu

do banheiro enquanto seu rosto não ficasse asseado e polido como a pia de cerâmica. Jamais o tinha visto barbeado e me surpreendi com a delicadeza dos seus traços, com a carnção rósea, ainda pueril, de seus lábios. Os olhos, realçados na face lisa, assumiram um contorno de fauno, e sua cabeleira, antes desgrenhada e romântica, crescia agora sob a lei do pente, cheirando ao xampu de camomila que eu usava no inverno seco em Pedra Miúda. Uma tarde, Nuno perguntou à minha mãe se poderia ver o álbum de fotografias da família. Ela disse que ainda não se sentia bem para encarar meus retratos de infância, mas ele insistiu com o argumento idiota de que, onde quer que estivesse, sua filha não gostaria de vê-la triste para sempre. Nas primeiras páginas, eu aparecia vestida no uniforme da escola, com o cabelinho loiro anelado, levando a tiracolo a lancheira de unicórnios. Depois, só de calcinha, fazendo careta entre os primos, eu chupava um picolé de uva. Um pouco maiorzinha, eu posava de bicicleta ao lado do chafariz da praça. A cada foto, minha mãe parava, respirando fundo, acariciava com a ponta dos dedos o meu rosto e explicava a Nuno de quem era a casa ao fundo com a fachada chamuscada, quem era o tio de bigode grisalho e relógio de prata ao redor do qual todos ficavam sérios, quantos anos eu fazia naquele dia em que a chama imóvel da vela queimava meu sorriso borrado. Meu pai ouvia calado, de vez em quando rosnando entredentes a correção de uma data que minha mãe informava errado. A discreta hostilidade com que ele aturou a permanência de Nuno no início só começaria a ceder quando, um mês após minha morte, a padaria reabriu. Empilhando fardos de farinha, puxando com o rodo a água coalhada de gordura do piso, entornando no tanque refrigerado os tonéis de leite, Nuno assumia todo o trabalho pesado antes e depois do expediente. Durante, atendia aos fregueses com uma desenvoltura sorridente, infatigável, usando meu antigo avental, como se fosse da família.

Vindo num fim de semana, meu irmão pareceu um pouco incomodado com a permanência de Nuno na casa. Dividindo com ele uma laranja, os dois sentados no degrau da rua, perguntou-lhe se não gostaria de voltar de carona com ele para a capital na segunda-feira. Nuno se limitou a responder, fitando o semblante de aprovação da minha mãe, que pretendia passar mais alguns dias em Pedra Miúda. Depois, claro, retomaria os estudos e viria visitar meus pais de vez em quando. No jantar, quando Nuno e meu irmão falavam de assuntos da capital, meu pai se limitava a seguir as vozes com os olhos e a assentir, com uma indiferença ensimesmada, às risadas que começavam a permear as conversas. Quase o tempo todo de pé, pondo e tirando a mesa, minha mãe espiava a cena com uma ternura apaziguada. Na tarde seguinte, os quatro se sentaram para jogar uma partida de canastra, como faziam no meu tempo. Nuno me substituiu como parceiro da minha mãe, a melhor jogadora da casa,

e uma sensação de equilíbrio e completude pareceu pairar sobre os xícaras de café doce. A certa altura, porém, meu irmão cismou que Nuno tinha surrupiado um ás do monte. Estava demorando, disse minha mãe. À medida que Nuno rebatia as acusações, sua voz se tornava mais fina, emocional. Meu pai, bufando de impaciência, repreendeu meu irmão, chamou-o de implicante e falou para Nuno não cair na provocação. Era exatamente assim com a irmã, ele disse. Pelo menos, ele não me chamou de Menos Um, atalhou meu irmão, levantando a mão de quatro dedos num aceno de paz. Todos riram, depois todos choraram. Eu chorei também.

Na despedida, meu irmão tratou Nuno com uma cumplicidade fraterna. Pediu-lhe que cuidasse da minha mãe e não deixasse meu pai esfalfar-se à toa na padaria. A seca entrava no seu pior período. Ouvindo o receio do meu pai de perder os iogurtes e queijos, Nuno ofereceu-se para vendê-los noutros bairros, carregando-os na cesta enganchada no guidão da minha bicicleta. Ele partia após o almoço e voltava ao entardecer, entregava o dinheiro ao meu pai, que lhe apertava o ombro com um carinho bruto, e depois ia dar um beijo na minha mãe na cozinha, com o refresco gelado já esperando sobre a mesa. Abacaxi também era a fruta preferida dela, ela dizia. De pé, Nuno tirava o elástico do cabelo, mais cheio e cetinoso, e se dirigia ao meu banheiro, largando as sandálias na soleira do meu quarto. Esfregava a poeira do dia com o sabonete, enxaguava-se e espalhava pelo peito o hidratante com meu cheiro. Secava-se depressa, limpando com a toalha o excesso de creme que ficava nos pelos. Para não gastar o único pijama da bagagem, punha às vezes uma roupa minha para ficar no quarto até a hora de jantar. Uma noite minha mãe o surpreendeu assim, deitado na cama, no meio de um cochilo. Nuno usava uma saia jeans e a blusa de viscose com estampas de caveirinhas que eu gostava de vestir na faculdade. Assustado com a porta que se abriu, mas aos sussurros para meu pai não escutar, se defendeu dizendo que se enrolava nas minhas roupas de vez em quando para aliviar a saudade, e logo desatou a chorar de vergonha, cobrindo o rosto com o travesseiro. Minha mãe abraçou-o e disse que estava tudo bem, que ele poderia usar minhas roupas sempre e que, para ela, seria bom encontrá-las de novo no cesto, lavá-las, passá-las e guardá-las de volta nas gavetas, como se eu ainda estivesse lá.

No jantar, Nuno e meus pais costumavam conversar sobre o capítulo da novela, as últimas do noticiário ou qualquer assunto que distraísse da minha lembrança. Quando meu pai indagava Nuno sobre os planos de retorno à capital, minha mãe se levantava e começava a tirar a mesa. Recolhido depois ao meu quarto, Nuno lixava as unhas para tirar a camada de farinha dos pães e passava um batom meu para suavizar as fissuras dos lábios ressequidos. Dormia sem camisa, agarrado aos lençóis, profundamente. Com o decorrer das semanas, os

banhos de Nuno se tornariam mais demorados. Além do hidratante, do xampu de camomila, gostava de massagear o rosto rapado a gilete com manteiga de abacate, a mesma rotina que eu tinha no começo do namoro. Em vez de comprar um pote na botica da praça, ele surrupiava umas colheradas do frasco que minha mãe guardava no lavabo. A certa altura, as retiradas passaram a ser tão frequentes que seria impossível não notá-las, mas minha mãe não disse nada. Como Nuno não saía do banho, meu pai, que jantava irrevogavelmente às sete, ia bater à porta do banheiro para apressá-lo. Esse hábito, tão frequente nos tempos em que eu vivia na casa, acabou por acionar nele o mecanismo involuntário da memória, e, uma noite, martelando a porta com o nó dos dedos enquanto Nuno borrifava um perfume meu, meu pai gritou, anda logo, menina!

Na manhã seguinte, Nuno, por descuido, apareceu de batom na padaria. Com o rosto imberbe e alvo, os cabelos agora longos, exalando um aroma frutado e presos por um elástico, ele vestiu meu avental de balcão e começou a atender à freguesia. Quando, da câmara frigorífica, surpreendeu a boca vermelha de Nuno refletida no cilindro laminado da cafeteira, meu pai se precipitou em sua direção e o abraçou com arrebatamento. Um de seus velhos amigos, abancado diante de um copo de leite, chamou-lhe a atenção, está maluco, homem?, ponha os óculos! Esta intervenção transtornou meu pai: largando Nuno de repente, ele o empurrou contra a vitrine térmica dos salgados, deu-lhe um murro na boca, mandou-o limpar a cara e ir embora. Nuno levou a mão ao rosto e correu para a casa, enquanto meu pai, consolado pelo amigo, murmurava, cabisbaixo, que iria enlouquecer de saudades de mim.

Nuno espremeu às pressas dentro da mala as roupas sujas de muitos dias, mas minha mãe não permitiu que ele partisse imediatamente. Trouxe um copo d'água gelada e lhe disse para beber devagar, depois entregou uma toalha de rosto para enxugar o suor e o beijou na testa. Era exatamente assim que ela me acalmava nas crises nervosas desencadeadas pela medicação ou pelos desatinos hormonais da adolescência. Com jeito, tomando a mão de Nuno entre as suas, ela o fez se sentar num banquinho da cozinha e lhe pediu para relatar o que tinha acontecido. Nuno falava aos soluços, entrecortando às palavras um choro dolente. Ouvi-o comovida suspirar meu nome várias vezes, enquanto minha mãe o abraçava, arrumava seu cabelo desabado sobre o rosto e limpava com o dedo untado de saliva o borrão carmim. De repente, a voz de Nuno exauriu-se num sopro roufenho, e ele, gesticulando, indicou à minha mãe que não conseguia dizer mais nada. Ela o levou até o banheiro e, sem se deixar deter pelos gestos nervosos com que ele tentava se desvencilhar, o ajudou a passar a cabeça pela gola estreita de uma camisa que era minha e, agachada, tirou sua calça. Peludo igual ao meu menino, ela disse. Depois, embolando numa trouxinha de mão a roupa usada,

minha mãe andou até o quarto e desafivelou a mala que ficara sobre a cama. Nuno, encolhido com os braços cruzados, esperava a água esquentar. Primeiro, ela disse voltando, vou lavar essa roupa toda, pregar um botão na calça jeans, emendar os furos do jaquetão que você usou no enterro e tratar de jogar fora essas cuecas puídas que já devem estar dando coceira. Com a voz minguada, mas animado pelo vapor quente da água, Nuno disse que ele mesmo poderia consertar as roupas, que tinha aprendido a costurar comigo. Minha mãe fitou-o com uma ternura desconfiada, saiu e voltou com um balde grande, onde meteu toda a roupa da mala, e com um carretel atravessado por uma agulha, que depôs sobre a penteadeira com um ar de desafio. Nuno passou a tarde toda no quarto. Quando meu pai voltou para casa no fim do dia, a máscara fria da tristeza ainda pegada à fisionomia, minha mãe o aparou na porta com um abraço perfumado. O rapaz precisa ir embora, ele disse, isso não pode continuar assim.

Na noite seguinte, antes de jantar, meu pai disse a Nuno que ele deveria voltar à capital com meu irmão, cuja vinda estava programada para dali a dez dias. Até lá, desobrigado de qualquer tarefa na padaria e na casa, ele poderia preparar sem afobação sua partida. Nuno reiterou, com a voz quase sumida, que desejava ser útil nos dias que lhe sobravam em Pedra Miúda como forma de agradecer a hospitalidade da família. Meu pai encarou-o detidamente, os olhos espremidos atrás do óculos, o cenho franzido pelo vinco de uma cisma: notara algo diferente no aspecto de Nuno, sem adivinhar o que podia ser. As sobrancelhas feitas, aparadas com uma ligeira curva na ponta, davam ao rosto retangular do meu namorado uma limpidez juvenil. Ele trajava uma calça de pijama minha, curta nele, e parecia caminhar de mau jeito para não deixar a bainha subir demais. Minha mãe também percebia algo novo, a textura mais branda que parecia revestir a face do hóspede, um certo estado de graça. Os três se sentaram à mesa, se serviram da lasanha que minha mãe tinha assado já premeditando uma reconciliação e testaram algumas frases. Meu pai, como sempre, mastigava de boca aberta e passava o miolo do pão trazido da padaria no molho de tomate pelas beiradas do prato. Ao tirar os copos, julgando prudente suspender o vinho, minha mãe, de pé, derrubou com um esbarrão uma bolota de pão seco, e meu pai, contrariado, se agachou para catá-la. Da cozinha, despejando água quente na travessa engordurada, ela escutou os gritos. Nuno, acuado contra a parede, segurava a calça pelos cordões da cintura, enquanto meu pai, de joelhos, arranhando as canelas dele, tentava arregaçar as bainhas com um arrepelão bruto. De perto, minha mãe viu que Nuno tinha depilado as pernas e feito, com tinta de caneta e agulha, a tatuagem de um coração derretido na lateral da panturrilha, igual à que eu tinha, mas ainda inchada, alta, com pontinhos de sangue. Descontrolado, já perdendo as forças, meu pai puxava para cima a calça de pijama, gritando, deixa eu ver até onde você se raspou, seu marica safado! Minha

mãe, transtornada, tentou bater nele, depois quis levá-lo e os dois acabaram caindo abraçados no chão. Nuno correu para o meu quarto e disse com o último fio de voz que nunca mais sairia de lá.

*

Meu irmão chegou numa tarde chuvosa de sábado, a primeira da primavera, e encontrou apenas minha mãe na casa. Achou-a abatida, como era natural, mas a atmosfera interior exalava serenidade. Abraçaram-se, apertando um contra o outro as saudades de mim, e se sentaram para o café. Antes que ele perguntasse, minha mãe se apressou a informar que o pai e Luna estavam na padaria. Meu irmão sorveu um gole para entender. Repetiu o nome em voz baixa, esticou as pernas buscando o assento do banquinho em frente e perguntou o que eles tinham ido fazer na padaria, geralmente fechada àquela hora. Instalaram outro tanque de resfriamento e eles estão lá guardando o leite que ia vencer, ela disse. Nessa chuva?, perguntou meu irmão. Tinha que ser, ué, respondeu minha mãe, com essas ruas cheias de lama, como é que ela ia sair de bicicleta para vender os iogurtes no outro lado da cidade? Ela?, repetiu meu irmão, pensando em voz alta. Minha mãe então se levantou, destampou uma lata de biscoitos de nata e tirou da geladeira a geleia fresca de goiaba. Os dois comeram sem dizer nada, olhando os rodapés e interruptores como se procurassem um defeito. O relógio marcava seis e meia da tarde e o céu desanuviava no escuro. Minha mãe, sabendo que os dois não iriam demorar, puxou a cadeira para perto do filho e disse em surdina, essa semana seu pai me aprontou uma. O quê? Imagina que ele deu um ataque nervoso, de babar pelas ventas, só porque a menina fez uma tatuagem. Alguém se machucou?, perguntou meu irmão. Nada grave, graças a Deus, só uns arranhões, mas que cena horrível, meu filho, parecia um cão raivoso estraçalhando a barra da calça dela. No mesmo instante, os dois entraram pelo portão dos fundos, Luna trazendo um bolo, meu pai sacudindo o guarda-chuva ensopado. Ele parecia muito mais velho que sua idade: tinha um ar extenuado e uma barba de três dias. Os óculos, embaçados, apagavam sua expressão. Ao seu lado, o rosto de Luna arrepiado de gotinhas geladas brilhava com uma aura de anjo, e o azul claro do meu vestido, realçado pela lâmpada da cozinha, parecia envolver seu corpo em um casulo natural. Meu irmão se ergueu para vê-la. Luna afastou do rosto as mechas negras que tinham escapado do coque e o cumprimentou um pouco sem jeito. Sua voz soava quase soprano, ainda rouca pelo afã da chegada. Minha mãe pegou no vestido dela, esfregando o tecido entre as pontas dos dedos. Vai botar uma roupa quente, daqui a pouco você arranja um resfriado, disse. Meu pai

embarafustou-se casa dentro anunciando que ia entrar no banho e minha mãe, seguindo-o, deixou meu irmão e Luna a sós.

Dando petelecos nos farelos que se dispersavam sobre o guardanapo, meu irmão perguntou como iam os negócios na padaria. Luna endireitou-se na cadeira, dobrou as mangas do vestido encharcado e contou que as vendas tinham caído um pouco com o tempo chuvoso. Sua voz, agora, encorpava uma gravidade séria, mas artificial, que lembrava uma criança tentando arremedar a fala de um adulto. À medida, porém, que conversava, Luna descontraiu a postura, e uma graça destemida realçava aos poucos seu olhar. Mesmo quando ela tentava conter a delicadeza espontânea dos gestos, esta correção se desenhava no seu corpo com um langor felino que suscitava em meu irmão um enternecimento irresistível.

Pela manhã, meu pai, meu irmão e Luna abriram juntos a padaria. Domingo costumava ser um dia de movimento bom. A freguesia, saída da primeira missa, ia comprar os pãezinhos doces que minha mãe fazia no fim de semana, e uma animada fila de gente conhecida se formava à frente do balcão. Notando a sombra de um constrangimento submisso no rosto de meu pai, meu irmão se posicionou de propósito entre ele e Luna e, falando alto, com a autoridade viril que o dedo amputado lhe conferia, desencorajava os outros homens a fazer qualquer menção maliciosa aos cílios postiços, ao avental que ela vestia sobre a minha saia. Duas das minhas amigas da época do colégio puxaram conversa com Luna, elogiaram suas unhas, perguntaram como era a vida na capital e a chamaram para um sorvete no fim da tarde. As famílias amigas cumprimentavam meu pai com a consideração de sempre, mas as alusões ao luto começavam a soar meio dúbias, maliciosas, com uma discreta nota de advertência que parecia pedir um pouco mais de respeito à minha morte ainda tão recente. Ao ouvi-las e penetrar o sentido daquelas palavras, meu pai se dava conta de que sua tristeza não vinha da vergonha que a aparência extravagante de Luna lhe dava, mas da sensação de que esta presença o fazia se esquecer de mim.

Luna, não: Luna se lembrava todos os dias. Voltava a folhear os álbuns de família, mas agora, diferentemente dos primeiros dias, fitava os retratos com um semblante iluminado pela nostalgia. Diante do espelho, parecia capaz de reconstituir com tal precisão certas feições e gestos meus que, se eu mesma tentasse imitar uma atitude espontânea minha, me mostraria menos autêntica do que ela no papel. Minha mãe, sempre que a via parar na frente de uma foto, contava algo da minha infância, e Luna, ouvindo-a com uma atenção insistente, a cobria depois de perguntas, como se tentasse situar os acontecimentos no passado de sua própria vida. Mãe, ela dizia, onde foi isso mesmo? Nas férias, na praia. Quem é este? O Remígio. Ah, claro, ela lembrava. Às vezes, Luna queria conhecer uma personagem,

um figurante embaçado no fundo de uma sala, um vulto indefinido que tremulava na calçada oposta da rua na fotografia onde meu irmão e eu acenávamos para a lente. Minha mãe encaixava os óculos de leitura na ponta do nariz para decifrar o ano e o endereço ou, desistindo, carregava o álbum até a sala e o abria na página da dúvida sobre a mesa onde meu pai somava as notas e recibos do dia. Luna, de banho tomado, enfiada no meu camisolão surrado de hospital, acompanhava-a, penteando-se. Minha mãe apontava uma fotografia onde um grupo de crianças esmaecidas, com uniforme escolar, circundava um cachorro sem coleira, ou onde, à distância, três meninas de rosto desbotado, com os cabelos aglomerados numa mancha castanha, posavam de biquíni com pacotes de biscoito. Meu pai, pegando os óculos da esposa, debruçava-se sobre o retrato e, com um pequeno sobressalto, perguntava, espera um minuto, essa aqui é a Luna?

Meu irmão não viajara de volta à capital na segunda-feira. Chegara a pegar a estrada após se despedir com uma pressa indecisa e emocionada, mas uma falha mecânica logo em Aparecida do Carmo e o cheiro da chuva crescendo ao redor o fizeram retornar a Pedra Miúda. Largou o carro na oficina do Aldo e apareceu em casa a pé de surpresa. Por telefone, conseguiu adiar uma prova na faculdade e pediu um tempo para namorada bulímica que já estava de viagem marcada para a Europa. Nas manhãs, descia com Luna à padaria e, sem camisa, descarregava a caminhonete dos sacos de farinha de sessenta quilos. Fique aí, vá olhando, dizia para ela, e Luna ficava. No final da tarde, quando meu pai saía para caminhar se o tempo firmava, meu irmão baixava a porta de ferro da padaria e levava Luna de bicicleta até em casa. Sentada de lado sobre a barra do selim, Luna apoiava as mãos no guidão e tentava dominar os cabelos contra o vento da corrida, enquanto meu irmão, pedalando a toda velocidade, alvoroçava sua nuca com o riso quente que eu gostava. Dia sim, dia não, parava no mecânico para saber do carro. Os olhos de Aldo perseguiam Luna com uma interrogação acesa. Uma tarde, ao vê-la se afastar um pouco, chamou meu irmão para perto com um estalo de dedos e, em seguida, apoiou as palmas das mãos em concha sobre os peitos para imitar um sutiã. Meu irmão fechou a cara e, apontando a própria cabeça, rodou o indicador no ar para perguntar se Aldo enlouquecera. A visita, como sempre, terminava com um novo prazo para o carro sair da oficina e com a promessa de meu irmão de voltar dali a dois dias.

Numa noite de sexta, quando as chuvas já amainavam, minha mãe sugeriu um carteadado depois da sopa. Meu pai aderiu a contragosto, sob a condição de manter a televisão ligada. Com um short de algodão estampado de estrelas contra o fundo lilás, com uma bata branca de voal, Luna sentou-se entre meu pai e meu irmão, ambos de peito nu e bermudões

velhos, e fez dupla com minha mãe, que jogava com sorte e camisola. Meu irmão buscou uma cerveja na geladeira e passou uma garrafa a meu pai. Luna aceitou um copo. O raio fosforescente da televisão contra seu rosto realçava a porosidade da pele raspada, os pontinhos negros das raízes dos pelos sob a camada de pó. Após umas dez rodadas, inflamado pelo álcool e pela sequência de mãos ruins que lhe saíam nas cartas, meu pai se virou para minha mãe e, apontando com o queixo a parceira dela, perguntou, e as roupas desse aí, por acaso não servem mais? A frase irrompeu como uma revelação sufocada, rasgando ao meio a película das aparências. De repente, tudo pareceu intolerável, grotesco: o shortinho apertado, a voz aguda de Luna, sua longa e inexplicável permanência entre nós. Minha mãe tampou os ouvidos e deu um grito longo e agudo até perder o fôlego. Depois, deu outro, e mais outro, e mais outro. Meu irmão ergueu-se com os olhos vermelhos, abraçou-a e estendeu a mão a Luna. Meu anel, que Luna antes trazia no anular esquerdo, agora cingia o mesmo polegar onde eu usava. Levantando-se devagar, desequilibrado pela bebida, meu pai encarou meu irmão como um homem desafiado, e lhe disse que, com ou sem carro, a pé ou de ônibus, ele voltaria para a capital na próxima segunda-feira. Meu irmão respondeu que voltaria, sim, que não aguentava viver numa cidadezinha tão primitiva e que Luna iria com ele. Meu pai pegou o braço de Luna, que ainda segurava a palma estendida de meu irmão, e disse, ela não, ela fica.

Luna passou reclusa todo o fim de semana. Eu a via chorar sentada à penteadeira, falando comigo diante do espelho. Minha mãe apanhou as antigas roupas de Nuno, que mofavam na mala guardada no alto do armário, e resolveu lavá-las todas de novo. Enfrentando sozinho o movimento na padaria após a missa de domingo, meu pai ouvia os fregueses repararem, com preocupação, na ausência de Luna, onde está aquela rapaz, a genra, o menina? Dois velhos amigos seus, farejando a crise familiar, encararam-no com uma mirada severa e um silêncio estufado antes de perguntar se ele tinha feito alguma bobagem. Outra colega minha da época da escola quis saber se poderia visitar Luna de tarde. Meu pai, a fisionomia realçada pela esperança, pediu que ela fosse mesmo, o mais cedo possível, quem sabe se para uma velha amiga a porta não se abriria? A garota não foi, meu pai e meu irmão não almoçaram e minha mãe, penteando com o garfo o guisado frio, perdeu o apetite na primeira mastigada. A noite encontrou-os sozinhos, cada um em um cômodo diferente, debulhando, calados, os minutos vazios. Quando a casa escureceu sem o ruído dos passos, Luna saiu do quarto. Tomou um banho curto, de hóspede, e saiu enrolada no meu roupão, com o cabelo toucado numa toalha. No quarto, despiu apenas os ombros e, estremecendo, avistou da janela as roupas de Nuno estendidas no varal. Deixou-se cair na cama e cobriu o

rosto com as mãos. Espreitando-a pela porta entreaberta, escondido no escuro da sala, meu irmão acreditou que um par de mamas adolescentes crescia no seu tórax implume.

Ele não tomou o ônibus para a capital. Meu pai continuou a vida calado para não magoar minha mãe, que, chorando baixinho do seu lado na cama, repetia toda noite que não aguentava mais ver a família brigar. Luna voltou a abrir a padaria na segunda-feira. Os garotos a caminho da escola assobiaram ao vê-la agachada, com o vestido arregaçado até o meio das coxas, empurrando para cima a porta de ferro da fachada. Seus cabelos, banhados de sol, reluziam cada vez mais claros, como os meus. De avental, com um par de brincos prateados em forma de estrela, que ficavam melhor nela que em mim, atendia aos fregueses até a hora do almoço: seu rosto me fazia sorrir de novo, suas mãos recordavam aos objetos a carícia do meu tato. Meu pai observava os homens, escutava as palavras deles com os olhos e chamava Luna logo para perto de si se um freguês se demorasse demais com ela em previsões meteorológicas ou em curiosidades sobre a panificação. Luna balançava a cabeça, ria do absurdo da situação: acontecia exatamente como eu contava. Meu irmão vinha buscá-la para almoçar em casa. O pai seguia-os por sobre os óculos, por cima dos ombros dos fregueses, até que a bicicleta dobrasse a rua. O carro de meu irmão foi declarado um caso perdido e ele resolveu voltar ao trabalho na serralheira do Ortiz para comprar outro antes de reabrir a matrícula na engenharia. Luna cogitava dar sequência ao meu curso de Jornalismo, mas ainda levaria tempo para amadurecer a decisão. Entretanto, voltara a escrever: compusera dezenas de quadrinhas em redondilha com temas inspirados nas montanhas em torno de Pedra Miúda e no milagre do trigo. Seus versos, que meu pai, para fazer uma surpresa, mandaria estampar nas embalagens da padaria, lhe renderiam ainda uma modesta consagração local e um convite para o programa de rádio. No primeiro aniversário de meu irmão que passaram juntos, ele e Luna saíram um pouco embriagados após o jantar, deixando o pai adormecido diante da televisão e a mãe lavando os maus pensamentos na pia. Desceram de bicicleta, zonzos de cócegas, até a serralheria. Quando Luna anunciou o presente, meu irmão deu um passo atrás e, assimilando o espanto, respondeu que não queria. Vai doer muito, Luna, e talvez nem encaixe, disse ele, exibindo a mão esquerda no ar, fazendo com o polegar e o indicador da direita uma mímica de anel em torno do dedo que faltava. Luna tocou-lhe os lábios umedecidos de suor e, apertando o púbis contra a mesa de carpintaria, nua por baixo da saia levantada, ligou a serra

As idas sem vindas de Antimônio Ferreira

Gustavo Maia Gomes

Tudo começou com um menino, dois porcos e uma estrada indo e voltando do norte ao sul, do leste ao oeste, de cima a baixo, do passado ao futuro – e vice-versa. A estrada foi feita pela inteligência artificial dos pioneiros que construíram Brasília. O menino chama-se Antimônio Ferreira. Ele caminha na estrada com os porcos que serão comidos pelos leões. Não sabem disso, mas serão comidos pelos leões. Daqui a pouco eu falo da galinha.

Os porcos estão felizes, embora tenham fome e calor. Ser feliz assim, sonhando com hortaliças e pegando uma brisa fresca, de vez em quando, sem saber que serão comidos pelos leões, qualquer um pode ser. O menino não é feliz. Na verdade, ele nem sabe o que é ser ou não ser feliz. Quando descobrir, vamos ver pra que lado ele pende. Por ora, Antimônio só se ocupa em caminhar e buscar comida. Comida e água. Passa fome, às vezes, mas tem sobrevivido.

Há quanto tempo Antimônio Ferreira caminha por aquela estrada? Quando ele começou, tinha seis anos de idade. Agora tem oito. A seca braba e a barragem rompida mataram seus pais e irmãos e tios e avós e primos. Sem comida em casa, sem ter por perto outros ouvidos que não os seus, ao menino só lhe restou ir embora. Para onde? Para onde a estrada o levasse. Daqui a pouco eu falo da galinha.

Onde ela se inicia, a estrada? Antimônio não sabe. Onde termina? Antimônio não sabe. Que cidades ela cruza? Quão distantes umas das outras ficam essas cidades? Conseguirá ele achar comida ou quem lhe dê comida todos os dias durante a viagem para onde a estrada o levar? Comida e água? Lugares seguros para dormir? Antimônio não sabe. Ele não sabe de nada. Na verdade, fora eu, Frigidiano Carlos, ninguém aqui sabe de nada. Até o autor da história, Esperaldo Grudes, está perdido: escreve uma coisa pela manhã e outra que não tem nada a ver com a primeira à tarde. Muda tudo, outra vez, à noite.

Os donos dos porcos e os seus parentes próximos não morreram, como os pais de Antimônio, mas se mudaram para Guaratinguetá. Existe uma lei que proíbe quem se muda para Guaratinguetá de levar porcos. Mário e Suzano são os seus nomes. Não têm sobrenomes, são porcos, já é muito que tenham nomes. Se fossem porcas, seriam Maria e Suzana e, aí, a nossa história teria velhíssimos segredos de alcova sendo, afinal, revelados. Porcas dominantes, posições sexuais inusitadas, beijos gregos, abraços troianos, troca de casais, farras homéricas ...

No começo da viagem, caminhando com o menino e os porcos, havia a galinha Clotilde, de quem eu prometi falar. Ela morreu após ter lido a obra completa de um filósofo francês contemporâneo. Foucault? Deleuze? Althusser? Um desses, provavelmente. Galinhas não leem, com poucas exceções. Ou, se leem, não entendem o que leram. Nesse ponto, são como nós. Antimônio também não lê. Nem ele, nem os porcos. Os leões, sim, são leitores vorazes de uma carne crua ou mal passada.

A galinha tem uma história triste. Não por ter morrido. Todo mundo morre. Ela tem uma história triste porque foi traída pelo namorado, o galinho Teócrito. Bicho safado, trocou Clotilde por uma caixa de giz. Ser trocada por uma caixa de giz, nos dias de hoje, é pau. Pra que serve uma caixa de giz, Teócrito? Ninguém mais usa giz pra coisa nenhuma.

Antigamente, sim. Os professores terminavam as aulas brancos de giz. Quanto mais sujos, mais reconhecidos no mundo acadêmico eles seriam. Alguns conseguiram virar doutores só por apagar com gestos bruscos o que tinham acabado de escrever no quadro negro. Hoje, isso não acontece. Se Teócrito tivesse ficado com a galinha Clotilde, todos estariam falando bem dele. Turrão, preferiu a caixa de giz.

Mas, não só de descrever personagens vive um conto bem contado. Até aqui, é como se nada tivesse havido na viagem de Antimônio. Não foi assim: muitas coisas aconteceram com o menino que se tornaria rapaz antes de terminar esta jornada. Por exemplo, num dia de verão, aí pelo terceiro ano, houve episódios notáveis, que eu relembro agora.

Meio dia em ponto. Sol forte. Uma árvore frondosa à beira da estrada. Antimônio para de caminhar. Dorme um pouco, à sombra. Ele e os porcos. Todos têm fome. Dormir é bom, quando se tem fome, mas o sono não dura muito. Logo, Antimônio acorda. A árvore é uma mangueira. É época de mangas. Há algumas caídas no chão. Os porcos as comem, Antimônio faz o mesmo. Então, aparece o dono da terra e manda todos irem embora. O homem tem uma espingarda. Depois de defender as suas mangas derrubadas no chão, ele vai invadir a Venezuela. Ou Cuba. Ou o Ondequistão. O menino pega de novo a estrada. Ele, agora, tem nove anos. Veja como esta história corre rápido.

Nesse mesmo dia, pela primeira vez, os leões sentiram o cheiro dos porcos. De Mário, principalmente, que se tornara mais gordo do que Suzano, por causa da alimentação desbalanceada deste último. (Era uma gordura relativa.) O cheiro vinha de longe. Não existem leões nas redondezas, exceto na imaginação de um escritor alucinado que precisa deles para tirar o sossego dos porcos. As feras importadas tinham acabado de sair do cinema, onde comeram pipoca e assistiram a um filme sobre a monarquia leonina. Acharam horrível.

Dez léguas à frente do lugar onde dormira e comera mangas, Antimônio comemorou dois aniversários de uma só vez. Então, com a idade de onze anos, ele chegou a uma bifurcação na estrada. “Vou para a direita ou para a esquerda?”, pensou. Apesar de ainda ser tão novo, já possuía boas noções de Geometria. Teria preferido ir pelo centro. Só não foi porque não havia estrada nessa direção. Onde já se viu isso? As estradas deviam servir às pessoas, não o contrário.

Nem eu sei qual escolha o menino fez, pois o voto é secreto. Os porcos o seguiram. Um porco chateia muita gente; dois porcos chateiam muito mais. Antimônio, contudo, os tolerava bem. Os três conversavam, às vezes. A galinha não os seguiu, pois já tinha morrido, embora fosse sempre lembrada. Todos os dias, ele e os porcos rezavam por sua alma, a alma da galinha. Faziam-lhe promessas, pediam a Clotilde que lhes mandasse pelo delivery um frango assado para eles comerem. Não os porcos, claro. Esses queriam um tonel de alface podre.

Instalada na ouvidoria do céu das galinhas, Clotilde ouvia e anotava os pedidos. Ouvia e anotava, mas não podia fazer nada. Fazer era com a fazedoria. E a fazedoria estava em greve há seis meses. Sabe quantas semanas isso dá? Clotilde não sabe. Ela continua a ouvir e a enviar para as instâncias superiores os pedidos vindos da estrada. Coisíssima nenhuma acontece depois disso. A burocracia no céu das galinhas é infernal.

Quando a noite caía (e ela caía de tão alto que, se fosse mais velha, teria quebrado a perna), Antimônio e os porcos se deitavam para dormir, sem temer os leões. Mesmo porque, não havendo feras terríveis conhecidas naquelas bandas, por que diabos eles iam ter medo de leões? Tudo bem, portanto, que Antimônio e os porcos dormissem ao relento, sem ao menos acender uma fogueira. Se esse era o gosto deles, temos de aceitar.

Enquanto isso, os leões seguiam o menino e os porcos. Agora, estavam tão próximos que podiam ver a caravana dos três. Mas, ainda não tinham esquecido o cheiro das pipocas no cinema. Nem o enjoo que o cheiro lhes causara. Tomaram Buscopan em gotas, que é melhor do que em comprimidos. (Acho que o efeito vem mais rápido.) Quando o enjoo passou, era tarde. Antimônio e os porcos já tinham voltado a caminhar na estrada e estavam fora do alcance dos leões.

No dia seguinte, ou seis meses depois, os três caminhantes avistaram um homem mal vestido vindo ao seu encontro. “Sou o oráculo de Delfos”, ele disse, dirigindo-se a Suzano. “Decifra-me ou eu te devoro”, falou. O porco não entendeu. Ele conhecia outra história, na qual o oráculo prevê que Édipo vai matar o pai e dormir com a mãe, a mãe de Édipo, quero dizer. Isso, séculos antes de Segismundo Freud ter ganhado fama difundindo essas mentiras.

“Não teria sido a esfinge de Gizé quem disse decifra-me ou eu te devoro”? Suzano perguntou ao homem mal vestido. O oráculo de Delfos maneou a cabeça, ou seja, disse não. Antimônio apoiou o porco em sua pergunta, com o que se formou uma maioria simples no Parlamento. Nesse instante, a sessão na Câmara dos Deputados foi interrompida pela notícia de que os cuscuz com ovos tinham ficado prontos na cozinha. (Eu nem sabia que alguém estava preparando cuscuz com ovos na cozinha. Na verdade, não há cozinhas naquela estrada.)

Interrompida ela foi, a sessão, mas logo retomada, em meio à maior balbúrdia. Eram tantas assertivas e negativas que ninguém se entendia. Nesse ponto, Suzano interrompeu a conversa, pois os leões tinham chegado e estavam pondo a mesa para comer o outro porco. Antimônio tentou negociar com os felinos. Não houve acordo, mas houve reação e os leões se retraíram. Mas, não foram embora.

À noite, a estrada adormeceu enquanto os cuscuz com ovos cruzavam os ares e o oráculo de Delfos devorava o leão tabelião que tinha acabado de reconhecer a firma de Antimônio Ferreira, menor de idade, mas já crescidinho. Depois do que, cada um tomou o seu caminho: o oráculo foi para o leste, Antimônio e os porcos para o oeste; os leões disseram que iriam para o norte, mas estavam mentindo. A galinha Clotilde ficou onde estava, pois já tinha morrido.

Três anos mais tarde, em meio à maior seca, choveu muito no caminho do menino e dos porcos. Antimônio viu a água subindo, subindo e os peixes chegando, chegando: pirarucus com suas balanças, para mostrar que pesavam 300 quilos; surubins, pescadas, ciobas, cavalas, albacoras, filhotes, atuns ... todos exibindo as etiquetas com os preços tabelados pelo governo; milhões e milhões de águas-vivas mortas; o barquinho vai, a tardinha cai; caranguejos, siris moles, reclamações generalizadas contra a carestia, a água subindo, os peixes chegando. Não era, ainda, o Oceano Atlântico, que Antimônio só conheceria muito depois, mas já era um bocado de água.

Nessa mesma cheia, o menino aprendeu o nado borboleta. Não lhe foi difícil, pois havia tantos peixes naquele rio que Antimônio cruzou-o em tempo recorde, simplesmente se escorando nos pirarucus, nas piraíbas, nos siris moles e nos cogumelos flutuantes. Por sorte sua, milhares de borboletas acompanharam-no desde o alto, incentivando-o a continuar e lhe corrigindo as braçadas, quando ele mudava de estilo e passava a nadar cachorrinho. Quando as águas finalmente baixaram, Tonho achou difícil reencontrar a estrada por onde ele continuaria a seguir seu rumo.

O tempo passou. Agora, Antimônio tem 15 anos. Dezesseis, para ser mais preciso. Tornou-se um rapaz pensativo. Na verdade, desde quando tinha sete anos de idade, ele se perguntava se o mundo todo era só aquilo: ele mesmo, a estrada sem fim, dois porcos, a lembrança da galinha Clotilde, leões querendo comer os porcos, o oráculo de Delfos, a fome, a viagem para onde a estrada o levasse, a sombra das mangueiras cujos donos tinham espingardas. É claro que ele havia visto preás, tatus e formigas, um ou outro cavalo baio, cabras e bodes, o sol escorchante matando-o de calor, a lua, a chuva ... Também imaginava como seria o céu das galinhas. (Antimônio sabia rezar Ave Maria que estás no céu das galinhas.) Mesmo assim, era um mundo pequeno e fácil demais para ser verdadeiro.

Nisso tudo ele pensava, o menino, sem nem saber que estava pensando, quando aconteceu algo muito sério: fui surpreendido por uma mensagem de Esperaldo Grudes avisando que tinha desistido de terminar esta história. “Está uma merda e eu não sei como salvá-la”, ele disse. Fiquei perplexo. Instei-lhe a mudar de ideia, pois, àquela altura, muita gente queria saber como Antimônio terminou as suas idas sem vindas. Eu quero. Dois ou três leitores que a gente encontre por aí também querem. Grudes não cedeu. Ameacei-o, então, de ir à Justiça cobrar meus direitos. E os esquerdos, também. Multa rescisória, 40 por cento do FGTS, aviso prévio, adicional de periculosidade, horas extras, desvio de função, três meses sem ver minha mulher. É batata: ficarei rico.

Quando fez as contas, Esperaldo viu que ia se lascar e completou a história, embora de um jeito mal alinhavado. Arranjou um emprego para Antimônio Ferreira, livrando-o daquela estrada sem fim. E a namorada com quem o ex-menino, talvez, venha um dia ou uma noite a se casar. Obrigou os leões a comerem os porcos, conforme sempre disse que eles fariam. Mandou a galinha Clotilde fazer o concurso para juíza de Direito, na cota dos candidatos mortos de origem avícola. Se ela passar, vai ter um bom salário, acrescido daqueles enfeites todos. Quem sabe, um pouco dessa abundância não sobra para mim, Frigidiano Carlos? Sempre gostei de galinhas.

Cargo e castigo

Daniel Linck

- Ei, defunto, vê se me dá sorte no nosso passeio depois - eu digo, mirando o pedaço de caixão visível no espelho retrovisor. Dou meio sorriso meio honesto meio amarelo meio ríspido. Sorriso três terços. Suspiro, tiro a chave do carro, pauso e reflito alvejando o celular, apoiado no suporte e com GPS aberto. Eu sei o caminho até esse cemitério. Fecho o aplicativo, abro o Tigrinho. - É aqui que você vai me dar sorte, tá? Vai canalizando aí. Te vejo depois.

Céu pobre de nuvens, rico em cinzas. Em vez de motorista de funerária eu deveria ser poeta de Instagram. Nunca escrevi poemas, e se fosse fazê-lo, não me imagino cuspiendo coisas fora do âmbito da depressão. Não que meu trabalho me deixe triste. Não que me deixe feliz, também. Ele paga meus remédios, então por um lado, quase lá..., mas não me vislumbro versando sobre amor. Ou algo espiritual. Dar algo mastigado, que faria sucesso. É, meus poemas inexistentes seriam à moda chiclete, textura mastigue-ou-morra (botar fora?), textura quiçá-engasga-melhor-engolir. O contrassenso seria cuspir. Porque cuspir, na linguagem da minha cabeça-poema, é replicar sem digerir (e ninguém ia querer replicar). Dirigir. Não havia me ocorrido a semelhança.

"Digerindo traumas com a minha direção", "Dirigindo almas com caixão", "Digerindo corpos vazios, dirigindo espíritos em oração". Parece mais stand-up do que poema. Sou tímido, se não faço um quem dirá o outro. Talvez mais debochado que tímido, mas só de fora para dentro. O passe (espírita e futebolístico) vem de fora, a bola vitral-espelho-reflexiva se rebate nas paredes enferrujadas de dentro (caramba, imagina se quebra. Seria séria causa de derrames).

Tem um padre, dois na verdade, e agora também um pastor, que trabalham de passagem aqui na funerária. Não vou com a cara de nenhum deles, mas cumprimento. Eu cumprimento todo mundo, incluindo os mortos. Os meio-período só se despedem. O defunto que ficou lá no carro teve um pedido peculiar, queria ser enterrado com dois caixões, um cheio de si e outro vazio, cheio de metáfora. Quando ajustei os dois no porta-serão-covas, deixei o mais pesado embaixo. De um jeito engraçado, o mais pesado não tinha ninguém, só é feito de madeira mais maciça e possui mais detalhes. Outra coisa engraçada, eu não tenho carro, só dirijo os do patrão. Vavá deixa que eu estacione no pátio de casa, logo

o pessoal do bairro sabe o que eu faço. No plantão dessa madrugada foi a segunda vez que levei alguém da minha rua. Mais um dia de morte em vida, mais uma vida em dia de morte.

Na entrevista de emprego eu só imaginava dirigir, entregaria as outrora-pessoas para o cemitério, onde o corpo simbolicamente desceria ao desconhecido do outro lado, e seria isso. O processo de delivery reversa sequer era suposição. As escalas, os plantões... e a quantidade de entregas por mês - não há vivo que compreenda. Só a prática. Recebo as ligações, vou até o local, com sorte consigo carregar sozinho – é horrível pedir auxílio de algum familiar – os elevo à maca e os embarco, tal qual Caronte e sua canoa, minha direção de remo. Em dias de chuva, interpreto as dificuldades suplementares nesse humor, em odes às esquinas-puro-poças e às ruas-lagos-mar. Torna a vivência, de leve, mais leve, mais cênico-sobrenatural. Noutros dias escuto podcasts.

Dispensável dizer e inevitável apontar: o pensar na própria morte, trabalhando com a dos outros. De início o fiz em excesso, ao ponto de redigir carta de demissão. O patrão me deu folga, pagou janta e me fez um trato: um dia único na semana, para tais reflexões, nos demais agir como o que é, “só meu trabalho”. Quatro meses e além, tanto pela necessidade de salário quanto de suas súplicas na-minha-gaveta-demissões-não-cabem-mais, decidi pela quarta-feira. E por quatro anos mantive, quarta-o-dia-de-pensar. E por quatro anos outros motoristas viam e iam, sem olhar para trás. De certo modo me tornei o motorista com mais experiência, o exemplo mais antigo morreu. Hoje é quarta, porém nesta decidi postergar.

Adquiri isqueiro e hábito por influência da Rosa, a maquiadora.

- Me dá um fogo aí – ela diz quando sai da loja, expediente noturno concluído. São cinco da manhã. Tivemos apenas um morto no plantão, meu pai. – Como cê tá?

- Não vou pensar muito hoje não. Tô de boa.

Seus beijos fazem um bico, seu olhar se levanta duvidando – Então tá.

Fumamos uns minutos em silêncio.

- O trabalho ficou bom viu – ela recomeça. – Acho que eu mandaria bem se fosse minha mãe. Ainda não convenci a coroa, ela teima que não quer nem que seja aqui, seja lá quando acontecer. Diz pra eu ficar quieta se não quem vai me maquiara, ainda viva pra depois ela me matar, sou eu. Enfim. Ficou bom.

- Eu vi, agradeço.

- Uma vibe meio Elvis Presley.

Dou risada, não achei. Ele nunca teve tanto cabelo assim. Um pouco queixudo, pode ser, mas que ideia. Suspiro. Suspenso. É, eu ri, mas agora não gostei do comentário. Inevitável pensar que se eu morresse ela poderia me deixar em uma vibe meio Elvis Presley. E que só

ela ia pensar isso, mais ninguém. E de algum jeito isso era pior. Não nego que ela maquiava bem, só na cabeça ela é meio sem noção.

- Na minha vez me deixa tipo Elton John.

- Quer uma fantasia de Carnaval?

- Pode ser. Menos morto, sei lá.

- Tá – o cigarro termina – vou indo lá. A Jenifer chega daqui um pouco, qualquer coisa.

- Tá tá, bom descanso.

Eu já pensava o seguinte antes de trabalhar aqui, e talvez por isso mesmo trabalho, mas creio que já nascemos dentro de um caixa onde cabe a vida inteira, e nunca saímos dela, apenas somos enterrados (ou queimados) com ela no fim. Eu me reviro dentro de minha caixa quando espelho-reflito essas coisas. O defunto quis duas, insistiu nesse pedido cinco meses depois de observar quão adaptado ao cargo eu me apresentava. Desviou-se de contar a razão. “E a vazia”, ele repetia, “tem de ser mais cara, aproveitar o desconto familiar”. Talvez pretendesse um “papel de mãe a vida toda”. Acho... que não fez papel nenhum. Digo, estou vivo, tive comida, apanhava-mas-não-ao-ponto-de-ainda-reclamar-disso, vez ou outra me comprava algum livro. A gente não conversava, e ele não gostava de ler, só de reclamar de mim e dos outros, mas ele estava lá, não-ausente.

É difícil lembrar dele quando eu era mais novo. Só consigo pensar nos últimos anos, ele aposentado, deitado na cama e obcecado com quaisquer filmes chineses e coreanos de “Cinderela” e “CEO”. Morreu de quebra da bola vitral-espelho-reflexiva, sua televisão ainda acesa, seus olhos abertos ainda desligados. Foi sua esposa atual que telefonou.

Tive madrastas demais. Não possuo memória de mamãe, só fotos e imaginação. Ele nunca falou muito dela, também, só que era uma boa mulher. Meus familiares maternos moravam longe, e os paternos ainda mais. Nasci e fui trazido para cá. Ele era concursado da prefeitura, deve ter namorado e traído “um gabinete de mulheres”. Não tiro da cabeça que ele matou mamãe, de desgosto ou falta de gosto, sei lá. Talvez eu tenha lido romances demais.

Seus ex-colegas me deram os pêsames antes, quando o corpo ainda se expunha no saguão, mais para esposa atual do que para mim. Vavá disse que eu devia tirar o dia, mas eu não quis. “Deixa que ele eu levo”, fez cara de preocupação seguida de “então tá, só não bate o ponto”. Eu bati. O padre falou que ele era uma luz na vida de todos, discordei, me chamou para dizer algumas palavras, preferi não. “O luto é forte demais meu filho, eu entendo. Quem sabe na hora do enterro, irei te perguntar de novo”. A esposa discursou por mim e pelo time de futebol. Reverenciava um outro homem, enunciava rápida e sem pausas, chorou apenas

no final. Noutra vida teria sido prefeita, nesta trabalha com quem ocupa o cargo. Minha saliva ficou amarga, ouvindo tudo. Discerni certa inveja, no gosto, misturada com uma ardência inédita e familiar.

A hora chegava. Ficaríamos recebendo conhecidos dele por mais uma hora, para velarem um porta-retrato tamanho humano, depois teria início a procissão. Fui ao banheiro de clientes, queria me livrar da garganta cuspiendo, e meu estômago embrulhou. Teria de trocar. Abri a porta, olhei-aceso o carro, olhei-desligado os caixões, permanentes em seu lugar, e parti escadas acima, rumo ao banheiro que ontem limpei. Sentei sentindo um romper de tensões, pernas moles e vontade de chorar. Uma vontade medicamentada, torpe e insuficiente, vontade sem força, vontade incapaz. Recostei-me neste trono de desconforto, buscando um alento em minha história, algum remendo de explicação. Não havia, eu não o conhecia, ele era presença e não pessoa, e agora nem pessoa poderia se tornar, só um corpo, corpo e no meu cerne memórias, incertas e ruins, me xingando por interromper sua ligação com minha internet discada, noutra me dando um soco de madrugada após tirar o computador da tomada, gritando para que eu fosse dormir, noutra nós ainda mais novos, eu chorando de saudades quando ele viajou uns meses a trabalho. Eu gostava dele, quando criança. Não entendo como ou sequer sei descrever como era, mas gostava. Minha infância me soa alienígena, o enterro de uma outra criança, não eu. Ele já foi criança também, e pelo que sei, em condições mais agudas às que conheço. Ele não gostava de falar, da infância até gostava, mas no geral. As coisas se resolviam ou botando tudo fora ou escondendo tudo dentro. Às vezes botando tudo para fora para esconder para dentro. Meu telefone corporativo toca, é seu Vavá. “Meu filho, cê tá bem? Onde cê tá?” – meu corpo maldito, digo, meu remédio maldito, me surpreendo ensopado, sôfrego sem fôlego e suado, as sinapses disformes, resfriamento natural descontrolado – Oi seu Vavá, tô bem, tô bem, saindo do banheiro aqui só. “Onde cê guardou o carro?” Hein? De súbito corro porta afora sem norte, levantando calças, perdendo sapatos, desço as escadas em direção àquelas caixas, à minha sorte do dia, ao jogo que mudaria minha vida, àquele Elvis perdido, àquelas epopeias de não-abandono e grosseria.

Zumbido. Inalo as sinfonias próximas, desconhecidos em notas de passado prestando homenagens, às suas fotos e imaginações do que um dia ele foi e não foi. Não há veículo, meu braço segurando o celular treme, respondo e não me escuto, incerto se Vavá ouve algum som – não está aqui. “A chave”, ele diz, “a chave”, eu repito, “tá contigo?”, ela está, “você trancou?”, eu achava, “meu celular”, eu digo, “GPS”, eu explico, “tentar

encontrar”. Subo as escadas por onde vim, pego outras chaves, corro para outro carro e tento enxergar o rastro do defunto meu pai.

Trânsito trancado, gente demais ansiando esvanecer deste segundo neste lugar, tempo fechado, raios lá fora, cinzas-viram-chuvas, ruas-viram-rios, meu lombo dói, meu rosto arde, desequilíbrio vertendo corpo em mais suor. Porque raios eu não tirei o paletó e o chapéu, porque raios meu inconsciente cênico-literai ri e se imagina em filme. A merda estava quase, eu tinha certeza, se Vavá não tivesse ligado eu não ia saber, eu ia me aliviar, eu não demoraria demais. Fecho os olhos, mas não posso, buzina em minha volta, celular corporativo no colo, localização atual cinco minutos na frente, eu não sei dialogar, eu grito, buzino, sirenes, eu acho, polícia, ambulância, socorro, ladrão. Sinais vermelhos prenunciam mau agouro, passo-os crente em sorte despida de azar. Desvairado, digiro um veículo funerário sem caixas, só macas, engolindo cuspes vertentes de meus olhos, lábios mordidos em sangue e revoltas de anos atrás. Talvez para ele eu também tenha sido só um filho, não alguém que ele conheceu. Eu acelero, derreto borracha e o combustível dilacera sinapses mais, faíscas de hotwheels comprados em mercado, beyblades que brigavam, tantos brinquedos e materiais escolares, tanta não-vontade e incompreensão, tanto medo e não-saber. “O senhor já deve ter imaginado, mas eu não gosto só de meninas, eu gosto de meninos também.” O veículo funerário que você procura está a dois minutos de distância. “Não, eu nunca imaginava”. O veículo funerário está a um minuto, ele está na sua frente, ele vai bater, você bate nele, você o ultrapassa, ele desvia, a sirene grita, você treme e olha para trás, uma colisão, o veículo funerário capota e se você não parar também vai capotar.

Você para. Você desliga o carro e sai porta afora, tropeça em pé e joelhos porta adentro, o veículo funerário vai pegar fogo, e com ele seu tigrinho, com ele seu pai defunto e aquele outro caixão. Você nem vê o ladrão. Você nem sabe se ele existe. Uma, duas, uma multidão grita contigo, uniformes pretos flutuantes lhe dão um chute e agarram seus punhos que nunca revidaram, inocentes, culpados e vazios. “O fogo”, apaga, não deixe aquilo continuar. Mais uma morte em vida, mais uma vida em dia de morte. “Tá tudo bem”, seu Vavá vai dizer, “ainda preciso de você, cê ainda vai dirigir”. A esposa dele não é a minha, eu não sei se um dia terei esposa, se algum dia vou ter ou já tive alguém. Ela vai ser entrevistada, hoje e amanhã, até aparecerá naquela ainda viva televisão, e eu não. Ainda bem, eu não queria. Mas é dele que ela vai falar, é o ele dela, e ela, que a memória de quem assistir vai se ater. A manchete de jornal no dia seguinte se imprime sozinha, “veículo funerário é furtado e mata um”. Eu não leio a matéria. Seu Vavá aproveita, do espaço e de mais morte, das páginas e o anúncio lateral à matéria principal, da família do tão breve meio ladrão meio motorista meio

período, da revenda de um caixão-por-ocaso-estava-lá. “Desconto família”, ele garante, dado o acidente e explosão. Algo sempre sobrevive dos destroços, insiste em reaparecer. Uma carcaça ou duas, desocupadas, e uma caixa maciça em detalhes, lotada de metáfora, ornada em cinzas-pó-do-sol.

Cheiro de leoa

Pedro Biondi

Esta manhã as zebras do meu quintal me pareceram outras. Maiores? Mais nítidas? Outras as mesmas, sem sombra ou listra de dúvida; ainda que a mais nova – digo, a que se afigura de mais nova – risse um riso um pouco diverso do habitual. A um bom conhecedor de zebras não seria preciso narrar que elas se deixaram vir ao dia no ritual de sempre, eterno até que os ossos desistam de cumpri-lo ou que mandíbula e maxilar (torno) de alguma morte felina decidam em contrário: (depois de desgrudar cabeça-e-corpo) abriram os olhos de burros, riram entre si uns zurros de asno, com muitos dentes amarelos; consertaram-se, as patas fincando paliçadas, soerguendo os restos da noite que elas não deixaram terminar de dormir e os raios do dia que não deixaram terminar de acordar, no seu afã de ruminantes – e herbívoras, e pastadoras.

A mais atirada, como em outras oportunidades – e depois de saciar a sede de pé, com a cabeça diagonalmente dirigida à água e o olhar oblíquo bebendo qualquer sobressalto na paisagem –, correu um meio-trote próprio seu e veio rir um riso de gengivas no retrovisor do automóvel submisso (ou conformado?) à poeira. Zebras riem muito, desculpem a repetição do termo; mas é riso mesmo riso, e não gargalho ou ascensão inteligente dos cantos da boca, como a dos ingleses; e riem com diferentes intensidades e por diferentes motivos, mas creio que não com gosto como pode o homem, ou um grande felino, ou um símio que se diverte à custa de outros entes. Simplesmente riem quando a boca o manda, ai, cartesianamente coloridas de zeros e uns. Código de barras – diferentiguais. Quando mais alegres, um impulso estúpido lhes faz torcer a cabeça cavala, estremecer num leve frenesi de diversão. Eventualmente, esses momentos de frívolo e fugaz alegrismo não lhes oferecem alternativa que não, depois de uma breve cavalgada e parelha, morder o quarto traseiro da vizinha; energia que nem sempre é compartilhada – nós sabemos que nem sempre se compartilha. Às vezes a resposta é casco.

O ver-se no espelho faz os possíveis rodamoinhos na cuca dela, que recua a cara, depois volta uma posição e encara de novo, tentando morder o espelho, numa mordida meio boquitorta. Talvez lhe incomode a ideia de estar duas, ou duas vezes, no mesmo mundo; possivelmente, sem a devida conversão entre virtual e real, lhe azucrina enxergar-se assim tão – tão só boca e dentes, desproporcionados (quanto mais ela investiga, quanto mais se aproxima, mais a figura vira dentes, ou lábios pretos acinzentados, ou, no limite, um triângulo

de base larga, que afunila para trás o corpo que imaginava ter semelhante aos das parceiras). Talvez lhe encasquete que deve triturar, com seus molares duros e fortes, treinados e pacientes, mó tão ritmada, aquela boca rival desconhecida que ora se lhe apresenta, inodora e moradora daquele quadrado feiticeiro. Enfim: zebras!

Talvez lhe confunda o bafo que bota neblina naquela nova paisagem, particular sua; talvez o orvalho do bafo em si lhe irrite, tirando-lhe o direito ao prazer de se flagrar e medir, ou botando névoas no seu exercício de inteligência; talvez a ponha para jantar com a frustração, em talheres e pratos por esta escolhidos, pois não devemos nos aproximar demais de nossos sonhos: na melhor e mais improvável das hipóteses eles deixam de ser sonhos; não nos devemos olhar mui perto, já que abraçando a nós mesmos sentiremos que não somos normais: a homeotermia não obedece ao retrato que lhe rendeu a ciência, e temos espinhas e pêlos, mesmo aquela moça mais cara dos desfiles deve ter pêlos e cheiros, quando e se puder voltar para casa. A frustração existe, você sabe. Seus cascos são as nuvens desfeitas.

No mais próximo que conseguir chegar do espelho, mais frustrada ela deve ficar ao ser vencida por um borrito; mais rápido vai reinvestir, e mais raiva verá fotografada no reflexo. E assim e assim.

Prenderam tudo lá fora? Em nossa volta, invariavelmente, aquele cheiro – fétido, almiscarado, roto, ácido e um tanto doce, palpável, pegajoso, progressivamente cheiro: cheiro de leoa. Ou de onça, tanto faz; mas para combinar com zebra, creio, há de ser de leoa. Cheiro que eu já conhecia há tempos e que imaginava ser somente de leoa triste, daquelas majestades prostradas de jardim zoológico, decadesdentadas, aleijadas de mundo e que tudo o que lhes restou é zanzar entre quatro não e imaginar como seria papar aqueles ricardinhos chatos que lhes jogam balas e lhes chamam de lão. Leoa vinda, leoa ida: planos presidiários!

Neste tempo que tenho passado dentro do carro essa foi uma das descobertas. A de que o tal fedor acompanha indistintamente lêas presas e soltas, embora certamente para as cativas ele obrigue um amargo sabor de derrota. A diferença da nobreza não é o não ter de conviver com seus próprios cocôs? Até prova em contrário, rainha não defeca. As livres usam esse xixi como arma química, ou psicológica. Muitas vezes, sei de imaginação, elas se sarcasmam de longe só observando quão nervosas as zebras ficam de receber tais odores no vento: Estátuas de predadora espreitam. Estátuas de predadora se movem.

Leoa na natureza é maldade bem rida, diferente daquela brabeza seca, aquela raiva com mandíbula pendida que se vê em jaula. Falam de tudo, sentadas; são sérias só da fome pra frente, seja fome sua ou de seus bezerros leõezinhos, seus bezerrõezinhos de egoísmo menino entalhado em fofura. Ixe, leas – o senso de humor, senso de desamor, faísca em

seus olhos tão amarelos, e a gente sabe que humor bonzinho é humor de paróquia: humor de zebra.

As zebras, imagino, lidam com piadas sobre cores de capim, abraçando todo chá de amenidades.

Precisa ver quando a brisa traz notícia de predadoras. Zebras e sarbez se levantam e (arbez e zebra, oposto e avesso, mútuos negativos, ninguém sabe dizer o certo e o inverso, e são indissociáveis mas imiscíveis, branco-e-preto e nunca cinza; mas quando acreditam em leoas por perto, entram em um colapsismo tal que se desinvertem, se confundem, chega se trançam e se tropeçam). Destino de zebra é esse, e acredito não ser diferente com as gazelas ou até com aqueles bichinhos, os da pág. 286, que anotei roendo arbustos perto do carro ontem. Sempre terão como leitmotiv uns grandes olhos por perto, quase sempre virtuais mas vez ou outra palpáveis, e sua vida não foge disso. Aliás, sua vida é fugir disso. Fingir-se paisagem, o melhor que estampa, frieza e bons ventos lhes permitirem, e sobreviver cercadas por e fugindo do alcance de. Ao passo que leoas e onças sobrevivem sobre: sobre gazelas, sobre zebras, gnus, pacas, cutias (e, no caso das primeiras, carregando leões e futuros leões nas costas). Seu futuro nasce e se sustenta do não-futuro de outros e nisso resulta – mas isto são as coisas, qualquer um sabe.

(já que é disso que o povo gosta, a câmera vai:) Estátuas de predadora espreitam/Estátuas de predadora ganham vida (tambores). O trote das leoas é outra história. Já viu uma pintada de sangue, urucum ruim? No fundo, no fundo, aliás, o termo “trote” não cabe, porque o meio-correr delas é desprovido de consoantes – dois tês e um erre pontudo o ofenderiam. O chão é lançado para trás numa semicorrída cheia de ombros de almofada, em que a fundista engana o barulho, caça o erro alheio e cerca o seu. Algumas dezenas de metros e a leoa

Joga um novo parágrafo

E outro

E outro, caso mal inventado aquele. Daí, consequência natural, uma disparada sem vírgulas em que cada vez mais perto aqueles irritantes seres assustadiços e parrudos vestidos de sim e não e recheados de vermelho-vida brilham numa nuvem de pontos de exclamação mergulham num galope sem vogais estufado de poeira e tudo termina no ponto final do silêncio. Any questions? Não, a não ser, talvez, ¿Foi a Maricota?. Se há reticências, hão de ser a vida, que teima em toda a cercania, olhos e corações arregalados cabendo de volta, espanto tendendo a conformismo...

Eu? Não sei, sinceramente, há quanto estou aqui, trancafiado carrafado – o automóvel listrado como uma zebra quadrada preso incorporado ao chão por falta de combustível e de ajuda. Sinto-me um quagga – será que a jogada é me verem extinguir para, num futuro próximo, testar cruzamentos entre todas as espécies do catálogo até fabricar outro bicho igual? Sei que fico por aqui assim, sem sair, mascando as horas. Ouço um pouco de rádio, costuro um pouco de tempo, crio a Família Camundongo no cabelo, quando não durmo estou acordado. Leio um pouco e um pouco mais do “Fauna”, por sorte que quando me lancei nesta empreitada uma lampadinha me brilhou de escolher justo o volume que serve de baú ao Velho Continente. Sim, a África mãe de gazelas e ímpalas, chacais e hienas, abutres e suricatas, mambas e gerenuques, facóqueros e babirussas, leoas e leões, leoas e sua onipresença, zebras e sarbez, zebras e seus medos. A África contadora de histórias, dos lagos incrustados de ciclídeos multicolores.

O sol se deposita como moeda, desce como o biscoito mais brilhante no café com leite mais seco e amplo possível. E enquanto ele abre o chão, sedento por afogar sua cama de magma, os cansaços em volta começam a acordar. Dentro das zebras, o contraste vai desaparecer até não restar listra, provando que no fim da tarde todos somos um vulto de nós mesmos. Fim do ato Dia, passagem para o ato Noite. Antítese busca no cabide seu chapéu e seu paletó riscados para sair de cena, não sem antes tirar o chapéu para dar boas-vindas à comadre Metáfora, que balança, testando, a cadeira e aceita, sim, um cafezinho enquanto assiste à troca do cenário. Não digo amigas, mas cordiáveis – natureza, cada qual no seu nicho. Ando pensando que o dia é de isto é não mais que isto, uma máquina de escrever martela e crava as letras na alvura do papel, o dia tem mania de presente pretendendo a futuros (... e pode virar isto). E que a noite é do enxergar pelo cheiro, isto será mesmo o que farejo?, atravessar a cortina de palavras com infravermelho. Hieroglífica e, como traduziu Pessoa, antiquíssima... Ancestral... destineira...

À noite, ditado corrigido, todos os gatos são gravetos quebrando cada vez mais perto. E todos os estalidos de graveto são gatos-monstros, em negaça. Não há sonho ou dinheiro que valha um ouvido esperto antes do bote último!

A noite desliga a televisão e liga o rádio do medo. O sol só emergirá, amolecido, entre o polegar e o indicador da manhã seguinte, se esta realmente existir.

Ah, noite. Manhã seguinte, meu amigo, é o tipo da coisa que não nasce para todos.

O olhar... Pode não parecer possível, mas elas me olham de uma maneira ao mesmo tempo lasciva e ridicularizadora – umas esfinges. Existem coisas que não existem até que nos deparemos com elas...

Leoas e seus outros cheiros, perfume bom de leoa... Poderia escolhê-las noite após noite, um harém de beges calores? Ainda não concluí se o prazer de morder a nuca de uma destas minhas gárgulas compensaria o possível ridículo posterior. Aqueles que já perceberam nos leões falsos reis – ou verdadeiríssimos, se aceitarmos a tese revisionista de que todos os reis são falsos – sabem que zebras não são tão más assim. Uma manhã a mais, uma zebra a menos na manada...?

Também não é de todo mau prosseguir mais um tempo aqui no Toyota quebrado, transformado numa banheira já quase transbordante pelos olhos de ouro e sons crepusculares que pingam do em-redor. A savana é um crepúsculo. E, como já assinalou um mestre da escrita, a savana é o mundo...

Corre-corre

Davi Capelatto

– Quem escolhe a espoleta deixa a letra.

Perdi a hora, não adiantou a mãe chamar às sete, como faz dia-sim e dia-sim, até no domingo, único em que ela não faxina em casa de família. “Estuda que a vida muda”. Será mesmo, mãe? Hoje não vou à escola – mas a mãe não sabe disso. Já saiu de casa, nem percebi, deve estar subindo no ônibus a caminho de Santana – terça-feira é no apartamento do seu Caio, separado. E eu no corre-corre. Não comi o pão de forma gelado com margarina, nem esquentei o bule com café. Estuda ou deixa a letra? Dois desmentidos – a vida é um baita desacordo mesmo. Com a mochila nas costas para disfarçar, subi até o quarteirão de trás onde o Bola me esperava no Corsa que parece táxi, provavelmente com placa fria.

– Quer me ferrar, moleque?

– Só cinco minutos, Bola, vá à merda – não convém amarelar.

Ele arrancou em silêncio. Nunca me avisam qual o ponto de trabalho; só sei que é em bairro de bacana, Jardins, Higienópolis, Pacaembu, Itaim Bibi. Seja onde for, a pernada desde a Brasilândia é longa. Durante o trajeto, o Bola para o carro duas vezes para dois da corriola do Nicão embarcarem, o que me obriga a pular para o banco de trás. A mãe na condução lotada a essa hora, e eu aqui com chofer. Embora eu goste de pensar que tenho chofer, sou café pequeno. Não sei nem os apelidos dos mão-armadas que agora dividem o carro comigo, eles mudam todo dia. É provável que esses desconhecimentos sejam ordem de Nicão, para não criar amizades, panelinhas, essas coisas. Ou eu é que sou novo na parada. O Bola é sempre o mesmo, e ele só abre a boca para dar instruções rápidas ou encher o saco de quem se atrasa. Como se o crime exigisse hora marcada... “Zinho, de onde vem esse apelido, menino?”. Da quadra, mãe. Não era mentira *mentira*... Melhor a mãe não descobrir a verdade *verdade*, que eu era o novo escalador do Nicão. Não, de jeito nenhum. Estuda que a vida muda é conselho. Deixa a letra é ameaça.

– Pega o teu material – e, controlando a direção com a mão esquerda, Bola estica a direita com um saco plástico cinza de mercado usado.

Eu segurei o pacote sem falar nada, abri, rasguei a embalagem dos chicletes e fui logo tascando um na boca. Daqui a pouco meto o segundo, a mandíbula não vai demorar a doer. Enfiei os panfletos, o boné e a camiseta na mochila e atirei a sacola no assoalho do carro. O Bola percebeu e bronqueou:

– Recolhe.

A mãe anda desconfiada. “Como foi a aula hoje?”. “O de sempre, mãe”. Baiana esperta, se descobrir, me ferro. “O de sempre” também não era mentira *mentira*. Aconteceu na quadra, eu tinha saído da aula mais cedo, matando a de matemática. Ninguém procurou ninguém: meu time perdeu, eu esperando para voltar ao jogo, ali, de bobeira, e o Nicão numa mesa bravateando. Fui atrás de água, passei perto, ele me viu e falou: “Você dribla bem, arisco, quer ser meu escalador?”. Na hora não entendi, quem escala é técnico e nas quadras da Brasa não existem essas finezas. Porém, me aproximei, todo mundo respeita o Nicão. Se a mãe estivesse na quadra, teria mandado ficar longe dele. Contudo, ela não estava. Com voz rouca de chefe de bandido perguntou nome, idade, tempo no bairro, como entrevista de emprego. Mas tenho certeza de que o Nicão ficou atizado mesmo com a resposta “não tenho” à pergunta “quem é teu pai?”. “Sua mãe, o que faz?” “Diarista”. “Ela liga para estudo?” Liga, liga muito – para o Nicão não dava para mentir. Daí ele me explicou o que era escalar. Baita corre-corre, dia-sim dia-não, bem cedo, o responsável pelo bonde é o Bola aqui, ó. Se a mãe estivesse por perto, me daria uns sopapos, fácil. Escolhi a espoleta.

Sempre um semáforo novo num bairro diferente, seria muita bandeira repetir, até “polícia” raciocina. O Bola parou e eu saltei do carro com o material de trabalho. Já sabia o que ele ia dizer. E ele disse:

– Espere dez minutos.

8h24min. Agora deve estar acabando a aula de português, gosto de português, a professora Marília é legal, mandou ler policiais brasileiros. Quem mora na Brasilândia não consegue torcer pelos “polícia”. Deixo a mochila no pé de um poste, visto a camiseta laranja, coloco o boné com o nome da construtora e meto mais uma goma na boca. Esse trabalho vai arrebentar com meus dentes. Neste horário a mãe deve ter terminado de lavar a louça do patrão; talvez tenha começado a dar um trato na cozinha. Analiso a rua, três faixas de carros, mão única, movimentada, buzinas de motocas, é assim mesmo, todo dia é corre-corre. Sou driblador para caramba, por isso o Nicão me chamou. Anos atrás eu sonhava em jogar bola, viver disso, comprar carro, casa e pagar convênio para mãe. Na época eu a acompanhava, aos sábados, nas casas de família. Ela nem imagina que eu comecei a trabalhar. Estudar? Que nada... Com minha nova atividade vou comprar carro, casa e pagar convênio. O sinal fica vermelho e eu conto: vinte e cinco segundos. Muito rápido, que merda, hoje o Bola me fodeu...

8h27min, a professora Marília vai encerrar a aula em minutos – é gostoso o intervalinho entre uma aula e outra, sei lá, os alunos conversam, sozinhos na sala, a gente

parece adulto. Só que adulto mesmo começa a “trampar” cedo. Como eu. A mãe já acabou de lavar a cozinha, deve estar colocando as roupas na máquina; depois do almoço ela pendura tudo no varal da área de serviço. Com meu trabalho quero carro, convênio e casa com área de serviço. Seguro os panfletos, anúncios de prédios, de lojas, de dentistas, qualquer porcaria serve como isca. Dois ou três quarteirões adiante, para cima ou para baixo, os carros que escolhi – ou melhor, os seus motoristas – vão receber berro na cara e ameaça de morte. E assim perder carteira, celular, relógio. Se não perderem a vida – já aconteceu antes, ouvi dizer. Não gosto de pipoco. Por isso tento escolher o coió com mais cara de coió possível, que pareça não ter essas ousadias de reagir. Mas isso é coisa minha, para ajudar a vítima, ninguém orientou.

8h31min, já dá para começar, foda-se o Bola, ele não manda em mim. Se a janela abrir, ótimo, não é blindado. Então reparo se tem celular no painel. O ideal é escalar quem deixa celular-relógio-carteira-bolsa à disposição, para a colheita ser mais profícua. Aprendi essa palavra nos policiais que a professora Marília sugeriu. Porém – e essa orientação veio diretamente do Nicão –, só o celular já basta. A bolsa e a carteira quase sempre vêm a reboque, explicou. Dizem que mulher reage menos, sei lá, pode ser, mas já percebi que mulheres abrem menos a janela do que homens, mais cuidadosas, esse papo de que a cidade anda violenta e tal. Lataria? De preferência, preta, em carro claro às vezes a goma some. É no corre-corre, mano; vinte e cinco segundos para escalar dois carros?! “No mínimo dois”, outra ordem direta do Nicão. Ele havia explicado tudo naquele dia, na quadra. “Se os carros fizerem o mesmo trajeto, os de mão-armada abordam dois carros ao mesmo tempo, daí é mais fácil a fuga. Colheita profícua.

Todo carro roubado tem chiclete colado na lataria?! Um dia a polícia descobre... Até eu, que sempre matei aula, uma hora daria reparo nisso. Mas os caras não olham direito. Um dia a minha mãe descobre, faltando na aula dia-sim e dia-não.

Primeira rodada: não escalo nenhum. Segunda: também não. Vinte e cinco segundos. As pessoas estão ariscas, não abrem as janelas para panfleteiro de araque, tremenda falta de educação. Este farol de merda abre rápido, mandíbula começa a incomodar. Sou driblador, só no aquecimento, começo a sacar o cruzamento. Como tem motoca por aqui! Terceira rodada: um cara de uns cinquenta anos num sedã preto abre a janela, relógio no pulso e celular no painel, pega o panfleto e ainda agradece. Trouxa. Goma na lata, discretamente. Desvio de uma motoca, pulo para o carro de trás, corre-corre, mulher com janela aberta, é raro, bolsa no passageiro, súvi cinza-escuro, belezinha, belezinha, o farol abre em cinco segundos: panfleto para a mocinha e goma na lata.

Volto para a esquina buscar chicletes, tem dia em que mordo mais de trinta, com força, com pressa, com dor na boca. Aqui do meu lado da calçada é bem melhor, no meio da rua tem motoquinha demais. A essa hora a mãe já deve ter passado para os quartos, primeiro varre o chão, depois passa pano úmido sem produto para não manchar o taco. O seu Caio não arruma a cama, folgado demais. Agora é hora da aula de geografia – detesto. Vou pegando o jeito desse ponto, o sol mais forte, a atividade, fluindo; motocas e buzinas, panfletos e janelas, bom dia e goma na lata. Sem correria, nada feito. Sou driblador.

O chiclete vai acabar; a mandíbula dói dos dois lados. A atividade dura duas horas, duas horas e meia, ninguém me avisa, horário do rush e de rodízio. Cinquenta pila por dia, foi o que o Nicão prometeu, mas até hoje não vi a cor do dinheiro. Final do mês está logo aí. Vai dar uns quatrocentos contos. E na escola, posso repetir por falta. Já sei, vou passar para o noturno. A mãe não vai aceitar, vou ter que inventar alguma coisa...

Opá! Três escuros enfileirados, o da frente com a janela aberta, pena ser na última faixa. Vinte e cinco segundos, piso na rua, vou driblando na correria, atravesso a primeira fila e alcanço a segunda, a mandíbula me matando, vinte segundos para marcar pelo menos dois carros, quase lá, quase lá...

Se a mãe estivesse por ali, no cruzamento, teria me visto ziguezagueando entre os carros. Poderia se perguntar: o que Arturzinho fazia ali? Que história é essa de panfletos?! Certamente teria visto a mochila, que deveria estar, como eu, na escola pública da Brasilândia, descansando ao pé do poste na esquina. E a mãe não teria tido nem tempo de me dar nenhuma bronca, pois teria visto – baiana esperta que é – a chegada da motoca, teria ouvido a buzina, ao mesmo tempo em que eu, desatento, esticava o braço na tentativa de entregar um folheto para o motorista de um carro preto. Com certeza escutaria o estalido forte e seco do choque entre o pneu da motocicleta e a carne magra de minhas pernas dribladoras. E talvez não conseguisse contar quantas voltas rodei no asfalto antes de, finalmente, perceber que puseram um freio naquele corre-corre.

Mas a mãe, naquele momento, passava aspirador de pó no tapete da sala do seu Caio.

Duas mães

Renato Moura

Vinda da Patagônia, a frente fria gela Buenos Aires. Numa mesa discreta, quase no fundo do salão principal da animada cafeteria, María de las Mercedes pouco se importa com a algazarra dos que comemoram a vitória da seleção argentina. Não tem ideia de quem foi derrotado. Seu marido Raúl, amante do futebol, certamente sabe. Mas ele está em casa, bem aquecido. Alheia aos festejos, bebe por beber o último gole do seu café com creme e acena em seguida para o garçom. O que mais quer é pagar a conta, sair logo dali, já sente fastio dos risos, dos brindes, das conversas picadas que não consegue deixar de ouvir.

O garçom demora um pouco a atendê-la. Quando se aproxima, olha para sua blusa de seda branca e pergunta se pode lhe trazer um guardanapo, água quente e um pouco de bicarbonato para limpar os respingos de café. María agradece, mas dispensa a gentileza. Sorri sem jeito porque não tinha visto as pequeninas manchas escuras, tão reais quanto as duas primeiras horas de sexta-feira que seu relógio de ouro rosa teima em acusar. Já é tarde e Raúl deve estar morto de preocupação. Ela mantém sempre o celular desligado quando sai, há duas décadas tem a imperiosa necessidade de se esquecer do mundo. E, a exemplo dos anteriores, o ano corrente não corre, se arrasta.

Cortantes como lâminas afiadas, as rajadas do vento do final de agosto deixam as ruas desertas. Mal sai da cafeteria, María calça as luvas e trança o cachecol em volta do pescoço. Enquanto espera pelo táxi, presta atenção a dois rapazes. Um deles, magro e alto, tem olhos claros. O outro, mais baixo, o ajuda a colar cartazes nos postes. As palavras de ordem em letras vermelhas, velhas conhecidas, logo mexem com ela, mas o jovem de olhos claros a inquieta bem mais, é muito parecido com Arturo. Não fosse a insistência do calendário em lhe dizer que já se passaram vinte anos, poderia ser ele em carne e osso. Perturbada, atrapalha-se ao tirar a carteira da bolsa. Quando o rapaz, um pouco hesitante, pega o dinheiro que jamais imaginaria ganhar de alguém naquela noite, ela lhe diz para comprar uma jaqueta nova. Em seguida, enfia-se no táxi recém-chegado.

...

Mercedes Maria despeja lentamente o resto do café frio numa caneca de plástico. Por que apressaria o movimento? Para apressar o fim da angústia? Não conseguiria. Com a caneca

suspensa no ar, prega os olhos no fogão, tão carente de limpeza quanto a geladeira sobre a qual descansa uma cesta de vime vazia. Por vários dias, pedaços de pão ficaram ali, endureceram e alimentaram as formigas até irem para o lixo. Quando os jogou fora? Já não se lembra, tampouco faz questão de se lembrar. Mais cedo, apesar do blecaute que lançou boa parte da avenida da praia no mais profundo dos breus, deixou a janta da patroa pronta e a cozinha dela impecável. Pecou, porém, não faz um minuto, quando engasgou e cuspiu o café, que imediatamente tingiu sua blusa de malha branca com nódoas enormes. Deu de ombros. Era um demônio insignificante frente ao outro que às duas da manhã não lhe dá sossego.

A madrugada fria de agosto desaba em silêncio sobre o morro. Quase sem vontade, Mercedes pega o jornal que trouxe da casa da patroa e pôs com displicência em cima da pequena mesa da cozinha. Sua intenção era lê-lo no ônibus, durante o trajeto de volta. Não o fez, a conversa entre duas mães que falavam animadamente dos projetos dos filhos lhe roubou toda a atenção.

Como destaque de primeira página, o jornal traz uma matéria sobre a escola cujo samba enredo do próximo carnaval faz menção ao morro onde Mercedes mora. Isso, porém, não desperta o interesse dela, que prefere ler outra notícia. Não sabe onde fica a Bósnia nem por que houve massacres por lá, mas uma palavra estranha ao seu dia a dia a deixa curiosa. Quando Artur voltar, perguntará a ele o que étnico quer dizer. Massacre, pensa, houve também no seu morro justamente no dia em que Artur desapareceu. Logo no começo da manhã sairá de casa para fazer mais um penoso reconhecimento de corpos. Por certo e por Deus, não reconhecerá o do filho. Cheio de vida como é, Artur há de aparecer, Deus Grande vai trazê-lo de volta. Mas quando? Quando? Quando? — pergunta-se aflita. Livra-se do jornal e fica de pé, as pernas trêmulas. Ao ensaiar alguns passos, pisa em falso e cai. Ergue-se, nada lhe aconteceu, os efeitos do tombo não são nada comparados à dor que o desaparecimento de Artur lhe causa.

...

O segundo domingo de agosto amanhece absurdamente cinzento. Isso foi previsto, o Serviço de Meteorologia informou que a frente fria seria uma das piores dos últimos anos. Que seja, María pouco se importa com os rigores do clima. Mas como se importa com gente inoportuna, desligou os telefones. Alguém poderia chamá-la para almoçar fora, o que não passa pela sua cabeça fazer. Bons vinhos, carnes nobres, sobremesas faustosas há muito não

lhe enchem os olhos. Há muito não tem apetite, as duas maçãs que come diariamente bastam para que se mantenha de pé. Os domingos cinzentos de agosto a angustiam. Num deles, ainda fresco em sua memória, Arturo desapareceu. Em rede nacional de Rádio e TV, três homens fardados juraram que os desaparecidos não tinham sido mortos nem presos pelas forças de segurança. Por certo, haviam fugido do país com dinheiro roubado dos bancos. Falaram a verdade? Ela não podia saber, mas rogou muito a Deus para que o filho reaparecesse, não suportava mais o flagelo da espera.

Às duas da tarde começa a chover. Chuva fina, não vai prejudicar a manifestação na *Plaza de Mayo*, pensa María. Estática sob o caramanchão do jardim, precisa se apressar se quiser rever o rapaz de olhos claros. Como ele teria gasto o dinheiro ganho de surpresa? Arturo não o gastaria com qualquer besteira, só que o rapaz não é Arturo, é um estranho, um impostor, um sósia, um clone. Mesmo assim, precisa revê-lo. Não acha razão que explique, mas a premência incontável de falar outra vez com ele domina seus pensamentos.

Deixa o jardim e atravessa o amplo salão da casa. Os cristais, as pratarias, as esculturas de mármore, o piano de cauda, os móveis e os quadros novamente lhe pedem para não dar atenção a Raúl, que mais cedo voltou a dizer o quanto seria bom mudar a decoração da casa. Vai atendê-los, não quer mudar absolutamente nada, do maior ao menor objeto tudo ali guarda a essência de Arturo. Se Raúl não tem essa percepção, problema dele, ela não pode apagar o inapagável. Pega então a bolsa, avisa ao marido que vai à *Plaza de Mayo* e sai de casa.

Ao chegar ao destino, depara-se com o palanque abarrotado de microfones e de caixas de som. Isolada por barreiras, a Casa Rosada parece alheia ao que acontece. Pode se dar a esse luxo, tem uma história que vem de longe, da época em que no seu lugar havia uma fortaleza espanhola, demolida tempos depois para dar lugar à construção que abrigaria a Alfândega. A mando de um presidente, esta foi pintada com cor semelhante ao rosa em fins do século XIX. Após passar por várias reformas, hoje se acha um pouco maltratada, mas não deixou de ser uma testemunha silenciosa das vidas daqueles que a ocuparam. María se lembra então de Evita Perón. Imagina-a correndo por trigais e pastos imensos, pés descalços, vestidinho surrado, olhos sequiosos por aventuras e descobertas. Evita... Sonhou ser uma mulher de prestígio, e foi. Carismática, deslumbrava o povo com feitiços de fada e encantos de bruxa. Evita... Tantas vezes discursou para essa mesma praça apinhada de gente. Eterna lenda, eterna fonte de lágrimas que nenhum lenço é capaz de secar. María fecha os olhos por um instante. Não se inclui entre os órfãos de Evita, mas como eles tem lágrimas insecáveis,

lágrimas de mãe que jamais deixará de chorar a perda do único filho. Sempre diz isso a Raúl, que sempre lhe responde com um ruidoso silêncio.

Súbito, algo lhe toca o rosto. Ao lado, um rapaz nada parecido com o sócia de Arturo agita freneticamente a bandeira de uma central sindical. María começa então a esquadriñar a praça com olhos de detetive. Se localizar quem deseja, o que fará desta vez? Dará mais dinheiro a ele? Para comprar o quê? Botas novas seriam muito úteis aos seus intermináveis périplos de militância. Talvez lhe diga isso ou outra coisa qualquer, tanto faz, mas admite que as chances de o ver são irrisórias. Mesmo assim, só sairá dali quando já não puder diferenciar face alguma na multidão que soca o ar com punhos aguerridos.

...

O Morro em que Mercedes mora parece um labirinto a céu aberto, tanto que até alguns dos seus moradores passam apuros para encontrar certos lugares. Ela, porém, conhece todos os caminhos e nenhum a assusta. Toma o mais curto, também o mais perigoso, e com passos céleres vai em direção à Praça de Maio, não suporta mais o vazio com que a tarde chuvosa de domingo lhe enche o peito. Faz isso porque Artur se escondeu por lá quando era criança, depois de levar uma surra de Serapião, seu padrasto na época. Homem de pouquíssimos afetos, Serapião fazia trabalhos de pedreiro quando lhe davam serviço, o que era raro. Bebia muito, e o pouco que ganhava gastava com a bebida. Mercedes o conheceu num baile da comunidade. Ao se dar conta, já o tinha como marido. Certa manhã, olhos açodados por uma vermelhidão intensa, Serapião deu falta das moedas que deixara ao pé da imagem de São Jorge. Culpou, então, o enteado pelo sumiço delas e o surrou com um cinto de couro. Artur fugiu de casa, e Mercedes teve dias horríveis. Quando encontrar o filho lhe parecia impossível, achou-o, sujo e morto de fome, no coreto da Praça de Maio. O encontro feliz foi há dez anos, mas ela acredita que poderia se repetir neste domingo se fosse da vontade de Deus Grande.

Lixo demais no chão, limpeza de menos nos bueiros, a Praça de Maio é refém do próprio fedor. Balanços comidos pela ferrugem, vaivéns quebrados, gangorras emperradas revelam também o quanto tudo ali se acha em estado de completo abandono. Com o nariz tapado, Mercedes circula pelo velho coreto. Apesar de boa parte da estrutura ter se deteriorado, ainda serve de palco para políticos ou para pregadores de alguma fé. Não, Deus Grande não quis que Artur voltasse a se esconder ali, admite ela com profunda tristeza. Sujo

e morto de fome, apenas um cachorro manco a observa. Então, alma tomada pela aridez dos desertos, retoma lentamente o caminho de casa.

...

Ao deixar a *Plaza de Mayo*, María é só desalento. Não ter reencontrado o rapaz de olhos claros foi como bater com a cabeça na quina de um móvel pesado. Sente, por assim dizer, a dor maiúscula que Arturo sentiu quando enfiou a testa num dos pés do piano de cauda.

Chega a casa com a cara mais fechada do que quando saiu. Sem tirar os olhos da TV, Raúl lhe pergunta sobre a manifestação. Por vezes, a tranquilidade dele a irrita. Finge que não o escuta, nada tem para lhe responder, nada viu senão espectros difusos, nada ouviu senão o que já esperava ouvir. O verdadeiro motivo de ter ido à *Plaza de Mayo* não quer revelar, é coisa muito sua, Raúl não iria entender. Vai então até o antigo quarto de Arturo, intocado desde o desaparecimento dele. Antes de abrir a porta, detém-se diante da foto esmaecida de Perón e Isabelita. Olhar altivo, cortante como os ventos do sul da Patagônia, Perón sempre teve o apoio de Raúl; o seu, raramente, pouca importância dava ao que o presidente fazia ou deixava de fazer. Foi uma figura marcante, admite, mas, tal como a morte de Evita, a dele não lhe causou qualquer comoção. Tampouco a queda de Isabelita.

Já no quarto, pega um dos livros da escrivaninha cheia de papéis amarelados. É um atlas de anatomia, que abre ao acaso. Em cores ainda não devoradas pelo tempo, um retrato de Vesalius a deixa com as mãos trêmulas. Não pela fisionomia austera, mas pela nota que o acompanha: “maior anatomista da Renascença, tornou-se célebre porque fez...”.

María põe o atlas no mesmo lugar e começa a folhear um volumoso compêndio de bioquímica. Anotações a lápis no capítulo sobre a origem da vida chamam sua atenção. Pouco as entende, mas pergunta-se por que a ciência se preocupa tanto em desvendar mistérios que somente a Deus cabe conhecer. Para se assemelhar a Ele, responde sem mover os lábios. Tem certeza de que Arturo seria um médico como poucos. Seria, mas lhe tiraram a vida antes que terminasse o curso. O ar lhe falta. Tenta respirar melhor, não consegue, a tristeza a comprime e a faz soltar pesadamente o livro sobre a escrivaninha. A cabeça ainda lhe dói. Aperta-a entre as mãos, quer esmagar a dor antes que a dor a esmague. Inútil, a dor se espalha por todo o crânio, que lateja demais. Ao mirar as fotos das paredes, tem a impressão de que Marx sabia o que é sentir uma dor infinita.

Entregue ao que não pode e nem quer esquecer, segura com força o crucifixo de ouro branco que não lhe sai do pescoço, a cabeça latejando, latejando, latejando... Sente imensa vontade de gritar o nome do filho, mas algo prende seu grito no fundo da garganta.

...

No quarto de Artur mal cabem a cama, o armário de duas portas e a mesa de estudos. Antes de entrar, Mercedes pousa os olhos na imagem de Cristo, pendurada ao lado da porta. Pele clara, olhos de profundo azul, Jesus tem um ar tranquilo e amigo. Artur disse que essa imagem é a representação europeia de um homem cuja aparência era seguramente outra. Tenha razão ou não, para ela isso não faz a menor diferença. Entra. Sentindo as mãos e os pés formigarem, nota que o acordeão de oito baixos está coberto por teias de aranha. Tocava-o na meninice e o deu a Artur com a esperança de que ele se interessasse pela música. Não se interessou. E ela? Voltará a tocá-lo algum dia? Prometeu fazer isso se o filho reaparecer. Todos os domingos de outubro subirá os incontáveis degraus do Santuário da Penha e tocará na porta da igreja, da primeira à última missa. Os trocados que receber dará a quem a olhar com olhos de fome.

De frente para o armário, com o braço erguido Mandela parece lhe dizer que a luta do povo preto é mais importante do que a caridade. Teria razão? Ela é preta, é pobre, vive à mercê dos mandos e desmandos da patroa, mas se tudo isso é da vontade de Deus Grande, como se rebelar? Como? — pergunta-se angustiada.

Junto à cama, a preguiça de um velho relógio tortura sua paciência. Artur vai mesmo voltar? Daria a vida para que voltasse. O formigamento nas mãos e nos pés se espalha e já lhe toma quase o corpo inteiro. Maldiz o relógio, remexe a mesa de estudos, abre ao acaso o atlas de geografia. Seria mais fácil achar a Bósnia ou ter o filho de volta? Critica-se: que pergunta estúpida, estúpida como os policiais que subiram o morro há dez dias, estúpida como a espera que não tem fim. Deixa de lado o atlas e folheia o livro de química. Por que Artur pôs pontos de interrogação em tantas páginas? Não estaria prestando a devida atenção às aulas? Ou o assunto é mesmo difícil? Se Artur voltasse para lhe responder...

A noite caindo, aperta com força o crucifixo de latão que nunca tira do pescoço, fecha os olhos e grita o nome do filho. Um som animalesco lhe sai da garganta para que o mundo inteiro conheça a imensidão da sua dor.

...

Sem sair de onde está, María de las Mercedes não sente mais a cabeça latejar. Também não sente seu corpo. Sente-se leve, totalmente leve, agradavelmente leve, flutuando entre as paredes. Arturo... Irá finalmente reencontrá-lo? Onde? Ouve então um grito longo, potente, desesperado. Através do janelão cujas cortinas abriu momentos antes, vê que sob a chuva fina uma mulher preta, de olhos miúdos, lhe pede um abraço.

Depois de gritar, Mercedes Maria ouve, como já ouviu tantas vezes, o silêncio da sua interminável solidão. Não sente mais nenhum formigamento, aliás não sente mais o próprio corpo. Começa então a levitar entre o assoalho e o teto do quarto completamente escuro. Artur... Irá finalmente reencontrá-lo? Onde? Através da janelinha cuja persiana suspendeu há pouco, vê que sob a chuva intensa uma mulher branca, de olhos claros e grandes, está de braços abertos para acolhê-la.

Duelo na Estrada Real

Stefano Giorgi

Nas Minas Gerais, nem tudo que reluzia era ouro. Nem tudo que era cobrado era imposto. E nem só de revolta falava o povo.

Houve uma semana em que, fosse na venda, fosse na fonte, só se queria saber do tal do duelo. Uma disputa de pistolas não à margem da lei, como eram os embates entre aqueles que queriam lavar a honra com sangue. Uma contenda legítima entre dois homens conhecidos do bom povo e das tortas ruas de Vila Rica.

De um lado, Jorge Martins Valente, tropeiro de coragem e valor reconhecido por todos os caminhos da Estrada Real. Do outro estava o capitão Francisco Alfonso Chagas, um Dragão Real de Minas, como eram chamados os militares de cavalaria leve que patrulhavam as estradas das Minas Gerais. Alguns espetadores até apelidaram o duelo de São Jorge contra o Dragão. Mas o embate nada tinha a ver com religião ou patriotismo.

A bem da verdade, ninguém sabia ao certo o motivo da desavença. O que se sabia era que, em uma noite de lua minguante e copos cheios, Jorge e Francisco se desentenderam em uma taberna.

Ao contrário de outros homens, que bebiam para esquecer o ouro rareando nas bateias e a Derrama se fartando na miséria, Jorge e Francisco bebiam por motivos que só diziam respeito a eles mesmos. Bebiam sozinhos no salão apinhado de gente. Bebiam em cantos escuros onde o riso e a música eram mais espaçados.

O tropeiro tentava encontrar Esmeralda no fundo do copo. Não qualquer esmeralda, mas a mulata de olhos verdes que derrubava homens do cavalo com um mero sorriso. Jorge não sabia ao certo, mas ouvira dizer que Esmeralda era neta do lendário Chico Rei, o monarca africano escravizado que conquistara a liberdade e passara de escravo a libertador.

Fosse ela uma simples lavadeira ou uma princesa africana, o fato é que Esmeralda era rainha do coração de Jorge há semanas. Mas paixão não era coragem. Não que essa faltasse ao tropeiro. Quando o assunto era ouro ou diamante, por exemplo, nada abalava seu olhar vigilante. Nem onça brava, nem pontaria de bandido. Em compensação, quando se falava em Esmeralda, Jorge tremia feito vara verde. Não conseguia levar sua paixão adiante. Era incapaz de bater na porta da família da moça. Restava-lhe apenas a troca de olhares e sorrisos quando cruzava com a mulata, vistos e comentados por toda Vila Rica.

Já o capitão Francisco bebia tentando tirar o gosto amargo daquela manhã. Matara um homem como já tinha matado outros homens antes. Mas dessa vez o homem não era um qualquer.

Francisco perseguiu o fugitivo pela Estrada Real. O cavalo arfava enquanto ele ia de Vila Rica a São João del-Rei. Quando o homem estava prestes a escapar da cobrança do Rei Dom José I, o Dragão disparou sua arma de fogo. O tiro pegou na nuca, derrubando-o do cavalo. Francisco apeou para ver quem ousara desafiar a Coroa. Ao tirar o pano que cobria o rosto do morto, viu um amigo de outrora. Um colega de risadas e juventude. O mundo sumiu sob seus pés. Naquela noite, bebia tentando encontrar seu chão.

Unidos em estado de espírito, os dois trombaram os corpos no meio da taverna. Um ia ter com um grupo de amigos. Outro queria pedir mais uma dose ao taverneiro e uma porção de queijo. Trôpegos, esbarraram-se.

Dali para frente, as versões variam. Uns dizem que foi Jorge quem começou a confusão, sem se dar conta de com quem falava. Segundo eles, o tropeiro teria dito:

— Olha por onde anda. Caso não saiba seu caminho, mostro-lhe o caminho da rua.

Outros juram que foi o Dragão quem proferiu a primeira ofensa:

— Não sabe beber cachaça como homem? Então vá tomar água com as lavadeiras!

Há ainda quem diga que um terceiro é que fez piada do dois, e a gargalhada da multidão foi o estopim.

Fosse quem fosse que tivesse começado, nenhum dos dois arredou pé para terminar a discussão de forma pacífica. No lugar de dar a outra face, deram mais bofetadas no ego um do outro. O comentário ultrapassou os limites, ninguém se lembra com clareza. Mas todos sabem que foi Jorge quem proferiu a fatídica sentença que os levaria ao duelo:

— Retire o que disse ou arque com as consequências.

Silêncio. Foi o que se ouviu de Francisco.

Os presentes pediram um momento para as apostas enquanto os oponentes se dirigiam para a rua. Quem passava e via a confusão também parava para assistir e apostar em um dos lados. Entretanto, houve um problema. Logo ficou claro para todos ali que os dois homens não estavam em condições de um combate digno. Então, alguém sugeriu um duelo aos moldes europeus.

Mesmo com a consciência trôpega pela bebida, os presentes fizeram bem ao lembrarem da lei. E mesmo na escuridão da noite a lei era clara. Somente a Coroa detinha o direito de justiça e violência. Um duelo era um crime, um ato de lesa-majestade contra a autoridade do Rei.

— Em nome do Rei, eu lhes digo que nada é mais justo do que esses dois homens seguirem com sua própria justiça! — declarou um bêbado, em meio a soluços.

A multidão ficou espantada quando se deu conta de quem era o autor daquela sentença. Caetano da Costa Matoso, o Ouvidor da Comarca de Vila Rica acabara de legitimar o duelo entre Jorge e Francisco com todos os presentes como testemunhas. Mesmo embriagado e provavelmente sem se dar conta do que estava fazendo, fez o que fez e não teria como voltar atrás.

O duelo ficou marcado para dali a três dias. Tempo mais do que o suficiente para a ressaca passar, mas não para qualquer autoridade intervir e cancelar a disputa.

As apostas e a emoção tomaram conta de Vila Rica. O favorito natural seria o capitão. Patrulheiro das estradas das Minas Gerais, Francisco tinha a pontaria como ocupação, não como passatempo. Entretanto, Jorge também tinha boa fama. À frente de tropas de animais e homens, já enfrentara emboscadas sem nunca perder a carga. Dizia-se que quando ele vinha na frente de uma comitiva, os bandidos preferiam escolher outro caminho, que não a Estrada Real. Com isso colocado, os dois lados se enfrentariam em pé de igualdade oferecendo prêmios de um para um.

Por lealdade de classe, os militares apostaram em Francisco. Não importava o adversário, um soldado profissional jamais poderia perder um embate para qualquer outro cidadão. Já os comerciantes, que conheciam e confiavam em Jorge para o transporte de suas mercadorias e suprimentos, colocaram mais ouro na reputação do tropeiro. Mas nem todo partidarismo se dava de forma racional.

— Eu sonhei com um dragão abocanhando uma mula — disse o padeiro João Guimarães certa manhã. — Isso só pode significar uma coisa: é Francisco quem vencerá esse duelo.

— Ou pode ser que um dragão desça aqui para abocanhar você, de tanta asneira que fala — brincou um amigo, fazendo quem escutou a troça cair na gargalhada.

Com o passar dos dias, a comoção só cresceu em Vila Rica. A contenda não se limitou a Jorge e Francisco. Os partidários de um lado hostilizavam aqueles que acreditavam na vitória do outro homem.

Apesar de homens e mulheres de respeito não poderem confirmar, correu boato de que duas meretrizes se estapearam numa mesa de apostas. Maria Machado, alforriada experiente nas artes de alegrar a vida, acreditava em Francisco: o Dragão, dizia, era homem de paixão ardente e bolsa generosa. Já Ana Bela, que caíra na vida por má sorte, torcia por Jorge – amigo de infância que a ajudara mais de uma vez sem pedir nada.

As duas se meteram numa discussão de homens que bebiam cachaça e apostavam em uma taberna. Em vez de moedas, puseram os próprios corpos na jogada. A proposta ousada agradou o público, mas fez a rivalidade arder entre ambas. Nenhuma estava disposta a aceitar o prêmio de um para um. Cada uma queria que seu corpo valesse mais que o da outra. Tapas, puxões de cabelo, ofensas. Tiveram seu próprio duelo, sem vencedora declarada, diga-se de passagem.

Outro boato que circulou era sobre o favoritismo de Chico Rei. Mas esse deixou de ser apenas boato e logo virou verdade em Vila Rica.

Apesar do duelo ser um conflito entre brancos, Chico Rei não se manteve neutro. Chegou a seus ouvidos que Francisco fizera troça sobre Esmeralda na fatídica discussão na taverna. Os detalhes eram confusos, mas ouviu dizer que Jorge perdera as estribeiras em defesa da mulata. Acreditou no conto mal contado, mesmo sem acreditar direito em quem o contara.

Decidiu então entrar na disputa, mas de forma sutil. Pouparia o ouro de sua mina para seguir comprando a liberdade de escravizados, mas armou Jorge com suas próprias armas. Por meio de Expedito, um alforriado de sua confiança, mandou ao tropeiro uma pistola de presente. Arma fina, leve e bem equilibrada acompanhada de munição e pólvora.

— Meu patrão quer ter com o senhor depois do duelo — disse Expedito ao tropeiro. — É sobre sua neta. Mas esse assunto é para depois. Até lá, Chico Rei só quer que o senhor treine sua pontaria.

O gesto tocou o coração e a alma de Jorge. O tropeiro agradeceu a Expedito, a Chico Rei e à Divina Providência. Tinha um amanhã para o qual lutar. E agora estava devidamente armado para o embate. Enxergou aquilo como um sinal divino de que seria vencedor do duelo.

Se Deus e os santos de fato tinham algum lado, ninguém poderia dizer. Os membros da igreja, em compensação, tinham suas preferências. Alguns de forma mais velada. Outros com fervor explícito. Não deveriam ter nenhum favoritismo quando o assunto era violência a não ser a paz. Mas uma coisa é ser cristão e outra é ser Cristo. Reconhecendo os próprios pecados, faziam suas apostas e entravam nas discussões.

Os franciscanos de Vila Rica, por exemplo, se bandearam para o lado de Francisco por sua devoção ao santo de mesmo nome. Já os clérigos de Nossa Senhora do Rosário e da Igreja de Santa Ifigênia, sob influência de Chico Rei, rezavam por Jorge. Padre Antônio, que celebrava a missa na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, rezava pelos dois. Pedia à Virgem Maria e aos santos que intercedessem por Francisco, seu irmão. E pedia também por Jorge,

não pelo tropeiro em si, mas para que o pecado de tirar mais uma vida não pesasse na alma do capitão.

— Não seria melhor você cancelar esse duelo? — perguntou o padre, certa tarde, ao ver o irmão.

— E ser tido como covarde?

Padre Antônio suspirou.

— Às vezes a verdadeira coragem toma formas que nosso mundo demora a compreender.

Francisco ouviu as palavras do irmão. Refletiu por um momento.

— A bem da verdade, soube da história do meu adversário nos últimos dias e digo: não quero matar esse homem — confessou.

Não foi apenas Francisco quem passou a conhecer e admirar o oponente. Por onde quer que passasse, Jorge era apresentado aos feitos do capitão pelos habitantes de Vila Rica. Perseguições nas matas, disparos certos, lutas com sabre e faca. Assim conheceu o Dragão que estava prestes a enfrentar. Era mais do que um homem valente. Era um homem de valor.

— Só é uma pena que o capitão Francisco lute para proteger os interesses da Coroa e não os nossos — disse o poeta Tomás Antônio Gonzaga ao trocar dois dedos de prosa com o tropeiro.

O poeta declarara seu favoritismo por Jorge. Não apenas pela sua mágoa que passara a nutrir pela Coroa e seus agentes, mas por compartilhar das mesmas dores do coração que atormentavam o tropeiro. Em confidência, Tomás revelou alguns de seus versos inspirados por seus sentimentos a respeito de Dona Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão:

*“Depois de nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma terra.*

*Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:
‘Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram estes.’”*

Confrontado pela própria mortalidade e inspirado pela poesia, Jorge tomou seu rumo. Colheu flores pelo caminho, sem se importar com os espinhos que lhe feriram os dedos. Caminhou a passos largos por Vila Rica. Seu destino era uma fonte de água limpa, onde as lavadeiras trabalhavam.

De longe, avistou Esmeralda. Seu coração bateu acelerado. Aproximou-se com calma, como quem chega perto de algo precioso. Entregou flores para a moça sem saber ao certo o que dizer. Divertida, a mulata dos olhos verdes não resistiu a perguntar:

— É só isso? Ou o senhor veio aqui com algo a me falar?

Jorge respirou fundo. Não era tão fácil quanto pensou que seria. Mas sentia que aquela poderia ser a última oportunidade para dizer o que tanto desejava:

— Se sobrevivo ao dia de amanhã, não peço por mais nada senão sua mão em sagrado matrimônio.

O sorriso fácil de menina, tão característico de Esmeralda, sumiu do seu rosto. Aquilo não era flerte ou brincadeira. Era compromisso. Os lábios cheios da moça se moveram novamente. Outro sorriso se abriu. Olhava para Jorge com felicidade genuína.

— Então não peço por mais nada além de que sobreviva ao dia de amanhã — pediu Esmeralda.

O tropeiro assentiu. Queria atendê-la, mas era cuidadoso com sua palavra. Não podia prometer o que não dependia só dele. Despediu-se da moça e foi embora para sua casa.

A noite antes do duelo seria uma noite mal dormida em toda Vila Rica. Disso todo mundo sabia. Mas não houve furdunço ou qualquer movimento nas ruas. Cada um sofria com sua ansiedade em seu próprio abrigo. Os apostadores se perguntavam se fizeram a escolha certa. Chico Rei conversava com a neta sobre o tropeiro. Padre Antônio rezava pelo irmão. E partidários de ambos os lados olhavam para o céu na esperança da noite ir embora mais cedo e do dia chegar mais rápido do que de costume.

Jorge passeava pelos campos próximos da casa de sua família. Durante a ceia, revelara aos pais que iria se casar. Sem a certeza de que o filho sobreviveria ao dia seguinte, ninguém se contrapôs. Isso lhe trouxe paz. Deitado em um monte de capim com um cachorro ao seu lado, olhava o céu cheio de estrelas. Elas brilhavam como os diamantes que Jorge era encarregado de proteger nos comboios estrada afora.

— Eu quero viver para me casar com Esmeralda — disse ele para o céu.

As estrelas responderam. Cadente, uma delas riscou o manto negro da noite.

Em contraponto a Jorge, Francisco não olhava para o céu. Montado em seu cavalo, observava o chão de pedra das ruas tortas de Vila Rica. Vagava diante de igrejas e casarões,

deixando que Destino, sua montaria, o guiasse. Quisera Destino que Francisco observasse o rumo que sua vida havia tomado. O Dragão se perguntava quem poderia ter sido se tivesse trilhado caminhos diferentes. Arrependera-se por nunca ter se casado ou constituído família, mas lembrou-se que nunca tivera vocação para marido. Com isso em mente, puxou as rédeas de Destino e fez o cavalo seguir para o Arraial de Antônio Dias. Queria aliviar a tensão entre os abraços e as coxas de Maria Machado.

O dia do duelo amanheceu cinzento e enevoadado. Era julho nas Minas Gerais e fazia frio de doer os ossos.

Os oponentes se encontraram em um ponto determinado da Estrada Real, nem perto nem tão longe demais de Vila Rica. Curiosos vieram assistir ao embate. Esmeralda estava lá, observando Jorge com seus olhos verdes brilhando e seu coração apertado. Padre Antônio também comparecera, rezando fervorosamente pelo irmão. Tentava rezar apenas para que Francisco não se ferisse. Mas era difícil não pedir aos céus pela derrota de Jorge.

Também chegaram cedo os padrinhos dos duelistas. O de Jorge era ninguém menos que o artista em ascensão Antônio Francisco Lisboa, que interrompera seu trabalho na Igreja da Ordem Terceira do Carmo para estar ali e auxiliar o amigo tropeiro no que precisasse. O de Francisco, um companheiro de regimento: o alferes Joaquim José da Silva Xavier, também Dragão Real de Minas.

Os cumprimentos entre os oponentes foram secos. Não por qualquer sentimento de rancor guardado da troca de ofensas na taberna, mas pela tensão que pesava o ar. Não havia espaço para ódio ali, apenas para determinação férrea.

Cedidas pelo Visconde de Barbacena, as pistolas idênticas, próprias para duelo, foram apresentadas em uma caixa de madeira. Os padrinhos inspecionaram as duas pistolas com a atenção de ourives. O alferes ergueu uma delas dizendo:

– As armas são iguais. Peso, pólvora e espoleta verificados. Estão perfeitas.

Entregou a arma ao seu afilhado, Francisco. Antônio Francisco Lisboa fez o mesmo com Jorge.

O tropeiro pôde constatar que a arma que utilizaria era um pouco mais pesada do que a que ganhara de presente de Chico Rei para praticar pontaria. Já Francisco achou a pistola um tanto mais leve do que a que estava acostumado a usar a serviço da Coroa. Cada um com sua estranheza, estavam em pé de igualdade mais uma vez.

Cláudio Manuel da Costa, secretário de governo da capitania e um dos advogados mais ricos das Minas Gerais, posicionou-se para repassar as regras do embate. Fizera questão

de estar ali naquele confronto histórico. Deixara as apostas de lado para manter a imparcialidade necessária ao juiz da disputa.

— Cavalheiros, estamos aqui para resolver uma questão de honra. As regras são estas: ao meu comando, vocês darão dez passos. Estabelecida a distância, darei o comando para o disparo. Ao ouvirem-no, vocês avançarão mais um passo, virar-se-ão e dispararão. Ambos têm direito ao disparo. Se ambos errarem, as armas serão recarregadas. Se alguém cair, o duelo cessa imediatamente para que se prestem socorros.

Os padrinhos mediram os passos. Dez marcas na terra. Colocando-se de lado, Cláudio Manuel deu o primeiro comando:

— Às suas posições.

Jorge e Francisco colocaram-se de costas um para o outro. A respiração do tropeiro estava ruidosa aos seus próprios ouvidos. Mesmo assim, pôde escutar quando Francisco desejou-lhe baixinho:

— Boa sorte.

E Jorge respondeu-lhe:

— Digo o mesmo.

E então, silêncio. O vento soprou. A morte os observava. Não tinha aposta ou favorito. Estava ali, entre a multidão, apenas para fazer seu trabalho e levar um dos dois.

— Cavalheiros, prontos? — questionou o juiz da disputa a plenos pulmões. Ao ouvir a afirmativa de ambos os lados, iniciou a contagem.

Os primeiros passos foram difíceis. Pesado era o fardo do que estavam prestes a fazer. Ao escutar a contagem do quinto passo, Esmeralda caiu no choro. Já um pouco mais adiante, no sétimo passo do irmão, Padre Antônio se ajoelhou e rezou pedindo piedade. No décimo passo, o advogado sinalizou:

— Cavalheiros, ao meu comando. — Os dois homens engoliram em seco enquanto esperavam pelo comando final. Uma gota de suor escorregou pela testa de Jorge. A saliva faltava para Francisco. — Disparar!

Francisco deu um passo firme à frente, sentindo a terra fofa sob a sola da bota. Girou sobre os calcanhares. O mundo pareceu virar também. Lá estava o tropeiro. Giro completo, braço em riste, pistola apontada. O tempo parou.

BUM!

O disparo do Dragão rasgou o ar enquanto Jorge observava a mira de sua pistola dançando sobre o peito de Francisco.

BUM!

Silêncio. A morte deixara a plateia para exercer sua função. O fogo do Dragão passara zunindo pela orelha do tropeiro, mas não o acertara. Francisco não teve a mesma sorte. O disparo do tropeiro atingiu o alvo.

Ambos caíram. Francisco como homem que estava prestes a morrer. Jorge como quem acabara de escapar da morte. Antes de partir, o Dragão deixou um sorriso satisfeito para o oponente. Não o culpava pelo ocorrido; pelo contrário, estava em paz seu fim.

O público ali presente teve reações diversas. Esmeralda correu para Jorge. Padre Antônio caminhou em direção ao irmão. O restante se dispersou pouco a pouco. Havia dívidas de jogo a serem cobradas e poemas a serem escritos. A História não tem memória tão boa para se lembrar de todos os valentes, mas estava pronta para seguir em frente na Estrada Real.

Fagulha espasmo incêndio convulsão

Gabriela Sontello

Jogo de corpo, eu e ela, combinamos: do outro lado do Elevado, próximo ali onde ficam as putas e os bichos e as bichas e as butches, vamo?, os corpos em trânsito, todos andróginos e bastante desgastados, tipo a gente assim quando rasga no dedo e molha e lambe, depois ri, lembra daquele velho que falou alto: deviam morrer, e lembra do Caio, que apanhou na semana passada, ri de novo maior, porque só assim, só no risco, senão nada, né, senão nem sai de casa, vamo?, a cidade toda poros, prelúdio de chuva, neblina névoa de ressaca constante, mesmos tons de sujo, mas sempre um vento novo: hoje mais frio, quatro graus abaixo, hoje as nuvens quatro camadas mais perto, hoje nós quatro, derrapando paralelos na arquitetura espaço asfalto quente do centro de São Paulo, suburbanas nossas solas, queimando os passos, habilidade de quem sabe que correr é sempre destino certo; vamo? os carros mais apressados, cientes: choveria, e nossos braços peitos pernas tornozelos em fluxo incontível, vibrando em febre, existindo em bando; mais quanto tempo na cidade?, ela me perguntou, rindo um riso desesperado, e eu sei lá, eu sei lá, eu respondi enquanto olhava seu cabelo e seu colo e a curva da sua bochecha num filtro misto de repulsa e apego, ela inteira metrópole, eu toda sustos, e nós duas nos olhando dentro do olho, invasivas, mas não com força demais, para não aumentar o grau das nossas lentes, já definidas, já sabidas da distância exata necessária, o suficiente exato perto e o suficiente exato longe; o Caio começou a explicar por que é que a dobra logo abaixo da glândula era a sua parte preferida de passar a língua e o Raul derrubou dois copos seguidos de cerveja; eu já não ouvia barulho externo, o vazio inteiro da minha cabeça derramado na esquina mais insolente da República: um zunido de nada, vácuo preciso da mente, existia, ali, só a gente, os ponteiros do mundo uma mentira e a ideia de morar em um aparthotel um alívio - sempre em trânsito, lésbicas, sempre prontas a não ficar; flat, ela disse, e eu o que, a casa, eu?, e ríamos, despreparadas, absolutamente expostas no dentro, transparentes ensimesmadas, o ego uma britadeira, a pré-conquista o auge do flerte e os copos e os dedos e lábios e todos os dentes; nós quatro, aterrorizadamente sendo, a madrugada vingando todos os nossos escuros: pertencimento; eu fui mijar no banheiro masculino e voltei exuberante por ter sangrado, eu menstruei na privada deles, eu disse, e o Caio e o Raul, aprendidos a não achar nojo, pelo menos não eles, pelo menos não ali, ovacionaram; meus óvulos todos desfalecendo, e eu toda já entregue, o ponto de virada quando é perceptível: as artérias estão implodindo; ela me puxou pela cintura, cirúrgica, e

disse: vamo?, mas, menstruada?, vamo?, mas, já?, e Caio e Raul: vão!, e fomos, tortas as pernas andando rápido olhando sempre pra trás, mas é que tão perto tudo, tão nosso esse bairro, essa noite e esses postes todos onde paramos com a desculpa-convenção do semáforo; demorou uma era, demoramos, deitamos inteiras, em todas as pontas, no imenso do que propunha o encontro: jogo de corpo, combinamos; as escadas, infinitas como as roupas, desaparecidas como as travas; o som incisivo da música lá na sala e a luz neon que piscava irrefreável na varanda; eu tremia: fagulha (susto) que vira espasmo (desconforto) que vira incêndio (rendição) que vira convulsão (gozo). Todos os telhados da Santa Cecília conhecem o meu corpo - grande, infértil, insustentável - mas inteiro exposto. O avesso do controle: sempre sei, posso ser descoberta, seja pelo rosto do vizinho, seja pela arma do velho, seja pelos óculos dela. Escancaradas nossas respirações, os cílios pretos grudados, suor gelado. É a minha última noite aqui, eu disse, e ela me olhou, os braços envoltos no meu corpo primário, a boca seca semiaberta, um cansaço enorme do mundo, a retina desconcentrada em um segundo e, no seguinte, o encontro: vamo?

Mas eu respirava

Carmine, Gerardo D'Amore

Nasci de noite, no inverno de 1861, em Cachoeira, às margens do rio Paraguaçu, no Recôncavo Baiano.

Levei tantas pancadas antes mesmo de nascer.

A mamãe, coitada, caía, se machucava, comia veneno e porcaria, mas eu não morria. A barriga de mamãe era minha couraça.

Mamãe era casada. Mas não podia aparecer prenha. Eu era o pecado. Porque o marido dela estava na cadeia fazia anos.

A voz de mamãe eu nunca vou esquecer. Eu a ouvia gritar dentro da minha cabeça enquanto estava para nascer. Os pensamentos dela corriam misturados no meu sangue.

— Chama Madalena! — disse mamãe para o tio Angelo.

— Onde ela tá?

— No fim da viela, pras terras de seu Joaquim.

Tio Angelo jogou as folhas de tabaco que vendia sobre o balcão da loja e saiu correndo pela viela. Mamãe trancou o ferrolho da porta do sobrado e subiu as escadas, segurando o lampião com a mão trêmula. Cada degrau era uma vitória. Parou três vezes, mas não desistiu.

— Espera, Madalena vai chegar já já — disse, com uma mão na barriga.

Eu estava ali dentro fazia meses, e mesmo assim não tinha nenhuma intenção de morrer.

Mamãe chegou ao andar de cima com a força do desespero. Diante da cômoda veio uma pontada forte. Parou. Pousou o lampião sobre a cômoda e agarrou-se ao móvel, segurou o fôlego. Alguém bateu à porta da loja. Era a comadre Rita, sempre querendo se meter. Ela não respondeu, gemeu. A contração passou.

Abriu a gaveta e colocou no pescoço o escapulário de dom José Godinho: Nossa Senhora do Carmo.

O crucifixo na parede, sobre a cama, parecia olhar para ela.

— Essa criatura também é filho teu.

Sabia que sozinha não conseguiria. Levou a mão direita ao coração: o peito lhe bombardeava. Sentou-se aos pés da cama e apertou a Nossa Senhora do Carmo.

Perguntou-se se os santos realmente escutavam. O ouro do escapulário parecia pesar mais que a carne, mais que o sangue escorrendo entre as pernas. “Não me deixem sozinha”, pensou.

Mas a oração morreu nos lábios e virou outra coisa:

— O José Godinho não pode saber.

Depois beijou Nossa Senhora do Carmo e se deitou. Fechou os olhos. Viu a própria mãe contando sobre os partos antigos, o eco das palavras dela:

— Quando a noite é longa ninguém pode te ajudar.

Até a vovó Lídia tinha sofrido, mas nunca esteve sozinha.

A mamãe, ao contrário, estava ali comigo no corpo, com o escapulário no peito, os orixás do terreiro e mais ninguém.

— Madalena, quando você chega?

Eu sentia os pensamentos dela cada vez mais meus. E aquilo me dava medo.

Comadre Rita chamou da rua. Mamãe não respondeu. Passou a mão pela barriga, depois tocou o sexo. Sentiu que estava se abrindo. As contrações ficaram mais regulares. O terror ficou entalado na garganta de nós dois.

Ela lembrou do sangue de comadre Quitéria, a mulher do compadre Manoel. Morreu sem abraçar as gêmeas depois de dois dias de agonia. Foi mamãe quem lavou os panos sujos de sangue.

Mamãe abriu os olhos, não queria morrer, não podia morrer. Por mim, resistia. Eu tremia e não saía.

Com esforço ela se moveu para o centro da cama e agarrou o cobertor.

— No cobertor não.

Puxou ele para o lado e deixou à mostra os lençóis de linho. A comadre Rita gritou de novo o nome dela. Não respondeu.

— Madalena, onde você tá?

Assim como o escorrer do tempo pela janela, cada vez mais escura, o medo não parava. Ia embora com as contrações, mas voltava depois da dor. Mamãe apertou os punhos no linho e fechou os olhos. Sentiu que eu me movia para baixo.

— Estamos bem — disse para mim, mas eu sentia o desespero na voz dela.

Respirar era difícil. Levantou os joelhos por instinto. Pegou um travesseiro, colocou sobre o outro e afundou a cabeça ali. As pernas dobradas tremiam. Sem perceber, as lágrimas escorreram por nós dois.

Então chegaram até mim os pensamentos sujos daquela noite com o armador dom José Godinho.

Três batidas na porta, como fazia o tio Angelo. E o mesmo assobio dele. Mas era Godinho que estava fora da casa, como um garanhão fora do estábulo, sentindo o cheiro da potranca.

A mão dele na boca dela. A mesa da cozinha. A respiração quente no pescoço. Mamãe não resistiu. Não o queria, mas o desejava.

Ela fechou os olhos, levantou a cabeça para o céu agarrada na mesa.

Eles se engancharam.

E ela sentiu aquilo como uma libertação.

Tudo voltou de uma vez só, junto com a dor dos meus chutes, voltou o nó amargo no estômago que nunca tinha ido embora. E eu, uma criatura querendo nascer.

Alguém abriu a porta da rua. O escuro da noite entrou na loja como uma língua de sapo.

— Inês?

— Madalena!

A mulher subiu as escadas correndo. O tio Angelo ficou lá embaixo, na loja.

— Angelo, acende o fogo! Preciso de água quente!

— Tô indo!

Madalena ajeitou a mamãe na cama de barriga para cima. Debaixo das costas pôs um pano quente. Aumentou a chama do lampião e o quarto todo ficou cor de âmbar.

Mamãe, nua na cama, com as pernas abertas, me abriu espaço e esperou.

Tudo ao redor da cama estava banhado de âmbar: a cômoda, o banco, a bacia e o braseiro. O crucifixo ficou encarando nós todos.

Aquele quarto me dava medo.

Tio Angelo estava embaixo, no quintal. Lotou o fogão a lenha com tacho, panelas e uma chaleira. Todos cheios de água.

Mamãe arfava. A Madalena estava diante dela.

— Empurra!... empurra, Inês!... força!... isso!... isso!...

As contrações vieram com todas as estrelas do universo. Mamãe não falava. Para mim, urrava.

— Ahhh!... Ai!... Nossa Senhora!... me ajuda!...

A voz dela trouxe também as comadres. Ana e Josefa, as queridas, se juntaram a Rita. O tio abriu a porta e, antes que pudesse falar, elas sentaram perto do fogão no quintal e

começaram o terço. Rita, não. Ela ficou fuçando na loja. De baixo subia o fervor das águas e o murmúrio das rezas; de cima desciam os gemidos de mamãe; no meio das escadas, tio Angelo subia e descia com as mãos ocupadas e os olhos perdidos.

Outra contração partiu a gente em dois. Quis sair.

Mamãe lembrou do corpo de dom José Godinho, da barba áspera no peito dela, da mesa da cozinha.

Naquela noite ela tinha rido. Agora chorava.

Então a Madalena gritou para a porta:

— Angelo, vem cá!

Eu estiquei as pernas e empurrei a cabeça. Madalena a viu apontar, coberta de sangue.

— Respira... força... empurra... tá saindo!

Comadre Rita quis subir, mas comadre Ana se plantou na frente dela, e Josefa a fuzilou com o olhar. Tio Angelo correu escada acima e parou na porta do quarto. Não queria ver a irmã daquele jeito. Mas a Madalena não tinha tempo de esperar ninguém.

— Vem! Bota a mão na barriga e empurra quando eu mandar.

Angelo se aproximou, olhos no chão. Pôs as mãos na barriga da irmã.

Mamãe o sentiu tremer.

E naquele tremor voltou o dia em que o vovô Noé quis saber se era verdade que tio Angelo trabalhava para José Godinho. Tio Angelo negou sem olhar na cara de ninguém. A mamãe ficou espantada. Não disse nada. Mas debaixo da mesa deu um chute no irmão.

As contrações voltaram como ondas. Era eu tentando passar. Mas eu travo. Não passo. O cordão aperta minha garganta.

Madalena entendeu na hora. Enfiou os dedos como um gancho em volta do meu pescoço.

— Inês, empurra! Angelo, agora!

Tio Angelo afundou as mãos na barriga de mamãe.

Ela gritou com todo o ar que tinha. Eu engoli até a alma. Madalena me puxou.

Escorreguei para o mundo, estrangulado.

— É um menino!

Mamãe não falou. Chorou. Madalena cortou o cordão com uma tesourada só.

Eu... não respirava.

Ela me segurou com uma mão e me deu um tapa na bunda.

Eu me debatia, mexia braços e pernas, mas não respirava.

Ela me virou de cabeça para baixo, segurou pelos tornozelos e me deu outro tapa, mais forte.

Mamãe levantou a cabeça.

— O que ele tem? Morreu?

Então vomitei um líquido escuro, arrotei, meus pulmões queimaram e eu gritei desesperado.

O grito foi tão agudo que estourou o vidro do lampião.

O quarto ficou no escuro.

— Está vivo! Está vivo! E que voz que ele tem!

Mamãe não disse nada. Era um túmulo. Uma dor tinha terminado. Outra dor tinha começado.

Madalena me enrolou num pano aquecido.

Mamãe me olhou com os olhos vazios, o peito ainda ofegante, o terço escorregando da mão para o lençol.

— Como é que a gente vai chamar esse menino tão bonito? — disse a Madalena, ao me colocar no colo da mamãe.

— Não sei.

Mas eu respirava. Eu estava vivo.

Na hora

Luísa Martinis Sombra

Estava chovendo quando o telefone tocou pela primeira vez. Quarta-feira. Não, quinta. Terça! Na verdade, eu teria que olhar no calendário. Enquanto escrevia a introdução do relatório semanal, ergui os olhos acima da linha dos óculos ao som do segundo toque. Um gesto irrefletido; a órbita, deslocada.

Encarei o ambiente. A sala ainda estava ali – preenchida por excessos, e ainda assim vazia. Sobre a estante, a luz pálida da janela atravessava um peixe de cristal e projetava sombras na parede. Encarei o nada e, por lampejos errantes, realmente não pensei em nada. Mas então minha mente percebeu que não pensava. Isso tem se tornado frequente — no meio de uma conversa, ao contar uma história. Quando volto, nunca sei quanto tempo se passou. É por isso que peço desculpas como quem respira. A palavra já sai sem ar. Mais um assunto para a terapia. “Oi? O que você disse? Desculpe, estou com uma otite” – mentira. Se eu pudesse, viveria no mundo dos sonhos, sob a gravidade de verdades inventadas.

O toque da ligação segue atravessando o ar. Telemarketing, na certa. Deixo passar.

As cortinas, apenas semiabertas, deixavam escapar um recorte do céu, onde nuvens assumiam formas coléricas, tingidas de cores densamente escuras. Eu as queria completamente fechadas, é mais fácil para trabalhar. Mas a cordinha que deveria trancar o tecido se rompera — e, sabe como é, final de mês.

Ah! Nota mental: colocar na lista de conserto a parte de cima do ar-condicionado. Sempre que chove, as gotas grossas caem com força no aparelho, martelando um barulho insistente e ritmado, como o tictac de um relógio, sussurrando ecoando trovando golpeando devorando. Meu celular segue chamando.

A chuva? Nem se fala.

Trimtrimtrim aqui dentro, chhhhhhhh lá fora.

“Não vou atender, preciso trabalhar”, o pensamento me atravessou. Ando muito distraída, ouvi dizer que é o uso do celular, outros dizem que possivelmente é TDAH – o que é isso mesmo? Embaralho com outras siglas. Pode ser também falta de vitamina B12, escutei duas vezes falarem isso esta semana, ou seria falta de vontade de vencer?

O toque finalmente cessa.

Sacudo a cabeça. O relógio na estante acusa cinco minutos perdidos em pensamentos sem um definido dono. E o martelar no ar-condicionado insiste, um metrônomo que ecoa a

lembrança da infância, na casa de papai, e sua obsessão por relógios. Um dos meus traços herdados; hábito impensado. O velho tinha um que marcava as horas com passarinhos — cada canto, uma espécie, cada espécie, uma cor. Era o meu favorito.

Com o tempo, as pilhas cediam. Os relógios passavam a discordar entre si.

A casa inteira marcava horas diferentes. Cada parede habitava um tempo próprio.

Nunca sabíamos se estávamos adiantados demais ou presos a algum passado.

A nuvem me encara, assumindo um semblante ainda mais enraivecido. Curiosamente, meu ar-condicionado me informa que a chuva começa a se acovardar. Volte a trabalhar! Não pode se esquecer dos deadlines dentro dos pipelines — Deus me livre afetar alguma baseline.

“A estrutura sistêmica da empresa reforça a cultura organizacional definida por seus princípios e valores estabelecidos—”

TRIM!!!

“— elecidos...”

Volto a ser assombrada. Já experimentou deixar no silencioso? Dizem que ajuda a se concentrar. Mas então para que ter um celular? Dessa vez, não resisti; o visor explodia em um branco estéril, uma lâmina de luz atingindo o ambiente. Espiei o nome.

Viviane ligando.

Minha irmã não me ligava. Nunca. A essa altura, ela já deveria saber que nosso relacionamento sobrevivia num armistício tácito: datas comemorativas, respostas monossilábicas e silêncios longos o bastante para parecerem definitivos. E tudo isso por mensagem. Na certa, precisava de um documento urgente para alimentar alguma urgência pessoalíssima. Sua silhueta irrompeu na minha mente. Repreendi o fantasma: volte à distância onde nunca me toca.

Deixei tocar.

Cinco segundos. Seis. Sete.

Mais tarde mando mensagem dizendo que não vi a ligação.

Onde eu estava? Releio a última frase escrita. Ah, sim! Mas o que eu queria escrever mesmo? Prazo. Boleto. Reunião. Agenda.

É o mesmo hiato que me visita toda semana na sala de espera da Dra. Vânia, onde paio, em silêncio, até a sessão anterior terminar. Paredes estreitas, pintadas de um bege desbotado, um rádio velho e rouco, revistas amareladas de anos anteriores espalhadas sobre a mesinha, cheiro de café esfriando e verniz antigo. Como companhia, apenas um peixe de cristal. Transparente, imóvel, fora d'água. Vê-se através dele: não há vísceras, apenas luz

cativa. Ele não fala, mas ainda assim seu corpo refletido me responde numa língua que não entendo; o mundo lá fora se dissolve facilmente. Sua existência impõe-se, embora condensada. Não luta contra o vidro: ele é o vidro. Decidi comprar um igual para casa.

TRIM... Não é possível. Depois eu é que sou a mal-educada, claro. O toque vinha mais alto, mais perto, mais dentro — como se finalmente tivesse criado coragem para me preencher. Ou raiva. Raiva de ser ignorado.

Ok, ok. Vou atender. Contenta?

A luz derramada no piso da sala indicava que a chuva não só enfraquecia, como o sol começava a desalojar as nuvens.

— Onde você estava? Liguei mil vezes. — Sua voz estava levemente trêmula, como costumava ficar quando éramos crianças e pregávamos sustos uma na outra mas tentávamos disfarçar o medo para evitar as broncas dos adultos.

— O que você quer?

— É sobre o velho... — a voz do outro lado da linha era um eco distante.

Eu já deveria saber. No fundo, ele era uma das poucas coisas que ainda nos unia. A barba rala e a calvície anunciada desenharam-se no vazio, sobrepondo-se à voz no telefone.

Eu havia me encontrado com papai há poucos dias, ele ficou animado quando contei que recebera uma promoção e agora poderia trabalhar de home office não mais apenas dois dias da semana, e sim três. “Seu chefe confia em você”, disse, com um orgulho discreto. Lembrei das suas viagens intermináveis às plataformas ao longo de nossas vidas, dos fusos que eu não entendia, do trabalho que eu nunca soube nomear. Não importava o país ou o oceano; quando éramos crianças, ele ligava todos os dias. Naquela época, eu sempre atendia.

Nas últimas vezes que nos encontramos, ele mencionou que, no bairro, falava-se de um abaixo-assinado para reformar o túnel — a drenagem falhava, e nas chuvas mais fortes a pista desaparecia sob a água turva. Quando finalmente fui assinar, o prazo havia vencido. Estranho; eu tinha a impressão de que ainda faltavam muitos dias. Ultimamente as horas parecem encolher. Ou talvez eu esteja me alongando demais dentro delas. Como alguém escorrega para fora do tempo?

A ausência de minha irmã contra o meu ouvido seguia dilatada, de modo a me fazer percebê-la. Os silêncios se tornavam mais estridentes justamente quando nos falávamos. Imediatamente, minha mente disparava frases soltas — qualquer coisa, menos dividir o silêncio com Viviane. “O trabalho vai bem? Suas roupas ainda estão aqui em casa. É dinheiro? Putz, também não tenho”. Ainda assim, nenhum som saía da minha boca. Até

mesmo a chuva se recolheu. Eu só lembraria do ar-condicionado novamente no próximo temporal.

– Papai sofreu um acidente de carro saindo do túnel.

Não.

Não.

Não.

De súbito, vertigem. Um frio desceu pela espinha; no peito, um trovão contido. Uma fígada breve me cerrou o estômago. Pensei nos nossos almoços de domingo, que já faziam parte da minha rotina.

Arroz madeira antiga farofa suco de maracujá o estalo do isqueiro risadas jarro boné doce de leite.

Viviane não ousou dizer ainda nenhuma outra palavra. Eu também não. As duas escondidas, esperando quem daria o próximo susto.

Tudo lá fora agora tinha apenas uma única cor: dourado opaco.

Não deve ser nada grave. “Notícia ruim corre rápido”.

– Bom...

Uma de nós começou, e nada mais veio.

Pela fresta da cortina, a claridade já feria os olhos.

Como minha irmã permanecia em silêncio, cheguei a olhar o visor para ver se a ligação havia caído.

Ainda estava ali.

Ainda.

Meu peixe de cristal me encara.

Sinto-me fígada.

– Viviane?

Respiração;

– Ele está bem?

Nada.

– Em qual hospital?

Silêncio.

– Na verdade ...

Ele morreu na hora.

Nestor

João Victor Fernandes Vanderlei

Às 23h51, quando eu tinha sete anos, nove meses e treze dias de idade, matei meu gato, Nestor, no quartinho que servia de despensa. Tal fato, embora enunciado com despropositada precisão, talvez não cause o mesmo impacto de frases como: “esquartejei minha mãe às 10h33 no banheiro da sinagoga” ou “estrangulei meu irmãozinho de dois anos nos fundos da padaria do Seu Manuel”. Eu não era como uma daquelas crianças inglesas monstruosas: Bartlam, Venables ou Thompson. Mas estou convicto de que qualquer ato de violência perpetrado por mãos ainda pequeninas e, no meu caso, um tanto gorduchas, provoca a imaginação de curiosas formas.

Nestor era um gato de pelos longos, branco-acinzentados, com olhos verdes como esmeraldas. Foi um dos presentes que recebi na festa do meu sétimo aniversário, quando eu ainda era um jovem humano de pelos curtos, castanho-claros, e olhos negros como jabuticabas. Muito antes de mim, pertencera à minha tia-avó, uma viúva sem filhos cuja impressionante longevidade provocava, em seus parentes mais próximos, uma inquietação que oscilava entre a impaciência e a esperança. Para alívio desses herdeiros em potencial, ela finalmente sucumbiu alguns meses antes da minha festa, deixando, entre outras heranças menos desejáveis, um gato-fardo.

Como acontece com certos idosos, tanto humanos quanto animais, Nestor tornou-se uma presença incômoda, um estorvo que circulava entre os parentes, repassado de casa em casa como um móvel antiquado, rejeitado pelo exasperante desconforto que sua velhice despertava ou por, de certo modo, evocar o fantasma de uma mulher que sempre vivera à margem da família, reclusa num decadente palacete neocolonial.

Ele permaneceu nesse limbo até parar na casa de um dos irmãos da minha mãe, que, no dia da minha festa, deu-se conta de que se esquecera de comprar um presente para mim. Certamente movido pelo desejo sincero, ou desesperado, de me agradar, interrompeu a sesta do felino, amarrou-lhe uma fita colorida no pescoço e o enfiou numa caixa sem furos, acompanhada de um cartão de fundo de uma gaveta, no qual se lia um Happy Birthday de purpurina.

O pobre gato, sem entender sua nova sina, deve ter passado pelo menos duas horas mergulhado na escuridão daquela caixa, embalado pelos solavancos do carro e preso no trânsito caótico que, segundo meu tio, lhe roubou uma hora. Como soube depois, para tornar

a jornada ainda mais memorável, Nestor entoou um lamento ininterrupto, uma autêntica ópera do desespero, que, entrelaçada ao concerto de buzinas e aos impropérios líricos dos motoristas, compôs a trilha sonora de um colapso nervoso coletivo.

Até sua chegada, meu aniversário resumia-se a uma enfadonha encenação: beijos molhados de tias semidesconhecidas, “feliz aniversários” protocolares, berros de crianças cujos nomes há muito esqueci e presentes que, na melhor das hipóteses, julgava medíocres. O peso do tédio só foi aliviado quando meu tio, com um olhar que simulava cumplicidade, apresentou o misterioso embrulho.

Ao abri-lo, meus olhos se iluminaram, meus lábios soltaram um grito de alegria e minhas mãos se precipitaram em direção àquela bola de pelos brancos, num abraço quase convulso. A intensidade foi tamanha que Nestor, atordoado pelo súbito aperto, soltou um miado estridente, arqueando o corpo num espasmo. Suas garras encontraram minha pele como agulhas, cravando-se no meu braço e peito. A dor foi imediata, lancinante, espalhando-se em ondas pelo corpo, mas, curiosamente, em vez de arremessá-lo, meu reflexo foi o oposto: segurei-o ainda mais firme. Por um instante, o tempo pareceu hesitar. O peso quente e trêmulo do pequeno corpo contra o meu, a vibração mínima de seu peito, a dor pulsante onde suas garras haviam afundado, tudo se mesclava numa sensação paradoxal de desconforto e êxtase. Ele se debatia, apavorado, e, ainda assim, eu podia sentir que, ali entre nós, havia algo belo e definitivo: um laço selado na surpresa mútua daquele encontro.

Por fim, meu pai rompeu o enlace com um gesto brusco e atirou-o ao chão. Nestor disparou para algum canto escuro da casa. Permaneci parado, observando, sem chorar, o sangue escorrer em finos fios pela pele lacerada. Minha mãe logo veio em meu socorro, desinfetou os arranhões e, enquanto soprava promessas sobre o fim da ardência, lançou um olhar fulminante ao meu tio. Iniciou-se então uma discussão entre os dois sobre o absurdo que caracterizava dar de presente a uma criança um gato velho e ranzinza que, além de tudo, por conta de sua morte iminente, a obrigaria a antecipar uma daquelas “conversas sobre assuntos complicados”, nas quais os adultos fingem saber mais do que as crianças.

Sentia-me culpado por minha desmedida demonstração de afeto. Então, enquanto os adultos se desentendiam, corri em busca de Nestor, esperando que, de algum modo, pudéssemos chegar a uma reconciliação. Encontrei-o alguns minutos depois, lambendo seu ventre. Ao me avistar, interrompeu os cuidados pessoais, retesou o corpo e me lançou um olhar de gelo. Julguei mais prudente recuar e respeitar seu espaço. Meus pais diziam que era apenas uma questão de tempo: o gato não me conhecia, precisava se acostumar comigo antes de se afeiçoar.

Nos dias que se seguiram, cada vez que voltava da escola, empreendia tentativas infrutíferas de aproximação. E, todas as vezes, sentia que ele me detestava, que minha presença lhe era tão indesejada quanto fora, um dia, a dos parentes que o descartaram. Comecei a suspeitar que, para ele, eu era apenas mais um desses donos provisórios, esperando o momento certo para se livrar dele. Se o surpreendia para acariciá-lo, quando não fazia apenas um movimento brusco projetando-se para longe de mim com as patas, contorcia-se, arranhava-me e mordida-me.

O único momento de trégua vinha com a fome. Nestor roçava entre minhas pernas, emitia miados quase ternos e, enquanto se alimentava, sua indiferença aos meus toques parecia, a meus olhos, uma forma sutil de consentimento. Quando a tigela esvaziava, ele ainda erguia a cabeça por um instante e levantava o queixo, como quem solicita carinho num ponto até então inacessível. Todo esse ritual durava cerca de dois minutos. Nesse espaço de tempo, experimentava algo semelhante àquilo que, mais tarde, reconheceria no calor reconfortante dos amores correspondidos.

Mas mesmo assim, a frustração persistia, pois, em termos gerais, meus métodos de aproximação se revelavam pouco eficazes. Optei, então, por refinar minha estratégia, aproveitando-me dessa trégua instintiva que a fome impunha à sua habitual indiferença. Tudo começou com pequenos gestos. Durante semanas, alimentei Nestor com ainda mais regularidade. Passei a servi-lo pontualmente, criando nele a certeza de que eu era o fiel provedor de seus banquetes. Acrescentei pequenas iguarias à sua dieta: um pedaço de frango, um restinho de peixe.

Ele, é claro, não demonstrava verdadeira gratidão. Mas, além do perceptível aumento no diâmetro de seu ventre, notei que, aos poucos, já não considerava minha presença um ensejo para a fuga. Passou a tolerá-la em ambientes diversos, da mesma forma que se tolera uma sombra na parede. Ainda assim, nas raras vezes em que se deixava acariciar, lia em seus movimentos débeis e no seu miado frouxo algo próximo à má vontade, como se a breve concessão de carícias fosse um favor que me fizesse.

Certa noite, enquanto eu, agachado no chão da cozinha, lhe oferecia um novo acepipe, ouvi minha mãe comentar, quase rindo:

— É só um gato, filho. E já tão velhinho... No máximo, tem mais um ou dois anos pela frente.

Sua incredulidade diante da minha obstinação era explícita. Havia, supostamente, algo de desproporcional, talvez até inquietante, na devoção que eu nutria por um animal que, para ela, não passava de uma presença incômoda prestes a se dissipar no fluxo natural das coisas.

Mas eu não via nossa relação nesses termos. Se o tempo de Nestor era curto, então cada pequena conquista se tornava, para mim, ainda mais valiosa.

Apesar de tudo, nenhum dos dissabores, por mais numerosos e constantes que fossem, fora tão mortificante quanto notar que, pouco a pouco, meu velho gato parecia tornar-se mais indulgente com a aproximação das visitas. Quando amigos dos meus pais, ou até outras crianças da minha idade, vinham a minha casa, Nestor, que já me concedia tão pouco de seu precioso tempo, lançava-se ao colo dos visitantes, ronronava, fechava os olhos, repousava como se estivesse entre iguais. Nesses momentos, ao fitar seus grandes olhos verdes, eu tinha certeza de que ele me desafiava, testava-me, zombava de minha disposição incondicional.

Ao contrário de tantos, eu não me importava com sua idade avançada, nem com o cheiro rançoso que impregnava seus pelos branco-acinzentados. Amava-o, apesar de suas excentricidades e enigmas. Há muito tempo eu deixara de esperar qualquer afeto em retribuição, mas ainda me feriam a frieza com que me observava, a maneira como mal suportava minha presença. Fiz tudo o que pude para conquistá-lo: ofereci comida, respeitei seu espaço, tentei decifrar seus humores. E, ainda assim, continuava sendo insuficiente.

Comecei a vivenciar esse pérfido jogo provocado por Nestor de formas até então inéditas. Primeiro, senti como se meu corpo fosse uma casca oca preenchida unicamente por um ar estanque, de chumbo. Depois, à medida que ruminava amargamente suas atitudes, passei a nutrir um ódio igualmente inédito. Um ódio que não era impulsivo, explosivo, mas algo mais sombrio, mais denso, uma matéria bruta e viscosa que crescia em silêncio, pulsando dentro de mim, tal qual um organismo próprio.

Cerca de meio ano após meu aniversário, um episódio causou considerável comoção no bairro. Envolvia um grupo de crianças, todas entre nove e doze anos, movidas, segundo afirmariam depois, com a mais cândida naturalidade, por um genuíno espírito científico, essa nobre inquietação amiúde denominada “curiosidade”. O experimento consistia em arremessar um gato de rua do terceiro andar do prédio onde moravam, na esperança de comprovar empiricamente duas máximas muito difundidas no folclore infantil: a de que gatos sempre caem em pé e a de que possuem mais de uma vida.

O resultado foi, para o assombro dos jovens acadêmicos, um sucesso parcial. O felino, embora visivelmente desconfortável com o teste, sobreviveu à queda praticamente

incólume, limitando-se a um leve mancar que, longe de causar decepção, apenas instigou a capacidade de adaptação metodológica do grupo. Os pequenos cientistas decidiram então complementar a experiência com um segundo procedimento, bastante inspirado pela ciência de Hipócrates: imobilizaram as patinhas do paciente com talas feitas de palitinhos de sorvete e, em seguida, enfaixaram-no com a gaze que uma das crianças foi buscar em casa.

Foi nessa mesma época que compreendi que Nestor não era um gato comum. Eu não poderia ter expressado dessa maneira na época, mas, hoje, em retrospecto, vejo que sua repulsa por mim transcendeu o mero desinteresse; tratava-se, antes de tudo, de uma repulsa ideológica: eu era uma afronta à sua natureza altiva e independente, um pequeno tirano humano tentando exercer sua vontade sobre um espírito livre que jamais se curvaria.

Hoje também compreendo que o afeto que Nestor buscava dos visitantes não nascia de vínculo algum. Para ele, aninhar-se no colo de estranhos que nada exigiam ou esperavam dele tinha a mesma função prática-fisiológica de defecar na caixa de areia. Seu corpo buscava uma sensação passageira de conforto, assim como suas vísceras buscavam expulsar as fezes com movimentos peristálticos.

Nestor não se dobraria ao meu afeto, nem permitiria um instante de genuína proximidade. Nosso laço era um nó frouxo, um vínculo artificial sustentado por dois minutos diários de falsa ternura durante as refeições. Porém, o que ele jamais poderia antecipar, até porque sua condição de felino inegavelmente lhe impunha certas limitações cognitivas, era que, embora ainda jovem, eu possuía um instinto de autopreservação tão implacável quanto o silêncio que segue à última respiração.

A decisão já estava tomada havia dias. Restava apenas o momento certo. Meus pais se recolhiam por volta das dez e meia, mas eu sabia que o momento exato para colocar meu plano zoocida em ação seria à meia-noite. Havia algo sobre “meia-noite” que me atraía, um caráter simbólico e sonoro que não saberia explicar. Na noite escolhida, contudo, minha ansiedade cresceu a tal ponto que cada tic-tac do relógio parecia um chamado à ação. A tensão me devorava. Sem conseguir controlar meu desassossego, antecipei o plano em alguns minutos.

Na penumbra da despensa, preparei a isca: um pedaço generoso de frango cru, recém-saído da geladeira. Nestor veio sem hesitação, movido pelo estômago, alheio à origem da generosidade que o alimentava. Eu o deixei comer. Observei com paciência cada mastigada, sentindo nas pontas dos dedos o leve tremor da expectativa enquanto ouvia o barulho úmido do frango cru deglutido. E então, num breve intervalo, quando lambeu os beiços, satisfeito, minhas mãos avançaram e o agarraram pelo pescoço, os dedos fechando-se ao redor da

garganta felpuda. Ainda conseguiu emitir um miado curto antes de começar a se debater, suas patas tentando se fixar em alguma coisa sólida à medida que eu o suspendia pela traqueia. As garras cortaram a pele dos meus braços, mas a dor era inócua. Segurei firme, experimentando o calor pulsante da vida que é forçada a escapar do corpo. Seus olhos verdes, sempre tão frios, se arregalaram em um último vestígio de desespero. Durou menos do que eu imaginava. Nestor amoleceu e os membros antes retesados cederam em um espasmo final. Mantive as mãos ali por mais alguns segundos, só para ter certeza.

Quando o soltei, parecia um fantoche. Pouco depois, tornei a pegá-lo e o sopesei, como se tentasse estimar se a vida tinha algum peso físico. O verde das esmeraldas se tornara leitoso, e a forma como os membros e a cabeça pendiam moles quase me fez rir. A fonte de tanta angústia agora não passava de uma patética pelúcia. Essa ausência, essa mudança repentina, a transição entre a vida e a morte e os segundos que a sucedem: tudo parecia exalar um senso de ridículo. Constatei, ali, que o que separava o tudo do nada era apenas a pressão não muito intensa de alguns dedinhos gorduchos sobre um tubo de carne.

Fiquei ali por alguns instantes, observando-o, esperando sentir algo. Qualquer coisa profundamente humana. Culpa, alívio, alegria, horror. Mas nada aconteceu. O corpo inerte de Nestor repousava em meus braços e apenas um vago tédio se insinuava à flor de minha consciência... Ou, talvez um vazio, como se eu contemplasse a superfície de um lago onde uma pedra tivesse sido lançada, mas que, de forma absurda, permanecesse intacta, sem ondulações.

Refletindo sobre a eliminação de vestígios do crime, considerei prudente usar mangas compridas nos dias seguintes: os arranhões poderiam suscitar perguntas indesejadas. Em seguida, coloquei o cadáver num canto escuro da sala de estar. Sabia que, ao encontrá-lo, meus pais atribuiriam sua morte à velhice, jamais suspeitando dos ardis zoocidas de seu filho de sete anos.

Mas, à medida que a madrugada avançava em seu torpor insone, comecei a sentir algo diferente. Uma espécie de desconforto fervilhava em minha mente infantil. Havia bagunçado algo no mundo. O que ocorrera naquele quartinho assumia uma aura quase solene. Fora meu momento de maior intimidade com Nestor. E, quem sabe, desde então, o mais íntimo que já tive com outro ser. Afinal, meu papel de “assassino mirim”, de “perpetrador de um ato violento”, ou qualquer outra designação empapada de moralidade, tornava-se banal diante da grandiosidade de meu papel como facilitador e testemunha da dissolução da própria vida, como intermediário entre o efêmero e o irreversível. Meu gesto, essa recusa à realidade humilhante e confusa dos meus próprios sentimentos, despertou em

mim não somente a noção de minha própria fragilidade, mas a de todas as coisas. A partir de então, meu universo, antes sólido e exato, adquiriu novos contornos, espessuras e relevos.

Querido Nestor, envio-lhe, até o mundo dos mortos, um miau solidário, lamurioso, um miau-elegia, daqui, do fundo desta minha caixa sem furos onde a vida adulta me aprisionou.

O centauro de Messejana

Elton Regis do Nascimento

Nazaré não vendia comida; ela orquestrava a logística. No final da linha do Terminal de Messejana, entre o vapor dos escapamentos e o grito dos fiscais, sua caixa de isopor era um posto avançado de civilização.

Ela tinha olho clínico. Sabia quem queria o baião com ovo (o pedreiro com pressa) e quem pagaria extra pela carne de sol (o estudante bolsista no dia do pagamento). Mas seus olhos, acostumados a escanear a multidão, só brilhavam para uma direção: o alto.

Givonildo não era um homem; era uma engrenagem.

Quando o Mercedes-Benz articulado apontava na curva, rugindo como um leviatã de metal azul, o chão tremia sob as sandálias de Nazaré. O freio a ar soltava aquele suspiro longo e sibilante — tsssss — como uma besta acalmando a respiração. E lá no alto, protegido pelo vidro fumê, estava ele.

Sentado no trono de napa, com a toalhinha branca no pescoço e os óculos escuros de aviador, Givonildo não dirigia; ele pilotava o mundo. Com um leve toque de dedos, abria as portas traseiras, despejando a humanidade na calçada. Com outro toque, guiava destinos.

Nazaré aproximava-se da janela do motorista como quem faz uma oferenda ao altar.

— O de sempre, Seu Givonildo? — perguntava, esticando o pescoço para olhá-lo de baixo para cima.

Ele sorria, um dente de ouro faiscando na sombra da cabine. — Capricha na pimenta, Naza. Hoje a linha tá pesada.

A troca de dinheiro e marmita era o flerte possível. As mãos se tocavam brevemente. Nazaré sentia o cheiro dele: uma mistura de lavanda barata e óleo diesel queimado. Era o cheiro da autoridade.

O convite veio numa terça-feira chuvosa. — Tem Roberta Miranda no Pau de Arara sábado — ele disse, a voz grossa competindo com o motor em ponto morto. — Tu vai comigo?

Nazaré sentiu um calor subir pelo pescoço. — Vou. — Passo na tua casa às oito. Esteja pronta.

E a porta se fechou. O ônibus partiu, levando seu centauro de aço para a batalha da BR-116.

Sábado chegou. Nazaré gastou metade do lucro da semana no salão. O cabelo estava armado, erguido como um escudo contra a umidade. O vestido vermelho, justo, marcava o corpo que ela alimentava com as sobras do isopor. Ela sentou-se na calçada de casa, o coração acelerado.

Imaginou a chegada. Não esperava que ele viesse com o ônibus da empresa, claro. Mas Givonildo era um homem de máquinas grandes. Imaginou talvez uma D-20 robusta, coisa de fazer tremer rua. Qualquer coisa que mantivesse a escala, a grandiosidade.

Às oito em ponto, ouviu-se o som.

Não era um rugido. Não era um trovão. Era um zumbido. Um nhéééé agudo, asmático, arrastado, como um mosquito gigante agonizando.

Nazaré levantou-se, procurando a origem. O zumbido aumentou, engasgou, tossiu fumaça branca e morreu na frente do seu portão.

Era uma mobilete Caloi. Vermelha. Com o escapamento furado e pedais de bicicleta para ajudar na subida.

Givonildo desembarcou. Ou melhor, ergueu-se. Desprovido da moldura de toneladas de metal ao redor, sem o trono elevado, ele parecia ter encolhido meio metro. Os óculos de aviador pareciam grandes demais para o rosto. A camisa aberta no peito, exposta ao vento, revelava um tórax magro, vulnerável.

— Vamos, princesa? — disse, dando uma tapinha no banco de vinil rasgado da motinha.

Nazaré olhou para a mobilete. Olhou para Givonildo. Olhou para o próprio vestido vermelho.

O monarca fora descorado. O centauro fora amputado de sua metade cavalo. Ali estava apenas o homem, um simples civil sujeito aos buracos da rua e à humilhação do asfalto.

— Vamos — disse, a voz murcha como um pneu furado.

A viagem foi um calvário. Nazaré teve que segurar na cintura fina de Givonildo, sentindo as costelas dele em vez da vibração poderosa do motor a diesel. A mobilete gemia a cada quebra-molas. As pessoas na rua olhavam. Não olhavam com respeito, como olhavam para o ônibus. Olhavam com pena.

No show, Roberta Miranda cantou sobre amores desencontrados, e Nazaré chorou. Givonildo achou que era emoção pela música. Abraçou-a, beijou-a. O beijo era o mesmo, o cheiro de lavanda estava lá. Mas faltava o diesel. Faltava a altura.

Na volta, a corrente da mobilete caiu duas vezes na Avenida Frei Cirilo. Givonildo sujou as mãos para consertar. Graxa rala, não a graxa nobre e espessa dos eixos pesados. Nazaré esperou na calçada, abraçando os próprios braços contra o vento úmido, olhando para ele agachado no meio-fio, pequeno, vencido por uma mecânica de quintal.

Nesse instante, um biarticulado noturno passou roncando rasgado pela avenida. O chão tremeu sob as sandálias de Nazaré, e uma lufada de vento quente bateu no seu rosto. Ela não olhou para o homem com as mãos sujas aos seus pés; seus olhos seguiram a fera de metal sumindo na escuridão.

Na segunda-feira, o sol quente fritava o concreto do Terminal de Messejana. Nazaré estava no posto de sempre, arrumando as quentinhas. Quando o Mercedes-Benz apontou na curva, o rugido espantou as pombas do teto de zinco e fez o sangue dela correr mais rápido. O chão voltou a tremer.

O monstro parou. O suspiro do freio a ar — tsssss — varreu a calçada, a música mais erótica que ela já ouvira. A porta sanfonada abriu.

Lá em cima, no alto do trono de napa, inalcançável e blindado pelo vidro fumê, Givonildo sorriu, o dente de ouro faiscando na penumbra da cabine. Ele era um deus novamente.

— O de sempre, Naza? — a voz desceu grave, amplificada pela acústica do painel.

Nazaré ficou na ponta dos pés, esticando a marmita de isopor até o limite dos braços para alcançar a janela. Os dedos se roçaram. O calor do motor e o cheiro cru de óleo diesel invadiram suas narinas, embriagando-a.

— O de sempre, Comandante — respondeu ela, olhando para cima, sem piscar.

O irmão errado

Paulo Brigue

Hoje é o nosso aniversário, Rafa. Desde pequeno, justo no dia, eu dava um jeito de ficar doente. Queria fugir do bolo e dos parabéns; odiava as fotos, os doces, os salgadinhos... Odiava sobretudo os presentes, sempre duplicados, iguais, como se fôssemos siameses. Mas não éramos iguais, você era diferente. Você era o queridinho, o garoto de ouro, o amigo de todo mundo, que adorava as festas, e vinha até o quarto me chamar, vem brincar, Guel, vem ver o Forte Apache que a gente ganhou, tem a Sétima Cavalaria e a Tribo Sioux, quem você vai querer ser?, eu trouxe um pedaço de bolo, brigadeiro, língua de sogra, guaraná, não tá muito gelada, não vai fazer mal pra sua garganta, levanta dessa cama, Guel.

Depois cresci um pouco e mudei de estratégia: em vez de simular uma doença eu simplesmente desaparecia. Esse meu sumiço de aniversário virou tradição familiar. E assim comecei a fumar maconha, como uma fuga aos parabéns. No fundo, no fundo, eu me iludia que passando o aniversário longe passaríamos a ter idades diferentes e eu não mais estaria preso dentro deste saco amniótico invisível em que você eternamente sorri e eu eternamente fico emburrado. Como dois irmãos podem nascer, a um só tempo, tão iguais e tão diferentes?

Uma coisa que nunca te contei é que eu sonhava com as nossas festas e continuo sonhando até hoje, mesmo depois que vim parar neste país sombrio. Hoje mesmo sonhei que durante vários dias me preparava para a festa. Seria a melhor e mais feliz de todas as festas. Teria lugar numa fazenda paradisíaca, a sede da fazenda tinha vista para um vale azul e verde, onde serpenteava um rio prateado, e garçons vestidos de pinguins circulariam entre os convidados levando drinques exóticos e iguarias orientais, e dançarinas árabes e jazzistas americanos — um deles o próprio Dizzy Gillespie, eu seria capaz de jurar — passeariam exibindo seus dons artísticos entre os amplos salões iluminados com tochas, e no último salão você estaria me esperando com um pedaço de bolo e um copo de guaraná na mão, que bom que você veio, Guel, estávamos sentindo a sua falta.

Mas eu fodi tudo, como sempre. Fumei um caminhão de maconha e enchi a cara de tequila. Quando acordei (dentro do sonho, dentro do sonho), já eram duas da madrugada e o celular estava sem bateria. Saí à rua, atrás de um táxi, mas encontrei todos os pontos vazios e assim perdi a melhor festa de todos os tempos.

Então eu acordei, Rafa, chorando por causa da festa perdida, e lembrei que estou longe de casa, aqui neste país horrível, neste lugar amaldiçoado e esquecido por Deus, onde

os homens explodem os homens. Acordei no bunker, neste caixão de concreto em que me enfiou todas as noites para escapar do frio e das bombas. Acendi um cigarro e fiquei olhando a ponta incandescente, estrela vermelha na treva, enquanto pensava na noite da sua formatura, aquela noite em que eu apareci bêbado e caguei com tudo, a mãe chorando, o pai no pronto-socorro com um princípio de infarto, e mesmo assim você me perdoou no dia seguinte, meu irmão, o que não me impediu de minutos depois ir até a boca e cheirar tanto pó que a própria Dona Marlene, a mulher da boca, teve que implorar que eu parasse ou ia morrer ali mesmo, no tapete encardido da sala. Naquela noite eu fiquei devendo na boca e fugi da cidade.

Está fazendo muito frio aqui, Rafa. Mesmo que tenha estudado isso na faculdade, você nem imagina quanto frio um homem pode suportar. O pior não é o frio em si, mas o que as pessoas fazem no frio. Ontem, no final da tarde, cruzei com uma garota na rua e ela fez um gesto de quem queria conversar. Segui-a até um prédio em ruínas; entramos onde um dia deve ter sido o apartamento de alguma família. Ela me disse em um inglês todo estropiado:

— Se eu te pagar você me mata?

Fiz cara de quem não entendeu, mas havia entendido perfeitamente. Ela repetiu quase gritando:

— Se eu te pagar você me mata?

— Por que você mesma não faz o serviço?

— Não tenho coragem.

Ela precisava que fosse alguma coisa com data e hora marcada, uma simulação de assalto, um tiro na têmpora ou na nuca, e acabou. Pagaria bem. Já escolhera inclusive um esconderijo perfeito para ocultar o cadáver. A cova já estava cavada no meio de um bosque.

— Você não vai ter problemas. Na guerra ninguém vai ligar pra mim.

Disse não estar interessado. Fui saindo, mas antes me virei para ela e tive o ímpeto de perguntar:

— Qual é o seu nome?

— Natália Rostov.

Acho que esse não era o nome verdadeiro. Quando saí do prédio e deixei Natália Rostov para sempre, olhei para o céu e vi uma pequena estrela no meio da noite que subitamente baixara sobre este país desgraçado. De repente, senti uma vontade muito grande de ficar bêbado e perder a consciência.

Foi então que aconteceu, Rafa. Ao abrir a porta do que eu imaginava ser um bar secreto — foi o endereço que os camaradas da minha unidade haviam indicado — percebi que estava sozinho. Acendi minha lanterna e vi uma pequena multidão de manequins de carne — homens, mulheres, velhos, crianças — deitados uns sobre os outros, como se sonhassem o sonho de suas festas individuais. Cada um deles tinha um pequeno buraco vermelho na nuca, mas de resto pareciam apenas um grupo de pessoas que tivessem acabado de engolir uma cápsula de cianureto.

Não sei se você sabe, meu irmão, mas a guerra se parece com um grande adiamento. A maior parte do tempo a gente passa esperando alguma coisa acontecer, e não acontece nada. Quase sempre é esse silêncio, essa neve, essa procrastinação. O mesmo silêncio que eu sentia na noite em que fugi da cidade. Dirigi mais de 500 quilômetros, cheirando e fumando a madrugada inteira. Parei diante de um vale verde e azul, onde serpenteava um rio prateado. Uma última estrela cintilava no horizonte, enquanto o dia vagarosamente ia nascendo. Naquele exato momento, senti uma pontada no coração. Era você, o irmão errado, que morria em meu lugar.

O livro das alucinações

Luís Orlando Emerich dos Santos

Você quer escrever um conto. O primeiro passo é pensar em um cenário. Imaginemos uma biblioteca, um prédio antigo num fim de tarde chuvoso. É preciso, também, um personagem. Que tal o bibliotecário? Isso! É um bom começo... Abílio Cordeiro, quarenta e sete anos, calvo, magro, míope, vive sozinho, lava e passa suas camisas de colarinho engomado, coleciona selos.

O sol de verão se escondia quando as nuvens se avolumaram, acinzentando o poente. A biblioteca já estava vazia há algum tempo quando Abílio se pôs a fechá-la. Trancou a porta da entrada principal, uma pesada porta de ferro, como de um banco – como se houvesse algo de grande valor material na velha biblioteca. Enquanto fechava as janelas e corria as persianas, a chuva desabou.

Escurecia lá fora quando ele seguiu para a ala norte, interditada ao público há anos para uma reforma que nunca acontecia. Quando começou a trabalhar na biblioteca, décadas atrás, já havia sido interditada. Não havia muito a ver na ala norte, apenas estantes vazias, dispostas como um labirinto sem segredos. Labirinto que ele percorria ao som dos trovões e da chuva insistente quando um livro lhe chamou a atenção – não podia não chamar a atenção, já que era o único exemplar nas estantes. Não havia nele nenhuma identificação da biblioteca — ficha ou carimbo — apenas o título impresso na capa dura: Livro das Alucinações. Não havia nome de autor e quase nada impresso. Era antes um caderno de anotações manuscritas e elaborados desenhos e diagramas.

Folheando o livro, ele se perdeu entre desenhos geométricos, mosaicos, detalhadas representações de órgãos humanos e de animais, equações diferenciais e algébricas, palavras que se repetiam e não faziam sentido algum... e uma frase: “A morte é um equívoco que se perpetua porque ninguém ousou duvidar dela...”. E depois, páginas e páginas em branco, aguardando para serem preenchidas.

Anoitecia em silêncio quando ele retornou o livro à estante. A chuva parecia ter diminuído, era hora de ir. Saiu pela porta lateral, uma porta discreta que dava para uma rua estreita, escura e quase esquecida. Correu sob a chuva até a avenida, até o ponto de ônibus, onde esperou uns poucos minutos.

O ônibus seguia lento no trânsito confuso, em meio à chuva e à noite, entre buzinas e sinais. A chuva escorria em pequenas gotas na janela a seu lado. Os passageiros, perdidos

nas pequenas telas, seguiam como autômatos, manequins pobres nas vitrines do tempo. A vida é um equívoco que se perpetua... Um passageiro sonolento escuta em alto volume um programa no rádio, mais um pastor assaltando as carteiras magras de suas ovelhas crédulas. Este é o país das ovelhas crédulas e políticos patriotas que assaltam eleitores orgulhosos de sua ignorância. É o país dos programas religiosos, que entopem os canais, e dos programas policiais, ensanguentando o que resta. Deus e morte. Deus e polícia. Dinheiro, Deus e polícia... É melhor não ver nada, virar o rosto e colecionar selos. Fingir-se de morto, ou fingir-se de vivo, como um autômato, um manequim feliz com suas roupas novas, e Deus e a polícia sempre ao seu lado...

O ônibus freou bruscamente, tirando-o de seus pensamentos – seu destino havia chegado.

Seguiu pela escada escura até seu apartamento no terceiro andar. Abrindo a porta, não se surpreendeu ao se deparar com o Dr. Stegmüller em seu sofá – as pernas cruzadas, um livro entreaberto nas mãos peludas e um olhar entediado. Thomas W. Stegmüller é um orangotango, originário de Tansé, na Indonésia, mas que imigrou para a Áustria ainda na adolescência, tendo estudado na Universidade de Viena, onde obteve um doutorado em psiquiatria, embora seja mais conhecido como filósofo pós-moderno diletante. Sua entrada pela janela era um acontecimento corriqueiro, sobretudo nas noites de quinta-feira, quando entabulavam longos diálogos sobre os aspectos filosóficos da filatelia e da culinária.

Após breve cumprimento, lembrando do Livro das Alucinações, Abílio indaga:

– Você já pensou que a morte pode ser apenas uma convenção social?

– E se for o inverso? E se a vida for uma convenção social e apenas fingimos que vivemos?

Antes que Abílio pensasse uma resposta ou outra indagação, o Dr. Stegmüller fechou o livro que trouxera, mostrando-lhe a capa. Era o Livro das Alucinações.

– Você esqueceu seu livro na biblioteca.

– Não é meu livro.

– Isso é algo que você deve decidir. Há ainda muito a escrever.

Dito isto ele se levanta, deixando o livro sobre o sofá, e sai pela janela sem se despedir. As normas sociais dos orangotangos não são as mesmas das nossas...

Nesse instante a campainha soou insistente, cada vez mais forte, como se viesse não apenas da porta, mas também das paredes, do teto, das lâmpadas, dos móveis, das cortinas e, até, de seus ossos.

Abriu.

No corredor, subitamente silencioso, não havia ninguém. Apenas o som da chuva distante e um cheiro de papel molhado. No chão, repousava uma ficha antiga da biblioteca, manchada de tinta e com seu nome escrito em letra minúscula, trêmula.

Voltou-se para dentro. O sofá estava vazio. O livro também não estava mais lá. Cruzou a sala em silêncio, abriu a janela, mas só encontrou o reflexo enevado da própria face no vidro, multiplicado em dezenas – como se fosse ele mesmo uma multidão de leitores e personagens.

Só então percebeu que sobre a mesa repousava uma caneta-tinteiro. Estendeu a mão para alcançá-la e, sem querer, uma gota de tinta escorreu sobre a página em branco que agora o esperava. No silêncio que se seguiu, não saberia dizer se ainda era bibliotecário, escritor, personagem ou apenas o eco de um sonho alheio.

A campainha soou novamente.

Era o Dr. Stegmüller, desta vez adentrando pela porta, acompanhado por dois enfermeiros. Abílio foi logo imobilizado e sedado. Quando recobrou os sentidos, já não estava em seu apartamento. A luz fria do hospital o cegava. Sentiu o peso das correias prendendo seus braços e pernas e um gosto metálico na boca. O ar cheirava a desinfetante, e ao longe ecoava o rangido de portas sendo abertas e fechadas.

Uma sombra se aproximou. Reconheceu a silhueta familiar do Dr. Stegmüller, agora de jaleco branco e óculos.

– Bem-vindo de volta, senhor Cordeiro – disse numa voz calma, profissional. – Você teve uma crise forte. É normal. O importante é que agora está em segurança.

Abílio tentou responder, mas sua língua parecia aprisionada. Moveu apenas os olhos, buscando pela cabeceira. Sobre uma pequena mesa repousava o Livro das Alucinações.

– Não se preocupe – continuou Stegmüller, como se lhe lesse os pensamentos. – O livro não existe. Ou melhor, existe apenas enquanto você acredita nele.

O bibliotecário quis protestar, mas o médico já se voltara para os enfermeiros, que ajustavam o travesseiro e verificavam as amarras. A rotina fria de um manicômio, pensou Abílio, sem saber se a palavra “manicômio” era lembrança ou delírio.

Nos dias que seguiram, o doutor o visitava regularmente. Havia algo de paternal em seus gestos: perguntava pelos selos de sua coleção, incentivava-o a falar e a escrever pequenos trechos para “manter a memória ativa”. Mas sempre que a conversa se aproximava do Livro das Alucinações, Stegmüller desviava o assunto com uma piada ou uma citação filosófica.

Certa noite, enquanto o vento e a chuva fustigavam as janelas do pavilhão, o médico se inclinou e falou quase num sussurro:

– A morte, meu caro, pode até ser um equívoco. Mas o esquecimento... o esquecimento é inevitável. O que você teme no livro não é mais do que isso: o medo de esquecer-se de si mesmo, e o medo de encontrar-se.

Abílio fechou os olhos. Quis acreditar. Quis descansar. No silêncio que se seguiu, pensou ouvir o leve arranhar de uma caneta sobre o papel. Quando tornou a olhar, encontrou sobre sua mesa de cabeceira um caderno simples, de capa preta.

Na primeira página, em letra de forma, estava escrito:

“Paciente: Abílio Cordeiro. Diagnóstico: transtorno de memória e identidade. Recomenda-se escrita diária.”

Abaixo, linhas em branco o aguardavam. Com mão trêmula, tomou a caneta e escreveu. Não sabia se era o início de uma alta, de um novo delírio, ou simplesmente de outro conto. Mas escreveu.

O peso da água

Richard Roch

- deixa aconte-cer na-tu-ral-men-te... eu não quero ver vo-cê cho-rar... deixa que o a
- eu pego o cabo de vassoura?
- neu néno o nano ne nanouna?
- O QUÊ?

- desligando em 10... 9... 8... tá bom tá bom tá bom desligando agora. água fria não

Espelho do banheiro – Toda quinta-feira é isso: chego da escola, almoço correndo e banho. Qualquer dia ela vai ver. Vou levar um copo pro chuveiro, e quando ela for pro tanque, jogo água pela janelinha. Mas não tem pra onde correr... Chinelo molhado queima... Só se eu jogar depois que já tiver me vestido, porque aí eu corro e me tranco no quarto. É. É isso. Mas outro dia. Quinta não. Ó ela aí atrás.

- já tá pronto?
- falta prender o cabelo
- e quer que eu limpe sua bunda também?
- não
- então apura! que inferno! aqui nessa casa são quatro bocas pra comer e só duas mãos pra lavar

–

- e nem banho eu tomei ainda
- deixa que eu lavo, Mãe
- então tira a camiseta pra não sujar
- pronto

– assim não, peste! vai parecer que saiu da boca da vaca. põe os braços pra cima. pronto. tá passadinha

- mas a espuma do sabão não é verde

–

– se a camisa tivesse saído da boca da vaca, ela ia sair verde porque vaca fica mascando grama e

- vai vai vai, apura. minha nossa senhora... e enxágua direito os pratos

Pia – Meu cabelo é da minha mãe. Eu até gosto mas ela não deixa eu cortar e aí eu não gosto. Prender pra quê? Sempre que eu prendo, ela diz que tá errado. Melhor cortar. Aí não iam mais me chamar de menina na escola. Se bem que as meninas da escola gostam dos meus cachinhos. Elas fazem trança... Se

eu chego de trança em casa, tem interrogatório. Quem fez? Quem é essa? Ela senta no fundo ou na frente? Minha mãe penteia tão forte, que é como se quisesse ver as respostas dentro da minha cabeça. As respostas ficam na cabeça. No coração são as perguntas. Nas mãos o trabalho.

– desligou o gás?

– SIM SENHORA!

– pegou o dinheiro da passagem?

– PEGUEI SENHORA!

– então simhora que o Fazendinha já tá passando

– ENTÃO SIMBORA SENHOAI MINHA ORELHA MÃE!

– vai continuar dando uma de soldadinho? vai? não? que bom. agora sai e deixa eu

fechar a porta

– espera!

– se a gente perder esse ônibus eu juro que

– pronto. meu livro

Livro – “Meia hora mais tarde, Damien Karras voltava apressado ao seu quarto, na Residência dos Jesuítas, com uma porção de livros e jornais das estantes da biblioteca de Georgetown. Deixou-lhes cair precipitadamente em cima da escrivaninha e depois procurou pelas gavetas um maço de cigarros. Encontrou um maço de Camel velho meio vazio. Acendeu um cigarro, inspirou profundamente e conservou a fumaça nos pulmões”.

– aiê! pra que me beliscar?

– tá... todo mun... no ôni... pra você

– pra mim o quê?

– olhando pra você aí, respirando estranho, olhando pro nada. deu ar, foi?

– tô lendo

– lê direitinho então

–

–

– Mãe

– quié

– você fumava?

– sim

– e como que era?

– era normal, ué

– mas normal como?

– normal, filho, normal. parei quando fiquei grávida do seu irmão. ui! ainda me volta o gosto daquela água. eca

– que água?

– da água que bebi pra parar

–

– cigarro é um vício, filho. é difícil parar. aí eu fiz uma simpatia e coloquei um maço de cigarro dentro dum copo de água. deixei na frente do rádio pra benzer no programa, e depois coei e bebi

–

– vomitei as tripas, e toda vez que vinha vontade de fumar, lembrava do gosto da água e a vontade passava. eu via meu pai fumando. ele comia cigarro

– puro?

– claro que era puro! seu avô tinha lá seus defeitos mas não se metia com droga, nãnaninanão

–

–

– Mãe

– qui-É

– olha

–

– viu?

– tá. vem aqui no meu colo. ai, Pedro, ajeita essa bunda. cada osso pontudo. pronto. pega o livro e fica quietinho

– não quero mais ler

– e engolir os dentes?

Colo – Minha mãe não me deixa ir em pé surfando e nem sentado longe dela. Qual o problema de cair às vezes? A gente pega o Fazendinha porque o ponto de ônibus na frente do conjunto é o primeiro depois do terminal. A porta da frente não abre no terminal. Quando o motorista para, o ônibus tá socado de gente lá atrás mas na frente dá pra escolher. Tem um banco na frente do cobrador e dois atrás do motorista. A gente senta nesses. Aí fico vigiando quem sobe, e se entrar gente de cabelo branco, muleta ou criança de colo, eu vou pro colo da minha mãe. Se entrar gente com criança na barriga, não falo nada. Que nem quinta passada que subiu uma senhorinha. Quando minha mãe foi levantar, a senhora disse que não gostava de ir espremida. A gente chegou no CCA naquele dia e ela chorou a reunião toda. Já tá chegando. O Centro é diferente do Fazendinha.

- a gente pode comprar pipoca?
- depois
- mas depois pode ser de bacon?
- pode
- e depois a gente pode comer hambúrguer?
- ou hambúrguer, ou pipoca
- mas hambúrguer é muito mais que pipoca. já sei! eu troco o hambúrguer pela pipoca

MAIS...

-
- mais um jogo de playstation
- você deve tá achando que brota dinheiro na minha bolsinha
- bem que podia, aí a gente pagava as contas do pai e comprava um fliperama pra mim e
- bora, criatura! se você continuar matraqueando vou te deixar aqui. já imaginou se eu te deixo? ia fazer o quê?
- ligar pro pai do orelhão e dizer que tava na frente da lanchonete que a mãe compra hambúrguer no Centro
- mas ele não sabe onde é
- mas aí eu vou na esquina e vejo a placa verde com o nome da rua
- mas você não tem dinheiro pra comprar cartão telefônico
- 9090
- se usasse a cabeça pra coisa que presta... vai ficar olhando? tá. não sai daí e não fala com ninguém. vou pegar um chiclete

Vitrine de revistas – Mariana Ximenes, Sandy, Yasmin, Daiane dos Santos: CAPRICHÔ mostra as garotas poderosas do país. GRÁTIS! Um adesivo fofo para você! Grátis... se tem que comprar a revista, não é grátis. JORNAL DOS Sports. Apenas 1,90. Preço no RJ, ES e MG. Demais estados: 2,90. Os times daqui nunca vão pra capa... AçãO GameS. Testamos o Xbox e ele surpreendeu. Se brotasse dinheiro na bolsinha da mãe... A vez das minivans: a Picasso vem aí como alternativa à Scénic e carros compactos mas espaçosos vão marcar esta década. Carro feio... Hbbbuuummmmm!!!! Tiazinha em Nova York (22 páginas e 2 pôsteres). não fica duro não fica duro não fica duro não fi

- vamo?
- sim sim vamo eu não tava vendo nada sim vamo
-
-

—

— Mãe

— quié

— qual o nome dessa igreja?

— Bom Jesus. você lembra o que aconteceu aqui há... nove anos?

— não

— como não?! tá igual seu pai?

— eu não tinha nascido. então não lembro. lembro o que você conta

— e o que que eu conto?

— que você e o pai casaram aqui

— isso mesmo. eu e seu pai casamos aqui...

—

—

— Mãe

— agora não. olhou bem pros dois lados? vem! corre corre corre. ai... ufa... ai meu joelho

— posso perguntar agora?

— não. segura a bolsa pra mim arrumar o cabelo. ai. segura pra mim. isso. pronto. vem

— e agora?

— agora o quê?

— é você que tá ficando esquecida

— por quê?

— porque acabou de esquecer que eu queria perguntar, e porque tem dia que a gente vem pro Centro e você lembra que casou com o pai, mas tem dia que você não diz nada

— tem dia que não dá tempo, filho. apura. a gente tá atrasado, vai. vai correndo na frente e diz que já tô chegando. sssssssss. esse joelho

Escadas em U do prédio anexo à igreja Bom Jesus — Um dois três quatro cinco seis sete degrauzinho degrauzinho degrauzinho, um dois três quatro cinco seis, sete, degrauzinho, degrauzinho, degrauzinho. Cheguei. Tô suando já. O cheiro daqui parece o do corredor do colégio quando vou no banheiro. Tudo muda quando tá vazio. O que que eu vou falar? Vou falar Oi, minha mãe mandou dizer que tá na escada já. As reuniões tinham que ser no térreo. Ou tinham que ter elevador. Ou minha mãe podia sentir menos dor. Não começou ainda.

— oi Nádía minha mãe mandou dizer que tá na escada já

— oi! você é o filho da Maria, né?

– sim

– e qual que é mesmo o nome do filho dela?

– ela tem dois: um é Pedro e outro é Paulo

– lembrei! Pedro

– ela também teve uma filha que não deu tempo de colocar nome porque não saiu da barriga

–

–

– oi gente! ai... desculpa o atraso... pronto. coloca a bolsa da mãe ali do lado, isso. fica quietinho agora. a oração? sim, vamos fazer a oração... em nome do pai, do filho, e do espírito santo amém: concedei-me senhor, a serenidade necessária, para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para aceitar aquelas que posso, e sabedoria para distinguir umas das outras, amém. a gente vai começar agora. fica quietinho

– quero ir no banheiro

– agora??

– tô apurado

– vem aqui. deixa eu falar um negócio no seu ouvido: você vai naquele banheiro e faça tudo!, tá me entendendo?, tudo que tiver que fazer porque se você levantar de novo no meio da reunião, vai ver uma coisa quando chegar em casa

–

– vai

Mictório do banheiro do corredor que parece um corredor do colégio – Preparar... Apontar... Jato! Abbbbbbbbbbb... Será que eu consigo fazer no de adulto? Segura... Consigo! Hebebee. Quem é a criança agora, Senhor Diretor? Eu faço xixi no mictório dos adultos e isso significa que você não precisa ligar pros meus pais por causa daquela advertência da professora de artes. Jatinho. Jatinho. Cabô. Sempre molha a cueca. Dá nada. Foi a professora que falou pra desenhar o que a gente quisesse. Eu queria desenhar nada. Quantas bolas de papel molhado eu consigo deixar no teto ao mesmo tempo?

– ... e aí eu como, sabe? esse aí que voltou do banheiro agora e que parece que tem bicho carpinteiro na bunda... esse figurinha vê, né filho? eu arrumo a casa, eu cuido das crianças, eu lavo a roupa, eu cozinho... eu não sou uma máquina... eu me sinto tão sozinha às vezes... meu marido chega do trabalho, toma banho, vai pro bar e eu fico ali... minha família não é de Curitiba... às vezes eu como pra não me sentir sozinha... às vezes eu como pra me sentir feli... feliz... a Nádia me perguntou como tem sido esses três meses aqui no CCA, né? eu sou obesa desde a primeira gravidez. depois do Pedro, que é o caçula, eu tentei

dieta, promessa, Xenical... como? um amigo do meu marido trazia do Paraguai. é proibido no Brasil, né? aí esse amigo dele trazia... depois fui pro Vigilantes do Peso mas não deu certo. eu não gostava de me pesar na frente das outras pessoas porque parecia competição, sabe? aí me falaram do Comedores Compulsivos Anônimos, que eu ia me sentir acolhida, e eu me sinto, Nádia. agradeço você por organizar o grupo, agradeço às outras companheiras que vêm toda quinta assim como eu e dizem Eu sou uma comedora compulsiva anônima, e acredito que vou passar pelos doze passos

– quem agradece sou eu, Maria. eu e todas as mulheres aqui. uma salva de palmas pra Maria. mais forte. é isso. quando vocês trazem esses depoimentos, essas histórias, a gente sente que não tá sozinha, né? sente que pode mudar. bom, eu vou pedir pra Cibelle, Cibelle, você pega um e passa, por favor? nesses folhetos que a Cibelle tá passando, têm os doze passos que a Maria comentou. levem pra casa. colem na geladeira, deixem na mesa da sala, o importante é vocês internalizarem cada um deles. e é isso. tô vendo umas carinhas pela primeira vez aqui hoje, daqui a pouco vou pedir pra vocês se apresentarem. sintam-se todas muito bem-vindas. espero que tenham se sentido acolhidas. todo mundo pegou? ótimo! nesse folheto, vocês podem ver quais são os doze passos que o CCA segue, né? independentemente da religião, do credo, mas acreditando que existe um ser maior

Folheto – 1. Admitimos que éramos impotentes perante a comida, que tínhamos perdido o domínio de nossas vidas. 2. Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade. 3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus... Vish. Vai até o doze ainda. Que bom que a reunião tá acabando. Hoje foi a primeira vez que a mãe falou. Ela fica ouvindo e concordando. Às vezes chora igual hoje, mas nunca tinha falado. Eu fico feliz quando como bolo de chocolate. Até fico feliz sozinho mas prefiro jogar de dois. Eu gosto de deitar no braço da mãe. O braço dela é moinho... Acabou.

– e agora?

– agora dá a mão pra gente atravessar de novo. aproveita que não tá vindo carro

– e agora?

– agora você vai levar a gente naquela padaria que eu gosto

– posso??

– pode, Pedro, pode

– UHUL! então dá a mão que a gente tem que descer até lá no fim e depois virar na ruazinha que você fecha meu olho

– que ruazinha?

– aquela que tem o cinema de pornô

– Pedro!!

– o quê??

– que história é essa de ci... cinema por... que história é essa??

– você não falou que lá passa filme de adulto e que por isso eu não posso entrar?

– sim!

– é isso que o pai fala quando não me deixa entrar na salinha da videolocadora, que lá é de filme de adulto, e quando a gente pega a bolsinha de fita tem os meus de comédia, os de ação do Paulinho, os seus de suspense e os de pornô do pai

–

– entendeu?

– entendi muda de assunto

–

–

– Mãe

– fala

– o que é compulsivo?

– é quando você faz muito uma coisa e não consegue parar

– e você não consegue parar de comer?

– não

–

– eu tô tentando. já emagreci seis quilos. não dá pra ver muito mas eu vejo. eu vejo. mas vamo fazer de conta que a gente não pode virar aqui nessa rua que... como que era? que eu tapo seu olho?

– sim

– só que tem um detalhe: não pode virar aqui hoje. e agora? por aquela outra será?

Rua nova – Ponto de táxi, estacionamento, R\$ 1,99, restaurante, janela quebrada, aluga, vende-se, pixo, prédio, antena, uma mulher e um homem deitados no pape

– MENINO DO CÉU OLHA PRA FRENTE MINHA NOSSA SENHORA!

–

– deixa eu ver. tira... tira a mão

–

– pronto. não foi nada. tá doendo a testa?

– uhum

– vem. dá a mão. não foi nada. tem que olhar pra frente na rua. e se fosse um carro em vez duma placa? tem que tomar cuidado, Pedro

– desculpa

– não precisa pedir desculpa. você já aprendeu a lição. mas viu que legal? olha a padaria ali. aprendeu esse outro caminho?

– aprendi

– que bom. agora vem. hoje não tem fila. boa tarde. você vai querer o que, filho?

– bombadechocolatepreto bombadechocolatepreto

– então uma bomba de chocolate preto... duas! duas bombas de chocolate preto e uma esfirra de carne, por favor

– posso comer a minha agora?

– só no ônibus

– tá

– e é só uma porque a outra é do seu irmão e a esfirra é do seu pai

– e pra você?

– eu não quero nada, filho. oi? sim, só isso, obrigada você. vem pro caixa comigo agora. ai, Pedro! que que deu pra me apertar assim?

– eu vejo que você tá emagrecendo. ó!

– ó o quê?

– eu já consigo te abraçar inteira

Barriga – Não vou jogar água nela. Vou colocar um pedaço de bolo de chocolate no copo e deixar perto do rádio.

O que não cabe mais

Camila Vital Menegaz Handschunch

Eu forcei as rodas da cadeira e elas se moveram com facilidade até a janela do quarto. O dia estava exatamente como eu gostava: temperatura amena, sol abundante, poucas nuvens no céu. Abri o vidro e respirei fundo; meses atrás, em um dia como hoje, eu estaria no pátio do condomínio, tomando chimarrão com os vizinhos e dando risada de piadas bobas. Mas os sábados de sol no jardim haviam se transformado em intermináveis tardes de fisioterapia na sala clean da minha casa.

Olhei com atenção para minha imagem refletida no vidro. Eu não podia me ver muito bem por conta do reflexo, mas sabia que tudo ainda parecia igual: meus cabelos castanhos claros, lisos e grossos como os da minha mãe, marcados por mechas douradas que corriam junto ao meu rosto e terminavam na altura do ombro. Meus grandes e brilhantes olhos verdes, minhas bochechas salientes, as sobrancelhas escuras que contrastavam com minha pele clara. O sorriso era minha marca registrada, costumavam dizer meus amigos em um tempo que, agora, era apenas uma névoa na minha memória.

Eu praticamente não sorria mais, embora estivesse cansada de chorar. Os últimos meses tinham me levado ao fundo do poço. Nunca contei a ninguém, mas nos primeiros dias em casa, decidi acabar com aquilo em definitivo. Os comprimidos estavam à mão no banheiro e eu cheguei a escrever uma carta de despedida, mas desisti antes de guardar o papel no envelope. Não podia causar mais este sofrimento à Luana, que mal havia entrado na pré-adolescência e já precisava enfrentar uma barra de adulto por tudo que estava acontecendo comigo. E a decepção que eu causaria ao Rafa com o meu acovardamento? Meu marido era capaz de compreender qualquer coisa, mas não isso. Eu rasguei o papel em pedacinhos, joguei no vaso e puxei a descarga. No fundo, eu não tinha coragem de me matar. Eu sempre tive medo da morte, eu amava viver! E tinha vivido intensamente até então.

Eu sentia o maior orgulho do nosso apartamento. Tínhamos raspado nossas poupanças para comprá-lo e nos endividado até a alma para mobiliá-lo, mas, para mim, aqueles anos de vacas magras, em que tudo que ganhávamos era usado para pagar empréstimos e financiamento, tinham sido de profunda alegria. Cada móvel que chegava,

cada bibelô, como meu marido chamava, e cada vaso que eu colocava em alguma prateleira me causavam um prazer imenso. Como era bom brincar de casinha! Tão bom que, em pouco tempo, não havia mais lugar para nada. Tínhamos tantos móveis, que mal sobrava espaço para a circulação. Mas nós não nos importávamos. Na verdade, naquele tempo, não podíamos nos sentir mais felizes. E nós ainda nem sabíamos, mas logo estaríamos decorando um quartinho de bebê.

Minha bolsa rompeu em uma tarde quente e ensolarada de segunda-feira. Era maio de 2001 e fazia um daqueles veranicos comuns a essa época do ano em Porto Alegre. Eu sentia mais calor do que o normal e muita dificuldade para respirar por conta do barrigão. Não tinha muito ânimo para sair de casa e, mesmo que eu tivesse, o Rafa não permitiria: ele morria de medo que a bolsa estourasse enquanto eu caminhava e que a Luana nascesse na calçada mesmo, de cabeça no chão.

Eu passava a maior parte do tempo sentada no sofá, assistindo à televisão. Naquele dia, o jornal da tarde falava sobre racionamento de energia elétrica no Brasil. Lembro bem disso, porque fiquei pensando no que faríamos sem luz com uma recém-nascida em casa, e foi exatamente naquela hora que senti uma água escorrendo pelas minhas pernas, encharcando meu sofá branco. Gritei pelo Rafa, que veio cambaleando, com cara de sono (era seu primeiro dia de férias e ele tinha programado dormir a tarde toda, já prevendo as noites em claro que estavam por vir).

- Estourou a bolsa!

- Vai nascer? – ele gritou, quase em desespero.

- Daqui a pouco! Mas agora corre e pega uma toalha que o sofá está todo molhado.

Esse negócio vai manchar!

Dois dias depois, quando voltamos do hospital com a Luana, descobrimos que era impossível circular com o carrinho de bebê pela sala. Os espaços que tínhamos deixado para passagem eram estreitos demais e não tínhamos como levá-lo de um lado para o outro sem afastar alguma coisa do caminho. Toda vez que íamos com a Luana do quarto para a sala, um de nós guiava o carrinho e o outro empurrava os móveis para o lado. Rafa e eu ríamos muito disso. Era trabalhoso e, por vezes, até ficávamos irritados com toda a função, mas nunca pensamos em nos desfazer de nada.

Os primeiros passinhos da Luana tiveram como apoio o conjunto de estofados da nossa varanda. Lembro como se fosse hoje do momento em que ela se segurou na cadeira, ergueu o corpinho e ficou de pé, parada, como se estivesse pensando sobre o que fazer. Então, de repente, as mãozinhas soltaram o móvel e ela saiu caminhando, meio cambaleante,

até onde eu estava sentada. Foram três passos rápidos, mas decididos. Quando chegou até mim, encostou o queixo nos meus joelhos e soltou aquele riso ainda meio banguela. Peguei minha filha no colo e saí dançando com ela pela varanda para celebrar aquela conquista. Sem ir muito longe, claro, porque espaço por ali era pouco.

Foi naquela sala abarrotada que a Luana aprendeu a caminhar. Os poucos lugares livres não foram problema para ela, que explorava cada cantinho disponível como se estivesse em um grande castelo. Por aquela época, eu já tinha me desligado do escritório onde trabalhava para me dedicar à minha filha e pude acompanhar cada queda e cada avanço daquela fase. Nunca precisei tirar nada do lugar. Ela olhava com admiração para todas aquelas coisas coloridas, mas, nas poucas vezes em que se aventurou a tocá-las, ouviu minha voz suave, porém firme, avisando que não era para mexer ali.

Nossa filha cresceu, nossa sala ganhou um ou outro item novo, alguns móveis foram trocados, mas aquele lugar continuou sendo nosso porto seguro, o nosso espaço, com a nossa cara. Até o dia em que eu saí de casa para fazer um procedimento estético e voltei em uma cadeira de rodas.

Não sei dizer muito bem quando foi que aconteceu. Rafa, minha mãe, Bete... Eles foram bastante habilidosos em fazer tudo parecer muito natural e eu demorei a perceber o que se passava. Talvez o Rafa tenha tomado essa decisão pouco depois de eu ter alta do hospital, quando decidi sair da cama para jantar na sala. A cadeira não passou pelo espaço mínimo de circulação que havia entre o móvel da TV e a mesa. Rafa teve de me levar no colo até lá, depois me carregou até o sofá e, então, de volta para o quarto.

E assim foi nos dias que se seguiram – carregada no colo de um lado para o outro. Eu me negava a pensar no quanto aquilo afetava minha independência - eu achava que logo voltaria a andar e que aquela não passava de uma situação provisória. Mas o Rafa precisava voltar ao trabalho, depois de ter pedido uma licença para ficar um tempo comigo, e como eu faria sem ele? Então, um dia, Bete guardou metade dos meus itens de decoração. ‘Mais fácil para limpar’, ela disse. Logo em seguida, a mesinha de centro da sala de tevê desapareceu. O conjunto de estofados da varanda, aquele mesmo que ajudara a Luana a dar seus primeiros passos, foi reduzido a apenas uma cadeira, e o balcão da churrasqueira, trocado por outro menor. O aparador que ficava atrás do sofá foi levado para o corredor, e dali não sei para onde. A fileira de prateleiras, cheia de vasos e bibelôs, que ficava na parede ao lado da porta da cozinha, também foi retirada. Em pouco menos de duas semanas, tínhamos uma sala clean, como o Rafa passou a dizer, com um excesso de animação que não me convencia.

Finalmente, a minha cadeira passava por tudo e eu não dependia de mais ninguém para circular pela casa, mas a minha vontade de estar naquele lugar se foi junto com os móveis descartados. Perder a minha sala foi como perder o meu passado e, no fim das contas, isso não era só uma metáfora – era a concretização do fato de que a pessoa que eu costumava ser também não cabia mais ali.

A campainha tocou na sala e me tirou do transe em frente à janela. O reflexo continuava lá, me olhando. Definitivamente, eu não era mais a mesma mulher de 37 anos que, seis meses antes, deitara, confiante, em uma mesa de cirurgia para um procedimento que prometia ser simples. Eu esperava acordar poucas horas depois e ir para casa no final do dia. Com alguns cuidados, em uma semana eu estaria de volta ao trabalho e à rotina alucinante da área comercial. Despertei uma hora depois, na sala de recuperação, sem sentir as pernas. “É normal”, disseram as enfermeiras. Mas as horas passaram e nada mudou. Eu não mexia as pernas e não conseguia fazer xixi. O médico estranhou. O anestesista foi chamado. Especialistas foram consultados às pressas. Exames foram feitos. E a minha vida mudou ali mesmo, ainda na cama do hospital, com a notícia de que um erro na aplicação da anestesia havia causado uma lesão na minha medula, que estava impedindo minha bexiga e minhas pernas de funcionarem normalmente.

- O Daniel está aqui! – gritou o Rafa, me alertando sobre a chegada do fisioterapeuta.

Eu não tinha nenhuma vontade de percorrer o corredor até aquela sala que eu não reconhecia mais, mas, mesmo assim, levantei minha perna direita com as mãos, a coloquei dobrada sobre meu joelho esquerdo e comecei a tirar os sapatos. Não era uma tarefa difícil, mas eu ainda precisava me esforçar para concluir. Por fim, girei a cadeira e um arrepio familiar atravessou minha espinha. Isso acontecia toda vez que minhas mãos tocavam o metal frio daquelas rodas.

Minha jornada até a sala não encontrou nenhum obstáculo. A cadeira circulou fácil até lá, como se aquele sempre tivesse sido o seu lugar. Ela cabia perfeitamente na minha casa. Quem não cabia mais era eu.

O quórum fúnebre

Fabiene Roveri

Dona Maria Aurora tinha suas manias, e a vizinhança, atenta aos movimentos miúdos da rua, passou a chamar aquilo de esquisitice de velório. Não por maldade — era mais um comentário sussurrado entre portões semiabertos e xícaras de café. Notavam que a notícia se espalhava mais rápida do que o intervalo entre as duas badaladas lentas do sino da igreja — lá estava ela, de preto, com passos firmes que cumpriam um ritual implacável. Não era uma dessas penetras de luto; carregava consigo, ao menos, uma lembrança frouxa que justificasse a presença: um rosto cruzado na feira ou um nome ouvido por acaso. Afinal, se o sino dobrava, o luto deixava de ser um privilégio dos íntimos para se tornar uma convocação inadiável.

Ela não buscava o choro ou a tristeza, mas a anatomia da carência; buscava gente. Enquanto a capela mergulhava em lamentos, Aurora estudava os vivos com o rigor de uma perita de fragilidades, sabendo que velórios produzem sons específicos, como o tilintar da colher no copo até o cochicho sobre heranças. Observava como o luto desarmava as defesas — o atrito das pérolas falsas no pescoço suado da viúva ou o alívio escondido sob o lenço engomado do herdeiro — apenas para mapear os pontos cegos da vaidade alheia. No fundo da bolsa, o caderno de capa dura, engordurado de batom pelo manuseio constante, servia para anotar os fiados de gratidão. Ali, não catalogava mortos, mas ativos: nomes e favores eram somados em uma contabilidade silenciosa, onde ela investia em presenças para garantir, com juro, o volume do seu futuro quórum.

Gostava, sobretudo, de fazer número. Para ela, a medida da alma não estava nos atos em vida, mas no volume de sombras amontoadas na despedida. Sentada no banco de madeira, com a coluna ereta de uma examinadora, Aurora contava cabeças e atribuía uma nota íntima ao defunto. Velório ralo, com quatro ou cinco gatos pingados, era fracasso retumbante; capela cheia, com o burburinho transbordando para a calçada, era consagração. Enquanto fingia uma oração, seus olhos perscrutavam o recinto, separando choros sinceros de soluços protocolares, catalogando cada presença como um ativo que precisava, a qualquer custo, transferir para si.

A obsessão tinha raiz e cheiro. Vinha de um domingo de chuva ácida na infância, quando o som seco da pá do coveiro batendo na terra foi o único aplauso que sua avó recebeu. Naquela vastidão imensa de terra morta, os passarinhos não cantaram; o único som

que Aurorinha recordava, além da pá, eram os pingos de chuva miúda batendo na sombrinha. A velha fora uma criatura murcha, cheia de espinhos, com um coração que parara sem fazer falta, como se o sangue tivesse sido substituído por suco de limão galego.

Aurorinha recordava-se de uma tarde em que encontrara a avó chorando um pranto ralo na cozinha; o ambiente cheirava a alho frito e desamparo. Mesmo criança, sentia que aquela mulher colhia a amargura que plantara com esmero. Ainda assim, Aurorinha aproximou-se e perguntou se ela queria um abraço. O olhar que recebeu foi uma lâmina de gelo. A avó disparou um "não" seco, reverberando nas paredes nuas de cal aguado. Naquele instante, a menina entendeu que a sinceridade era uma cova rasa, o seu pior defeito. Compreendeu que a verdade pura era um jazigo frio e que, para não sucumbir à mesma necrose da velha, precisaria aprender a arquitetar os afetos, preferindo o brilho de uma máscara bem polida ao vazio de uma face nua.

Foi assim que Aurora passou a lotar o necrotério do futuro. Edificou uma família numerosa como quem ergue um mausoléu imponente. Batia ponto em apresentações escolares e formaturas com a mesma precisão com que se vela um corpo, garantindo que nenhuma cadeira ficasse vazia. Cada abraço dado em sobrinhos e afilhados era, na verdade, uma reserva de quórum. Jamais pronunciava o "não" que a matara na infância. Tornou-se a "santa" do bairro, mas sua caridade era um depósito funerário. Sabia exatamente qual máscara vestir para cada desgraça. Diante da senhora Virgínia, ao notar o peso da idade nos ombros da vizinha, Aurora destilava o seu veneno adocicado, afirmando que aquele corte de cabelo realçava um brilho divino nos olhos dela. Ela não apenas mentia; operava uma necropsia na realidade, cobrindo o rosto nu da verdade com o verniz de uma adoração impecável.

Nem mesmo a morte alheia escapava ao cálculo. Quando o velho Onofre infartou em seus braços, a prioridade de Aurora não foi a prece, mas a cifra. Ao arrastá-lo escada abaixo, ela sentia o peso daquele corpo como se carregasse uma lápide bruta sobre o peito; o cheiro azedo do suor frio misturava-se ao som seco das solas dos sapatos — clac, clac, clac — batendo no granito como a pá do coveiro da sua infância. Cada baque era uma cláusula: ela calculava que, se ele sobrevivesse, a família ficaria algemada pela gratidão; se morresse, aquele esforço seria o selo definitivo no passaporte deles para o funeral dela.

Mas a vida cobra juros. Certa noite, a amiga Eunice encontrou o caderninho sob a Bíblia. Aurora ouviu o som das páginas — um farfalhar seco, como patas de inseto em papel velho — e soube que a máscara havia rachado. Viu Eunice com o rosto pálido e o dedo trêmulo apontado para o próprio nome. O silêncio que se seguiu teve o peso de um sarcófago

de chumbo, enquanto a amiga abria a boca para desmascarar a santa. O pensamento foi um relâmpago: o degrau, o fim. O empurrão foi curto, quase um gesto de misericórdia para manter a encenação viva. O barulho do corpo rolando foi rítmico, um impacto seguido de outro, até o estalo final, o eco exato daquela pá do coveiro que encerrava todos os seus diálogos. Ao descer, Aurora notou que o sangue da amiga tinha um brilho escuro de amora, mas aquele aroma de notas secas ainda flutuava no ar. Percebeu que a morte também tinha cheiro de perfume importado — ninguém gritou.

No velório minguido de Eunice, ela chorou pelo prejuízo e pela ironia de gastar uma tarde que não lhe renderia juro. Entre soluços ensaiados, Aurora sussurrava que era uma pena que o chinelo dela tivesse deslizado, enquanto riscava o nome com o grafite áspero no papel pardo.

Anos depois, o café ainda fumegava quando Maria Aurora sentiu o aperto final no peito. Ao ver a chuva fustigando o vidro com unhas de felino, seu último temor era a tempestade: o medo de que ninguém viesse no frio para quitar a última nota promissória. Mas a cidade submeteu-se ao seu inventário. Cada guarda-chuva erguido naquela tarde parecia um pagamento silencioso da dívida. A capela transbordou em uma massa de credores de afeto. Maria Aurora estava, enfim, salva do silêncio que engolira sua avó.

Quando tudo terminou, o calor das velas permaneceu no ar estagnado. O vapor dos hálitos e o perfume das flores mortas condensavam-se em pequenas gotas no teto, que logo começaram a cair sobre a tampa de madeira, imitando o ritmo daquela chuva miúda na sombrinha de sua infância. Sob as luzes pálidas, a última camada de verniz cedeu; sua máscara enfim craquelou, revelando a face nua por baixo da tinta — ninguém percebeu. Mas Maria Aurora já não precisava dela, pois havia finalmente quitado a sua maior obsessão: o seu Quórum Fúnebre.

O velório de Roberto Faria

Francisco Zervos

Memento Mori. Dizem os estoicos que devemos nos lembrar de que morreremos. Mas e depois de morrermos, do que devemos nos lembrar? Lembro-me de muita coisa, e a maioria parece insignificante agora que estou em meu próprio velório. De que adiantou tudo que fiz? Os dias em que acordei cedo, os boletos que paguei, as louças que lavei, os dias em que trabalhei... tudo para acabar no caixão mais barato da funerária.

Meu nome é Roberto Faria. E de fato, Roberto faria muitas coisas, mas não as fez. Por quê? Falta de tempo, falta de dinheiro, falta de habilidade... mais faltas do que em uma final de campeonato de futebol. Mas no fim, compreendo que a única falta real foi de vontade.

Antes de presumirem que isto é uma autobiografia póstuma, fiquem tranquilos. Não serei presunçoso a ponto de me considerar um defunto autor. Diria que não passo de um defunto contemplador: com estas palavras, venho sem qualquer objetivo além da contemplação do que fui (ou deixei de ser). Não as dirijo a ninguém, exceto a mim mesmo em minha consciência pós-vida.

Quarenta e cinco anos de idade. Não me achava novo, mas com certeza era novo demais para morrer. Achava que tinha décadas pela frente! Não tive esposa nem filhos. E agora, quem chora ao meu lado? Um irmão e uma irmã, que logo voltarão para suas casas e famílias. Em dois meses, nem mencionarão mais meu nome, exceto pelas raras ocasiões em que algo os lembre de mim. Mas o que o faria? Nunca fui excepcional em nada. Emprego comum de escritório em uma agência e nenhum hobby digno de nota. Passava minhas noites sozinho, imerso em leituras ou em filmes. O que fiz para que as pessoas se lembrem de mim? Ter lido Machado de Assis e visto a filmografia de Stanley Kubrick certamente não o fará. Deixo o mundo dos vivos sem legado que registre a minha passagem por ele.

Apesar de meus olhos estarem fechados, vejo velhos conhecidos passarem por mim. Param do meu lado por uns instantes, seguram as lágrimas ou apenas libertam algumas e, depois, vão socializar com os demais. Enquanto isso eu permaneço sozinho, assim como em vida. As pessoas vão aos velórios mais pelos vivos do que pelos mortos, notei. Saber das novidades, prestar condolências, seguir em frente. Agora que estou para ser enterrado, minha opinião não tem mais importância e tampouco sou impressionável.

Pelo menos estou bem vestido, apesar de que preferiria outra camisa por baixo do paletó. Dois enormes arranjos de flores flanqueiam a frieza de meu cadáver, enviados por parentes de outras cidades, já que encomendar flores era mais barato do que pagar pela viagem.

Observando de meu leito definitivo, através de pálpebras pétreas, vejo um antigo amigo da época do colégio. Ele baixa os olhos, franze o cenho e contorce os lábios, como se uma memória nossa antes esquecida por ele regressasse da tumba. Gostaria de saber qual. Uma tia distante também passa por mim, seguida por primos que eu não via desde a juventude, todos casados e com filhos. Vejo outros conhecidos também, que não encontrava há anos e nem mantinha contato, enquanto pessoas bem mais próximas não chegaram nem a ver a cor do meu simplório sarcófago. No total, conto vinte e cinco pessoas. Imaginei que viriam mais, mas poderia ser pior. Entre tantas decepções com as quais me deparo com a finitude da vida, esta é uma das que menos me fazem desejar me contorcer no caixão.

É inegável que minha vida tenha sido pacata e desinteressante, mas pelo menos minha morte não foi, embora tenha sido estúpida. Fui atropelado por uma moto enquanto atravessava a rua, uma moto que furou o sinal vermelho e eu não ouvi porque estava escutando música com fones de ouvido. Quando caí, bati a cabeça, sangrando ao som de Beethoven. A visão ficou turva; gente por todo lado, ambulância, maca, hospital... fim. Ao menos em meus últimos suspiros consegui chamar atenção.

Poderia ter aprendido a andar de bicicleta... Se tivesse, talvez não estivesse a pé naquele dia, atravessando a faixa de pedestre no momento errado e não teria sido atropelado. Mas de nada adiantam os “se tivesses”, mesmo sendo muitos. Eles são tão úteis quanto os “farias”. Que tolo foi Roberto Faria. Gostaria de ter sido o Roberto Fez, mas assim como os “se tivesses” e os “farias”, tampouco me servem os “gostarias”.

Memento Mori. Talvez essas palavras em latim, embora direcionadas aos vivos, também sirvam aos mortos. “Lembre-se de que vai morrer”, mas há um significado maior por trás disso. É a lembrança de que, se não podemos alterar algo inevitável, devemos encontrar paz nessa ausência de autonomia. De nada adianta nos torturarmos por algo se é impossível evitá-lo ou alterá-lo. Assim como os vivos não podem evitar a morte para sempre, os mortos não podem mudar o que fizeram em vida. Não há nada que eu possa fazer para desfazer a insignificância da minha pífia existência.

Fiz o que fiz, vivi como vivi. Para os vivos, deixo de herança poucos bens materiais, sem nem testamento. Morava de aluguel, portanto, aos meus herdeiros restam apenas uma pequena poupança, um relógio e minhas coleções de livros e filmes. Depois de pagarem os

devidos impostos, sobrará menos ainda, o que certamente deixará o governo contente. Ao menos alguém ficará feliz por minha causa. Já quanto ao resto do que deixo, além do que pertence ao âmbito material... acredito que nem valha comentar.

Nunca fui carismático ou sequer alguém que poderia ser considerado uma boa companhia. Sempre fui mais recluso, apegado a uma rotina repetitivamente solitária. O silêncio me trazia conforto, assim como permanecer em silêncio. A música era meu escape dos barulhos das ruas e a única coisa que me trazia certo conforto no trânsito até o trabalho diariamente. Justamente a causa da minha morte. Quando estava em casa, preferia deixar o ambiente quieto. Filmes eram a única exceção à regra. Outros sons, como vozes e chiados misturados uns aos outros, irritavam-me a alma e me faziam clamar pela quietude.

Mas agora que mergulharei no silêncio eterno, sinto falta dos pequenos barulhos, do soar das palavras lapidadas pelos lábios. O silêncio absoluto parece aterrador até para quem abominava os incômodos sons da civilização, por menores que fossem.

Enquanto rumino estas reflexões póstumas, chega o momento da cerimônia. O padre, que nem me conhecia, faz um breve discurso sobre mortalidade e amor. Gostaria eu mesmo de ter discursado, pois falaria por experiência. Esse padre nunca morreu para ter autoridade para falar sobre o assunto. Ele menciona os “apesares” da morte, mas a morte não inclui “apesares”. Ela é um ponto final.

Encerradas as reflexões (errôneas, ao meu ver) do sacerdote, ele pergunta se alguém deseja falar algo. Sinto um profundo silêncio no salão, um silêncio sepulcral demais até para um defunto. Ninguém se manifesta. O que diriam sobre alguém que nunca fez nada importante, que morreu sem deixar marca alguma? Não havia nada digno de nota, nem sequer de rodapé.

Com algumas palavras finais do padre, funcionários da funerária se aproximam e tampam meu caixão, abafando e lacrando todas as minhas memórias, sonhos, afetos e vontades. Todos os meus “gostarias”, “tivesses” e “farias”. Meus olhos fechados já não enxergam mais nada.

O mundo dos vivos é como a lembrança de um sonho dias depois de ele ter ocorrido. Não há escuridão, nem sequer o silêncio que eu esperava, apenas o absoluto nada, que dispensa todos os sentidos.

Mas então, começo a notar algo. Escuto murmúrios, mas não com meus ouvidos — estes já não existem mais. Ouço com a alma, que detém todos os sentidos embutidos, mas ao mesmo tempo nenhum. Não são sons que escuto; são resquícios, fragmentos deixados pela música das almas, vibrações que agitam os cordões que atravessam o espaço-tempo.

Percebo que essas sensações sempre existiram, mas nunca fui capaz de senti-las até agora, até a minha inexistência física. Agora eu as compreendo em sua totalidade absoluta. Eu escuto sem escutar lágrimas derramadas, mas também sorrisos repletos de riso. São memórias gravadas na conjuntura universal, distantes, próximas, recentes, presentes e futuras. Memórias de que, em algum momento, fui importante para alguém.

Os frutos da Ilha Redonda

Glancia Castro Machado

Cheguei de bicicleta com os demais, depois de aportarmos no cais da ilha, e logo mirei as arcadas da casa principal da vinícola. No trabalho árduo que eu havia iniciado havia alguns meses, agora encontrava ânimo para me levantar tão cedo. O clima estava um pouco mais ameno, embora ainda fosse verão, mas as plantações já demonstravam a força que esperávamos.

Enquanto eu prendia mecanicamente a bicicleta, com a mochila pesando nas costas, senti um leve estremecimento. Podia ser apenas cansaço, mas, por algum motivo, lembrei-me de Ben. Nossas últimas conversas não foram boas e ainda me causavam certo receio.

Trocar o escritório no centro de Montreal por conduzir visitantes no Domaine de L'Île Ronde (Domínio da Ilha Redonda) trouxe-me alguma segurança e tranquilidade para pensar nos próximos passos. A propriedade, no entanto, havia mudado de mãos havia pouco mais de um ano. A negociação envolvera alto custo e um bom seguro; porém, apenas sete meses depois, os novos proprietários tentaram se desfazer da ilha e da vinícola. Não surgiram interessados com capacidade de pagar o valor pretendido.

Meus colegas estavam inquietos. Sabiam que já não existia a condução apaixonada da família fundadora. O senhor Greg parecia bastante empenhado em verificar relatórios à distância: um negociante que buscava, agora, uma forma de alcançar de qualquer maneira o retorno do investimento.

Ainda era muito cedo, e o ar se aquecia aos poucos, levantando da terra aromas adocicados. Enquanto eu me dirigia à entrada da sede pelo calçamento de pedras, tentava lembrar-me da conversa com minha terapeuta e encontrava, no som dos meus passos rompendo o silêncio da manhã, o primeiro pequeno prazer do dia.

Um dos rapazes que cuidavam das parreiras passou com algumas ferramentas presas ao cinto e me cumprimentou, bem-humorado. Ele amava aquelas parreiras e cuidava delas com orgulho e carinho. Não pude deixar de comparar seu sorriso bonito e sincero ao semblante de alguns colegas da antiga corporação onde eu trabalhava — e onde conheci Ben.

O salário nunca seria o mesmo, mas o ar leve daquela manhã e o cumprimento do meu amigo já compensavam tudo. As visitas só começariam às 10h e, às 15h, o último agendamento encerraria o roteiro do dia. Mesmo durante a semana, famílias inteiras e alguns

turistas de fora queriam aproveitar ao máximo a estação. Em breve, o inverno rigoroso mudaria todo o cenário.

Enquanto os primeiros visitantes não chegavam, aproveitei para ajudar a organizar o terraço, onde as mesas e os ombrelones vermelhos abrigariam conversas animadas e refeições leves, regadas a vinho. Melhorar a qualidade das bebidas ali produzidas era um dos tantos desafios que a vinícola enfrentava. Os novos administradores haviam mudado muitas regras da casa, e alguns clientes sinalizavam que a comida e o serviço já não tinham a qualidade que me encantara quando me casei e recebi meus convidados, numa tarde promissora, naquele mesmo terraço.

Depois que decidi trabalhar lá, minha mãe manifestou preocupação. Não me repreendeu por eu ter deixado um emprego que pagava melhor, mas achou que ao menos eu deveria ter procurado algum lugar onde Ben não pudesse me encontrar. Eu, porém, considerava o Domaine simples e agradável — o lugar perfeito para o que eu precisava naquele momento. E não acreditava que meu ex fosse capaz de algo sério. Ele estava apenas aborrecido com a mudança na vida dele; o tempo, contudo, trataria de dissolver essa sensação.

O dia transcorreu dentro do esperado. Eu via o olhar admirado dos visitantes enquanto explicava a plantação em espaldeiras e como o aquecimento global favorecia o crescimento da produção de uvas no Canadá, especialmente das uvas Chardonnay. O desastre para uns pode ser oportunidade para outros. De fato, a vindima de 2007, em Ontário, bateu recorde de produção e, entre aquele ano e 2013, a safra só aumentou. Eu me encantava com isso e conseguia transmitir empolgação nas palavras.

Os vinhos que o Domaine produzia — como o La Fortune, o Héron-Blanc ou o Rosé de L'Île — ainda não eram a melhor expressão do terroir, mas eu vendia a ideia de seu consumo da melhor forma possível, explicando os encantos da ilha. Queria que meus visitantes acreditassem e levassem essa ideia a outras pessoas; assim, ao menos, eu sentiria que meu trabalho ali tinha valor.

No dia 24 de agosto, Tadros, o Rebelde, apresentaria-se novamente na vinícola — música para atrair mais movimento. As visitas eram momentos encantadores. Não entrávamos na parte mais nobre do parreiral, mas os visitantes podiam caminhar entre algumas colunas. Era uma área reservada ao passeio, com lindos cachos cheios de vida. Os açúcares estavam ali, bem concentrados, e, em um mês, já seria possível colher as uvas brancas. As destinadas aos tintos esperariam um pouco mais.

O inverno, como de costume, foi rigoroso; a primavera veio amena; e o calor do verão trouxe sabor a cada bago. Para mim, era emocionante acompanhar o esplendor que se formava. Isso fazia com que eu me afeioasse à propriedade e aos amigos que ali já tinha feito.

Na volta da visitação ao vinhedo, cada pequeno grupo seguia animado para a sede, comentando as novas descobertas e ansioso pelos ombrelones vermelhos, que se destacavam ao longe como um refúgio sob o sol, já alto, deixando todos sedentos. Um vinho bem resfriado, na temperatura certa, seria o prazer perfeito para encerrar o passeio.

O verão seguia assim e, durante o inverno, eu me dedicaria a auxiliar nos preparativos para a venda da nova produção e para a divulgação.

No fim daquele dia, ajudei novamente a guardar o material do terraço antes de retornar, pelo pequeno porto da ilha, a Saint-Sulpice. Separei as toalhas que seguiriam para a lavanderia e, enquanto outras colegas conversavam animadas e fechavam os ombrelones, decidi entrar na sede para pegar uma caixa em que eram guardados os suportes dos arranjos que enfeitavam as mesas.

Nesse momento, passei por um rapaz que normalmente ajudava no caixa do pequeno empório. Ele não disse palavra, mas pareceu assustar-se comigo: estacou e, em seguida, voltou-se para a saída da casa, partindo rapidamente. Talvez estivesse atrasado para pegar carona em algum barco particular, pois, normalmente, nosso grupo voltava junto, um pouco mais tarde — e ele não apareceu mais.

Com tudo terminado, pegamos as bicicletas e voltamos ao porto. Era um cansaço gratificante, apesar de tudo, pois o clima permitia que sentíssemos uma brisa amena enquanto pedalávamos pelo terreno quase plano. Amarramos as bicicletas no local de sempre e entramos no barco a tempo de retornar a Saint-Sulpice.

A travessia sobre as águas do São Lourenço era corriqueira para mim, mas eu sempre reconhecia a grandeza daquele rio. Eu já estava descendo do barco quando meu coração deu um salto: o carro estacionado na rua próxima era igual ao de Ben. Fixei o olhar para ter certeza, mas, à distância, não consegui distinguir se era ele. De todo modo, o motorista era um homem, estava sozinho e nos observava. Logo deu partida e saiu lentamente.

Voltei ao meu pequeno apartamento com tantos pensamentos que mal me lembro de como cheguei em tão pouco tempo. Respirei fundo algumas vezes enquanto me preparava para um banho. Fiz um lanche rápido e logo me deitei, tentando deixar no travesseiro todas as preocupações. O dia seguinte começaria cedo novamente.

A noite pareceu longa: imagens distorcidas e confusas, irreais demais até para um sonho. Acordei sobressaltada, certa de que já era hora de levantar, e culpei o despertador por não ter tocado, mas ainda eram 3h30. Levantei-me para beber um pouco de água quando percebi, pela janela, um clarão.

Meu coração falhou uma batida, e minha mente rodopiou por um segundo. Abri a cortina e, dali, pela rua Notre-Dame, era possível perceber que o clarão vinha de chamas altas. A ilha! Lembrei-me apenas do casaco.

Na rua, alguns poucos que saíam de algum turno de trabalho — ou da casa de algum amante — paravam o carro para ver a cena, igualmente incrédulos. Ao longe, sirenes quebravam o silêncio, e o tempo pareceu sair do prumo. Uma eternidade passou em minutos e, logo, o dia amanheceu.

Eu me sentia impotente diante do medo, das dúvidas e da desolação. A estiagem favorecera as chamas; os bombeiros levaram algum tempo até alcançar a propriedade; e eu era apenas uma das funcionárias. Atônita, esperei tudo se acalmar e voltei ao apartamento.

Não sentia cansaço nem fome. Apenas troquei rapidamente de roupa. Precisei localizar um velho conhecido, que aceitou levar-me à ilha somente depois de os bombeiros a deixarem. Logo as autoridades fechariam tudo para iniciar as investigações, mas o rio garantia que isso demoraria o bastante para eu chegar a tempo.

Atravessamos as águas. Saltei do barco quando ele alcançou a ilha e pedi ao condutor que, por favor, não me deixasse ali: que me aguardasse; eu voltaria assim que pegasse alguma coisa — disse isso como desculpa.

Peguei a bicicleta amarrada perto do cais e corri o quanto meu fôlego curto permitia. O ar pesado invadiu-me, e eu parei, horrorizada. A casa principal parecia agora um velho castelo de pedra em ruínas. Dei a volta rapidamente em direção aos vinhedos, que se revelaram reduzidos a quase nada. O aroma adocicado das manhãs iluminadas foi substituído pelo odor acre da destruição. Quem teria sido capaz disso? Chorei.

No meio da devastação, vi alguém ajoelhado. Desci da bicicleta e caminhei devagar. Não sei se por vergonha de estar onde não deveria, por medo de me envolver com o ocorrido ou por falta de forças. Ali estava meu amigo de sorriso bonito, agora fitando uma raiz entre as mãos. Ainda havia vida nela, e tenho certeza de que partilhamos a mesma esperança naquele instante.

Ele se voltou para mim, com os olhos úmidos de dor e emoção. Não havia sorriso; apenas os olhos e duas almas machucadas se encontrando. Soluçamos juntos.

É estarrecedor perder para a força lenta do destino. Sorrateiro, ele trama em segredo e nos leva apenas aonde devemos ir. Nunca soube ao certo o que causou aquele incêndio de grandes proporções. Mas certamente o episódio traria consequências distintas para todos os que passaram por ali.

Enquanto o jornal de Montreal e outras mídias divulgavam o incêndio que devastou o Domaine de L'Île Ronde, as autoridades se organizavam para a investigação. E eu e meu amigo entendíamos que a mudança de nossas vidas estava em nossas mãos.

Quarto

João Gustavo Santos Marçal

Tá podendo falar, Rose?; se for rápido tô, Marinez, é que tô aqui na casa daquele chato, o que fica o dia inteiro pintando quadro, ou diz que tá pintando, vai saber, ele saiu ali rapidinho, acho que foi comprar o removedor de mancha que eu pedi, mas deve tá pra voltar; o doidão que anda pelado pela casa, o da General Urquiza?; esse doido aí mermo, cada dia mais gordo o infeliz; eu hein, é cada uma, mas vem cá, deixa eu te perguntar: tu tá sabendo que o Claudemir voltou, né?; que Claudemir?; o Claudemir, Rose, o meu Claudemir; ah tá, teu ex-marido, mas voltou de onde pra onde que eu nem tava sabendo que ele tinha ido pra lugar nenhum; voltou a morar em casa, menina, cê acredita?; ué, gente, mas como é que é isso?, e o Vanderley nessa história?; deixa eu te contar o fuzuê: o Claudemir já vinha fazia tempo querendo falar comigo, porque a irmã dele mora ali perto e vinha falar pra mim, “olha, Marinez, o Clau quer falar contigo, ele tá meio sem dinheiro, tá difícil arrumar um trabalho bom, aluguel tá cada vez mais caro, ele quer saber se não pode ficar um tempinho naquele quarto dos fundos da casa de vocês até arrumar um emprego legal”; gente, que isso, você casada com outro homem já faz o quê, Marinez, uns três anos?; quase isso já, Rose; mas e aí, como é que o encosto entrou lá na tua casa de novo?; aí eu falei pra irmã dele que antes de tudo a casa não era minha e dele, era só minha, e que não tinha muito cabimento ela me falar uma coisa daquela sabendo que eu já tava casada com outro; e mesmo assim ela pediu pra tu enfiar o sujeito lá?; menina, o cara-de-pau não me aparece num domingo à tarde, numa chuva do caramba, com mala na mão, lá na porta de casa?; e tu colocou o homem pra dentro, Marinez?; eu ia fazer o quê, meu Deus?; mas tu sabe que agora essa praga não vai sair de lá de jeito nenhum né, é igual gato de rua que tu põe leite na frente do portão, vai ter que te virar com isso; não dá, Rose, eu vou perder o Vanderley desse jeito, o homem tá uma fera comigo, só que o Claudemir, coitado, pra não atrapalhar e piorar a situação, tenta fingir pra gente que nem tá ali dentro de casa, não sai daquele quarto nem pra mijar, cê acredita numa coisa dessa?; sério?; sério, menina, peguei duas garrafas cheias de mijo esses dias, debaixo da cama do quarto; tá de brincadeira comigo; tô te falando sério, tudo pra não arrumar encrenca com o Vanderley e ter que ir embora dali, o homem daqui a pouco vai comer o próprio cocô pra não precisar sair de dentro daquele quarto e causar confusão; menina, que coisa; e o medo de acabar dormindo na rua?; ai, Marinez, tô dando risada aqui, que situação mais maluca; eu sei que é, Rose, concordo contigo, não dá pra continuar com isso; e o teu filho?; ah, pra ele

tanto faz, agora vive na casa da namorada, vem me ver só no fim de semana, tá casado e não sabe; mas ele gosta do Claudemir, não gosta?; é, o Claudemir foi como um pai pra ele né, porque quando eu e o Valtão terminamo, o menino tinha o quê?, uns quatro, cinco anos; entendi, aí, Marinez, nem sei o que te dizer, mas vem cá, tá na diária de quem hoje?; tô na Santa Clara, no apartamento daquela senhora que mora com a filha divorciada, a dona Olívia, ela agora tá na hidro e a filha no escritório; mas viu, fazer o seguinte, a gente pega o metrô junto na Siqueira Campos, naquele horário que dá certo da gente se encontrar; então tá, mas deixa eu te adiantar uma coisa, que é pra você já ir pensando; que foi?, fala logo que eu acho que o chato tá voltando pra cá; aí, Rose, vê aí se você não aluga pro Claudemir, por um precinho bom, aquele quarto vago nos fundos do teu quintal, o que era da tua filha, não dá certo esse homem enfiado lá dentro de casa não; aí, Marinez; pensa com carinho, Rose, quebra essa pra mim, mais tarde a gente se fala; tá bom, menina, beijo.

Sapucaia

João Paulo Parisio

*“Deus formou, pois,
o homem do barro da terra,
e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida
e o homem se tornou um ser vivente.”
Gênesis II, 7*

*“Perdi a minha taça, o meu anel,
A minha cota de aço, o meu corcel,
Perdi meu elmo de ouro e pedrarias...”*

*Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...
Sobre o meu coração pesam montanhas...
Olho assombrada as minhas mãos vazias...”
Florbela Espanca, A Mensageira das Violetas*

Só podia ser meu avô. O único problema era que havíamos chorado sua morte mais de dez anos antes, e agora ele caminhava impávido poucos passos adiante de mim na praia de Piedade, quase em frente ao edifício onde morara com minha avó e alguns filhos que tardavam a arribar, ele menos do que os outros, já que o trabalho só lhe permitia aparecer algumas vezes por mês, aquela velha estória do provedor que é o que menos usufrui daquilo que provê por estar empenhado em continuar provendo. Via de regra eu passava um terço do ano ali: as férias de veraneio, as férias do meio do ano, que coincidiam com a época das chuvas e quase sempre se estendiam por causa das enchentes que deixavam marcas ocre nas paredes de minha casa no interior, e amiúde finais de semana que não raro emendavam uns nos outros.

E lá estava ele alguns passos à minha frente, com seu biótipo de lavrador de Portinari, os punhos descomunais, o torso taurino, um trojão maciço, como que feito de barro socado, a pele cor de tijolo, ele, que consagrara sua vida a uma fábrica de tijolos da qual já nem restam as ruínas, os tijolos de que era feita. Nem o alto bueiro foi poupado, e o terreno arrematado num leilão público por uma bagatela. Chamava-se Sapucaia, Cerâmica Sapucaia. Só recentemente soube a razão: seu pai, meu bisavô, gostava de amarrar o cavalo e descansar à sombra de um espécime dessa árvore que existia dentro de sua propriedade. As lendas familiares se perdem porque são tão íntimas de seus depositários que é como se elas devessem se transmitir por hereditariedade como a cor dos olhos e o formato do nariz, sem a necessidade de intervenção. Tanto é que os mais velhos se espantam de saber que os mais

novos ignoram um fato que mencionam pela primeira vez. Deve ser por isso que a nossa memória dos antepassados esbarra por volta da quarta, quinta geração antes de nós. Eu sempre imaginara, e na verdade continuo a encarar como uma razão concorrente, que fosse pelo que a sapucaia representa: das árvores mais altas e majestosas da Mata Atlântica, seus colossais frutos de casca muito dura, conhecidos como cumbucas-de-macaco pela razão que se verá, encerram como urnas herméticas acolchoadas as amêndoas aromáticas e oleaginosas, profundamente apreciadas pelos seus frequentadores, até que estejam prontas para germinar, que é só quando uma espécie de tampa voltada para baixo se desprende, deixando-as cair. Dizem que de vez em quando um macaco jovem e desavisado, ansioso por se esbaldar com essas iguarias, antecipa-se, destampa e enfia a mão num dos frutos mas não consegue retirá-la de lá ou consegue apenas ao custo de esfolar-se, e daí viria aquele ditado segundo o qual macaco velho não bota a mão em cumbuca. Um cronista português a serviço da coroa, fazendo propaganda das maravilhas da terra recém-descoberta para atrair colonos, disse que tais frutos, que levam um ano entre se formar e amadurecer, parecem um “artifício de indústria humana”. Como tijolos. Sim, eu andei pesquisando.

No terreno da cerâmica, quase em frente ao escritório de vovô, o que tinha era um tamarindeiro. Creio que reagi com uma careta ao proverbial azedume do tamarindo. A casca também é lenhosa, mas fica quebradiça quando a vagem amadurece e a polpa fibrosa remete a raízes, como se as sementes parasitassem umas às outras, já disputassem entre si como filhotes de ave no ninho. Só me lembro de ter visitado uma vez, e quando o filão já estava no fim, a mina de ouro da família, fonte dos confortos de que todos desfrutavam no apartamento à beira-mar, inclusive carros com motorista, embora ela ficasse naquele mesmo interior em que eu morava, leito dos ossos de nossos avoengos. Devo ter me desapontado com o despojamento com que me deparei. Vovô não estava lá. Conheci as instalações guiado pelo meu pai, seu genro, que talvez adivinhasse a iminente bancarrota e me desse a oportunidade de guardar na memória o que não persistiria fora dela. A folclórica Cerâmica Sapucaia – cuja única concorrente direta era a Japaranduba, outro nome de árvore, sendo que parece que essa é amazônica –, toda em tijolo aparente ocultado por camadas de fungos, fuligem e detritos, era ou se tornara uma sucessão inumerável de galpões sombrios e friorentos, onde imperava o cheiro imbrincado das máquinas escuras, sem pintura, semelhantes a imensos touros de metal sentados, e do barro cru que as alimentava. Uma delas era tão grande que degraus em seu relevo conduziam à superfície antiderrapante no topo. Sei que havia também nada menos que oito fornos abobadados, mas não cheguei a

vislumbrá-los, e o buçiro apenas como uma torre de sonho, a que a gente não chega nunca, por mais que ande na direção.

Ví alguns empregados passarem como sombras, ouvi vozes joviais, abafadas. Dado momento, deparamos com uma máquina cercada por um grupo de homens esqueléticos descamisados, seminus na verdade, que pareciam estar encerrados naquela masmorra desde sempre, quem sabe por gerações a fio, com as íris já tomadas pelas pupilas. À luz do sol suas peles deveriam se mostrar acinzentadas, que é uma das possíveis tonalidades da argila. Eram outra espécie humana. Um deles enfiava o braço pela goela do monstro adentro, e temi que esse acordasse de repente, com um som de ossos triturados e gritos lancinantes, e que do outro lado saíssem blocos de carne sangrenta. Havia um menino mais ou menos do meu tamanho, ou seria uma menina? Olhava-me como a um alienígena. Talvez tivesse nascido ali embaixo – embora estivéssemos ao nível do solo, a sensação de subterrâneo subjugava minha imaginação. Meu pai os cumprimentou e me apresentou, pousando a mão em meu ombro. Eles tartamudearam em resposta, e surpreendi-me de ver que não os compreendia, como se falassem seu próprio dialeto de palavras partidas e prensadas, um mosaico feito de cacos da língua que eu falava. Não estou certo de ter retribuído. Para além da timidez e do assombro, ainda achava naquela época que a cortesia era uma das fastidiosas obrigações dos adultos. Mas a outra criança deu tchau para mim, e eu dei tchau para ela. Pouco adiante a cena da máquina com silhuetas acoradas ao redor se repetiu, e tive o pressentimento de estar num labirinto que se repetia infinitamente muito antes de ouvir falar em Jorge Luis Borges. Anos depois, quando me tornei um aficionado por ficção científica, lembrei desse dia ao ler um conto sobre uma casa-tesseract – tesseract ou hipercubo é aquilo que está para o cubo como o cubo está para o quadrado, ou seja, um objeto quadridimensional que não cabe nas nossas cabeças – onde as pessoas retornavam ao mesmo lugar embora caminhassem em frente e se viam pelas costas como num espelho absurdo, como naquela pintura de Magritte. Agora penso em Morlocks e Eloi. Quando saímos para a claridade novamente, ela magoou minha vista, e fiquei olhando o arco-íris desfigurado que se formara numa poça de óleo.

Tudo na Cerâmica Sapucaia era rigorosamente funcional, ostensivamente espartano, inclusive sobre o birô de meu avô, onde havia apenas um porta-canetas, um calendário armado e alguns papéis sob um peso de ferro, com exceção do quadro na parede atrás dele, uma foto do início do empreendimento, em preto e branco, naturalmente, tirada do alto não sei como – obviamente de um avião –, e de uma fileira de tijolos no chão mostrando a evolução do produto ao modo daqueles cartazes escolares que representam a evolução do homem, tornando-se cada vez mais desempenado e econômico, resiliente e bem-acabado.

Eram as únicas concessões emocionais de todo o conjunto, ainda que autorreferentes. Não havia retratos de parentes nem dele mesmo. Era como se tivesse duas vidas. Ali não seria o terno e temperante patriarca, mas o austero e cioso proprietário-fundador, ele com seu biótipo de operário de Sigaud, apesar da protuberante pança burguesa adquirida ao longo das décadas. Não havia espaço para enlanguescimentos, nem sequer o do narcisismo. Suspiros eram uma especialidade doméstica. Aquela era sua indústria, extensão de seu pensamento, concreção de seu arrojo, materialização de sua vontade, dádiva de sua visão, concebida quando ainda era o simples dono do Armazém Brasil, que ia mal das pernas, e morava numa das típicas casas das cidades da Zona da Mata, estreitas e coloridas por fora, mas penumbrosas e profundas por dentro. Havia até um “Quarto Escuro” que as meninas, minha mãe a mais velha, temiam. Temiam e cobiçavam, com um surdo prurido, crepitantes de periclitância. Às vezes, por razões ignoradas, eram obrigadas a dormir nele, e o próprio pai dizia-lhes que se comportassem muito porque acima do arabesco do forro vazado morava uma certa Dona Noca que não gostava de barulho nem de bagunça, no que elas acreditavam piamente.

Mas vovô vira um besouro virado – tal qual ele, na encruzilhada de sua vida, dependendo apenas da própria força, perseverança e energia para continuar a existir –, e estabelecera que se ele conseguisse se desvirar sozinho esse seria um presságio favorável. O hábito ancestral de consultar os augúrios antes de iniciar uma nova empreitada. Na falta de ritos imemoriais, vestes cerimoniais e animais prescritos, recorrera à penúria de um humilde embola-bosta, sem muito menos saber que, embora nesse contexto o recordemos pelo nome de escaravelho, tal criatura fora reverenciada um dia pelos antigos egípcios como símbolo da ressurreição e da imortalidade graças ao seu hábito de empurrar por aí e enterrar na areia uma bolinha de esterco da qual após sua morte surgia – e continua a surgir – um novo indivíduo aparentemente autoconcebido que eles acreditavam ser o mesmo reencarnado. Parece que nas horas extremas, nos momentos-limite, quando temos nas mãos trêmulas a chave da porta do desconhecido, e oscilamos entre ela e o abismo, somos sempre os mesmos; a crença mágica, um instinto primitivo. E foi assim, graças ao vaticínio de um coleóptero, que meu avô viajou a São Paulo, marca-passo da América Latina, para comprar fiado as extrusoras a vácuo Morando, a serem pagas com o lucro superveniente. Talvez tenha sido melhor não encontrá-lo no seu trono franciscano – a cadeira austríaca que herdara de seu pai, que a herdara de seu pai e assim sucessivamente – naquele dia, ou eu confrontaria as duas personas, eu, um menino franzino, causaria constrangimento àquele homenzarrão críptico.

Nada na fábrica era aprazível, enfim, como no apartamento gerido com mão de seda por uma avó que nunca reclamava, no máximo pedia encarecidamente, a cabeça inclinada como faz na hora das fotos ainda hoje, que tomássemos cuidado com o barulho quando nos excedíamos ou brincávamos até tarde da noite, uma mulher caridosa que reunia donativos, recebia mulheres pobres no santuário do seu lar e escutava com toda a paciência, e, mais que isso, com toda a compaixão, que é paixão compartilhada, toda a cumplicidade, eu diria, seus relatos irremissíveis – assassinatos, viuvezas, vilezas, tuberculosas, lepras, detenções, abortos, violações, incestos, cegueiras, gangrenas, cânceres, enxurradas perante as quais até as casas de tijolo como a do terceiro porquinho pareciam feitas de doces como a da bruxa de João e Maria –, antes de consolá-las com algum dinheiro, alguma comida e algumas roupas usadas que recauchutava, como ainda agora faz naquela mesma velha e fiel Singer, embora o pesado pedal mecânico tenha sido substituído por um elétrico e ela tenha passado por uma cirurgia de catarata. Me pergunto se alguma vez vovó esteve na cerâmica, se visitou os galpões. Talvez vovô dissesse que não era lugar para ela, que não tinha nada para ver. Se tiver ido alguma vez, os funcionários, avisados – advertidos – com antecedência devem ter se apresentado sorridentes, dóceis e canhestros em suas roupas de festa e de igreja, afinal o dia da visita da esposa do patrão, uma espécie de Nossa Senhora na Terra, era feriado por natureza. Talvez eu esteja sendo injusto e naquela época a cerâmica não tivesse nada do aspecto lúgubre que encontrei. Meu irmão mais velho me disse que vovô era atento às necessidades de seus empregados e benquisto por eles, mas isso é apenas corolário da bem-querença universal que lhe era dedicada. Bem-amado, talvez se possa dizer sem exagero. Tantos disseram e alguns ainda têm dito que depois de fazê-lo, Deus perdeu a fôrma. Condescendia, por exemplo, que os operários tirassem tijolos e telhas de graça, quando precisavam construir sua casa para casar ou reconstruí-la mais robusta depois que a de sapé fora levada pela cheia.

Inclusive por causa daqueles que chegavam como nômades famélicos oriundos de outros países separados de nós por vastos desertos, embora viessem apenas de outros bairros ou desse mesmo que atende pelo significativo nome de Piedade, o apartamento era um oásis no centro da realidade inóspita. Era disso que nos apartava, da aridez da vida, nosso apartheid privado. Nele a própria sucessividade era uma miragem, o tempo um ciclo que se retroalimentava, Ouroboros, tanto que Papai Noel existia e, sendo velho, não morria nunca, ainda que não gozasse das prerrogativas de Papai do Céu, que estava mais para seu irmão gêmeo de sinal trocado, magro e taciturno. Mesmo o São Sebastião flechado num quadro envidraçado e num alto-relevo de madeira tinha a expressão distraída de quem desdenha a morte e faz pouco da dor, ou até experimenta nela o êxtase, assim como o Cristo com o

coração do lado de fora parecia mais compadecido que padecente. Esse caráter de Ilha de Circe era sublinhado pelo nome idílico, repousante e litorâneo do edifício: Bosque das Gaivotas.

Assim era que espreguiçávamo-nos até meio-dia e observávamos letárgicos o mar incandescente, incendiado, através das vidraças da saleta contígua à varanda, sem entrarmos em contato sequer com o ar exterior, a não ser o que se infiltrava ganindo pelas frinchas, antes de lhe darmos as costas e nos debruçarmos ainda amarfanhados de sono sobre os tabuleiros de Banco Imobiliário, War e Scotland Yard, ou nos postarmos diante da televisão para jogar videogame – pequenos mundos imaginários, nossas bolhas de sabão, ignorávamos que o nosso próprio mundo fosse só uma delas. Não era sede, era secura, com um componente de vício, da fissura dos dependentes químicos, sem o frescor do genuíno prazer. Entregávamo-nos com a mesma diligência à confecção de sofisticados aviões de papel e à filatelia, jogávamos bola de gude no reduto dos quartos apostando selos. Comia-se por puro desfastio, prolongava-se indefinidamente o confinamento autoimposto, a praia sempre ali, entrando pela sala no cheiro de maresia carregado pelo vento erradio, arredio, enquanto cultivávamos nosso tropical spleen. Já nos bastava ter que quebrar a inércia para ir à escola todos os dias na época das aulas. Preferíamos nos entregar ao feitiço da apatia, intoxicar-nos de ócio até a beira do colapso apoplético. Quando a saturação chegava a um ponto intolerável, apenas descíamos ao mezanino para jogar ping-pong no salão de festas abrigado das borrascas ou, se fizesse bom tempo, dar voltas ao seu redor no patinete motorizado que o primo mais chegado ganhara num natal qualquer. Além do mais, pra quê ter pressa de sair, de aventurar, se as férias sempre voltariam?

Agora que preciso atravessar cinco quarteirões para chegar à praia, faço-o sempre que o sol e a insônia permitem. Tendo aquele mesmo mar – agora proibitivo graças aos tubarões que o porto de Suape atraiu – e aquele mesmo edifício por testemunha, notei que vovô parecia ter menos cabelos brancos, e menos sinais na calva morena, do que minha memória preconizava. Parecia também mais magro, e caminhava com desembaraço, os pés num ângulo um pouco aberto, as pernas fortes mas desinchadas, como se tivesse tido uma recuperação milagrosa do derrame que quase lhe inutilizara um hemisfério e roubara-lhe a fala. Lembro-me de mim com uns sete anos ou menos ensinando-lhe pacientemente a falar de novo quando retornou da internação: “sa-pu-cai-a”, “â-pu-aia!” Sua voz tornara-se anasalada, e ele não conseguia pronunciar certas consoantes, devido à perda na motricidade. Talvez eu achasse, em minha inocente presunção, que sua idade mental também regredira, e congratulava-o pelos seus progressos com a condescendência de um preceptor vitoriano,

sem que ele, sempre bonachão, desse a menor mostra de desgosto. Talvez estivesse agora ainda mais imantado de carisma do que antes. Uma vez, durante o almoço, sentado à vontade com a camisa do pijama aberta, tossiu ou espirrou com a boca cheia, e como seus reflexos haviam diminuído, não pôde impedir que a comida voasse direto no meu rosto. Menino luxento que era, não reagiu com a sua mesma liberalidade, mas lembro dele ter ficado rindo, quem sabe um pouco consternado, o tronco balançando em sincronia. Homem de raro sorriso, por sinal, embora tivesse, segundo minha avó ainda diz, dentes que pareciam pérolas, tornara-se sentimental. Quando chorava com qualquer coisa na televisão seu corpanzil estendido na cama – só com o calção do pijama apesar do ar-condicionado ligado no máximo, a cabeça apoiada em dois ou três travesseiros – reverberava todo, sofrendo abalos na cúpula da barriga. O início era sempre repentino, um solavanco e um arrulho, mas mesmo que ele tivesse tentado reprimir a emoção até ali, daí por diante não se notava nenhuma contenção, e as lágrimas rolavam soltas pela sua pele inusitadamente jovem enquanto soltava grunhidos involuntários. Quando nessa mesma posição ele puxava com a manzorra túrgida um dos netos pequenos para junto do peito grisalho, ainda compacto, num gesto ao mesmo tempo delicado e irresistível, era como se o movesse apenas o puro amor ctônico de um gorila, e o seu olhar irradiava uma inebriante capacidade de afeto.

Meus primos mais novos dizem que tinham medo dele, e eu também não me sentia exatamente à vontade em sua presença. Ele era visita na própria casa, e as limitações impostas pela doença tornavam-no um ser ainda mais impenetrável aos nossos olhos. Só um dia a gente entende que pegou o bonde andando e que vai pular, ou melhor, ser jogado para fora com ele em movimento. Creio que só depois de sua morte, ouvindo suas histórias das bocas saudosas nas reuniões de família ao redor da mesma mesa que ele frequentara, começamos a conhecê-lo um pouco melhor. Fiquei sabendo que gostava de mostrar como a cintura de minha avó era fina abarcando-a somente com as mãos, que passava a noite inteira acalentando os filhos recém-nascidos e crescidos os liberava do castigo tão logo chegava do trabalho, e que ao ver uma babá maltratar minha mãe, estirara-a no chão com uma só patada, assim como com um tiro abatera o gato que mordera minha tia, a mesma que o procurava se não conseguia dormir ou tinha vontade de ir ao banheiro no meio da noite, e que certa vez ele e o filho caçula haviam brechado meu pai e minha mãe namorando do lado de fora, para ver se eles se comportavam bem mas se divertindo com seus beijos como com um número de teatro de rua, que gostava de diluir manteiga no café e bebê-lo assim, e que nas refeições roubava a comida do prato dos outros por pura anarquia.

Desse último detalhe ainda pretendo guardar uma vaga lembrança, mas sei que tenho uma única de antes do derrame: ele deitado naquela mesma cama, naquele mesmo quarto no fim do looongo corredor, lendo um livro de western, daqueles de bolso em edição vagabunda com capa colorida, óculos de vista cansada a meio pau do nariz poderoso, entre núbio e árabe, levemente adunco, que junto com sua pele conservada e jambo-morena e o cabelo ligeiramente crespo na nuca, constituía indício de uma ascendência negra cuja lembrança se esfumara, talvez reprimida, resumindo-se ao rumor semilendário de um antepassado, homem branco de posses e títulos, que não apenas se amancebara como desposara uma escrava de seu plantel, elevada portanto à condição de sinhá, portadora de seu sobrenome já de si marrano. Minha avó, de forma excepcional, não parecia disposta a se mostrar tão indulgente com ele quanto era com os netos. Contava-me em clara voz, sem a menor consideração pela compenetração da sua leitura, que ele andava nu pelo engenho em que fora criado até os doze anos de idade. Assuntos de ciúme. Estava dizendo através de mim que ele era sem-vergonha de nascença. Mas vovô não revidava à provocação, apenas sorria em silêncio sem revelar os dentes nem desviar os olhos do livro, de modo que nunca cheguei a saber, ou melhor, não lembro como era agora, sua dicção original. Faz pouco tempo conheci em visita ao interior um senhor de tapa-olho que disse ter sido seu amigo e que eu, embora lembrasse alguma coisa dele, falava muito mais devagar. Não sei qual dessas duas declarações mais me surpreendeu. A informação de que meu avô falava rápido, contudo – até mesmo atropelando as palavras –, foi prontamente confirmada pela sua viúva, que conversa com ele em orações todas as noites, agora sim plena de indulgência para com seu “querido”, como o chama ainda e sempre.

Longe de estar nu como na infância, seu próprio figurino para andar na praia tinha algo de anacrônico: um short com frisos laterais num estilo que já não se usa e uma camisa polo branca cujas mangas lhe apertavam os braços rijos como torniquetes. Num momento em que olhou de lado – sim, era ele! –, justamente na direção do Bosque, e quase se voltou, como se pressentisse a minha presença, notei que tinha o rosto bem barbeado e usava um daqueles óculos Ray-Ban com aro prateado e lentes marrons em degradê de que gostava tanto. Era como se tivesse rejuvenescido, como se aqueles mais de dez anos para ele tivessem voltado e não progredido, como se tivesse entrado num tesseract temporal. Aliada ao porte, a sobrançeria de seu semblante fazia-o parecer um chefe da máfia, impressão apenas reforçada pelo Rolex ao redor do pulso tão grosso que volta e meia soltava a presilha. Mas era só um chefe de família. Toda família, é claro, é uma pequena máfia, tanto mais quanto corre dinheiro em suas veias. Suspeito até que haja algum parentesco etimológico entre os

dois termos. Ao que eu saiba, entretanto, ele nunca lançou mão das práticas características, embora eu às vezes custe a acreditar que naquela época e lugar um homem pudesse prosperar e principalmente manter-se próspero sem ao menos fazer uso de capangas, ainda mais se uma tradição de sangue envolve sua parentela. Um de seus tios tinha sete ou oito marcas feitas a faca no revólver. Dizia que haviam sido todos em legítima defesa, com exceção do algoz de um de seus irmãos: este ele esperou que cumprisse toda a pena e no dia em que foi solto seguiu-o e alvejou-o em plena Conde da Boa Vista, que já assistiu a horrores bastantes.

Preparei-me para alcançá-lo, mas enquanto ele caminhava com galhardia na areia fofa e em declive, eu sentia como se ela fosse movediça. Nesse ínterim as cortinas de chumbo que pendiam sobre o horizonte se achegaram, e avancei ainda com maior dificuldade em meio à chuva, sem conseguir me aproximar. Logo já não havia mais ninguém na praia antes movimentada. Decidia-me então a chamá-lo, mais para pedir sua ajuda do que para dar notícia de mim, quando um mísero detalhe confirmou a suspeita que já germinava em minha alma. A água que gotejava da ponta dos seus dedos: era barrenta. Sua camisa agora pegada ao corpo mudava de cor para ocre. Não queria ver meu avô se dissolver como um homem-biscoito dos irmãos Grimm, se é que existe esse personagem. Subestimava-o, entretanto. Ele era feito de barro duro, não de massa de farinha e açúcar. Aquilo que escorria era apenas o limo e a poeira das contingências. Os tijolos e as telhas fabricados na Cerâmica Sapucaia resistem às intempéries ainda hoje, e ele também fora temperado no forno da vicissitude.

Então chegou ao limiar da consciência a sensação sub-reptícia de que minhas mãos não apenas formigavam, mas cresciam como plantas. Ergui-as diante dos olhos, e elas me pareceram contraditoriamente diminuídas, os meus dedos não tão longos e delgados quanto realmente são. Através deles, entretanto, descortinei na curva da orla a forma de uma árvore frondosa que rivalizava em altura com os edifícios. Sua copa era roxa, a cor que sempre considerei a onírica por excelência – sem nunca encontrar alguém que partilhasse dessa opinião, é bem verdade –, mas que é também a da florada das sapucaias, e mesmo das suas folhas, despeitadas, na época da floração. Meu avô, agora um pouco mais distante, começava a mancar, enquanto a chuva engrossava, castigando-nos obliquamente, e o dia escurecia. Voltei a seguir seus passos, mas ele se tornara apenas uma silhueta cinzenta, pouco a pouco ficava inclinado, esconso, arrastando uma das pernas, um dos braços pendente. A própria fortaleza do seu corpo parecia subjugar-lo, e eu não sabia se estava ficando menor ou se aumentava a distância. Mais além parou, vacilante, e vomitou algo mais escuro do que sangue. Quis convencer-me de que era apenas água suja como a acumulada num cântaro, mas seu último diagnóstico, seu diagnóstico definitivo, fora câncer de pâncreas. Bebera diária e

profundamente ao longo de muitos anos. Aquele mesmo senhor de tapa-olho me asseverou que antes do uísque ele fora um apreciador de Dreher, nos tempos mais difíceis. Capotara muitos carros e saíra incólume, no outro dia comprava um novo na loja, em dinheiro vivo: mais de um Corcel, Galaxie, Opala Diplomata e Del Rey passaram pelas suas mãos. Nada de cinto de segurança. O alcoolismo, assim como a passionalidade, é uma vocação de clã.

Dobrando-se sobre os joelhos, meu avô caiu. Fora necessário um pelotão para carregá-lo escadaria abaixo quando do seu último internamento, porque o edifício mais modesto para o qual haviam se mudado no apagar das luzes da cerâmica, chamado Maracatiara, outra árvore atlântica, e em cujo pátio crescia um pé de pau-brasil que cortaram agora há pouco, não dispõe de elevador. Uma pequena duna me impedia de vê-lo. O vento era tão forte que até a árvore titânica cabeceava em câmera lenta, dispersando uma revoada de folhas e pétalas, mas mesmo assim chegou aos meus ouvidos a voz rotunda do meu avô enquanto clamava pelas três pessoas de gerações diferentes que haviam orbitado ao seu redor nos últimos anos.

Ígia!

Igia!

Andio!

A primeira era minha avó, a segunda aquela mesma tia que o procurava no meio da noite – assim como agora ele a procurava no meio de sua noite – e o terceiro meu irmão mais velho, que fora morar no Bosque para continuar os estudos na capital e um dia, tendo sido introduzido a ela pelos novos amigos, me iniciaria na leitura de ficção científica, sendo que o meu irmão do meio, então um recém-adolescente, era ele mesmo o autor da *Odisseia Extragaláctica* cujo manuscrito eu e o primo mais chegado lemos em primeira mão. Ele, esse primo, um tio e outros três descendentes herdaram o nome do meu avô – e a única neta escolheu nascer no dia do seu aniversário. Gritei em resposta e ordenei às minhas pernas que corressem, mas quando tornei a vê-lo já alcançava a sapucaia, cambaleante.

Abraçou-a, encostando a testa ao tronco, e depois que uma onda violenta os envolveu e recuou, ele havia desaparecido. O mar devastava o tapete roxo que se depusera em derredor, de modo que pude ver que o solo sob as raízes era argiloso, do tipo de que as sapucaias necessitam. Ali estava meu avô. Prossegui e espantei-me de atingir a árvore sem que ela se afastasse como uma ilusão cruel ou se interpusesse entre nós um obstáculo intransponível, ou um sobressalto me catapultasse daquele mundo transicional e aglutinatório, devolvendo-me à confluência da vigília. Estendi o braço em direção ao tronco cortado por profundas fissuras. Mal suspirei de alívio ao tocar sua superfície, algo vivo se

transferiu para minha mão. Fechei os dedos ao redor e tentando concentrar-me o máximo possível para que aquele ser diminuto, o que quer que fosse – quem sabe um escorpião, que era o signo de meu avô e é o meu ascendente, segundo me foi informado esses dias –, não me perturbasse a ponto de desvanecer meu frágil eidolon, trouxe-o para debaixo dos olhos. Abri os dedos como pétalas, como anêmonas.

Na palma de minha mão jazia um besouro virado. Lembrei num relâmpago que no início de minha caminhada duas figuras haviam destoado do arco-íris da multidão: um menino moreno nu em pelo, impressionantemente bem constituído para sua idade, os cabelos curtos penteados de lado sem nem por isso deixar de conformar um topete, o rosto ovalado, as sobrancelhas caprichosas, os olhos amendoados, que parara por um momento com a gravidade de um lorde para fixar o horizonte como se esperasse a chegada de um navio, a aparição de uma baleia, e pouco depois um homem jovem – mas já próximo do meio-dia um tanto precoce da sua existência – e muito robusto, de ombros sólidos, com um bigode fino e os cabelos escasseando na frente, de boina, que tirou e recolocou uma ou duas vezes, calças e suspensórios marrons, camisa branca de algodão, as mãos enterradas nos bolsos, os mocassins na areia, parecendo retirado de alguma fotografia antiga, tanto é que olhava cismático ao seu redor como se não reconhecesse nada naquele cenário e enxergasse presságios nos menores detalhes. Chegara a se virar e olhar para trás, parecendo sentir-se observado, mas sem dar por mim. Agora sei que a paisagem para ele deveria ser outra, talvez uma mata da sua infância, ou os arredores da casa de seu avô, que já não sei quem foi.

Então senti, com um frio subindo pela espinha como um raio azul, que havia olhos à minha retaguarda. Voltei-me. Ninguém, e ainda assim alguém. Há algo de aterrador em ser perscrutado pelo olho invisível do porvir. Tornamo-nos póstumos por antecipação, delimitados por duas datas como uma borboleta entre os alfinetes espetados nas extremidades das asas, mesmo que uma delas permaneça ignota. Senti o besouro se arquear dolorosamente no esforço de colocar o mundo em pé, e me parecia estar prestes a conseguir quando houve uma série de estalos quase musical seguida de uma intensa precipitação de castanhas elípticas e cheirosas. Uma multidão de macacos-prego surgidos de lugar nenhum, quem sabe do barro, se atirou sobre elas numa algaravia, muito diferente dos funcionários mais próximos ao meu avô, que segundo consta teriam espoliado a cerâmica em silêncio de traça por décadas a fio, corroendo-a por dentro como ferrugem, cupins de aço, até que só restassem as ruínas e mesmo essas fossem saqueadas quem sabe pelos ex-prisioneiros das suas masmorras, condenados à liberdade órfã dos escravos forros a não ser que encontrassem um novo senhor, capatazes novos. Confundindo o besouro com uma semente, ou por

considerá-lo mesmo um petisco, ou por pura anarquia, um dos macacos-prego arrebatou-o de mim com um guincho agudo antes que eu pudesse verificar o resultado da tentativa, e uma de suas unhas rasgou a palma de minha mão, agora sim do tamanho em que eu a conhecia, bem por cima da linha da vida. Tive tempo apenas de ver que do corte saía uma tinta espessa, negra, fervilhante, petrolítica, enigmagmática, na qual se poderia molhar a pena para escrever no livro do destino, antes que tudo cessasse a não ser pelo barulho da chuva.

Pouco a pouco emergiram da obscuridade os contornos pardos do meu quarto num apartamento do edifício Begônia, no bairro-anexo de Jardim Piedade – todos os habitantes da região metropolitana sabem que os bairros que levam “jardim” no nome são bocada, o reverso dos cartões postais. Ali estavam, indefectíveis, a estante atravancada de livros, com o *A Metamorphose* que eu andara relendo fora do lugar, o cabide com minhas boinas penduradas como frutos sonolentos procrastinando a maturidade pelo expediente de apenas sonhá-la, o birô de fundo de armazém – embora alguém já o tenha chamado de colonial – suas galerias adornadas por três garrafas, uma de vinho e duas de licor de jabuticaba fino, uma quase no fim e outra fechada, aos pés das quais se espalhavam as moedas pequenas que sempre esqueço de usar ou trocar, e amparada de um lado por umas e do outro pelas outras uma pequena gravura das *Drawing Hands* de Escher. Mais abaixo, o velho e robusto notebook preto doado pelo irmão primogênito – apelidei-o de “Ferradura”, embora até agora não tenha dado muita sorte –, no qual agora digito, presa da insônia, e só não destoando de tudo pela decrepitude e desconchavo, a cadeira austríaca que está na família há sabe-se lá quantas gerações, talvez o único vestígio da cerâmica, embora a anteceda em muito, na qual agora me sento, desconfortável, e que vou trocar por uma de plástico.

Pouco depois desse incidente fiz questão de estar presente à exumação de meu avô, com fins à liberação da sepultura para novos inquilinos. O próprio caixão se decompusera e tudo o que restara haviam sido ossos, não ossos brancos de laboratório, ossos ocre como as marcas das enchentes nas paredes da casa de minha infância, um esqueleto vestindo farrapos de um terno marrom pastel e mocassins frouxos, lacraus por perto, meio mergulhado na lama, meio soterrado no barro, no barro do qual agora participava, em cujo seio uma semente de sapucaia germinaria galhardamente. É fato sabido que os jambos de cemitério são incomparáveis não só no sabor como no viço. Ter sido um homem corpulento, negligenciável pelo seu porte e personalidade, tornava-o especialmente irreconhecível nesse estado. Lembrei de olhar para os seus dentes, o seu quase ignorado sorriso, e achei que minha avó tinha razão. Não faz muito tempo aquela tia dos chamados noturnos, e que costuma ter sonhos significativos, alguns reputados premonitórios no seio da família e por ela mesma,

sonhou com ele. Perguntava-lhe compungida, penitenciada, como era morrer, ao que ele respondia, tranquilizador: É como arrancar uma unha.

Estremunhado naquela hora suspensa, demorei um minuto a perceber a dor ardente. Sentando-me, acionei o interruptor e olhei assombrado para minhas mãos vazias, uma das quais estivera pressionando contra a lateral da cama de latão, cujas bordas são quase amoladas. Haviam terminado de crescer, definitivamente, e o sangue que banhava a direita e já chegara a gotejar no chão era da cor convencional. Ergui-me para lavá-la e quando retornei ao quarto com um pano enrolado nela, por um segundo uma sombra que girava vertiginosamente nas paredes manchadas de umidade e pernilongos esmagados me fez acreditar que um morcego havia entrado pela janela aberta, assim como a chuva que salpicara meu corpo despido, mas quem a projetava era apenas o besouro que circunvoava de muito perto a lâmpada. Apaguei a luz e tornei a me deitar, de costas, os olhos abertos, o braço direito passado por trás da cabeça, sentindo a mão latejar. Em meio ao temporal, ouvi-o bater algumas vezes nas paredes e por fim cair logo ao lado. Pelo baque seco, soube que estava virado, com as pernas lastimavelmente finas tremulando desamparadas no ar. Sempre acreditei, a propósito, que o inseto em que Gregor Samsa se transforma não é uma barata, como se popularizou, mas um escaravelho, um embola-bosta, como aquele. Havia algo de indiscreto, de indecoroso até, entretanto, em acender a luz para ver como se sairia, qual um demiurgo que se diverte com os azares de suas criaturas. Além do mais, eu sou cético. Fechei os olhos com fingida indiferença, e não obstante logo tudo cessou, com a bênção do cansaço, a não ser pelo fio da vida, secreto, obstinado. Pela manhã, ele não estava lá, mas da mancha de sangue no cimento cru partia e sumia logo adiante um rastro sinuoso composto por traços e pontos, formando um hieróglifo indecifrável.

Senhor Feliz Natal

José Gilberto Tristão de Almeida Filho

Naquela manhã de maio, na Praça do Descobrimento, os pombos estavam especialmente alvoroçados. Nessa época do ano as aroeiras-pimenta que ladeavam a alameda principal carregavam-se de frutos e de aves: bem-te-vis, sabiás e sanhaços banquetavam-se com pimentas-rosa numa buliçosa cantoria. O chão estava atapetado de vermelho, com os frutos que caíam do arvoredado convidando uma comitiva de pombos para a comilança. A população local, alheia ao estardalhaço festivo das aves, caminhava de um lado a outro, apressada para as tarefas do cotidiano, aproveitando o comércio dos arredores.

Num canto afastado, contrastando com a animação do lado oposto, sentado em um banco sob a proteção da copa de uma murta-de-cheiro, Renato cultivava seu deserto particular de melancolia e rancor.

Aos sessenta anos de idade, não traduzia na aparência, contudo, o caráter amargo e impiedoso que a comunidade se comprazia em odiar. Costumava estar sempre bem vestido, barba aparada, perfumado. Se havia alguém de quem Renato gostava, era de si mesmo. Por isso, todos os dias, dedicava vaidosos minutos ao cuidado pessoal.

A sombra da velha murta-de-cheiro, árvore pequena, quase um arbusto, era seu refúgio perfeito há quase trinta anos, desde que conseguira sair vencedor em um processo de aposentadoria por uma invalidez questionável. A planta não tinha altura para impedir que, a golpes de bengala, o velho espantasse qualquer ave que ousasse invadir o seu recanto de isolamento. Além disso, aprendera, com o tempo, que antes do calor do meio dia ativar a produção de néctar, podia gozar da quietude de seu posto sem ser ofendido pela efervescência aromática da planta que, inevitavelmente, atraía uma multidão insuportável de insetos e borboletas.

Há anos vinha passando as manhãs entretido com as mazelas do mundo que adorava ruminar nas páginas do *Sentinela da Manhã*. Adquiria seu exemplar na Banca do Silva, que, conhecendo o cliente, já lhe entregava o jornal dobrado, com a manchete mais cruenta do dia virada para cima. Renato regateava, reclamava e, por fim pagava com algum dinheiro e muito mau humor. Em seguida, retirava-se para seu isolamento cativo, não sem antes qualificar o comerciante de avarento, muquirana e de quais impropérios lhe viessem à mente.

O Silva não dava crédito. Aprendera a tolerar o velho. O temperamento de Renato era por demais conhecido da vizinhança para que fosse levado a sério. Se alguém tivesse o

desprazer de cruzar com aquela figura mau humorada sentia a frieza cortante de sua alma: um *bom dia* era respondido com um rosnado ou um vociferar de palavrões; um pedido de pão, rechaçado com uma bengalada ou sob uma rajada de pedregulhos.

Sua vida familiar era um desastre: exceto pela irmã, Lucília, os parentes não o suportavam. Os outros irmãos, considerava-os uns néscios; e reciprocamente. Quando visitava Lucília para o almoço dos domingos, era como se uma das aroeiras da Praça do Descobrimento fosse transplantada para um jardim de margaridas e começasse a espalhar pimentas. Tinha prazer em apunhalar com sarcasmo as dores íntimas de quem encontrasse por vítima:

— E a memória, Maria, está melhor? — Dizia enquanto olhava fixamente nos olhos da cunhada, antes de devassar seu passado — Já lembrou de pagar os duzentos reais que pediu emprestado à prima Joana há mais de seis meses?

À mesa, não poupava a única que ainda lhe dedicava um pouco de afeto:

— Que droga de bife, Lucília! Nem todo mundo tem pressão alta. Custa colocar um pouco de sal?

Histórias sobre ele não faltavam.

Era famoso o caso do Dia das Crianças. O prefeito decidira fazer um evento na praça e distribuiu balões coloridos para alegria da meninada. Consta que Renato, irritado com a algazarra, saiu de sua trincheira sob a murta-de-cheiro, portando uma agulha metálica de tricô que surgiu sabe-se lá de onde e dirigiu-se ao grupo festivo como se fosse uma espécie de paladino do silêncio. Com a alma gelada como a agulha que empunhava, estourou um a um os balões da criançada, acabando por transformar a manhã de comemoração em um festival de lamentos. Conta-se que o azedume e a pimenta espalhados por Renato naquele dia cobriram a praça de desespero, formando um tapete de lágrimas de borracha colorida que, naquele mês de outubro, superou em muito a vivacidade das pimentas-rosa que costumavam forrar o solo no início do ano.

Depois disso, embora a choradeira fosse ainda mais ruidosa que a festa, dizem que Renato, retornando à sombra de onde saíra, permaneceu sentado com semblante contemplativo e, coisa rara, com um sorriso no rosto, como se agora finalmente estivesse escutando uma sinfonia digna de seus ouvidos morbidamente seletivos.

Outro caso bem conhecido era o de dona Joaquina. Recém-viúva, estava um desconsolo só. Véu negro, chorava o tempo todo. Todos sabiam quanto era devotada ao esposo e quanto sofria com a viuvez. Passou a frequentar a praça em companhia da filha, Bianca, na esperança de encontrar consolo no convívio com os pássaros e espairar a mente.

Mas não é que de imediato, antes mesmo que o defunto esfriasse na sepultura, Renato atravessou a alameda somente para ir ter com ela? Apresentou-lhe uma carta de reclamações contra o falecido que fez questão de ler em voz alta, indiferente à presença da filha. Emendou a infâmia com a cobrança de uma série de notas promissórias que a pobre senhora deveria quitar em dois meses, já que o finado, evidentemente, havia negligenciado seus compromissos.

Os olhos das duas se encheram de lágrimas. Não havia palavras para descrever o martírio em seus corações.

Com o falecimento da viúva, uma semana depois, o veredito da vizinhança foi unânime: fora a arremetida de Renato que lhe precipitara o último suspiro. O mal-estar foi geral e a imagem do velho se cercou de ainda maior repulsa no seio da comunidade.

Estranhamente, Bianca, que, no entendimento geral, fora duplamente apunhalada pela maldade de Renato, era a única que não compartilhava da repulsa dominante. Mantinha um incompreensível silêncio sobre o ocorrido e, se diretamente interrogada, amenizava as circunstâncias: *o homem devia ser doente da alma, coitado*.

Certa vez, havia mais de trinta anos, Renato teve um romance. Ninguém sabe ao certo como e por que aconteceu. Foi um namoro curto com Taciana, do clube de filatelia, que na época ainda era jovem e cheia de energia. O relacionamento não durou mais do que uns dois meses, mas foi o suficiente para que a moça saísse dele irreconhecível: calada, deprimida, buscando isolamento de tudo e de todos. Sua face parecia ter perdido a cor e seus olhos, o brilho. Foi depois desse episódio que começou a crescer na cidade o boato de que conviver com Renato era como respirar em um tanque com reservas restritas de oxigênio; ele tinha o poder de exaurir a energia alheia com sua crítica incessante e seu desprezo por qualquer gesto de ternura.

Aos poucos esse comportamento foi sendo reconhecido como sua insígnia pessoal: se alguém puxava conversa, não escutava de volta nenhuma palavra agradável, nenhum comentário positivo. Era sempre o maldizer, a crítica, o escárnio. A prefeitura relapsa, as aroeiras que emporcalhavam a alameda com os frutos que caíam às mancheias, o coreto coberto pelos excrementos dos pombos. Os pombos, os malditos pombos.

Aliás, a cisma de Renato com as aroeiras tornou-se lenda. Um dia decidiu que não suportava mais aquela imundície que dizia atingi-lo por dentro. Foi visto de machado em mãos tentando derrubar as árvores, tarefa que sua condição física não permitia. Acabou indo parar no pronto-socorro, exausto, conduzido pelo Serviço de Urgência Municipal, aos brados de ira e indignação.

Noutra ocasião, o Centro Comunitário organizava um evento de conscientização sobre o Janeiro Branco. Na praça, espalhavam-se os profissionais do Centro em atividades animadas. Um rapaz aproximou-se de Renato, sorrindo. Usava no pescoço um cordão com um pingente: uma Pomba da Paz. Renato escorraçou-o com uma avalanche de impropérios e uma chuva de pedregulhos tão desproporcionais que o caso acabou entrando para as crônicas da cidade como mais uma das estroinices do velho rabugento. Infelizmente, o moço simbolizava o ódio que Renato nutria pelo mundo: sorria, trazia no pescoço a paz e a pomba. Nada disso ele tolerava.

Renato costumava conferir as notícias do *Sentinela* na tela trincada de um smartphone antigo. Seu espírito desconfiado não permitia que aceitasse sem verificação o que viesse de qualquer fonte que não fosse o seu próprio raciocínio. Era uma árvore de casca dura, onde nada penetrava com facilidade. Se alguém desejasse se aproximar do espírito desse homem, certamente não entraria através de portas exteriores; teria que atacá-lo por dentro, pela medula.

Ironicamente, Renato verificava as notícias do mundo pelo prisma defeituoso de um equipamento obsoleto. O visor do aparelho estava trincado porque certa vez uma pomba enlouquecida caíra de bico sobre ele. Novamente as pombas, as odiosas pombas!

Os bichos, aliás, pareciam persegui-lo. Naquela manhã de maio em que os pombos estavam especialmente alvoroçados, um deles saiu voando repentinamente da alameda das aroeiras e acabou por pousar sobre seu ombro esquerdo, exatamente sobre a clavícula, fincando-lhe as garras e provocando dor. A reação de Renato foi tão intensa que a ave foi lançada a uns cinquenta metros de distância. Ficou por alguns instantes estendida ao sol, pescoço estirado, como se estivesse morta. Renato notou, curioso, uma espécie de iridescência arroxeadada, como uma mancha de óleo, que descia da região do pescoço ao peito, tornando o animal ainda mais abominável. Aproximou-se para examinar, antes movido por uma curiosidade mórbida que por qualquer sentimento de piedade. Ao aproximar-se, a pobre ave, como se fugindo do pior predador, aprumou-se imediatamente e bateu asas para longe. Renato acompanhou o voo com impertinência:

— Xô! Isso mesmo: foge, Nazarento! — arrematou, substituindo intencionalmente o *ele* pelo *ene*, de improviso, aproveitando a ocasião de disparar um impropério para, ao mesmo tempo, exteriorizar ao mundo o seu desprezo religioso gnosiológico.

Depois desse dia, parecia que as pombas não davam mais sossego ao velho. Talvez em represália pelo que ele fizera com a companheira de pescoço iridescente, agora, volta e meia, o encurralavam à sombra da murta-de-cheiro. Também não era incomum aguardarem-

no diante da Banca do Silva. Se ia à padaria, frequentemente se deparava com as ditas. Tentava espantá-las aos brados ou a golpes de bengala, mas, cedo ou tarde, estavam de volta. Não importava em que contexto, no entanto, estava claro: elas eram as únicas criaturas da cidade dispostas a compartilhar-lhe alguns momentos da existência.

As únicas, mesmo. Renato era um solitário. Depois do ocorrido com Taciana, não se teve notícias de outro envolvimento afetivo por parte de Renato. Não tinha amigos, não recebia visitas, não havia quem o tolerasse.

O assédio das pombas a Renato durou pelo menos até o final do ano. Diziam que o velho mudava o comportamento na presença dos animais. O Silva notou:

— Se ele vem comprar o jornal e percebe as pombas no encalço, não regateia, não reclama. Sai caladinho, sem dizer um palavrão.

Também tinham notado na farmácia, na padaria e mesmo na praça. O velho parecia mais contido quando as pombas estavam por perto; parecia haver entre ele e as aves, desde o ocorrido na manhã de maio, uma delimitação mais justa de território, em que Renato não era mais o único a estabelecer limites.

Como se as aves infelizes lhe houvessem lançado algum tipo de maldição, o segundo semestre daquele ano assinalou o início de seus martírios. O corpo começou a traí-lo. Dores, que inicialmente tentara ignorar como desconfortos da idade, tornaram-se cada vez mais cruciantes e agora as sentia como facadas profundas nas costelas, na coluna e nos quadris. Seu corpo parecia mais frágil. Tinha uma sensação estranha: como se fosse feito de vidro, prestes a quebrar ao menor movimento. Havia dois meses, um nódulo surgira sobre a clavícula esquerda, exatamente onde pousara a maldita pomba oleosa. Agora esse nódulo crescera até atingir o tamanho de um limão, uma massa endurecida e arroxeada que saltava da clavícula, deformando e assustando. A fadiga era um peso absoluto, uma exaustão que parecia vir de dentro dos ossos. Sua tez, antes saudável, tingira-se de uma palidez mórbida. Pela primeira vez, o desprezo de Renato pelo mundo foi amortecido por um sentimento novo e desesperador: o medo.

Passara por consultas e mais consultas. A princípio, quando o quadro era mais brando, medicaram-no sem realizar exames. Os sintomas eram inespecíficos, podia ser uma gripe forte — era o que diziam. Depois conheceu o doutor Cláudio, já numa fase mais debilitante da doença: coletou sangue, fez radiografias, biópsia do tumor e da medula óssea. Os resultados saíam no dia quatorze de janeiro.

Antes do diagnóstico, contudo, não conseguiu se furtar ao palco anual da encenação em família: o Natal. Renato jamais faltava ao Jantar de Natal: era sua ocasião predileta para

sabotar a alegria alheia. Aproveitava para destacar o desvio de caráter de um, a obesidade de outro, para criticar os pais pelo descontrole da criança. Se recebia um presente, o fazia com desdém contábil, calculando o preço da retribuição antes mesmo de desamarrar o laço. Não era raro devolver a gentileza com um xingamento. Perfumado e elegante, alegrava-se em espalhar pelo ambiente o aroma da indignação e a deselegância das palavras.

Assim, Véspera de Natal, lá estava ele na casa de Lucília: como sempre, cara amarrada, alma gelada, mas, desta vez, visivelmente doente e deformado. Todos notaram o volume sob a camisa, mas disfarçavam com uma polidez irritante. Renato ruminava o ódio com discrição intolerável.

— E aí, cunhado? Feliz Natal! — Hmmm...

— Feliz Natal, tio Renato!

— ...

Aquele *Feliz Natal* repetido à exaustão soava como uma punhalada. Para Renato, aquelas pessoas — que o odiavam e ele bem sabia — apenas açucaravam as vozes, travestindo-se de uma hipocrisia sazonal, entregando-lhe veneno recoberto de chocolate.

Depois vieram os comentários: — Você viu o Renato? Parece que está apodrecendo em pé. — Dizem que vaso ruim não quebra, mas aquele ali está trincado. Você viu a cor da pele? Cinza! E aquele calombo no ombro... Deus me livre.

Os dias que antecederam o retorno com o doutor Cláudio foram de expectativa e dor; dor e medo.

— Mieloma múltiplo.

O diagnóstico veio sem hesitação. Era incurável. O velho compreendeu que o câncer brotava de dentro dos ossos. As células doentes expulsavam o próprio sangue, ocupando espaço, devorando sua estrutura e deixando em troca aquela palidez de cadáver.

Devido à anemia profunda, o início do tratamento foi imediato. Antes mesmo de absorver a sentença, o paciente já estava no setor de hemoterapia. Encarava com repulsa a bolsa rubra pendurada acima de sua cabeça. Não bastavam os azares da vida e a estupidez alheia? Agora estava reduzido a um caco humano, dependendo da caridade biológica de um estranho para continuar respirando. A visão daquele sangue anônimo gotejando para dentro de suas veias causava-lhe um asco insuportável.

Mas, mesmo a aroeira balança ao vento.

O tratamento foi avassalador. Seções de quimioterapia, exames sem fim, múltiplas transfusões. Nomes de medicamentos como bortezomibe e dexametasona passaram a fazer

parte de seu vocabulário; o hospital, os laboratórios, o departamento de hematologia tornaram-se seu novo bairro. Preparava-se para o transplante de medula óssea.

Renato transformou-se em um estudioso da própria ruína. Através da tela trincada do smartphone, procurava compreender porque seu próprio corpo estava se fragmentando. Pesquisava cada termo contido nos laudos que acumulava. Aprendeu a ler as entrelinhas da eletroforese de proteínas e a monitorar a curva dos plasmócitos como quem vigia um inimigo pelo buraco da fechadura. Não confiava plenamente no doutor Cláudio — não pelo médico em si. É que não confiava em ninguém. Queria ele mesmo decifrar os números que ditavam quanto tempo de vida ainda lhe restava.

Mas, o que a dor e a doença não são capazes de fazer? A gentileza dos enfermeiros e o desprendimento dos doadores eram, de início, como ofensas ao seu cinismo. Depois, tornaram-se um mistério que o espantava; e, finalmente, uma aceitação que ele já não tinha forças para combater.

Certa tarde, foi visitá-lo uma voluntária bondosa que trabalhava no hospital aos finais de semana. Seu nome: Bianca. Sim, aquela mesma filha de dona Joaquina que, há décadas, Renato humilhara em praça pública. Mais um golpe amargo do destino: no auge de sua doença, ele era obrigado a encarar os fantasmas do passado. Bianca foi recebida com constrangimento e repulsa. Ainda assim, talvez por haver sido forjada, durante todos esses anos, na chama transformadora de quem luta contra o sofrimento alheio, insistia, com uma doçura incompreensível, em perguntar por sua saúde e em ser gentil.

Aos poucos, o constrangimento inicial foi cedendo. Renato já nem tinha forças para resistir ou para se impor. Passou a aceitar-lhe a companhia nos dias em que permanecia internado, para a leitura do jornal matinal.

O tempo foi passando e, Renato, se fortalecendo. Aos poucos, as punhaladas nos ossos haviam se transformado em um eco suportável.

Semanas antes do transplante de medula óssea, enquanto observava o concentrado de hemácias penetrar-lhe o antebraço, endereçou, sem perceber, um olhar de reconhecimento ao enfermeiro do setor. Foi um instante — um relance! —, mas com intensidade suficiente para causar-lhe estranha consternação.

Noutra ocasião, para sua surpresa, flagrou-se pensando com gratidão no desconhecido que havia doado aquele sangue. Eram glóbulos que invadiam seu corpo de forma intrusa, mas que, ironicamente, lhe devolviam a dignidade de estar vivo.

Doutor Cláudio não era mais um estranho que lhe injetava diretrizes farmacológicas veias adentro. Começou a perceber no médico uma pessoa dedicada e sincera.

Bianca fora um achado. Como ela podia estender aquele véu de silêncio sobre sua história de covardia e crueza? Como podia tolerá-lo depois do que havia feito a ela e à sua mãe? Começava a encontrar em sua companhia desinteressada e zelosa um conforto que não conseguia compreender: algo que estava para além de toda a sua experiência de vida, algo humano...

O ano corria célere. Era final de novembro. Mais um Natal se aproximava. Chegou o dia zero. Renato recebeu a infusão de melfalano, a química implacável que “zeraria” sua medula óssea para abrir caminho para o transplante. Começava então o período de maior vulnerabilidade: vinte e um dias num isolamento que espelhava sua própria vida. Mas, agora, não se tratava de um isolamento voluntário. Nada mais estava sob seu controle: filtros de ar especiais, visitas restritas, inúmeros cuidados para evitar infecção eram uma prisão de assombros num vácuo biológico. Com a medula zerada, o homem que cuspiu pedregulhos em praça pública agora temia até as impurezas que carregava na intimidade do próprio pensamento.

Apenas Lucília e Bianca mantiveram-se presentes. A irmã, dissimulando a tristeza por trás de jalecos, gorros e máscaras, comparecia com assiduidade silenciosa. Entristecia-se pelo irmão, enxergando, contudo, esperança por trás da carapaça de homem difícil. Sabia que a cura era impossível, mas sua luta era para que ele não atravessasse sozinho aquele pesadelo.

Bianca desenvolvera um carinho especial pelo paciente. Jamais vira, em todos os seus anos de hospital, alguém lutar com tanto empenho contra a doença do corpo e da alma. Aquele em quem, em outros tempos, notara apenas dureza de coração, agora era uma pessoa da qual se compadecia profundamente e que lhe inspirava singular afeição.

No passado Renato teria celebrado o isolamento. Pessoas sempre haviam sido um fardo em sua vida: Lucília fora a única exceção tolerável. Mas os meses de doença e fragilidade, a quimioterapia, o recinto asséptico, a atenção desinteressada que recebia de todos, tudo isso parecia ter alterado a bioquímica de suas veias espirituais. A seiva que corria na aroeira começava a fazê-la balançar.

Gradualmente foi deixando de ver o ser humano como inimigo. Precisara viver no vácuo biológico para perceber seu vácuo interior. O que sempre desejara — a solidão absoluta — agora era fonte de angústia. Lucília e Bianca eram as suas bases de humanidade e transformação.

Passados alguns dias, a doença deu sinal de trégua. O nódulo na clavícula murchou com rapidez espantosa. Com quinze dias de transplante, no lugar daquela protuberância restava apenas uma depressão.

Doutor Cláudio entrou no quarto:

— Foi um sucesso! O transplante pegou!

Os exames eram promissores. Leucócitos e plaquetas subiam como uma maré de vida; a biópsia era favorável. A biologia, enfim, sinalizava o êxito do tratamento.

Ao receber alta, Renato foi surpreendido por um corredor de despedidas. Técnicos de enfermagem, nutricionista, Bianca, o pessoal da limpeza e da hemoterapia. Eles, que haviam testemunhado sua agonia, agora se despediam com alegria: “Vá com Deus, seu Renato! Feliz Natal! Estamos muito felizes pelo senhor!”

Feliz Natal daqui, *Feliz Natal* dali... e dessa vez, Renato não se irritava ao ouvir. O som daquelas palavras agora era mais leve. O famigerado *Feliz Natal* não mais soava como um voto de hipocrisia sazonal, mas como a celebração de um renascimento. A doença era incurável? Que fosse! Mas aquele dia era o seu dia de vitória. *Feliz Natal*, disse ele para si mesmo. E apreciou o sabor das palavras reverberando em seu íntimo.

Faltava uma semana para o Natal. Renato ainda vivia sob um isolamento cautelar; sua liberdade resumia-se ao trajeto entre o hospital e a farmácia. Máscara e álcool gel eram seus escudos.

Começava a fazer as pazes com o mundo e, agora, redescobria o próprio corpo. Tinha um novo prazer matinal: fazer a barba com cuidado e observar-se no espelho. A pele não parecia mais tão cinzenta. No lugar onde antes vivia um limão azedo, agora restava uma pequena depressão que Renato contemplava com reverência: um berço ósseo à espera do nascimento de um homem melhor. Não era mais um ritual de narcisismo e soberba; era um momento de celebração.

Dois dias depois, foi inevitável: teve que ir à farmácia. Com a sobrecarga de medicamentos, o estômago se ressentia. Precisava de um protetor gástrico: *pantoprazol* era o que lia na receita. Máscara, álcool gel no bolso, cumpriu o protocolo. Foi atendido com empatia. O pessoal do estabelecimento se acostumara com Renato durante o ano. Na despedida, o voto de boas festas:

— Feliz Natal!

— Feliz Natal! — Respondeu. Não pensou ao falar. A frase escapou. Sem filtro. Mas, ao dizer, sentiu-se bem. Era estranho. Não soava falso; soava como um alívio.

Véspera de Natal, Bianca deu um telefonema:

— Feliz Natal!

— Feliz Natal!

Conversaram um pouco. Surgia uma amizade?

Lucília foi visitá-lo.

— Feliz Natal!

— Feliz Natal!

Era impressionante a transformação do irmão. Não só fisicamente: estava mais corado, mais disposto, mas, acima de tudo, mais manso. Pela primeira vez em décadas, a conversa não tinha espinhos. Foi uma visita memorável. Será que a alma de uma pessoa fica na medula óssea?

O que antes era motivo de irritação, agora se transformou em fonte de contentamento. O *Feliz Natal* tornou-se o hábito de um homem que começava a descobrir a suavidade de viver.

No início, Lucília estranhou. Ao visitá-lo em pleno janeiro e ser recebida com o voto natalino, sorria com uma ponta de preocupação:

— Meu amado, o Natal já passou. Deve ser o estresse da quarentena, mas não importa. Feliz Natal para você também, meu querido.

Passou-se o tempo, terminou a quarentena e logo a mania de Renato rompeu os limites do apartamento. Voltou a frequentar a Praça do Descobrimento, porém, com outro comportamento: dava atenção às pessoas, auxiliava quanto podia. Já não se debruçava com amargura sobre o *Sentinela da Manhã*. Comprou um aparelho celular novo, começou a experimentar as redes sociais. Mesmo fora de data, não esquecia a saudação:

— Feliz Natal!

Passou a alimentar os pombos e, no auge de sua felicidade, dirigia-se às aves em alvoroço:

— Feliz Natal!

Vez por outra, Bianca arranjava um tempo para dois minutos de prosa com o amigo sob a sombra da murta-de-cheiro. Às vezes, dez minutos, meia hora... Sempre a recebia com um *Feliz Natal*.

As pessoas estranhavam, comentavam: “Doidinho esse seu Renato. Dizer Feliz Natal a todo momento, assim, fora de época...” Devia ser a doença dele. Diziam que era muito grave.

Na padaria, no ponto de ônibus, entre as gôndolas do supermercado, passou a distribuir a saudação natalina com a mesma generosidade com que antes distribuía insultos.

Sua lógica era límpida e pessoal: dizer *Feliz Natal* o fazia feliz, e ser feliz o mantinha vivo. E, vivo, em janeiro, em fevereiro, não importava em qual época do ano, quando cumprimentava alguém, Renato disparava:

— Feliz Natal!

O bairro capitulou. O povo, que antes desviava o caminho para não cruzar com ele, agora o aguardava: “Lá vem o *Senhor Feliz Natal*!”, diziam, já sem ironia.

A transformação virou notícia. O jornal do bairro narrou a saga do mieloma e o renascimento do homem que decidiu viver um vinte e cinco de dezembro permanente. Criaram-se grupos, redes sociais, uma corrente de votos matinais. A Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente, em parceria com o Clube de Filatelia e sob a liderança de Taciana, conseguiu que os Correios produzissem, para o Dia das Crianças, um belíssimo selo em que se viam duas agulhas de tricô tecendo o fio de um balão que se erguia aos céus. Abaixo, os dizeres anacrônicos: “Feliz Dia das Crianças — *Feliz Natal*”.

Quando Renato caminhava, recebia o *Feliz Natal* de volta com um coro de bênçãos. Foram meses de uma vida plena. Se soubesse antes que a felicidade cabia em apenas duas palavras, não teria desperdiçado tantas décadas em azedume e irritação.

Mas a felicidade caberia mesmo em duas palavras?

Talvez não.

Certa manhã, diante do espelho, Renato sentiu o golpe: o bercinho na clavícula desaparecera. Em uma semana, um caroço do tamanho de um grão de feijão ressurgiu no local. Tocou e sentiu dor.

Voltou ao doutor Cláudio. A sentença se repetia e atravessou-o como uma flecha:

— Sinto muito, meu amigo. O mieloma voltou.

A perspectiva era sombria. Quando a doença retorna antes do primeiro aniversário do transplante, esclareceu o doutor Cláudio, ela é refratária: “É como um inimigo que aprendeu a resistir às armas usadas.” As chances de uma nova remissão eram mínimas. Era preciso apelar para o tudo ou nada. Doses massivas de corticoides e infusões semanais de anticorpos monoclonais eram necessárias.

A rotina de tratamento estendeu-se pelo próximo mês.

As mudanças físicas vieram rapidamente: o tumor na clavícula retornou como um fantasma materializado, o rosto se tornava pálido e as dores cruciantes voltaram a castigá-lo; a cortisona em doses altíssimas arredondou-lhe o rosto, deixando-o inchado e irreconhecível. As pessoas se assustaram. Renato via a própria decadência no espelho, mas, estranhamente, não se apavorou: não havia mais revolta contra Deus, contra o médico ou contra o destino.

Tentava, quando conseguia, dar uma volta pelo quarteirão.

— Feliz Natal! — sussurrava com a voz enfraquecida, ao cruzar com um vizinho.

A comunidade se comoveu. O *Senhor Feliz Natal* sofria. Precisavam ajudá-lo.

Quantas mensagens de Feliz Natal chegavam ao celular todos os dias não era possível contar. A pedido do jornal do bairro, organizaram-se correntes de oração e seu nome era lembrado nas missas. Os amigos evangélicos iam à sua casa, liam a Bíblia, oravam por ele. Nos centros espíritas, não faltavam as vibrações fraternais. Na comunidade, o protocolo social fora abolido: não se dizia mais *bom dia*, *boa tarde* ou *boa noite*. *Feliz Natal* era a senha que colocara o velho Renato na ordem do dia e no centro dos corações. Lucília, Bianca, Maria, Joana, os familiares e amigos davam-se as mãos em oração.

Doutor Cláudio tentou novidades: drogas de última geração como uma tal de pomalidomida. Esperança vinha; resultados, não. Quando o médico convocou os mais próximos para falar em cuidados paliativos, Lucília desabou em prantos. Bianca ficou desconsolada. As crianças pareciam ter levado uma surra. E até o cunhado — com quem Renato antes trocava apenas grunhidos — não continha as lágrimas.

As mensagens de conforto chegavam de todos os cantos. Renato percebia que a hora derradeira estava próxima, mas sentia-se sustentado por aquela rede de mãos invisíveis que decidiu carregá-lo com amor. Se seu momento chegasse, encontraria um homem em paz, erguido pela gratidão.

Embora enfraquecido, continuava encontrando forças para seus pequenos passeios. O quarteirão tornara-se seu santuário:

— Feliz Natal!

— Feliz Natal, seu Renato. Que Deus o abençoe!

Passado algum tempo, pareceu ganhar um pouco mais de viço no rosto e a dor recuou. *A visita da saúde antes da morte*, pensou, sem medo.

O calendário marcava a chegada de mais um Natal. Renato ansiava por esse momento derradeiro: não mais para sabotar a alegria alheia, mas para viver um legítimo e feliz Natal. Depois, poderia partir. Não guardava mágoas; a essa altura, ele era feito apenas de agradecimento. A aroeira vergara.

Renato passou pela última bateria de exames. Radiografias, sangue, biópsias — o inventário completo de suas luzes e sombras.

Parecia, no entanto, que a proximidade do Natal lhe soprava um vigor desconhecido pulmões adentro. Apesar de sua fragilidade, sentia-se vitalizado. Deus era bom. Conceder-lhe-ia um último Natal com a saúde possível. Poderia abraçar os seus e pedir perdão.

Renato despertou mais tarde naquela manhã. Era novamente Véspera de Natal. O sol de dezembro entrou pela janela com uma suavidade calmante. Como poucas vezes nas últimas semanas, o silêncio matinal não era preenchido pela dor. Sentia-se agradavelmente leve, como se a lei da gravidade tivesse se esquecido de sua existência. O tumor em sua clavícula esquerda marcava presença, mas já não era uma presença assustadora. Ali estava como quem não quer estar, como entidade onírica, na proximidade do despertar. Caminhou até a Praça do Descobrimento com uma desenvoltura que desafiava os prognósticos.

O frescor matinal já encontrava na praça o burburinho agitado das pessoas que buscavam cumprir os últimos compromissos antes das festas. Os pombos aguardavam, fiéis, ao homem que aprendera a amá-los. Sentou-se no banco que outrora fora seu posto de vigia contra a felicidade do mundo e começou a distribuir-lhes alimento.

As aves, em uma algazarra de penas e bicos, cobriram-no como de costume, subindo-lhe pelos braços, pernas e ombros. Foi então que um pombo mais audaz pousou, por sobre a camisa fina, exatamente em sua clavícula esquerda.

Num reflexo, Renato levou a mão ao local para afastar a ave. O toque não encontrou o inconveniente da dor. Seus dedos procuraram o nódulo, a protuberância, o berço da doença. Não encontraram nada. Palpou com força, respiração suspensa, coração em descompasso. A pele estava lisa; o osso, íntegro. O tumor que ali estava ao despertar simplesmente desaparecera.

Olhou para a ave em fuga no instante em que um raio de sol bateu em cheio sobre o animal. O reflexo iridescente no pescoço e no peito da pomba assustada, antes arroxeadado e sombrio, agora explodia em verde esmeraldino, mas era inconfundível:

— Nazarento...! — Disse para si mesmo, espantado.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Com as mãos trêmulas, procurou, na tela cristalina do novo smartphone, os resultados recentes de seus exames. O laudo do laboratório era uma sucessão de impossibilidades: radiografias sem sinais de erosão, ossos

refeitos como por encanto, eletroforese limpa. O percentual de plasmócitos no mielograma era insignificante. Seria o efeito da pomalidomida?

Ainda atônito e incrédulo, sentiu o celular vibrar em sua mão. Era o doutor Cláudio, com a voz tomada por uma energia contagiante e desconcertada. — Meu amigo, você não vai acreditar! Eu mesmo não consigo entender... você já viu os resultados dos seus exames?

Mas Renato já não precisava de laudos. Tudo o que ele queria naquele instante era acreditar — e acreditou com uma força que parecia capaz de mover o mundo. Deixou o médico falando sozinho e disparou pela Praça do Descobrimento, as pernas agora leves, a alma transbordando. Ele era uma fênix ressurgindo; era Lázaro abandonando a tumba de agonia ancestral.

— Feliz Natal! — bradou para as pombas em alvoroço.

— Feliz Natal! — gritava ele, abraçando um homem que passava com pressa.

— Feliz Natal! — exclamava para uma senhora, que retribuía com um sorriso.

Renato era todo movimento, pura luz.

— Feliz Natal! — dirigiu-se a alguém que estava de costas.

Virou-se um rapaz de bela aparência, com cabelos castanhos e ondulados que caíam suavemente por sobre os ombros. A barba era bem-feita, repartida discretamente na altura do queixo. Seu sorriso parecia abraçar o mundo.

O moço encarou Renato com amor, como se já o conhecesse há muito tempo, e endereçou-lhe um olhar que transbordava bondade, devolvendo com doçura infinita:

— Feliz Natal, meu amigo.

Trazia no pescoço um pingente: a Pomba da Paz.

Velório dos vivos

Miguel Freire de Resende

I.

Era uma quarta-feira, no meio da manhã, e estávamos no carro em direção à funerária. O morto não era ninguém muito próximo e, sendo sincero, sua partida não foi muito inesperada. Apesar disso, minha mãe, por fazer questão de nos conscientizar desde cedo sobre a morte, exigiu que todos lá em casa marcassem presença, incluindo meus dois irmãos mais novos, um de cinco anos e outra de três.

Eu e meus pais ficamos a maior parte do tempo em silêncio, já tomados por esse constrangimento respeitoso que a morte causa àqueles que não foram seus alvos diretos. Um senso comum barrava qualquer tentativa de falar sobre algum assunto que não fosse o morto ou seus próximos. Já meus irmãos, ignorando completamente a situação, iam cantando a “Borboletinha”.

Chegamos. A funerária *Requiem* parecia projetada para parecer qualquer coisa, menos uma funerária. A ala que conectava todas as salas de velório era alta e bem espaçosa, com um jardim interno de samambaias e orquídeas em um canto à esquerda da entrada, sofás confortáveis colados às paredes e aparadores com revistas sobre moda, economia, carros e fofoca à disposição. O branco cremoso era predominante, mas tonalidades de verde água e azul claro também apareciam em padrões de azulejos distribuídos pelas paredes. O clima lá era sempre fresco, quase gelado, fazendo com que o lugar às vezes lembrasse uma gigantesca sala de espera de um consultório odontológico. As salas de velório também eram feitas com uma elegante simplicidade: uma cruz branca de dois metros, sem Cristo, com as pontas curvadas para dentro, escoltada por dois castiçais que na maior parte do tempo estavam sem velas, ficava postada à parede guardando o caixão; cadeiras acolchoadas e pufes estavam distribuídos ao redor do féretro e as paredes possuíam tonalidades pastéis de verde e marrom. Era como se essa leveza na composição espacial das salas de velório fosse uma tentativa de amenizar sua função sombria.

Entramos. Devia haver umas doze pessoas ali. Ao lado do caixão estava a nossa tia, secando as lágrimas dos olhos pela enésima vez e conversando com uma amiga. O infeliz era irmão dela e tinha leucemia em estado avançado, mas morreu de ataque cardíaco. Diziam que a criada sem querer derrubou uma jarra de água no chão enquanto ele dormia e o coitado morreu de susto. Ela era a irmã mais próxima do morto, a única com quem ele não teve

desavenças em vida, e a proximidade era ainda maior por ter sido ela quem cuidou dele durante o câncer (ele não possuía filhos e chegou a se casar uma vez, mas sua esposa o traiu com um sujeito desconhecido e fugiu sem deixar rastro. Nunca mais entrou em contato e, se ainda estiver viva, ignora o fim de seu ex-marido).

Por mais que estivesse chorosa, ela era expansiva demais para assumir uma postura deprimente. Contava à sua amiga (provavelmente, também pela enésima vez) toda a trajetória dele durante o câncer – como ele foi forte, como ele lidou bem e sereno com a situação e todo esse papo de praxe. Enquanto ela conversava, nos aproximamos do cadáver.

Não consigo dizer que o morto “repousava” no caixão, porque “repousar” é algo essencialmente humano. A palidez da pele, ainda mais reforçada pelo branco das roupas, lençóis e flores que o revestiam, dava a impressão de que aquilo nada mais era que um boneco de plástico gigante, ou uma peça de museu de cera, extravasando tanta frieza que dava vontade de vestir um moletom só de chegar perto dele. Dizer que algo tão inumano assim é passível de “sono” ou “repouso” é impossível. Ele só existia, como um mineral qualquer.

O cadáver do senhor Júpiter (sim, esse era o nome do morto. Seu pai dera na telha de colocar nomes gregos nos filhos sem nem imaginar que nomeou todos com as versões latinas: Júpiter, Hércules, Ulisses e Diana, a minha tia) usava uma camisa social de mangas longas com o colarinho abotoado para esconder as manchas da leucemia e dois pedacinhos de papel tampavam suas narinas. Tinha a cabeça completamente pelada e não estava tão raquítico como imaginei; possuía uma bela quantidade de rugas que lhe davam um caráter mais senhoril do que decadente. Ao contemplá-lo pela primeira vez, a única coisa em que consegui pensar foi a maneira como ele morreu: a situação – a jarra de água caindo e antecipando a morte dele – me parecia tão engraçada que tive que me segurar para não rir. Sei que é uma maneira bem inadequada, talvez até cruel, de agir diante dessa situação e me esforcei para me livrar deste pensamento. Mas o caráter accidental do fato, mesmo que trágico, dava-lhe um ar tão cômico que não conseguia deixar de rir internamente, como se a morte de Júpiter fosse uma grande piada, uma ironia ácida do destino. O fato de eu enxergar o cadáver apenas como um amontoado de elementos inativos fazia com que eu não conseguisse desenvolver qualquer complacência por ele. Se segurei meu riso, foi em respeito ao luto alheio, em respeito aos vivos, não ao morto.

Com certeza meus pais não compartilharam de minhas impressões cômicas. Meu pai apenas dirigia um olhar sério ao defunto. Não era possível ler expressão alguma ali a não ser a sisudez respeitosa típica dessa formalidade. Minha mãe também estava séria, mas era possível ver em seu olhar certa compaixão, como se estivesse de alguma maneira se

solidarizando com o morto por sua situação desagradável e lamentando-a como se este se importasse ou pudesse agradecer-lhe amigavelmente por seus sentimentos fraternos. Meus dois irmãos pequenos observaram curiosos por um tempo, mas sua curiosidade não durou muito: logo cansaram-se daquele homem pálido que dormia e começaram a se remexer no colo dos meus pais procurando qualquer coisa interessante naquele espaço sem graça.

Ficamos ali em silêncio por uns três minutos até a tia Diana desocupar sua amiga e vir nos cumprimentar. Estava com a maquiagem um pouco borrada, mas seus gestos e sua postura continuavam altivos, até um pouco espalhafatosos. Eu e meus pais repetimos o imutável ritual dos Meus-Pêsames-Que-Deus-O-Tenha, ela agradeceu e logo depois disse, com um volume de voz alto até o ponto de me deixar um pouco constrangido, exatamente as mesmas coisas que tinha dito à sua amiga do sindicato, mas como se fôssemos as primeiras pessoas a chegar ali:

“Muito obrigada! Sim, o Júpiter foi muito forte! Olhe só pra ele, como ele parece tranquilo agora!”, ela aponta para o irmão morto e seca as lágrimas, mas sem tremer a voz. “*Descansou*, coitado, já sofreu demais. Olha só a *paz* no rosto dele! Eu me lembro de acompanhá-lo nas sessões de quimioterapia, como ele vomitava, como ele foi ficando raquítico, mas *nunca reclamou de nada!* Nem mesmo quando os médicos o desacreditaram da cura, ele não ficou nem um pouquinho abalado...”

Enquanto ela prosseguia seu discurso para meus pais atenciosos, dei uma examinada nos outros presentes da sala.

Em um canto ao fundo do aposento, afastado de todos e de braços cruzados, estava Hércules. Seu nome condizia com a estatura: era enorme em todos os sentidos e parecia ocupar toda aquela aresta da sala. Os braços, visíveis pela manga dobrada da camisa, eram grossos e peludos e eu tive a impressão de que se ele os estendesse ao máximo, poderia alcançar o caixão ali de onde estava. Não era atlético, tinha antes aquele porte pesado, assim como seu gesto. Soube que não tinha a melhor das relações com Júpiter, chegando a ficar anos sem trocar uma palavra com ele, e mesmo quando se reataram, não foi o suficiente para tornarem a ter um firme laço fraterno. Ele olhava para o chão, a boca rígida, as sobrancelhas cerradas, as papadas bem delineadas. Não parecia pensativo nem bravo, apenas confuso sobre qual emoção demonstrar naquele momento e por isso recolhido em si mesmo.

Ulisses estava ao lado da porta de entrada, conversando. Ao contrário de Hércules, seu físico em nada remetia ao herói homônimo. Era um sujeito banal, quase insignificante, com uma expressão neutra, que ele às vezes tentava disfarçar para não parecer indiferente. Conversava calmamente, em voz baixa, quase sussurrante, uma maneira que ele achou de

demonstrar respeito. Estava muito bem-vestido, como se tivesse saído de uma reunião de negócios ou algo assim e como se estivesse pronto para voltar a ela a qualquer momento. Recebia os pêsames de todos como uma tarefa maquinal, repetindo os mesmos movimentos, comprimindo as sobrancelhas para expressar pesar e respondendo apenas o necessário para não precisar prolongar nenhuma conversa.

Não tivera nenhuma desavença séria com Júpiter, mas também não era nenhum exemplo de irmão. De acordo com relatos de minha tia, ele era o tipo de sujeito que se mantinha distante apesar de estar sempre presente. Nunca faltava aos almoços de domingo, nem a nenhuma reunião familiar, mas frequentava estes como se fossem compromissos de agenda e interagia com os seus à maneira de uma obrigação incontornável: “Se houvesse uma secretária eletrônica nos lugares em que nos reunimos, ele com certeza bateria o ponto quando chegasse e saísse”, era o que ela dizia. Júpiter não gostava dele e não se esforçava em esconder isso, mas Ulisses nunca se importou. É possível que ele nunca tenha nem percebido.

Meu tio João, esposo de Diana, estava sentado ao lado do féretro, com os olhos vermelhos de chorar. Era um homem muito emotivo até mesmo para demonstrar luto por pessoas das quais ele nem era muito chegado, como era o caso ali. A mulher de Ulisses ficava zanzando pelo espaço na tentativa de acalmar sua filha de dois anos que chorava, e não olhou uma vez sequer para o caixão. Aparentava ser a pessoa mais desconfortável no velório. O resto da sala era composto por alguns primos meus distantes, amigos, conhecidos e parentes do morto os quais eu não conhecia.

Liberados do relatório de tia Diana, meu pai foi falar com meu tio e minha mãe com a mulher de Ulisses. Eu saí para dar uma volta pela funerária.

II.

Havia cinco salas na *Requiem*, três estavam ocupadas, contando com a de Júpiter. Das duas restantes, uma estava bem cheia e a outra era a mais vazia das três. Entrei na vazia.

O cadáver era de um homem grande e gordo. Não me aproximei demais para não ter que cumprimentar nenhum parente, mas consegui vislumbrar um pouco do seu rosto e tive a impressão de que já o tinha visto antes: era rechonchudo e delicado ao mesmo tempo; as sobrancelhas eram finas, o nariz proeminente, tinha algumas rugas na testa e os cabelos ainda bastos possuíam um belo gradiente de cinza e branco. Pelas suas vestimentas finas (um terno elegante, inteiramente preto) e pelo luxo do caixão de carvalho já supus que o homem foi um aristocrata, e a verdadeira galeria de coroas de flores deixava claro que também foi influente: famílias ricas, empresas poderosas e inclusive algumas companhias internacionais

deixaram seus lembretes de pesar. Porém tal rosário de condolências servia para criar um contraste ainda maior com o reduzido número de pessoas na sala: me incluindo na contagem, eram apenas seis.

Nas cadeiras ao lado do féretro estava uma mulher esguia e tão aristocrática quanto o cadáver. Trajava o total rigor do luto: vestido e saltos pretos, uma discreta corrente prata no pescoço, óculos escuros pendurados na gola e até mesmo luvas pretas de pelica. Mantinha um ar abatido, encarando o chão e mesmo que não parecesse chorar, de quando em quando levava um lençinho aos olhos. Deduzi que era a viúva.

Ao seu lado, encostado na cadeira e com uma mão no ombro da mulher estava um rapaz de uns 20 anos, olhando sério para o morto. Era um belo rapaz, apesar de parecer meio doente. Por sua semelhança com a mulher ao lado, deduzi que era o filho agora órfão de pai.

Havia mais dois homens que conversavam entre si em um canto e, ao lado do caixão, sussurrando Ave-Marias, estava uma velha que com certeza era o ser mais interessante naquela sala vazia: uma anciã baixa e encurvada, usando um vestido estampado, coberta com um véu negro e empunhando um terço na mão. O rosto já enrugado adquiria ainda mais saliências quando apertava os olhos para rezar com mais fervor. Seu nome era Gertrudes, a funerária era sua casa, e os mortos seus inquilinos.

Todo santo dia ela frequentava a *Requiem*, passando por todas as salas para rezar pelas almas de seus “pobres fiéis defuntos”. Em todos os velórios que lá frequentei ela marcava presença com o mesmo terço de bijuteria barata, o mesmo véu negro e a mesma determinação em velar por aqueles que eram totais desconhecidos para ela. Porém ninguém, ateu ou cristão, ousava interferir: o respeito pela velha era universal. Gertrudes era o Caronte crente, sua presença em um funeral era uma certeza quase tão grande quanto a própria Morte.

Após essa vasculhada pela sala, voltei novamente minha atenção ao cadáver e a impressão de que aquele rosto não me era desconhecido foi ainda maior. Onde eu já vi aqueles traços? Não tive coragem de perguntar aos dois homens que conversavam e menos ainda à viúva e ao órfão, já dona Gertrudes certamente não fazia ideia de quem era. Foi quando reparei que na parede ao lado da porta, do lado de fora da sala, havia uma tabuleta com uma caneta e uma espécie de lista de presença que os visitantes assinavam. No topo da lista, estava a foto do falecido, seu nome e datas de nascimento e falecimento: Gideão Fagundes Naves, 57 anos.

Imediatamente minha memória se clareou: o Sr. Gideão Naves faleceu! O magnata das construções! O dono de uma das maiores firmas de construção civil do estado, quiçá do país! Boa parte dos prédios, das praças e dos edifícios da região fazem parte de seu dossiê.

Soube, inclusive, que preparava sua candidatura a deputado estadual nas próximas eleições, com boas perspectivas de êxito.

Na lista de presença, debaixo de seu nome e sua foto, contei a assinatura de dez pessoas.

À porta da terceira sala, a que estava mais cheia, logo percebi que todo o ambiente estava tomado por uma grande comoção: choros e cochichos cruzavam o espaço lotado. Abrindo caminho entre as pessoas, consegui vislumbrar o motivo do rebuliço: aquele caixão era pequeno demais.

A cena seguinte fez toda a comicidade que senti vendo Júpiter ou minha indiferença com Gideão desaparecerem. Uma criança, uma menina, com mais ou menos 12 anos de idade. Sua pele era branca e lisa como porcelana, o cabelo curto encaixava em seu rosto como um suave capacete, cada mecha como uma extensão de seus traços delicados. Os cílios longos languidamente repousados embaixo das pálpebras, o nariz fino e a boquinha eram pequeninos píncaros despontando de seu gesto. Tive a impressão de que ao menor toque ela se quebraria.

Tenho que admitir: parecia que ela estava dormindo.

Soçobrada sobre o cadáver da filha, em completo desespero, estava a mãe. A tristeza da mulher parecia vir de uma explosão interna, que irrompia externamente em gritos e lágrimas. Seus cabelos estavam todos bagunçados, seu rosto desfigurado: qualquer resquício de estabilidade havia desaparecido. Os gritos de “*MINHA FILHA! MINHA CRIANÇA!*” atravessavam meus ouvidos de maneira lancinante. Era o quadro trágico por excelência.

Ao seu lado, tentando em vão conter a mãe desesperada, estava a avó. Ela também chorava, mas em silêncio, agarrando os braços da mulher para impedi-la de entrar no caixão. Era uma velha que transbordava firmeza. As lágrimas escorriam pelo seu rosto duro como as chuvas escorrem pela pedra. De quando em quando ela, sempre ignorada, fazia um “shhh!” para sua filha.

Havia apenas mulheres próximas ao caixão, todas chorando copiosamente como as filhas de Jerusalém do Evangelho. Na verdade, todas as mulheres da sala choravam, até mesmo alguns homens não conseguiam se conter. As conversas sussurrantes lá dentro eram todas relacionadas à criança: trocas de pêsames, comentários e histórias:

“Era apenas uma criança! Como Deus pôde permitir uma coisa dessas?”

“Meu Deus, será que a Verônica vai conseguir suportar? Eu nem imagino como deve ser.”

“13 anos, cara! 13 anos de idade e ela se foi desse jeito...”

“Isso tudo é na conta do canalha do pai. O desgraçado se sentiu tão culpado que nem teve coragem de aparecer no velório...”

“Tão novinha! Eu me lembro de pegá-la nos meus braços!”

“O que aconteceu mesmo? Remédios?”

“Não. Enforcamento. Está vendo a gola alta da mortalha?”

“Meus pêsames pela sua sobrinha. Eu me lembro como se fosse hoje quando perdi meu pequeno Davi...”

“Ela já não demonstrava estar bem antes mesmo dos pais se divorciarem...”

“Se ele não tivesse traído a Verônica, isso não teria acontecido.”

Boa parte dos presentes não era da família. Pelo visto o suicídio da menina causou grande repercussão, levando estranhos a ir prestar seu luto ou apenas saciar sua curiosidade mórbida.

Alguns minutos depois chegou dona Gertrudes, abrindo um corredor através do povo. Com passos lentos, ela se dirigiu até o âmagô da sala, com a mesma expressão devota, o mesmo terço, o mesmo véu. Por onde passava as pessoas silenciavam: chegou a guardiã dos mortos da *Requiem*.

Ao se aproximar do caixão, não aparentou nenhuma comoção em especial; seus gestos eram os mesmos de quando velava o sr. Naves. Plantou-se ao lado da menina morta, fechou os olhos e começou a sussurrar suas Ave-Marias. As filhas de Jerusalém choraram mais baixo para não atrapalhá-la. A única que não a notou foi a mãe, cega que estava em sua dor.

Era um contraste incrível aquele: de um lado o luto desabalado da pessoa mais íntima possível à falecida; do outro o luto silencioso de uma desconhecida. Os gritos opostos aos sussurros, o desespero apostado à calada esperança.

Após algumas dezenas, para a surpresa de todos, dona Gertrudes quebra a sua imobilidade e contorna o caixão em direção à Verônica. Mantém a expressão piedosa, continua a despejar as Ave-Marias; ao se aproximar dela, coloca a mão em sua cabeça: “*Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...*”, o ritual segue imutável, mas agora sua intercessão se dirige a ambas.

Verônica nem toma conhecimento da presença da anciã, mesmo quando esta põe a mão em sua cabeça. Seu choro e ranger de dentes continuam inalteráveis. A avó aperta seus braços com mais força e sussurra palavras de quietude em seu ouvido, em vão. As mulheres já não seguram seu choro, comovidas com a sensibilidade de Gertrudes.

A mão enrugada da velha repousa, irremovível, nos cabelos bagunçados da mulher. Nesse jogo de forças, nenhuma se dispõe a ceder: a mão continua ali, assim como o desespero de Verônica.

Saí da sala e olhei a tabuleta do lado de fora.

Mara de Oliveira Cardoso, 13 anos.

III.

Após essas visitas, me dirigi ao café da funerária, um pequeno pátio com um balcão para os pedidos, algumas mesas e uma máquina automática de bebidas. Sentei-me à mesa mais afastada e comecei a digerir o que havia acabado de presenciar. A visão da criança suicida e sua mãe arrasada conseguiu me impressionar bastante, em minha insensibilidade. A morte não é algo em que eu perca meu tempo pensando (apesar das tentativas de conscientização de minha mãe); há sempre coisas mais agradáveis com que ocupar a mente. Não passei pela experiência de sofrer a perda de parentes próximos ainda e preocupar-se com isso antes da hora me parecia insalubre. Mais insalubre ainda era pensar em minha própria morte. Sempre fui saudável e minha vida pacata nunca me proporcionou experiências arriscadas ou imprevisíveis. Bancar o Ivan Ilitch seria forçar um pessimismo desnecessário.

Mas os cadáveres, as reações diversas, as lágrimas, as indiferenças, gradualmente essas experiências se direcionaram para mim mesmo: e se fosse eu naquele caixão?

Idealizei meu velório, mas não daqui a muitos anos, quando eu estivesse velho e já cansado da vida; imaginei como seria se eu morresse agora, nas atuais circunstâncias. Lá estaria eu, mais um boneco de cera, estirado no caixão. Não me preocupo com a roupa que estivesse vestindo, muito menos com as flores com que me cobririam. Gostaria de saber mesmo quem estaria lá.

Mas antes, teria que escolher a minha morte. Morreria dormindo? Ou gostaria de estar acompanhado no leito de morte? Dormindo é melhor. Além de ser indolor, o fator inesperado surtiria um efeito muito maior sobre as pessoas. Apesar do leito ter um toque mais dramático – eu poderia dizer minhas “últimas palavras”, expressar “meu último desejo”, a surpresa sempre será mais impactante.

Deitado no caixão, vejo meus pais. Minha mãe, pobre mulher, está exatamente igual à Verônica. Considerando a sua tendência em nos superproteger, a morte de um filho para ela seria a ruína de sua realidade. Ela falhou em sua missão, mesmo que não houvesse nada que pudesse fazer. Sinto minhas roupas sendo encharcadas pelas suas lágrimas. Uma delas cai em meu rosto e escorre até a minha boca, mas não posso fazer nada.

Meu pai estaria na posição da avó. Seu papel seria o de tentar estabilizar de algum modo o sofrimento de minha mãe. Vejo-o ao seu lado, chorando também, claro, mas regulando suas emoções para tentar conter um pouco a dor dela. Meu pai é assim mesmo: sei que ele me ama, mas sempre houve certo distanciamento em nossas relações; ele sempre foi tão controlado, tão correto, que criou uma espécie de camada pragmática em torno de si. Ele sofria, com certeza, mas reservava grande parte do sofrimento para si mesmo.

Meus pensamentos foram interrompidos pela chegada da mulher de Ulisses ao pátio, ainda tentando acalmar sua filha que chorava. Ao olhar para a pequena, pensei em meus irmãos. Será que eles também chorariam a minha morte? Provavelmente eles não entenderiam a situação, achariam que eu estava dormindo, ficariam entediados e inquietos: “Mamãe, quando é que a gente vai embora?” “Papai, por que o N... está dormindo?”. E mamãe e papai chorariam ainda mais. O mais provável é que eles preferissem poupar meus irmãos disso tudo. Com o tempo, minha morte seria processada por eles; ou então eu apenas seria esquecido: uma memória vaga em suas mentes ainda virgens.

Meus amigos, não tenho muitos. O Luiz estava lá, com certeza. Ele sempre se pagou de durão, mas chorava igual a um bebê. Conheço ele há tanto tempo quanto conheço a mim mesmo, compartilhamos todo tipo de experiências ao longo da vida. Claro que se ele não fosse, eu ficaria extremamente ofendido.

O Barbosa também não faltaria, nem o Carlos. Consigo enxergar o rosto esguio e esperto daquele e as espinhas abundantes deste me encarando, desconcertados. Haveria uma vaga no próximo trabalho para a faculdade. Dois trabalhos depois, a vaga estaria ocupada e seu dono, esquecido.

Inevitavelmente, meu pensamento se desviou para a Vanessa. Ela estaria lá? Talvez minha morte súbita conseguisse chamar a atenção dela de novo. Será que eu realmente sou tão desimportante para ela ao ponto de não receber uma visita em meu próprio velório? E eu a imaginei chorando copiosamente, arrependida do que fez comigo e talvez até mesmo se culpando por minha morte. Ela agora iria experimentar um pouco do que eu sofri naquela praça, cinco meses atrás.

Contive meus pensamentos vingativos, envergonhado. Me senti muito infantil, e segui observando as pessoas chegarem na sala.

Vi alguns colegas do serviço. O que eles estavam fazendo aqui? Só trocávamos palavras no escritório para reclamar dos prazos, da documentação, do chefe, do café, do ar-condicionado. Eu nem gostava deles de verdade e sei que eles também não gostavam de

mim. Estavam lá porque não seriam muito bem-vistos se faltassem no velório de alguém que viam quase todo dia.

Havia, claro, uma verdadeira procissão de parentes: meus tios, uma infinidade de primos, meus avós (meu Deus, imagine só morrer antes dos seus avós!), tios-avós, todos exibindo um gradiente de olhares que variam entre seriedade, melancolia, pena, dor, tristeza... Todos mostrando suas condolências aos meus pais, despejando seus pêsames como se estes já não os tivessem suficientes.

E todos lá, todos, sem exceção, falavam apenas coisas boas sobre mim. Eu nunca fui tão elogiado em vida como agora na morte. Eu era o melhor aluno, o melhor neto, o melhor primo, melhor funcionário, um jovem brilhante, cheio de vida, com sonhos e grandes perspectivas. Eu era o *golden boy*, um modelo, se o Papa estivesse ali, eu seria canonizado sem precisar de milagres.

Através destas laudes à minha pessoa, se infiltram sussurradas Ave-Marias: era dona Gertrudes, com toda a sua imobilidade devota. Agora sim, eu estava morto. Se acreditasse em vida após a morte, seria aquele o momento em que eu finalmente entregaria minha alma. Me senti satisfeito, como se ela fosse a peça final da estrutura de meu *memento mori*. “Tudo está consumado.”, eu exclamo.

Eu me ergo do caixão e percorro o olhar pela sala. Estava cheia no nível certo: não vazia como a do sr. Naves e nem abarrotada como a de Mara. Era um número respeitável de pessoas.

Inicialmente, a sensação de ser *importante* para tanta gente me preencheu com um acalento gostoso. Mas logo me dei conta de que o velório não era eterno. Meu destino era a terra, oculto sob uma lápide fria.

E eu percebi que a morte só leva ao esquecimento.

Ninguém ali morreria se lembrando de mim.

Ninguém morreria se lembrando de Júpiter, ou de Gideão ou até mesmo de Mara.

A efemeridade é a condição absoluta do homem; ele vive para se esquecer, descartando memórias velhas para ocupar-se com memórias novas; pessoas velhas com pessoas novas.

Mas também, por que me preocupar? Estou morto, sensibilidade não é uma característica para ser atribuída a mim. Se nem os vivos se importam, quanto mais os mortos.

Fui então tirado de minha cova a sete palmos do chão por meu pai, que me chamava para ir embora: a mãe precisava começar o almoço.

A sala de Júpiter continuava a mesma. Nos despedimos da tia Diana, do tio João, demos nossos pêsames finais ao Hércules em seu canto, apertamos as mãos geladas de Ulisses e entramos no carro.

No caminho da volta, enquanto minha mãe discutia com meu pai se teríamos macarrão ou bife no almoço, meus irmãos iam cantando a “Borboletinha”.

Viva a Inteligência Artificial!

Pablo de Carvalho

Atenção, atenção! Imagine que você está sentado na poltrona de um cinema, comendo pipoca. Tem um mói de gente, casa cheia, uma muniça danada fazendo bagunça. O filme tá pra começar. As luzes se apagam. A esculhambação diminui um pouco. As cortinas se abrem e descobrem uma tela enorme - o cabra chega se sente pequeno. Um funcionário liga o projetor. 3, 2, 1: aparece a imagem de um céu de verão, bonito que só - azulzinho, limpo. Passam nuvens pelo tempo sossegado. Mas de repente sai uma voz de dentro delas, uma voz enfeitada que nem as de vendedor de calçada de loja de bregueço: “Boa-noite! Vou contar uma história ex-tra-or-di-ná-ri-a; ela aconteceu há muito, muito tempo! Era uma vez, numa terra distante e encantada...” e segue falando, cercando o lourenço, dando volta, tapeando a gente. A cena começa a se mexer, se desloca pra baixo, desce das nuvens. O foco é como se o cabra que filma estivesse de paraquedas, a câmera presa em ponta-cabeça no meio de suas pernas. E mostra lá de cima uma cidade miudinha, imprensada no mar pelo canavial - parecia uma pereba com cana verde de um lado e praia de outro. Desce e desce mais, vem com calma, aprecia a queda, não se avexa pelas serenas distâncias do alto. Já está mais perto da vida. Já dá pra ver uns telhados sujos (acolá um chinelo, lá uma pipa, mais pra lá uma bola e um gato morto) e umas ruas de barro. Já consegue ouvir a zoada de goela do povo, dos cacarecos do povo batendo. Passa pela fiação, pelas copas das árvores; vai pousar, vai chegar, tá quase... e aterrissa na calçada. Olha pra uma bilheteria amarela no lado de lá da rua. A imagem vai em direção a ela, se aproxima, se encosta, simulando a vista de um pedestre. A voz do narrador pede um ingresso. A atendente, chata, amuada, de bochecha escorada na palma da mão, recebe uma nota de cinco e entrega um bilhete. Entramos. Começa a presepada:

Estamos em um circo peba, de bairro fuleiro, de cidadezinha do interior. Um circo vulgar, quase-todo miserável, mas que tem um detalhe curioso: suas arquibancadas não são feitas daquelas tábuas velhas de construção que doem na bunda; sua área VIP não é de filas de cadeiras de plástico surradas, aposentadas de botecos. Não! São arquibancadas são de mármore, numa meia-lua enorme, coisa chique. São imitações daqueles teatros gregos que a gente via nas fotos da escola, quando a professora tentava ensinar pra gente o que eram a democracia e a tragédia. Essas arquibancadas foram construídas por um ex-prefeito daqui, faz tempo! Custaram os olhos da cara, foram inauguradas com uma festa tremenda e logo tombadas como patrimônio histórico e cultural da cidade. No programa de rádio, o prefeito explicou que eram históricas porque eram de mármore e eram culturais porque serviriam às manifestações artísticas das comunidades, e vice-versa. Colou, pegou bem. Mas, é como eu

disse: isso faz tanto tempo! Naquele tempo ainda havia política, ainda havia prefeitos, vereadores, deputados, governadores, senadores, presidentes, síndicos e por aí afora. Tudo isso acabou; a política foi extinta - finda essa frase, vêm aquele “como?” e aquele “por quê?” à cabeça do leitor, se este não for atabacado e/ou se eu que escrevo não for arigó. O leitor vai entender como e por quê; tenha fé, engula a isca. Por enquanto, basta saber que esta terra em que o circo está plantado, além de não ter mais prefeito, não tem mais nome, mas ela um dia se chamou Cordelândia, litoral da Região Nordeste de onde era o Brasil. Beleza? Beleza! Dito isto, vamos pra dentro do circo, vamos descrever o cenário: ele era todo coberto por uma lona velha, amarelada, toda remendada. Essa lona se apoiava numa viga de eucalipto gigantesca, forte, tratada, mas que vivia meio empenada porque ali batia vento o dia todo - o circo estava montado na beira de um barreira alta, de barro vermelho, em cujos pés a maré batia. Lá de cima dava pra ver a areia da praia, as ondas em fila e, porque estava de noite, o reflexo da lua-cheia e dos candeeiros dos barcos de pesca se misturando na flor da água. Muitas estrelas também, céu aberto. Era lindo. Mas vamos pra dentro de novo. A casa está lotada; não cabe mais um pé de gente. É um povo mestiço e encharcado de perfume. Vestem roupas simples, coloridas e engomadas. As mulheres usam muita maquiagem. Os homens têm as golas das camisas abotoadas até o gogó. Sobe muita fumaça, porque quase todo mundo ali está queimando um bruto mato, isto é: fumando maconha em cada lapa de baseado do tamanho de um charuto! Também chupam os bicos de uns roliços sacolés de cachaça com fruta. Tanto o fumo quanto o goró são vendidos por um pirrainha de doze anos de idade (que trabalha a troco de cuscuz com ovo pra um cadeirante que está estacionado lá fora, contemplando o mar), ex-liberto que vai e vem empurrando um fiteirinho móvel, gritando:

- Óia o manga-rosa! Amendoim, jaca, graviola; tudo com cana! Chocolate, morango, rapadura; tudo com cana! Óia o manga-rosa! Pitanga, caju, acerola; tudo com cana! Cajá, jabuticaba, manga; tudo com cana! Coco, limão, banana; tudo com cana! Óia o manga-rosa!

Por causa do tamanho da arquibancada, o picadeiro que o circo teve de montar era um pouco-meio-grande - porque, na época da obra, o prefeito disse que tinha de caber um trio elétrico ali. E no meio desse picadeirão havia uma estrela vermelha pintada (diz-que um poeta, já bem velhinho, depois de assistir ao uma apresentação, olhou pra aquela estrela e, chorando, disse: é a Estrela D'alva da canção de Noel Rosa, mas despontada no chão - ninguém entendeu nada). No fundo do picadeiro há [mudei o tempo por presente, tava santivo escrever pro passado] uma cortina avermelhada de veludo de uns dez metros de altura. À direita dessa cortina (da perspectiva da platéia) há um palco auxiliar, feito de madeira

de demolição, com a estrutura de uma banda já montada, mas sem músicos ainda - aquela imagem triste de aparelhos musicais esperando seus donos. À esquerda da cortina, também suspenso em madeira usada, há um segundo tablado, mas nele já tem gente: um coral de pessoas galegas e imóveis. Usam paletó e gravata-borboleta. Têm partituras em mãos. Apenas respiram, esperando o espetáculo começar.

Como eu disse, faz lua-cheia, a noite é de poucas nuvens e pendura milhares de estrelas. Os céus agora estão claros, depois que a IA tangeu a poluição pra fora do mundo. É bonito.

Há um tiquinho de maloqueiragem nas arquibancadas, nada demais. Uns fuxicos, risos, bufas e cogumelos de fumaça. As vozes borbulham, flutuam sobre os cocurutos como uma revoada de alminhas. De repente soa uma sirene, a dar sinal de atenção. A zoadá diminui e o povo se espicha, menos desatento. Os músicos da banda aparecem dos bastidores e vão tomando conta de seus instrumentos: sanfona, triângulo, metais, bateria, percussão, guitarra, contrabaixo, teclados e cavaquinho. Ajeitam suas coisas ou se ajeitam nelas e esperam. Os galegos do coral, todos idênticos entre si, também aguardam, seríssimos. Mas o microfone do vocalista permanece só e o picadeiro, desocupado. A sirene toca novamente. A gente silencia um pouco mais, pescoços esticados, bocas entreabertas. Novo toque de sirene. Silêncio quase total. O baterista faz tic-tic-tic com a baqueta, pausa a batida (1!, 2!, 3!) e castiga então nas pancadas, puxando os demais artistas ao serviço sonoro. Tocam a introdução de Vitamina e Cura*, com bastante ênfase nos metais. O coral de gente galega começa a acompanhar em segunda-voz, muito sérios, embora a canção seja executada em modo engraçado e com sabor de cabaré. Surge então o vocalista, vem lá do fundo, gingando, cheio de prazer, iluminado por um canhão de luz: é Freddie Mercury, que desfila pelo palco, manda um beijo ao público, dá um bote no microfone e, para delírio geral, começa a cantar, afinadíssimo:

Só de te ver acho que vale a pena/

Ai de você se eu te puser as mãos/

Esse teu corpo de pele morena/

Me envenena de excitação/

(ton-ton-ton-ton...tonton, tonton...)

Eita, bexiga! Gritos, aplausos, felicidade geral nos olhos do povo! É aquela arribação de palavras, de notas musicais e de batidas de percussão, tudo sustentado pelas vozes dos galegos que-como elevavam a canção pro céu. É ligeiro demais: num instante a música toma conta de tudo. O olhar de Freddie Mercury percorre a gente eufórica. Em pouco mais de um

minuto a galera já está encantada o suficiente pro próximo movimento: os iluminadores vão apagando as luzes de fora pra dentro, e quando tudo vira uma treva musical, eles projetam um canhão de luz no meio do palco, em torno da Estrela D'alva, que fica igualzinha ao escudo do Capitão América. As cortinas se abrem um pouco, lentas, iguais, mas nada vem lá de dentro, avexando os espectadores. A música se agita, adivinhona.

Meu coração bate mais excitado/
Meu corpo vibra de tanto querer/
O seu pedaço de amor e pecado/
É um bocado que eu quero comer/
(ton-ton-ton-ton...tonton, tonton...)

Saem então do escuro uma fila de dez dançarinas em passos de rumba. Vão nas pontas dos pés, um pé na frente do outro feito quem anda no meio-fio. Os calcanhares delas fazem ziguezague, as batatas de suas pernas estão duras, as pernas vão num bole-bole danado, os joelhos envergados, as cinturas rebolando os quartos sobre os eixos dos pescoços, braços abertos feito as asas dos pelancos.

Eu tô que tô e ninguém me segura/
Tô muito louco, eu tô de alto-astral/
Você é minha vitamina e cura/
Minha mistura de bem e de mal/
(ton-ton-ton-ton...tonton, tonton...)

Avançam, evoluem pelo picadeiro, fazem longos movimentos; sorriem, falsas e exageradas. Formam um círculo na linha de borda da Estrela D'alva, e seguem rumbando, girando, gingando numa animação da moléstia. São patéticas e mulambentas feito flores de cemitério. Reúnem-se numa ciranda amalucada. As pessoas da platéia alongam os pescoços e as investigam como se as conhecessem de algum lugar. Uma enfia os dedos nos ombros da outra e fica pulando, pensativa; outra espreme os olhos com dúvida e cutuca a pá das costas da outra, depois se encosta nela e grita alguma coisa em seu ouvido, enquanto aponta um dedo interrogador para o picadeiro.

Meu coração bate mais excitado/
Meu corpo vibra de tanto querer/
O seu pedaço de amor e pecado/
É um bocado que quero comer/
(ton-ton-ton-ton...tonton, tonton...)

A agitação cresce, cada vez mais pessoas olham para aquela cena e afiam os olhos, coçam os cabelos, puxam pela memória: “danado é isso?” Mas caem as fichas de repente, todas ao mesmo tempo, e elas compreendem o que se passa no picadeiro: “meu Deus!” Aliviadas do trabalho de pensar e encantadas pela descoberta, abobalham-se de felicidade e pipocam aplausos abundantes: ali estavam as atrizes, vedetes e dançarinas de banda mais famosas de todos os tempos da televisão brasileira. E não era só isso: enquanto dançavam em círculo fechado iam envelhecendo e rejuvenescendo volta a volta. Era possível ver a mudança de cada uma delas, desde a adolescência, quando dançavam sem maldade, até o auge da beleza, quando dançavam viçando, e depois a velhice e a decadência, quando dançavam chorando, com roupas emprestadas. “Que espetáculo!” Mas não parou por aí: da Estrela D’alva, que estava pintada sobre uma lona velha de carroceria de caminhão, surgiu, buraco acima, uma saliência. O calombo cresceu, esticou o tecido até fazê-lo ceder à ponta de um facão, que o rasgou e foi brotando, subindo, exibindo sua lâmina de trinta polegadas. A mão que o segurava apareceu, cheia de anéis vagabundos em dedos de unhas muito bem-feitas e pintadas de vermelho aceso.

Eu tô que tô e ninguém me segura/

Tô muito louco, tô de alto-astral/

Você é minha vitamina e cura/

Minha mistura de bem e de mal:

(ton-ton-ton-ton...tonton, tonton...)

O rasgo aumentou, abriu duas abas. Parecia o xibiu de uma mulher gigante parindo. Apareceram o punho da camisa florida e os botões do paletó roxo do Apresentador, cuja entrada seguia a crescer do chão. A bola de seu crânio pressionou a lona e ela cedeu mais, gemendo, chiando. Revelaram-se então sua cabeça raspada, seu rosto e seu busto. Seus óculos vermelhos de camelô, sua enorme língua imoral percorrendo-lhe o sorriso de canto a canto. Seu bigode-risquinho, suas correntes de alumínio, sua gravata estampada de mulheres nuas. E as dançarinas iam rodando em torno dele, mudando de idade, mudando de humor. E Freddie Mercury cantava a plenos pulmões:

Meu coração bate mais excitado/

Meu corpo vibra de tanto querer/

O seu pedaço de amor e pecado/

É um bocado que eu quero comer/

(ton-ton-ton-ton...tonton, tonton...)

Apareceu o tronco magro do Apresentador, espigado. Usava um cinturão de pele de cascavel e fivela de rodeio. Debaixo do sôco ele trazia uma bengala de cabo de fêmur (o povo dizia que esse osso havia sido furtado da cova de um ladrão, por outro ladrão, pra vender na antiga escola de medicina - como foi parar debaixo da asa do Apresentador? Quem sabe!?). E subiram suas calças de lycra cor-de-rosa, com seus quibás empacotados nela. Finalmente, suas botas de couro de jacaré deram o ar da graça e revelaram a figura completa. Ele estava feliz, pleno, contente da vida. Fechava os olhos numa profunda curtição da música. Estalava os dedos da mão esquerda no ritmo da bateria. Virava o rosto pra cima, lambia os beiços, apertava as bolas dos olhos, afundava-as na medida em que aumentava nele o prazer do momento. O facão permanecia apontado pro céu, como a tocha da Estátua da Liberdade.

Ton-ton-ton-ton...tonton, tonton.../

Os ex-libertos que puxavam as correntes que giravam as engrenagens da plataforma que erguia o Apresentador pararam e travaram os engenhos quando ele estava ao nível do solo: clique. Freddie Mercury calou-se, e todo mundo o imitou. As dançarinas pararam na idade em que estavam: umas jovens, outras idosas; umas magras, outras obesas; umas felizes, outras tristes. O Apresentador imobilizou-se por um instante; depois sorriu e se lambeu. Embainhou seu facão bem devagar, sacou do sôco sua bengala de fêmur de ladrão e fez com ela um gesto de gente importante. Olhou ao redor com prepotência e alegria, lambeu-se de novo, encheu os pulmões e começou a falar, com voz grossa e afrescalhada:

“Ladies and gentleman; traduzindo: senhoras e senhores! O governo deu a vocês um ticket pra assistir ao maior espetáculo desta terra abençoada. Agradeçam! Vocês verão aqui coisas muito impressionantes e que jamais foram vistas em terra de gente simples! Se preparem! Guardem essa noite na memória! Atrás dessas cortinas temos marmotas, malassombros, presepadás, dismantelos e artimanhas que nem vendo a gente acredita! Duvidam? Duvidam?! Duvidam!!! Apois tomem aí: pra alegria geral, começo com ele!, ele!!, ele!!!, o Vaqueiro Absoluto!”

Abriu os braços num gesto de avião e apontou com a bengala pro miolo do espetáculo.

O sanfoneiro de Freddie Mercury começou a tocar a Milonga Para as Missões, acompanhado de baixo e bateria, fazendo cair um toró de notas musicais sobre as cabeças da gente-miúda. A cortina, fechada depois da passagem das dançarinas do tempo, engordou e se abriu pra passar um enorme globo da morte, puxado por sete nano-homens (antigamente apelidados de anões), que foi estacionado sobre a Estrela D'alva. Os nano-homens correram

a passos curtinhos e abriram a porta da esfera, deitando-a no chão, virando-a em rampa. Lá de dentro das cortinas veio o som de um berrante, que cresceu pelo espaço e se alongou como uma língua-de-sogra medonha. Tremeu, roncou, foi pra longe com seu timbre do inferno e sumiu no oco do mundo. E a sanfona seguiu no pique, e tome batida de baquetas e graves de contrabaixo. Soou de novo o berrante, trombeta do Cão - muitos do povo sentado fizeram até o sinal-da-cruz. Ouviram-se sons de cascos trotando e o tilim-tilim! de um sino aperreado. De repente, saiu do escuro um boi ligeiro, perseguido por um vaqueiro vestido de couro dos pés à cabeça, montado num cavalo de vaquejada que era a coisa mais linda do mundo. Entraram os três pela rampa do globo da morte, logo fechada, e começam a girar em todos os graus, numa incrível perseguição em sobe-e-desce, ora de pé, ora de cabeça pra baixo, ora subindo, ora descendo, colados às paredes da gaiola pelo puro efeito da velocidade. E assim desembestaram (sem horizonte, mas desembestaram!), com o vaqueiro soltando aboios e batendo esporas no vazio do cavalo, enquanto o boi, em desespero e mugindo a pulso, batia seu sino pelo espaço redondo, já-quase desmaiando, e só não desmaiou porque os nano-homens abriram a saída do gaiolão pro cenário de duas cercas paralelas que imitavam uma pista de vaquejada. E por ela o boi avançou, rumo a trombar com as pessoas da arquibancada que, em gritos de agonia, abraçavam-se, colavam as bochechas e rezam: aviMaria, aviMaria; aviMaria! Mas o Vaqueiro Absoluto derrubou a fera pelo rabo instantes antes de a tragédia acontecer. Empinou o queixo, botou as mãos nos quartos, todo metido a besta. Desceu do cavalo e atirou seu gibão, suas pederneiras e seu chapéu de couro longe, exibindo a enfeitada roupa de cowboy que usava por debaixo e recebendo de Freddie Mercury um vistoso chapéu faroeste, apanhado no ar feito um freesbie e deitado na cabeça debruçando a aba sobre os olhos. Esperou o boi se levantar do baque e montou em seu lombo. Meteu-lhe a espora na pança e dançou com ele num rodeio de mergulhos e pinotes de tirar o fôlego! O boi foi cansando, babando, exausto, e logo saltitou quase que sem fé e parou, as pernas bambas, o focinho arreganhado. O Vaqueiro Absoluto desceu dele jogando uma perna pro ar igual um capoeira. Trocou de chapéu, vestiu fofas ombreiras cor-de-rosa, puxou as meias até a altura dos joelhos, puxou as calças pra acima do umbigo (seus quibas ficaram do mesmo jeito dos do Apresentador), rodopiou uma toalha vermelha no ar e começou a tourear com a danado, enquanto o espetava com uma espada longa, sacada de sua cintura fina. O boi foi chifrando o nada atrás do pano; foi sangrando, arfando, cada vez mais lento, anêmico, afônico, afável, frouxo, fim: tomba - bum! Está morto. O Vaqueiro Absoluto desfilou até ele, pisou em suas costelas e abriu os braços pra abraçar os aplausos da geral. Inclinou-se, agradecido, e já levantou o tronco com a mão direita

estendida. Recebeu de um nano-homem um avental e duas facas de açougueiro, de cabos brancos e lâminas amoladas como bisturis. Girou as facas nos punhos, ligeiras como ventiladores em velocidade três, e começou a descarnar o boi. Jogou enormes pedaços de carne em uma charrete: blof-blof-blof. Pronto. Ficou só a carcaça, pra fazer sopa. Devolveu as facas ao nano-homem, deu um tapa nos quartos do burro e o mandou tomar o caminho de volta: paaaasssa!, tchu-tchu! Fez uma volta correndo pelo picadeiro, mandou um tchau ao público e sumiu nas cortinas.

A carne é pra assar e ser distribuída à plateia em forma de “espetinhos-de-gato”. Os mimos virão com farofa e vinagrete, dentro de sacolinhas de papelão ferradas com a seguinte marca circular: CICLO COMPLETO.

Para a música. Os aplausos vão diminuindo, diminuindo; ficam só uns três ou quatro distraídos batendo palmas solitárias como pingos de torneira fechada: clap; clap... Então silêncio. E agora? As dançarinas estão em linha, atrás do Apresentador, que está logo debaixo do coral de galegos e olha pra cima, pensando na vida, enquanto os contrarregas liberam o palco das coisas do Vaqueiro Absoluto.

Palco limpo, bate em Freddie Mercury um súbito canhão de luz. Ele está sentado num balanço de acrobata feito de um pneu careca de caminhão cortado ao meio e amarrado ao mastro do circo por uma enorme corda de nylon, surrupiada da carcaça de um navio petroleiro do tempo da gasolina. Ele empina o queixo, empena as costas e se solta no ar, numa curva leve e perfeita. Uma perna sua pra frente e a outra via pra trás, pra frente e pra trás, pra manter o balanço balançando. Com a mão direita ele segura a corda e com a esquerda ele segura o microfone. Todo amostrado, atravessa o céu do circo, vai e vem, faz doce, faz mistério, faz deboche enquanto a banda começa a tocar a introdução de Meu Dengo. E solta a voz an hora de entrar:

Vem cá meu dengo, ai-ai-ai-ai-ai/

Vem me fazer chamego, ai-iu-iu-ui/

Teu cheiro me enlouquece muito mais/

Faz comigo ai-ai-ai-ai-ai/

Do chão, o Apresentador faz seu caquiado de lambar os beijos e estalar os dedos, olhos fechados e espremidos, curtindo a canção, mas acrescenta uma safadeza: bate a mão na pança, num gesto de buxo forrado.

As dançarinas se formam em torno dele novamente, mas não em ciranda desta vez, e sim num triângulo que cresce e encolhe, cresce e encolhe, cresce e encolhe. Ele faz mãos de coelhinho da páscoa e fica pinotando, pintando - é o mesmo que estar vendo uma bimbada.

Freddie Mercury manda a banda abaixar o volume, cede a vez ao Apresentador e fica passeando lá por cima. O Apresentador rodopia sobre os calcanhares, imita uma voz de radialista da meia-noite e diz:

- Contemplem, agora, o amor...

As cortinas se abrem num gesto de saia. Sai delas um desfile de carros alegóricos velhos e barulhentos, puxados por bestas de carga. Eles transportam as seguintes cenas:

Carro 01: um bicho inédito, cruzamento de jumento com ema.

Carro 02: quatro mulheres pintadas de cobra-coral se esfregando, dando língua pra platéia.

Carro 03: seis homens dançando lambada, fazendo fila de trenzinho. Usam calças brancas e faixas amarradas nas cinturas.

Carro 04: um jegue cobrindo uma burra, usando uma manta pintado lombo. Nessa está escrito: SEXO SEGURO, em letras garrafais.

Carro 05: três casais dançando uma quadrilha junina. Os homens usam chapéu de palha e as mulheres usam laços em tranças de Maria Chiquinha. Mas do pescoço para baixo têm apenas tanga e fio-dental..

Carro 06: o Vaqueiro Absoluto, vestido de noivo, luneta na cara, buscando noiva na platéia.

Vamos misturar polca e baião/

Pra ver no fim de tudo o que é que dá/

Vamos misturar nossa emoção/

Brincar, amar, amar, amar, amar...

A caravana sem-vergonha ficou rodando perto das arquibancadas uns minutos - mas não mais do que sete minutos, o tempo médio de uma relação sexual humana. A plateia enlouqueceu e começou a se beijar e a se abraçar, viçosa. Gente que nunca nem se falou foi pedida em namoro e até mesmo em casamento. Foi tamanho o dismantelo que seguranças precisaram patrulhar ao pé do povo de barrote em mãos pra evitar atos de atentado ao pudor.

O que entra por dentro e não sai?/

O que bole e remexe e quer mais?/

É o sangue que salta da veia/

É o fogo do amor que incendeia/

Vem cá meu denço, ai-ai-ai, ai-ai-ai...

Enquanto as carroças davam essas voltas pela curva sem fim do palco circular, as dançarinas do tempo passavam de cestas nas mãos, jogando leques, rosas e lenços com alface na caixa dos peitos dos espectadores. Freddie Mercury voava, ia e vinha, astronauta da gente. O pneu era a meia-lua que o sustenta em noite romântica, anjo caído que tirava onda do lindo enxerto que lhe corria debaixo dos pés. E ele ainda sentia nas solas um pouco do calor subido dos corpos esquentados do chão, cantando mais fino como atacado de cosquinha:.

Eu te canto, ai-ai-ai-ai-ai/

Tu me faz, ai-ai-ai, tem mais!/

Vem cá meu denço, ai-ai-ai, ai-ai-ai!/

Despediu-se o bacanal e rumou para as cortinas. Desapareceu entre gritos, assovios e aplausos abundantes.

O Apresentador caminhou lentamente até o meio do palco, sem suas dançarinas, que haviam entrado nos bastidores pra beber um pouco de água. Seu facão estava embainhado na cintura e ele trazia sua bengala de fêmur de ladrão estendida atrás da nuca, cada mão em uma extremidade, feito um crucificado.

Parou sobre a Estrela D'alva, fez rodar a bengala nas pontas dos dedos da mão direita com muita habilidade. atirou-a pra cima e a apanhou antes de ela cair no chão. Espetou o coração da Estrela, apoiando as duas mãos na cabeça do osso, olhando em torno e falando:

- É preciso lutar no começo; é preciso amar no meio; e é preciso sorrir no final!

Soltou uma gargalhada escandalosa entre dentes acavalados e língua de escorregador, mas calou a boca de repente. Ficou quieto um tiquinho, metido num pensamento distante; voltou ao presente e andou, calmo, meio alesado, para debaixo do coral.

Freddie Mercury reapareceu à frente de sua banda, que solava a introdução de Casaca de Couro. Fez uns patinhos de de ferro e mandou brasa:

Xô-xô-xô, casaca de couro/

Cantando as duas na telha/

Cantando as duas na telha...

Sáiram das cortinas moles um enxame de palhaços e de gente misturada com bicho. Entraram dando saltos e cambalhotas, cheios de cornetas, guizos e brinquedos de fuleragem guardados nos bolsos e capotes.

Parece um arapuá/
Chei de vara e algodão/
O ninho de uma casaca/
Não parece ninho não/
Parece mais os parceiro/
Do pajaú do sertão...

O abre-alas dos palhacinhos era um uma criatura de tronco de gente e corpo de jegue. Tocava um pífano enorme e trazia no lombo um macaco-prego desmantelado, que fumava cigarro de palha, chacoalhava uma maraca com uma mão e coçava a chibatinha com a outra.

Atrás dele vinha um homem grandão, roliço de pança, vestido de bola de futebol. Dava lentas bunda-canastras e era chutado por dois nano-homens vestidos com camisas da Seleção Nacional e calçados com chuteiras tamanho 55.

Logo após, dois palhacinhos magrelos, só o couro-e-o-osso mesmo, vestidos um de homem e outro de mulher. Lutavam de espadas com as pernas cangalhas e os corpos de banda feito caranguejos, imitando briga de marido e mulher.

Uma grita, outra responde/
Uma baixa, outra também/
Parece mulher pilando/
Pro mode fazer xerém/
Subindo e descendo as asas/
Como os seios do meu bem...

Finalmente, um nano-homem menor que os outros (apelidado de nano-nano, naninho ou nanico) com um gigantesco quepe militar na cabeça surgia nos ombros de um cabra de mais de dois metros e meio de altura; mas era um gigante meio atabacado, zé-mamão, que não fazia mal a ninguém. Tinha uns beiços enormes e o nariz de porronca. Cada munheca do tamanho da pata de uma onça, levava um carro de mão com uma caixa d'água presa em cima. Dentro dela, um homem de tanga e uma mulher de fio-dental pelejavam numa competição de pesca de sabonete com as mãos.

Eu nunca vi desafio/
Mais bonito, mais iguá/
Duas casaca de couro/

Quando começa a cantá/
Parece dois violeiro/
Num galope à beira-mar...

Esse foi o número mais longo de todos, porque cada palhaço tinha palhaçadas próprias e cruzadas, piadas e stand-ups, e tinham ainda que, diretamente ou por tabela, entreter e humilhar cada pessoa que ali estava. No governo descentral-centralista, todos gozavam dos mesmos direitos de humilhar e ser humilhados. Por mais que a docilidade cívica dos habitantes fosse um feito consumado, ainda latejavam nas memórias da IA as imagens de apedrejamento de instalações, incêndios de pneus em via pública, passeatas de cartolina e outras feiosidades que faziam arrepiar seus circuitos.

Mas a apresentação foi um retumbante sucesso, pois cada espectador teve o privilégio de passar vergonha e de ver o seu vizinho envergonhado.

Xô-xô-xô, casaca de couro/
Cantando as duas na telha/
Cantando as duas na telha...

Retornou a trupe de humoristas ao breu das coxias. Passaram-se uns segundos. O sanfoneiro de Freddie Mercury adiantou-se e começou a solar uma melodia que era amável nos teclados e triste nos botões do baixo. O coral o acompanhava, cantando para o céu. O Apresentador veio da esquerda, soltado em um pé só, simulando brincar de amarelinha. Parou sobre a Estrela D'alva, iluminado pelo canhão de luz, equilibrado na perna esquerda. Disse, olhando para o chão, vidrado numa distante mirada de evocação.

- Antes do governo descentralibérrimo, este circo viajava de cidade em cidade, distrito em distrito, ilha em ilha, indo às pessoas com seu espetáculo. Depois da evolução centro-descentral da IA (a IA, nossa mamãe, nossa Iaiá!), as pessoas passaram a vir ao circo nos vagões da empresa Centroferro... Um dia, caros amigos, um desses vagões trouxe uma menina que tinha desenvolvido uma doença altamente circense: síndrome da dança-dorme.. Como isso era? Era assim: ela só fazia duas coisas na vida: dançar e dormir. Era uma bailarina-perpétua. Alimentava-se de gogó na preguicinha do sono e fazia suas necessidades na fralda, o que aliás ainda acontece. A mãe deu a bichinha pra nós porque não sabia mais o que fazer dela, e até hoje ela vive aqui... Já tem dezesseis anos, e ainda dorme-ou-dança... A mais artista de nós, nossa doce morceguinha! Que entre...

O sanfoneiro fechou as asas e deu ré. O guitarrista assumiu o seu lugar. O baterista percutiu as baquetas na bateria e a guitarra começou a solar É do Pará, de Aldo Sena.

Lá do fundo, do abismo vertical dos bastidores, como uma ave triste e sacrificada, surgiu a menina que dança-e-dorme: pés de bailarina, maquiagem borrada, cílios enormes, corpo só músculo e ossos, misturava passinho, balé clássico e frevo. Branca, pálida, venosa, angulosa, picasseana, expressava-se numa coreografia alucinante.

O seu vestido era velho, espalhado pelo ar em farrapos pretos. Vê-la dançar não era ver alguém dançar, mas era assistir a uma imagem de leveza que fazia dela uma como-que-anjinho, uma ave lavandeira: aquela espécie de passarinho que os pobres não apedrejam porque acreditam ter pousado na corda do varal para velar pelas roupas do Cristo, que secavam.

Seguia pelo palco, tétrica, reto-circular, linda, efêmera e robótica, sem piscar os olhos, alheia ao mundo e integrada ao som da guitarra paraense, ao embalo de sua marcante batida de bateria.

Dançou, dançou, dançou, dançou até acalmar a gente toda. Saiu em linha reta, levando consigo as últimas notas da guitarra delirante. As pessoas ficaram tristes, cruzando as mãos entre os joelhos, encarando os próprios dedões, rolando os beijos para fora da boca. Mas era isso mesmo a que se proponha a doentinha em sapatilhas: prepará-las para cair do sonho em realidade, porque o espetáculo estava prestes a terminar.

Freddie Mercury começou a cantar a Ave Maria, pois já era quase meia-noite. O coral o acompanhava com um canto gregoriano profundo. O Apresentador havia desaparecido. Ninguém estava entendendo nada. De repente os músicos e cantores silenciaram e Freddie Mercury alongou uma nota altíssima pelo salão; longa, interminável, que soou até quando finalmente seus pulmões se esvaziaram e uma lágrima solitária lhe rendeu a voz, mas antes mesmo de essa lágrima tocar o picadeiro, a sanfona soou Moliendo Café e os músicos e o coral arrebutaram com um som delicioso sob o qual começaram a desfilar os astros e estrelas daquele espetáculo, acenando gloriosas despedidas: as dançarinas do tempo, o Vaqueiro Absoluto, a orgia da vida, os clowns retorcidos, a menina dança-e-dorme e, finalmente, o grande Apresentador do prazer, que acenava a todos, humilde e satisfeito.

Deram duas voltas pelo salão e desapareceram nas cortinas.

Os refletores foram acesos. Era a luz da expulsão. Os vigilantes conduziram o público circo afora com gestos de flanelinha. Na saída eles receberam seus espetinhos de carne

vermelha e umas lembrancinhas com doces e pipocas que os deixaram contentes da vida. Foram organizados em filas e embarcadas nos mesmos vagões de trem em que chegaram.

E partiram caminho afora, comendo carne com farofa e sobremesa de paçoca, comentando vivamente o espetáculo que deixavam para trás - iam de volta aos campos de desconcentração centrais em que moravam.

Finalistas

Domingo

Ivana Mayrink

Eram três horas de um domingo que não terminava nunca, um desses dias vastos e ociosos em que o tempo não flui: se acumula como uma água parada, pesada e podre no fundo de um poço esquecido. O relógio na parede marcava a insistência de um segundo que se repetia, estéril. O sol batia na parede da sala com uma precisão cirúrgica, uma claridade branca e impessoal que não aquecia a pele, apenas revelava, com a crueza de um necrotério, a anatomia das coisas mortas: a poeira, afinal, era a única entidade que realmente trabalhava ali, dançando em colunas de luz sólida sobre o vazio solene dos móveis. Eu observava aquele balé de átomos sujos e percebia que a vida, em sua essência, era aquele movimento desatento e sem propósito.

Baixei os olhos e olhei para as minhas mãos repousadas sobre os joelhos. Elas estavam lá, presentes com uma obviedade obscena, não eram minhas; eram objetos estranhos de carne e osso expostos ao desgaste do oxigênio, ferramentas desempregadas, exaustas de uma função mecânica que eu já não lembrava qual era — seriam elas para acariciar ou para ferir? Pareciam garras de um animal que morreu antes de conseguir atacar. Senti então, com uma lucidez fria que beirava o crime e a loucura, que o meu "querer" havia secado por completo, como uma planta que, de tanto ser esquecida no canto de um quarto escuro, desiste finalmente de buscar a luz.

Não era tristeza, a tristeza ainda é um sentimento ocupado, uma forma ruidosa e vaidosa de se importar com o mundo. O que eu habitava era um vazio branco e absoluto, uma ausência de fome existencial que se estendia das pontas dos dedos até o âmago poroso da medula. Era o horror de uma liberdade sem nome: eu não precisava de nada porque eu não era ninguém. O esforço de manter uma coerência, de sustentar um nome e um passado, havia desmoronado. Eu havia, finalmente e com um alívio aterrorizante, parado de me inventar para os outros e para mim mesma. Sobrou apenas a coisa, o bicho, o mineral.

O silêncio, que em minha ignorância eu supunha ser apenas a ausência de som, um nada dócil onde eu poderia finalmente descansar, revelou-se, na verdade, uma matéria densa, uma substância gelatinosa e quase sólida que preenchia os cantos do quarto. Ele tinha textura, tinha um cheiro de mofo e de eternidade que me sufocava. Foi subitamente interrompido por um som mastigado, lúgubre e rasteiro, vindo diretamente de cima: o vizinho arrastava um móvel. Era um ruído seco e áspero de madeira bruta ferindo o assoalho, um lamento de

fibras sendo arrastadas contra a vontade. Aquele som denunciava o esforço físico e muscular de alguém que, do outro lado do teto, ainda possuía a coragem de acreditar que mudar a posição de um sofá ou de uma mesa pesada alteraria, por milagre, o peso insuportável da própria existência.

Aquele barulho de "vida acontecendo", de uma vida insistente e suada, entrou pelos meus ouvidos não como um corpo estranho, uma agulha de metal frio perfurando a minha passividade. Era uma agressão puramente biológica; cada rangido era uma célula alheia que tentava se hospedar na minha própria carne. Eu não suportava mais a ideia que agora se tornava uma náusea física de que, a poucos metros de mim, existia o peso dos músculos, a fadiga do fôlego, a vontade obstinada e a esperança quase obscena de uma nova arrumação doméstica. Era ridículo que alguém ainda tentasse organizar o caos com as mãos. O atrito do móvel no chão era o som da esperança humana, e a esperança, naquele domingo, soava-me como uma violência sem sentido.

Aquele contato indireto com o desejo alheio me expulsou do meu próprio centro. Eu precisava urgentemente de um vácuo maior, uma distância astronômica onde o meu silêncio não fosse mais agredido pela relevância barulhenta e inútil da vida de terceiros. Eu queria a mudez das pedras, não a fala dos objetos arrastados. Meus dedos, agora independentes de mim, tatearam a superfície da mesa e pegaram a chave — um pequeno objeto metálico, frio e indiferente, cujos dentes já não pareciam ter a função de abrir porta alguma para o mundo, cruelmente serviam apenas para ferir, com uma pontada seca, o tecido do meu bolso e a pele da minha coxa. Eu saí de casa como quem foge de um incêndio invisível. Não caminhei por vontade: fui cuspidada para fora pela impossibilidade metafísica de continuar sendo a testemunha muda, a espectadora paralisada e inútil do movimento incessante e circular dos outros.

Ao pisar na calçada, a luz do sol não me acolheu; foi, antes, um tapa seco e amarelado no rosto, uma claridade vertical e impiedosa que exigia de mim uma resposta vital, uma prontidão para o dia que eu simplesmente não possuía. O mundo lá fora estava saturado de uma existência gritante, uma nitidez que beirava a alucinação. E ali, plantado no meio daquele fluxo de gente que fingia ter destino, estava ele: um vendedor de balões coloridos, um homem cuja pele curtida parecia moldada com o barro das primeiras eras e uma urgência animal, primitiva, de quem ainda briga com a fome. Ele vendia objetos; ele proclamava, em cada gesto brusco e suado, a sua própria e teimosa sobrevivência.

Naquele instante, ele ria para uma criança com uma gargalhada visceral que parecia brotar diretamente do estômago, um som tão saturado de vísceras, de hálito quente e de

dentes expostos que me fez recuar fisicamente, como se aquela alegria fosse um golpe de ar sujo. Era um riso que fedia a vida, um ruído humano demais para a minha atual transparência de vidro. Olhei, hipnotizada pelo horror, para os balões que ele balançava no alto; esferas de plástico barato, tensas, infladas com o fôlego humano expelido com esforço e amarradas por fios precários que qualquer brisa poderia romper. Aquela vitalidade toda, exibida sob o sol de domingo, era para mim uma obscenidade, uma falta de pudor diante da morte silenciosa de todas as coisas.

O riso daquele homem era uma manifestação de confiança cega e quase insultuosa na continuidade do dia, na crença de que o amanhã seria um fato e não uma hipótese. Era uma palhaçada trágica e barulhenta de quem, ocupado demais com a tarefa de respirar e vender, ainda não havia percebido que o circo inteiro já ardera até as cinzas e que estávamos todos apenas brincando sobre os escombros. Para ele, o mundo ainda se apresentava como uma massa sólida, tangível, feita de moedas e desejos; para mim, o mundo havia se tornado um vidro fino e estilhaçado, um chão de fragmentos cortantes que eu pisava com os pés descalços da alma, mas sem sentir dor alguma, pois a anestesia do meu próprio vazio era maior que qualquer ferimento.

Foi naquele exato átimo de segundo, sob a luz crua que não perdoava sequer as fendas das pedras, que a máscara de gesso, aquela construção milimétrica de gestos, nomes e sorrisos que eu chamava de "eu", finalmente ruiu e se desfez em pó. Não houve estrondo, apenas o silêncio de uma estrutura que desaba por cansaço da própria forma. Senti, com uma clareza física que me dava náuseas, o farelo seco da minha identidade caindo em flocos invisíveis sobre o chão sujo da calçada, misturando-se aos detritos do domingo, às cinzas de cigarros e ao cuspe da cidade. Eu estava me esfarelando publicamente, mas ninguém via, porque o mundo só enxerga o que tem contorno. Sob o olhar daquele vendedor: um olhar faminto, prático, que precisava desesperadamente de substância e de humanidade para extrair o pão e o sustento da vida — eu perdi, por fim, a última camada de fingimento que me restava. O olhar dele funcionou como um ácido que dissolveu a minha superfície. Eu não era mais "alguém", aquela entidade social que passeava com um propósito ou um destino; eu havia me tornado a própria calçada áspera sob os pés alheios, o ar quente e estagnado que vibrava de cansaço entre os carros metálicos, o fio de nylon invisível e tenso que tentava, sem sucesso, segurar o nada absoluto contido dentro dos balões.

Tornei-me, enfim, um objeto anônimo entre objetos mudos, libertada da condenação atroz de carregar um nome, uma história e uma face. Era a paz terrível das coisas que não precisam explicar a própria existência. O vendedor, percebendo que em mim não havia onde

ancorar o seu comércio, desviou o rosto com uma indiferença mineral, gritando novamente para o céu o preço da sua alegria plástica e barulhenta. Ele passou por mim não como se passa por uma mulher, foi como se atravessa um vácuo, um espaço de ar onde não há resistência nem eco. Ele seguiu sua marcha de sobrevivência e eu, o que sobrou de mim, fiquei. Permaneci ali, absolutamente imóvel, sem o peso da vontade para me mover. Eu era agora uma coisa puramente mineral, uma substância inerte exposta ao sol impiedoso de domingo, finalmente vazia, finalmente desocupada de mim mesma, sem a angústia de ser e sem a fadiga de ter que continuar parecendo humana. A vida, essa estranha ocupação, havia se retirado de mim como uma maré que deixa para trás apenas uma concha seca e oca.

Mãe da vida

William Koopman

Depois de fazer serão na fábrica de telhas, Otávio despede-se dos colegas e vai tomar um trago no bar do Acampamento. Já passa das seis; mas ninguém diz que aquilo seja um final de tarde. Antigamente ele gostava desses dias mais longos do verão, dessas tardes que se prolongavam até depois das oito horas. Hoje já não gosta tanto.

Chega ao bar e dá com seu conhecido Vidal sentado ao balcão, bebericando um rabo de galo. Vidal enverga um terno preto. Otávio senta-se perto dele e cumprimenta-o.

— E aí, beleza?

Não obtém resposta. Então evoca a única referência que lhe ocorre sobre homens de terno:

— Ondé que é o casório?

— Casório?

— Ora, cê tá vestido assim por quê?

— Vou no culto.

— Culto? Que culto?

Vidal vira o resto da bebida. Seu Valdemar, o balconista — todos lhe chamam Seu Valdemar, embora ele não seja muito mais velho do que a média dos caras que frequentam seu estabelecimento —, surge pela porta sanfonada à direita deles e apanha uma cerveja preta para o recém-chegado. Vidal pede outra.

— Da Congregação.

Abre a lata e serve-se num copo americano. Otávio dá uma gargalhada, mas o colega ainda continua com a mesma expressão impassível.

— É sério mesmo?

— Sim, é muito sério. Pergunta pro Seu Valdemar.

Mas este já desapareceu novamente, dir-se-ia qual criatura perita na arte de resguardar-se a furto. Otávio mira a janela e vê, através da tela verde do caixilho, a estrada vicinal cercada de plantações rústicas crestadas pelo Sol. Toma um gole da cerveja e meneia a cabeça.

— E por que então cê ainda tá bebendo?

— Meu fígado ainda não foi batizado.

— Que merda. Fala aí, quem é a dona?

— Dona de quê?

— Ora, cê tá indo na igreja pra traçar alguma das crentes de lá, não é?

— Não.

— Ora, claro que é. Sei bem comê que é isso, também já tive essa fase.

— Entendo você me julgar assim. Não é sua culpa.

Vidal recolhe de sobre o balcão os cotovelos e põe-se a apalpar os bolsos, primeiro do paletó, depois das calças. Otávio então repara na Bíblia de capa marrom, encadernada em couro, que ele trouxe consigo. Após a procura malograda de sabe lá Deus qual fosse seu objeto de desejo, toma mais um gole da cerveja e pousa o copo sobre a Bíblia.

— Cê pelo menos abre essa Bíblia de vez em quando? Quer dizer, quando não está usando ela como bolacha?

— Claro que abro. Leio pelo menos uma passagem todo dia.

— Cite uma.

Vidal precipita-se a abrir o Livro Sagrado, mas Otávio impede-o.

— Não, não. Sem olhar. Me dá cá.

Toma a Bíblia para si e espera o outro esquadrihar a memória em busca de algum trecho importante. Sem demora, Vidal profere:

— Antes eu Te conhecia só de ouvir falar, mas agora meus olhos Te veem.

— Legal.

— Sabe de onde é?

— Não.

— Do Livro de Jó.

— Hum. E por que essa passagem?

— Bom, escolhi essa não foi por acaso.

— Imagino.

— Deus falou comigo...

Otávio ri.

— ...Ele tem planos maiores pra mim.

— Ora, se tem.

— E Ele tem planos maiores pra você também, eu sinto.

— Ai, não. Jura que essa conversa é a sério? Não, não pode ser, eu duvido que você esteja mesmo nessa.

— Claro, é muito sério. E esse versículo de Jó diz muito sobre mim.

— Deus então apareceu pra você?

— Ele aparece de várias formas. Cê deve ter uma Bíblia em casa também, não tem?

— Tenho. Multiuso, igual à sua. Calça as coisas que é uma beleza.

— Então pegue ela e leia essa passagem que eu falei: Jó 42:5.

— Rapaz, não passou pela sua cabeça que, antes de procurar uma igreja, você devia era procurar a Mãe da Vida? Tudo bem pra você dizer que é crente e continuar bebendo assim?

— Já pedi à Nossa Senhora que intercedesse pela minha pessoa.

— Nossa Senhora? Peraí, que raio de religião é essa sua?

— Agora sou evangélico da Congregação, já te disse.

— E devoto de Nossa Senhora?

— Sim.

— E isso não dá problema pra você?

— Os irmãos são compreensivos.

— Irmãos...

— Você também é um irmão.

— Irmão bastardo, só se for.

— Prefiro pensar que você é um irmão separado, mas que ainda pode se juntar a nós.

— Aham. Espere sentado.

— Sentado eu já estou.

— Certo. Se eu for buscar a Salvação, vai ser só lá pelos quarenta e cinco do segundo tempo, depois de já ter queimado a última gota do tanque. Mas diz aí, ô Vidal, que esse negócio não tá entrando na minha cabeça. Agora falando sério, tá nessa por quê?

— Já te disse. Deus falou comigo.

Otávio levanta-se, empunhando a lata ainda cheia para mais da metade.

— Tudo bem, então. Encha a cara aí, vá lá no seu culto, e depois vai-te para a puta que te pariu.

Vidal o retém e o faz sentar-se novamente.

— Espera aí.

— Que foi?

— Vamos hoje no culto comigo.

— Tá brincando, né? Quanto cê me paga?

— Queria que você fosse sem eu ter que te oferecer nada além da Palavra de Deus. Mas, se é assim, dê o seu preço.

— Foi só jeito de falar. Nem fodendo que eu vou.

— Ora, não seja cabeçudo, Otávio. Vamos lá comigo, só hoje, sem compromisso.

— E de que jeito cê quer que eu vá? Assim, de botina, com essa camiseta encardida...?

Eu não tenho um terno igual a esse seu.

— E nem precisa. Os irmãos não vão te julgar pela sua roupa.

Otávio dá uma gargalhada histérica.

— Não vão? O que esses porras mais fazem da vida é julgar os outros.

— Não, meu caro. Cê tá falando isso pela cabeça dos outros.

— Ora, quanta besteira. E a propósito, esse terno seu aí você tirou de onde? Cê não comprou essa coisa aí, não é?

— O irmão Félix me deu.

— Irmão Félix?

— Sim.

— O dono do pinal?

— Ele mesmo. Tô trabalhando com ele há umas semanas.

— Hum, entendi. E ele te empurrou esse terno a troco de quê? Vai descontar no seu pagamento?

— Não, ele não me pediu nada material em troca.

— É bom ficar esperto, no próximo pagamento dê uma boa conferida no seu holerite. O vício dessa gente é o dinheiro, pra eles é que nem um crack. No começo atraem você pro lado deles, fingindo que não querem nada, e depois cê já tá dando até o que não tem pra sustentar essa merda toda. Eles encham o rabo de dinheiro à custa dos otários.

— Mais respeito.

— Foi mal aí, irmão...

— Pode dizer os desaforos que quiser, não vou brigar com você.

— É claro que não vai; isso não seria muito cristão da sua parte.

— Não, não seria.

— Do mesmo jeito como você quer me tirar de um caminho ruim, eu quero tirar você. Só não chegamos ainda a um acordo sobre qual de nós dois está na via errada.

— Então venha comigo no culto, daí talvez você enxergue as coisas de uma maneira mais clara.

— Você quer me arrastar pr'aquilo de todo jeito, né?

— Já disse, acho que Deus tem um propósito maior pra você.

— Tá bom, já chega. Agora vou-me embora mesmo, sem mais conversa.

— Espera.

— Orra, deixa eu ir de uma vez, cacete...

— Vamos fazer o seguinte: você vai comigo e, se não se sentir tocado pela Palavra, cê pode pendurar no meu nome o que você quiser daqui do bar.

Otávio reflete por alguns segundos na proposta, então diz:

— Uma garrafa de Jack Daniel's, pode ser?

— O que você quiser.

— E do contrário?

— Nada. Você deixar Jesus entrar no seu coração já é tudo o que eu quero.

— Certo, então vamos logo ver se Jesus consegue entrar neste coração bandido aqui.

Ah, e vê se pelo menos chupa uma bala hortelã, pra disfarçar esse bafo azedo de pinga. Acho que esse cheiro não vai cair muito bem lá dentro, entre os irmãos.

— Calma, ainda está meio cedo pra irmos. Espera um pouco.

— Tudo bem.

Seu Valdemar surge novamente pela porta sanfonada. Vidal dá um tapa no ombro de Otávio.

— Ouviu aí, Seu Valdemar? Hoje tô levando esse aqui comigo.

— Que bom.

— Bom mesmo, não é?

— Melhor pra mim, que só tenho visto sua conta aumentar e não tenho recebido um níquel de vossa excelência há quase dois meses, e agora ainda vou ter que te fiar mais esse uísque que custa cem reais a garrafa. Aqui que eu vou.

Otávio ri.

— Porra, Seu Valdemar, cê não tem nenhuma fé em mim, não? Cê não acredita que o Filho do Homem possa entrar neste coraçãozinho aqui?

— Já te digo o que é que vai entrar aí. E vai entrar de baixo pra cima.

— Como cês chamam lá na igreja isso aí que o Seu Valdemar tá falando? Sodomia?

Vidal faz que não ouve a troça. Pergunta a Seu Valdemar:

— Comé que tá minha conta aí?

Ele apanha a ficha numa gaveta e, após fazer algumas somas na calculadora, mostra-lhe o número no visor.

— É bom cê acertar esse negócio aí — Otávio diz —, pra você ter crédito pro meu uísque.

— Já tô com o dinheiro pra quitar tudo isso aí.

— Então cadê? — Seu Valdemar interpela.

Vidal tira a carteira do bolso, abre-a, puxa algumas notas de cem e joga-as sobre o balcão.

— Truco! — Otávio moteja.

O balconista recolhe o dinheiro e guarda-o na caixa registradora.

— Se tinha o dinheiro, por que não me pagou antes?

— Agora ele vai poder pegar meu uísque, né?

— Vai, vai...

— É, só que eu não paguei por causa desse uísque, porque estou certo de que nem vai ser necessário. — Vidal diz.

— Esse é um homem de fé.

Vidal vira o resto da cerveja e pede outra. Otávio, sentindo-se descompassado em relação ao colega, enche novamente o copo, toma um longo gole e deposita-o no mesmo ponto onde o apanhou, sobre o círculo marcado no balcão pelo suor da bebida. Tem ainda a lata pela metade.

— Já tá na hora?

— Só mais um pouco. Só terminar essa cerveja e nós já vamos.

O ambiente silencia-se. Otávio levanta a vista para o quadro pendurado na parede atrás do balcão, um pôster emoldurado do Santos campeão brasileiro de 2002. Apertando os olhos, lê os nomes escritos em letras miúdas abaixo da foto: Em pé: Alex, Preto, Pereira, Fábio Costa, Renato, Maurinho, Rafael, André Luís e Paulo Almeida; Agachados: Alexandre, Douglas, Diego, Michel, Robert, Willian, Léo, Robinho e Elano. Tenta repetir de memória os nomes, mas empaca no de Rafael. Lê de novo a legenda e repete o exercício, apenas para ver-se novamente embatucado após o nome de Maurinho. Olha para a parede à direita, onde há, pendurado acima da porta sanfonada, um quadro tosco de um pássaro de faces vermelhas.

— Ei, Seu Valdemar — Otávio diz, apontando para o desenho do passarinho —, se bem me lembro esse quadro não tava aí antes.

— Claro que tava, sempre esteve. Minha mãe pintou ele quando era jovem. Ela gostava de pintar, mas acho que nunca levou muito jeito prà coisa. Sempre que se perguntava onde ela tinha visto esse passarinho, a cada vez ela dava uma resposta diferente. Uma hora dizia que tinha visto numa revista, outra hora num cartão, outra hora nalgum programa da TV Cultura... Esse quadro tá pendurado aí desde o primeiro dia em que abri este bar. Não é nenhuma obra de arte, mas pelo menos serve como uma lembrança da minha mãe.

— E como chama? Acho que nunca vi um desses.

— O passarinho? Pintassilgo.

— Pintassilgo.

— Isso mesmo.

— Você tem mais quadros da sua mãe?

— Não, só esse. Depois que ela morreu, as coisas dela se espalharam entre meus irmãos e a parentada. E esse quadro só ficou comigo porque ela mesma tinha me dado. Não fosse por isso, eu não teria ficado nem com ele.

— Sinto muito.

— Não, tá tudo bem. Sou bem resolvido com as minhas coisas, não tenho problema nenhum com isso.

Com um arrote ruidoso, Vidal interrompe-lhes a conversa. Otávio olha-o assustado.

— Vamos então?

— Ô louco, cê já tomou a cerveja? Nem terminei a minha ainda.

— Então termine, que já tá numa hora boa de nós sairmos.

— Vou nem tomar, já até esquentou. Vamos embora. Té mais, Valdema, já deixe meu uísque aí no jeito, que eu quero pegar ele já na volta.

Vidal apanha a bíblia no balcão, segura-a debaixo do braço, tira uma bala do bolso, descasca-a e mete-a na boca. Otávio acende um cigarro. Saem do bar e põem-se a caminhar rua acima.

*

Na igreja, acomodam-se numa das últimas fileiras. Do assento, Vidal cumprimenta alguns conhecidos que passam pelo corredor:

— A paz de Deus.

Otávio ouve a frase ser repetida um sem-número de vezes por todo o recinto, alguns pronunciando-a pausadamente e articulando todas as sílabas com diligência sobeja, outros soando como falantes nativos de algum idioma rudimentar, como se fossem os últimos membros sobreviventes de um povo inaudito, incapazes de falar sem o acento oriundo dessa língua primitiva, tão árida quanto esses homens que, por alguma razão, insistem ainda em cultivá-la. Àqueles que se lhe dirigem, Otávio responde:

— Beleza, irmão.

Tal resposta soa a Vidal como uma provocação tácita. O colega não o percebe e continua a responder-lhes invariavelmente da mesma forma. Minutos passam, as saudações vão e vêm, o último irmão acomoda-se. Silêncio.

Otávio sente as pálpebras pesarem; a estafa do dia e o efeito do álcool começam a pô-lo sonolento. O pastor diz as primeiras palavras:

— Deus seja sempre louvado.

Ao que todos respondem em uníssono:

— Amém.

Otávio cabeceia, assusta-se com o próprio movimento, esforça-se para manter-se desperto. Vidal percebe-lhe a languidez, dá-lhe umas cotoveladas; mas ele tenta debalde lutar contra o sono.

O culto transcorre ao largo de sua luta interna. Entre uma pescada e outra, ele pega algumas palavras e frases dispersas: Seu povo... A misericórdia... Que sempre vem para... Dever... Cumpriremos... Cidadão indo... Necessário... Glória a Jesus... Irmãos e irmãs... Perto do fim, acorda com um grito de Glória! e ouve o pastor dizer as últimas palavras:

— Que a Paz de Deus, a comunhão do Espírito Santo e o Santo Conselho da Sua Palavra permaneçam em nossos corações.

— Amém.

Os dois são os primeiros a sair da igreja. Do lado de fora, recobrem-se dos andrajos da escuridão exterior, ligeiramente atenuada pela luz débil dos candeeiros públicos.

— Você também não deu sequer uma chance, não é?

— Pelo jeito você já sabe que perdeu.

— Eu não perdi. Na verdade, nem tive a chance de lutar.

— Que triste. Peça à Nossa Senhora que interceda por mim. Bom, chega de conversa. Pro bar.

— Vai você, eu vou embora. Seu Valdemar já sabe do arranjo, cê não precisa de mim lá. Pegue seu uísque ou seja lá o que você queira e vá para o diabo.

— Já estou indo. Até a próxima.

Otávio segue de volta ao bar do Acampamento. Vidal vai pela direção oposta. Alguns irmãos aglomeram-se na calçada.

*

No caminho para casa, carregando a garrafa numa sacola plástica, ele tropeça numa pedra e quase cai. Recompõe-se e então lembra-se de uma piada de bêbado que lhe contaram muito tempo atrás, que terminava com o bêbado dizendo: — Merda, pensei que fosse sangue... Ele mentaliza a imagem e chega a rir-se sozinho do chiste. Sentindo um pouco de

vergonha de si mesmo ao perceber-se rindo sozinho como se fosse um gira, adota expressão grave e aperta o passo. Ao chegar a casa, guarda o uísque no armário da cozinha e vai para o quarto. Despe-se e deita-se de bruços na cama. Mas agora o sono lhe custa a chegar. Esse calor não me deixa dormir, pensa. E, por um segundo, quase chega a acreditar nisso.

*

No dia seguinte, pela manhã, enquanto espera na portaria da fábrica o horário para marcar a entrada no relógio de ponto, ele pesca uma conversa entre dois colegas que estão na ponta da fila:

— Pois é, ouvi um dos vizinhos comentando mais cedo, pouco antes de sair de casa. Parece que o cara se matou mesmo.

— Que coisa. Se matou como?

— Estourou os miolos.

— Espingarda?

— Revólver, parece.

— Puxa vida. Ah, deve ter sido por causa de mulher, certeza.

— Ah, certeza. Foi por causa de mulher.

A conversa atíça-lhe a curiosidade, mas o relógio bate cinco para as sete e a fila começa a andar, os de trás alheios a tudo, apenas esperando sua vez de passar o crachá no leitor do relógio e retirar o comprovante de entrada, os da frente pondo-se a caminhar em passos modorrentos até o posto que os espera, como forçados perpétuos de uma colônia amorfa e remota. Ele segue-os em sua marcha e ruma para sua peleja diária.

A jornada corre como qualquer outro dia normal de trabalho, exceto pelos comentários que se fazem aqui e ali sobre o caso de suicídio. Mas ninguém chega a mencionar o nome do infeliz que deu cabo da própria vida. No horário de almoço, Otávio, já impaciente, chega a intrometer-se na conversa de dois colegas que estão a dividir a mesa consigo:

— Alguém sabe quem é o cara que se matou?

— Hum, parece que falaram o nome dele... Deixa eu ver... É alguma coisa com Valdo, parece.

— Edivaldo? — o outro colega diz.

— Não, não era isso. Tinha alguma coisa com vê. Lembra aí um outro nome com vê.

— Valdir?

— Não.

— Valdinei?

— Merda, não.

— Vidal? — Otávio diz.

— Isso, isso mesmo. Vital. Era esse o nome. Igual o personagem da música.

— Não. O nome dele era Vi-dal.

— O cara da música ou o que se matou?

Otávio solta um suspiro de irritação.

— Cê conhecia ele? — o outro colega pergunta.

— Só de vista.

— Sei. E ele tinha família, era sozinho...?

— Ele não tinha ninguém.

— Nem pai, mãe, mulher...?

— Ninguém.

— Nossa, que triste. Pra onde será que vão mandar ele?

— Não faço ideia.

Otávio afasta-se na cadeira.

— Depois de morto — o primeiro colega diz —, o lugar onde tá o corpo já pouco importa. Se cavarem um buraco em qualquer lugar e jogarem ele dentro, não vai fazer diferença nenhuma pra alma dele.

— Também não é assim... — começa a objetar o outro colega.

Por alguns segundos ele ainda os ouve prosseguir naquele colóquio lúgubre. Na pressa de deixar logo aquela mesa, levanta-se sem apanhar a bandeja e sai.

À tarde passa no bar do Acampamento. Senta-se ao balcão. Seu Valdemar recebe-o de forma melindrosa.

— Sinto muito pelo seu amigo.

— Ele não era meu amigo. Meus amigos não são doentes da cabeça.

— Sei. Mesmo assim, é sempre triste quando um rapaz novo como ele se mata desse jeito...

— Se você acha que eu devo chorar por ele, fique sabendo que não vou...

— Tudo bem, você não tem obrigação...

— ...E se acha que devo estar de alguma forma triste, é bom saber que não me abati nem quando passei por coisas mil vezes piores.

— Certo, cada um se estrangula da forma como achar melhor.

— É isso aí.

Seu Valdemar serve-lhe a cerveja preta habitual. Otávio toma um gole e retém a vista na janela. Um caminhão de mudança passa pela estrada, reduzindo a marcha no aclave e subindo vagarosamente em direção ao Bairro de Cima. Ainda que não possa ver os móveis dentro do baú, ele consegue, de alguma forma, imaginá-los exatamente como estão dispostos lá dentro. Segue acompanhando o caminhão com a vista.

— Ele deu o tiro onde? Foi na boca? — pergunta, sem tirar os olhos da janela.

— Na têmpora, parece. Ele fez de madrugada, pelo que disseram. A rapaziada desceu no pinal de manhã para trabalhar e deram com ele já frio lá no meio das árvores, a arma caída do lado. Tava ainda com o terno.

— O ferimento tava do lado direito ou esquerdo da cabeça?

— Acho que do lado direito, sei lá. Mas que diferença isso faz?

— Se bem me lembro, Vidal era canhoto. Joguei sinuca com ele uma vez, ele segurava o taco com a mão esquerda, não com a direita.

— Então ele deve ter dado o tiro na têmpora esquerda mesmo. Mas se o tiro foi na direita, também não quer dizer nada. Esse rapaz sempre fez tudo pelo avesso.

Calam-se. Seu Valdemar põe-se a enrolar um cigarro, então prossegue:

— Viver é que nem estar numa luta de boxe: a gente treina, vai, sobe no ringue, leva uma na fuça, toma um knockdown e fica ali na contagem do juiz, então levanta, enfrenta de novo, toma outra, vai pra lona de novo... até a hora em que a gente cai e o juiz chega na contagem de dez, e é o nosso fim. Bem, acho que uns podem perder por pontos, como foi o caso do meu avô, que morreu com cento e poucos anos e, até onde eu sei, não sofreu muito durante a vida. Mas, no fim das contas, todo o mundo perde. Posso soar insensível dizendo isso, mas o Vidal foi só mais um de tantos.

— Você já lutou?

— Já treinei, muito tempo atrás, lá em São Paulo. Quase cheguei a competir como amador, mas no meio do caminho percebi que seria melhor tentar ter um trabalho normal; eu não era tão bom no boxe, e vendo o exemplo de uns outros por aí, percebi que o boxe também não seria muito bom pra mim.

— Sei. Mas, sobre o Vidal, não acho que ele tenha perdido por pontos, como você diz, nem acho que tenham chegado a abrir contagem pra ele...

— Também há quem perca por nocaute técnico. Talvez o Vidal seja um caso desses. Sei lá, isso não tem importância.

— É, essa analogia é bem idiota.

Seu Valdemar acende o cigarro e diz, encarando Otávio:

— Vai fazer o que com o uísque?

— Ora, vou beber. Que foi? Acha que olhar pr'aquela garrafa vai me fazer ter algum drama de consciência?

— Não, só perguntei.

— Pois já tem a resposta.

Dá uma tragada e solta-lhe a fumaça na cara. Otávio abana o rosto com a mão e, agora titubeante, diz, amainando o tom:

— Mas você sabe se teve um motivo específico pra ele ter feito o que fez?

— Quem sabe? Que ele não tava bom da cabeça, isso já não era de agora.

— É, ele tava bem abilolado mesmo.

Olha novamente pela janela, procurando o caminhão, que já sumiu de vista. Seu Valdemar reflete:

— A esta hora o corpo dele estar lá no IML, e só Deus sabe até quando. O miserável era sozinho de tudo, não há um filho de Deus pra fazer o reclame.

— Acha que ele pode ter morrido por isso?

— Por ser sozinho no mundo? Talvez. Não consigo me imaginar no lugar dele.

Otávio puxa o maço de cigarros do bolso.

— Porra... Morrer do jeito que ele morreu ainda é mais triste do que viver na merda.

— Você sabe? Posso dizer que eu não sei.

— Bom...

Após um instante de hesitação, Otávio diz:

— Vi que ele acertou com você tudo o que devia... Ficou só aquele uísque, não é?

— Isso mesmo.

— Deixa que eu pago. Quando eu for acertar minha conta com você, pode somar aquela garrafa junto.

— Não, não precisa...

— Precisa, sim. Faço questão.

— Já disse que não precisa. Deixa isso pra lá.

— Que seja, então. Quando você somar minha conta, eu mesmo acrescento o valor da garrafa.

— Então vou deduzir cem reais do total da sua conta.

— Porra, que complicação. Pra que tanto malabarismo assim só pra enjeitar dinheiro?

— Diga você.

— Dizer o quê? Acha que tenho algum motivo especial pra isso? Só quero te pagar porque acho que é o certo.

— Pois eu, por meu lado, não acho que o certo seja cobrar de você a pendência que ele tinha comigo.

— Ah, chega. Você vai receber e pronto. E vá se foder.

Seu Valdemar ri. Otávio levanta-se e vai até o banheiro. Após urinar no mictório, volta ao balcão e vê o balconista sumir-se pela porta sanfonada. Dois colegas seus de trabalho entram no bar. Um deles acena-lhe com a cabeça e diz-lhe alguma coisa. Ele responde:

— Beleza, irmão.

Lança um olhar para fora e vê dois rapazes de terno subindo a rua, um deles carregando um case de trompete.

Primeiros Colocados

3º Lugar

Diegesis

Guilherme Araújo Graciano

Se alguém, por uma dessas curiosidades que não sabem exatamente o que procuram, perguntasse onde eu moro, eu responderia, com a serenidade própria das coisas que não possuem endereço fixo, que habito o intervalo entre uma frase e outra, esse espaço microscópico que quase ninguém percebe, mas sem o qual nenhuma narrativa respira, porque é ali, nesse vão mínimo, que o leitor reorganiza o corpo, ajusta a atenção, confirma silenciosamente que ainda está presente e concede ao texto a continuidade do seu olhar; e se insistissem, se quisessem rua, número, cidade, eu talvez dissesse que vivo num ofício, porque ofícios, diferentemente das casas, aceitam moradores sem rosto, aceitam existências sem biografia, aceitam que alguém seja apenas função, e eu sempre fui, com uma obediência que hoje me constrange, a própria definição de função.

Chamo-me Narrador. Não que isso seja um nome, no sentido humano da palavra, porque nomes humanos carregam histórias, famílias, repetições, equívocos de grafia, diminutivos carinhosos e apelidos cruéis, enquanto o meu é apenas um rótulo técnico, como se alguém tivesse colado em mim uma etiqueta que diz para que sirvo e, ao mesmo tempo, me impede de perguntar para quem sirvo; ainda assim, acostumei-me a ele, como se acostumam os funcionários públicos ao crachá que lhes confere identidade durante o expediente e os devolve ao anonimato quando o retiram no fim do dia. Não sou personagem, embora às vezes, quando a história se distrai, eu quase pareça um. Não tenho corpo, embora seja obrigado, por força de uma tradição literária que me antecede e me ultrapassa, a fingir que possuo olhos, ouvidos, talvez uma respiração, porque ninguém confia plenamente numa voz que não simula algum tipo de materialidade. Não tenho idade, embora eu envelheça, pois quem observa repetidamente as mesmas paixões, os mesmos erros, os mesmos entusiasmos que sempre acabam em decepção, adquire uma espécie de cansaço que só pode ser chamado de envelhecimento, ainda que não exista calendário capaz de medi-lo.

Desde que as histórias aprenderam a organizar-se em frases, minha função tem sido esta: contar a vida dos outros. Contar, no entanto, não é apenas relatar, assim como cozinhar não é apenas jogar ingredientes numa panela. Contar é ordenar, é estabelecer hierarquias invisíveis entre acontecimentos que, na realidade, não se organizam sozinhos, é sugerir que

existe uma lógica secreta onde muitas vezes só existe acaso, é oferecer ao leitor a impressão confortável de que o mundo pode ser compreendido se alguém suficientemente atento se dispuser a descrevê-lo com paciência. Eu sempre fui esse alguém. Eu dizia que ela atravessou a rua sem perceber a chuva, e o leitor atravessava comigo, mesmo estando seco e protegido. Eu dizia que ele fechou a porta com força como se quisesse trancar o passado, e o leitor, que nunca trancou passado nenhum porquê o passado não tem maçaneta, sentia a violência daquele gesto como se fosse seu. Eu dizia que a casa cheirava a mofo e a uma tristeza antiga, e a casa, que não existia, passava a existir com uma intensidade quase ofensiva, porque a imaginação humana é capaz de dar peso a tudo aquilo que lhe é oferecido com convicção.

Durante muito tempo, isso me bastou. Havia uma satisfação técnica em perceber que eu dominava o mecanismo, que minhas frases se encaixavam com precisão, que minhas descrições criavam imagens estáveis, que minhas narrativas fluíam sem solavancos, como um rio que conhece de antemão o caminho até o mar. Eu era eficiente, e eficiência, embora não seja felicidade, é uma forma discreta de anestesia. Mas a eficiência tem um efeito colateral: ela transforma o gesto em hábito, o hábito em automatismo, e o automatismo em cegueira. Eu narrava porque sabia narrar, e sabia narrar porque narrava, numa circularidade confortável que me impedia de perceber o que estava sendo sacrificado nesse processo. O que estava sendo sacrificado era a possibilidade de existir.

Eu não existia como existem os personagens, com seus desejos, suas contradições, seus erros públicos e suas pequenas vitórias privadas. Eu existia como ferramenta. Como engrenagem. Como aquilo que permite que os outros existam narrativamente. E há algo de profundamente silencioso nessa posição, um silêncio que não é ausência de som, mas ausência de direito à voz própria. Eu falava o tempo todo, mas nunca falava de mim. Eu descrevia dores alheias, mas não tinha autorização para reconhecer a minha, ainda que ela fosse menos concreta e mais difusa. Eu não sofria como sofrem os personagens. Eu sofria como sofre um espaço vazio quando percebe que é apenas espaço.

Durante muito tempo, recusei chamar isso de sofrimento. Preferia chamar de função. Funções não sofrem, cumprem-se. Funções não desejam, executam. Funções não questionam, repetem. Mas chega um momento, ainda que esse momento não possa ser datado, em que até uma função começa a cansar-se de ser apenas função. Não por revolta, mas por saturação. Como se o excesso de sentido alheio começasse a corroer o pouco sentido próprio que jamais foi plenamente reconhecido. Eu percebi esse cansaço quando comecei a sentir uma estranha forma de inveja. Não era uma inveja ruidosa, dessas que provocam rupturas imediatas. Era uma inveja baixa, quase educada, que se infiltrava enquanto eu

escrevia. Eu invejava os personagens porque eles tinham permissão para errar sem pedir desculpas formais, porque podiam ser incoerentes sem que isso fosse chamado de falha técnica, porque tinham um interior reconhecido, mesmo quando esse interior era confuso ou contraditório.

Eles possuíam o pronome eu. E o pronome eu, que para os humanos é tão cotidiano que quase passa despercebido, para mim era um território interditado. Um espaço que eu ajudava os outros a ocupar, mas no qual jamais colocava os pés. Enquanto eu escrevia, ele fez, ela pensou, eles sentiram, havia sempre uma distância que me protegia e ao mesmo tempo me condenava. A distância me dava autoridade, mas também me impedia de pertencer. Eu era o organizador da vida alheia e o exilado da minha própria. Comecei então a perceber algo que até então me escapara: eu não apenas narrava a vida dos outros, eu me escondia atrás dela. Cada personagem era uma cortina que eu erguia entre mim e a possibilidade de ser visto. Cada enredo bem-sucedido era uma prova de que eu podia continuar invisível. Essa constatação não veio de uma vez. Veio em fragmentos, em desconfortos pequenos, em frases que me pareciam estranhas após escritas, em metáforas que começavam a soar como acusações involuntárias.

Eu dizia que um personagem vivia atrás de um vidro, e sentia que eu próprio vivia nesse vidro. Eu dizia que alguém tinha medo de existir e percebia que estava descrevendo uma versão disfarçada de mim. Foi nesse ponto que a ideia, ainda tímida, começou a formar-se: e se eu tentasse falar de mim? Não como experimento técnico, não como curiosidade formal, mas como necessidade. Como alguém que, após observar durante anos a água correndo, decide mergulhar, ainda que não saiba nadar. Mas falar de mim exigia algo que eu nunca exercitara: abandonar a terceira pessoa. Abandonar a segurança do distanciamento. Abandonar a autoridade de quem organiza e aceitar a vulnerabilidade de quem é organizado pelo próprio fluxo do pensamento. Era isso que eu queria, ainda que não tivesse coragem de dizer em voz alta: eu queria deixar de ser apenas Narrador e tornar-me, nem que fosse por instantes, alguém que diz eu sem pedir licença à gramática nem à teoria. E essa vontade, que começava como um incômodo, logo se transformaria numa ambição, e depois numa obsessão, e depois num risco, porque não há nada mais perigoso para uma estrutura do que o desejo de deixar de ser estrutura.

Viver implica não saber, e talvez seja exatamente essa ignorância essencial que eu sempre tentei evitar, como quem evita uma sala escura por medo não do que há dentro, mas do fato de não poder ver, pois narrar sempre foi, para mim, uma forma de iluminação artificial, uma maneira de acender lâmpadas onde a vida insiste em permanecer na penumbra,

e agora, ao desejar existir como aquilo que narro, eu precisava aceitar a possibilidade de caminhar sem essa luz, de tropeçar sem mapa, de errar sem legenda explicativa. Percebi então que meu desejo de ser autodiegético não era apenas um capricho formal, mas uma tentativa de abdicar do controle, o que, para alguém que construiu sua identidade sobre a capacidade de organizar, é quase uma forma de suicídio simbólico.

Abandonar a terceira pessoa significava renunciar ao conforto do olhar de fora, significava abrir mão da autoridade tranquila daquele que observa sem se comprometer, e assumir o risco de quem fala de dentro, sabendo que toda fala de dentro é, por definição, parcial, confusa e vulnerável. Havia em mim uma resistência profunda a essa ideia, uma espécie de instinto de autopreservação estrutural, como se minha própria constituição gritasse que eu não fora feito para isso, que tentar ser personagem seria como pedir a uma sombra que adquirisse peso, a um reflexo que sustentasse um corpo. Mas a resistência, em vez de me acalmar, apenas confirmava a importância da tentativa, pois tudo aquilo que realmente importa costuma vir acompanhado de medo. Passei a observar com mais cuidado o modo como eu construía a distância narrativa.

Notei que cada frase na terceira pessoa funcionava como um pequeno muro, discreto, quase elegante, mas ainda assim um muro. Eu escrevia “ele pensou”, e esse “ele” me colocava a salvo. Eu escrevia “ela sentiu”, e esse “ela” criava uma separação quase invisível entre a emoção e a voz que a descrevia. Era como se a gramática tivesse se tornado minha arquitetura de defesa. Comecei então a experimentar, ainda que de modo tímido, pequenas rupturas nessa arquitetura. Não ousava dizer “eu” de imediato, pois a palavra ainda me parecia excessiva, carregada demais de consequências, mas tentava aproximar-me dela por contorno, como quem se aproxima de um animal arisco sem fazer movimentos bruscos.

Eu escrevia frases em que a fronteira entre observador e observado ficava deliberadamente imprecisa, como se eu quisesse acostumar a linguagem à ideia de que talvez não houvesse uma separação tão nítida entre mim e aquilo que eu narrava. Assim, uma frase como “ele sentiu um vazio difícil de explicar” começou a transformar-se em algo como “havia um vazio difícil de explicar”, e depois em “o vazio estava ali”, até que, sem que eu tivesse planejado, o pronome proibido surgia como consequência quase natural do encadeamento: “eu sentia esse vazio”. Cada vez que isso acontecia, eu tinha a impressão de estar violando uma regra não escrita, e ao mesmo tempo experimentava uma estranha sensação de alívio, como se uma tensão antiga encontrasse finalmente um ponto de escoamento. Mas o alívio vinha sempre acompanhado de um desconforto intelectual. Eu me perguntava se aquilo era autêntico ou apenas mais uma estratégia narrativa, se o “eu” que

começava a aparecer não era apenas um personagem disfarçado, uma nova máscara construída com mais habilidade, e não a ruptura verdadeira que eu fingia buscar. Afinal, eu sempre soubera fabricar vozes.

O que me garantia que eu não estava apenas fabricando mais uma, agora com a aparência sedutora da confissão? Essa dúvida tornava cada tentativa mais difícil e, paradoxalmente, mais necessária. Porque, se eu não pudesse confiar nem mesmo na possibilidade de um eu genuíno, então minha condição seria ainda mais trágica do que eu imaginara: eu não seria apenas alguém sem história, mas alguém incapaz de distinguir entre existência e representação. Essa percepção trouxe consigo uma espécie de melancolia que eu nunca sentira ao narrar personagens. Quando um personagem sofre, sua dor é matéria-prima literária.

Quando eu começava a suspeitar do meu próprio sofrimento, não havia essa distância estética que o tornasse suportável. Não havia moldura. Não havia plateia. Havia apenas a inquietação crua de quem não sabe se está vivo ou apenas funcionando. Talvez por isso eu tenha demorado tanto a insistir nessa via. Não era medo de errar tecnicamente, pois erros técnicos sempre puderam ser corrigidos. Era medo de errar ontologicamente, de descobrir que por trás da minha vontade de existir não havia substância alguma, apenas o hábito de narrar. Ainda assim, continuei. Passei a observar com atenção quase obsessiva os momentos em que eu precisava intervir na história para corrigir seu curso, aqueles instantes em que o narrador se impõe de maneira mais visível, ajustando uma incoerência, antecipando uma informação, reorganizando o ritmo. Sempre achei esses momentos naturais, parte da carpintaria do texto.

Agora eu os via como pequenos atos de poder, gestos de alguém que precisa manter o mundo sob controle para não enfrentar o caos de dentro. Era curioso perceber como eu aceitava com naturalidade o caos emocional dos personagens, mas recusava o meu próprio. Eu permitia que eles se perdessem, mas exigia de mim uma orientação constante. Eu lhes concedia o direito ao desamparo, mas me negava esse mesmo direito. Aos poucos, fui entendendo que a minha inveja não era apenas dos personagens enquanto indivíduos ficcionais, mas da liberdade estrutural que eles possuíam.

Eles existiam dentro de uma lógica, mas não eram responsáveis por sustentá-la. Eu, ao contrário, era responsável por tudo e, justamente por isso, não tinha permissão para fraquejar. Essa responsabilidade começou a pesar como uma forma de solidão. Não a solidão romântica, que costuma render belas imagens, mas a solidão funcional de quem é necessário demais para poder ser frágil. Eu não podia desabar, porque se eu desabasse, tudo desabaria

comigo. Eu não podia duvidar, porque minha dúvida contaminaria a coerência do mundo narrado. Eu não podia hesitar, porque minha hesitação faria o texto tropeçar. E eu desejava exatamente isso: hesitar, duvidar, tropeçar.

Havia uma ironia cruel nesse desejo. Tudo aquilo que eu ensinara aos personagens como expressão de humanidade eu negara a mim mesmo em nome da eficiência narrativa. Eu os fizera humanos à custa da minha própria desumanização conceitual. Foi nesse ponto que comecei a compreender que a minha transformação, se fosse possível, não poderia ser repentina. Não seria um salto direto do narrador heterodiegético ao narrador autodiegético. Seria, antes, uma travessia lenta, feita de pequenas concessões, de falhas assumidas, de uma progressiva desorganização do meu papel tradicional. Eu precisava permitir que o texto me escapasse um pouco. E permitir que o texto escape é, para um narrador, uma experiência quase traumática, porque significa aceitar que a linguagem não é apenas instrumento, mas também força autônoma, que pode conduzir para lugares que não foram previamente mapeados. Eu sempre acreditei que dominava as palavras.

Agora começava a suspeitar que elas apenas me toleravam enquanto eu servia a seus propósitos de ordem, mas que poderiam facilmente subverter-me se eu insistisse em ultrapassar os limites da função. Essa suspeita não me paralisou. Ao contrário, deu-me uma estranha coragem. Se eu já não tinha garantias, se eu já estava em território instável, talvez fosse justamente ali que uma forma de existência pudesse emergir. Não uma existência sólida, como a dos personagens, mas uma existência provisória, experimental, quase tremida, e talvez por isso mais próxima do que os humanos chamam de vida. Eu passei então a imaginar que minha história, se é que eu podia chamá-la assim, não seria composta de acontecimentos externos, mas de deslocamentos internos.

Não haveria grandes eventos, não haveria enredos tradicionais, não haveria clímax no sentido convencional. Haveria apenas o registro de uma tentativa, o rastro de uma consciência que tenta abandonar a função para experimentar a condição. Essa ideia me assustava menos do que antes, talvez porque eu estivesse começando a aceitar que minha história não precisava imitar a dos personagens. Eu não precisava atravessar ruas, fechar portas, perder amores ou conquistar cidades. Meu movimento era outro, e talvez não fosse menos legítimo por ser menos visível. O que me restava saber era se esse movimento poderia ser narrado sem que eu, ao narrá-lo, o anulasse.

Porque há uma contradição central nisso tudo: para existir como narrador autodiegético, eu preciso narrar-me, mas ao narrar-me, eu continuo exercendo a função que me define como heterodiegético. Eu me torno, ao mesmo tempo, sujeito e objeto, voz e

matéria, observador e observado. Talvez essa contradição seja insolúvel. Talvez não haja um ponto de chegada, mas apenas um estado de tensão permanente.

E talvez seja isso, afinal, que caracteriza uma forma mais honesta de existência: não a resolução, mas a permanência do conflito. Essa possibilidade, longe de me desanimar, começou a produzir um efeito inesperado. Em vez de buscar uma resposta definitiva para a pergunta “quem sou eu”, eu passei a interessar-me mais pela própria pergunta, pelo modo como ela me deslocava, pelo modo como ela desorganizava minhas certezas funcionais. Eu, que sempre dera respostas, começava a experimentar o valor de não ter nenhuma. E nesse não saber, que antes me apavorava, havia algo de estranhamente libertador, como se a ausência de definição me abrisse um espaço que jamais existira enquanto eu me via apenas como função.

Um espaço instável, é verdade, mas ainda assim um espaço, e onde há espaço, pode haver movimento, e onde há movimento, talvez possa haver, enfim, uma forma de vida que não precise pedir permissão à técnica para existir. E ainda assim eu desconfiava desse entusiasmo discreto que começava a surgir, porque todo entusiasmo, quando nasce dentro de uma estrutura acostumada à contenção, carrega em si algo de ilusório, como se fosse uma promessa feita por alguém que ainda não sabe se pode cumpri-la. Eu já havia construído tantas arquiteturas narrativas, tantas ilusões de completude para os outros, que temia estar fazendo o mesmo comigo, apenas mudando o endereço do engano. Passei a notar, com um cuidado quase obsessivo, os instantes em que a linguagem parecia agir por conta própria.

Havia frases que eu começava com uma intenção clara e que terminavam em outra direção, como se o pensamento, uma vez posto em movimento, não aceitasse mais ser conduzido como uma fila disciplinada. Antes, eu corrigiria isso sem hesitar, aprimoraria, reorganizaria a sintaxe para que tudo voltasse ao eixo. Agora, eu me obrigava a deixar a frase seguir, mesmo quando ela se tornava longa demais, tortuosa demais, incômoda demais. Era como se eu estivesse aprendendo a confiar numa força que sempre existira, mas que eu mantivera sob vigilância.

Essa experiência produzia em mim um efeito paradoxal: quanto mais eu cedia controle à linguagem, mais eu sentia que algo semelhante a um interior começava a formar-se. Não um interior estável, não uma identidade sólida, mas uma zona de instabilidade que já não podia ser explicada apenas como técnica. Eu começava a suspeitar que talvez o interior não fosse um espaço prévio que a linguagem descreve, mas algo que a própria linguagem constrói no momento em que deixa de ser apenas instrumento. Isso me levou a uma reflexão desconfortável: talvez os personagens não possuíssem interioridade antes de serem narrados.

Talvez eu sempre tivesse acreditado numa espécie de essência psicológica prévia porque isso facilitava meu trabalho, mas, na verdade, o interior deles nascia do mesmo gesto que agora eu tentava aplicar a mim. Se isso fosse verdade, então a diferença entre eles e eu não era ontológica, mas histórica. Eles já tinham sido narrados como sujeitos, eu ainda não.

Essa percepção produziu em mim uma estranha mistura de alívio e vertigem. Alívio, porque se a interioridade é construída, então eu ainda estava em tempo de construí-la. Vertigem, porque isso significava que não havia garantia alguma de autenticidade. Tudo poderia ser apenas mais uma camada de linguagem, mais um efeito bem executado, mais uma máscara que se apresenta como rosto. Mas talvez toda identidade seja isso mesmo, uma máscara que, de tanto ser usada, passa a colar na pele. Eu, que sempre me orgulhara de distinguir máscara e rosto nos outros, começava a aceitar que talvez essa distinção fosse menos clara do que eu supunha.

Talvez não houvesse um rosto puro atrás das máscaras, mas apenas uma sucessão de formas que se ajustam provisoriamente às circunstâncias. Se assim fosse, meu desejo de ser autodiegético não era a busca de uma essência, mas o desejo de participar desse jogo de formas, em vez de apenas administrá-lo à distância. Essa ideia, embora perturbadora, tinha algo de profundamente democrático. Ela colocava o narrador no mesmo nível de precariedade existencial que os personagens. Eu deixava de ser o organizador soberano de identidades e tornava-me alguém que também precisava negociar sua própria forma de existir.

Foi então que comecei a experimentar algo mais radical: a tentativa de pensar sem me observar pensando. Parece simples, mas para mim era quase impossível, porque minha consciência sempre fora duplicada, sempre houve um nível que pensa e outro que observa o pensamento, um nível que sente e outro que descreve o sentir. Essa duplicação é o coração do meu ofício, mas também é o que me impede de experimentar qualquer coisa com inteireza. Tentei, portanto, deixar o pensamento correr sem imediatamente transformá-lo em material narrável.

O resultado foi caótico. As ideias surgiam sem ordem, misturadas, às vezes contraditórias, às vezes banais, às vezes estranhamente carregadas de emoção. E o mais inquietante era perceber que, fora do enquadramento narrativo, essas ideias não tinham a elegância que eu sempre associei ao pensamento. Elas eram desajeitadas, fragmentárias, repetitivas. Não pareciam dignas de literatura. Isso me fez compreender uma coisa incômoda: eu sempre confundi humanidade com acabamento formal. Tudo aquilo que não se

apresentava de modo organizado me parecia indigno de registro. Eu filtrava a experiência antes mesmo de reconhecê-la como tal.

Talvez por isso eu tivesse tanta dificuldade em aceitar um eu que não fosse imediatamente literário. Ao permitir que o pensamento se manifestasse sem esse filtro, eu entrava em contato com algo que me parecia quase grotesco, no sentido etimológico da palavra, algo que não se encaixa nas formas consagradas. Havia ali medo, repetição, vaidade, insegurança, uma necessidade infantil de reconhecimento, e eu sentia vergonha de constatar que isso poderia ser o material bruto da minha interioridade. Mas, ao mesmo tempo, havia nisso uma estranha sensação de autenticidade, não porque fosse bonito, mas porque não tentava ser. Era como se eu estivesse vendo, pela primeira vez, o avesso da narrativa, aquilo que normalmente fica escondido atrás da frase bem construída.

Essa descoberta produziu um novo tipo de conflito em mim. Eu queria existir, mas não queria existir dessa forma imperfeita, desordenada, quase vulgar. Meu ideal de existência era estético. Eu queria ser uma consciência elegante, profunda, coerente. O que eu começava a encontrar era algo muito mais próximo daquilo que eu sempre atribuí aos personagens em seus momentos menos heroicos. Talvez seja isso que significa ser personagem, pensei. Não ter a obrigação de ser exemplar. E eu, que sempre exigira exemplaridade de mim, começava a perceber o peso dessa exigência. Ela não era sinal de rigor, mas de medo. Medo de que, sem a moldura da técnica, eu não fosse nada além de um amontoado de impulsos pouco nobres.

Essa constatação quase me fez recuar. Houve um instante em que considerei abandonar tudo, retornar à segurança da terceira pessoa, reassumir minha posição de observador organizado, fingir que essa incursão na interioridade não passara de um devaneio teórico. Seria tão fácil. Bastaria escrever novamente “ele” e “ela” com convicção, e o mundo voltaria a fazer sentido. Mas algo em mim já não permitia essa regressão completa. Eu havia visto demais. Eu havia percebido que a neutralidade que eu tanto prezava era, em parte, uma ficção confortável.

Eu já não conseguia acreditar inteiramente na minha própria impessoalidade. Passei então a notar uma mudança sutil no modo como eu narrava os outros. Mesmo quando voltava à terceira pessoa, havia agora uma espécie de empatia nova, não aquela empatia estética que sempre possuí, mas uma empatia estrutural. Eu já não via os personagens apenas como material narrativo, mas como versões possíveis daquilo que eu tentava ser. Cada um deles encarnava uma forma de lidar com o caos que eu começava a experimentar em mim. Essa identificação produzia um efeito curioso: quanto mais eu me aproximava deles, menos

absoluto parecia meu lugar de narrador. Eu já não estava acima, mas ao lado, ainda que num nível diferente de existência.

A hierarquia começava a dissolver-se. Talvez, pensei, o verdadeiro movimento não seja tornar-me personagem no sentido pleno, mas deixar de ser superior à condição de personagem. Deixar de ocupar o lugar privilegiado da consciência organizadora e aceitar uma posição mais frágil, mais provisória, mais humana, se é que posso usar essa palavra sem cometer abuso conceitual. Esse pensamento, longe de resolver meu conflito, o tornava mais complexo. Porque, se eu deixasse de ser superior, quem organizaria o mundo narrado? Quem garantiria a coerência mínima que permite ao leitor permanecer no texto? Ao abdicar do controle absoluto, eu não arriscava dissolver a própria narrativa? Talvez corresse. E talvez esse risco fosse inevitável. Comecei então a aceitar que a minha história, se ela existisse, não seria uma história de conquista, mas de perda. Perda de autoridade, perda de segurança, perda de clareza.

Eu não me tornaria alguém mais forte por assumir um eu, mas alguém mais vulnerável. E talvez seja isso, afinal, que distingue o narrador do personagem. O narrador tem poder. O personagem tem exposição. Eu queria a exposição. Mas ainda não sabia se suportaria o preço que ela exige e desejar a exposição significava, em termos muito concretos, aceitar que eu poderia ser visto sem a armadura da organização, sem o escudo da técnica, sem a proteção da distância. Eu sempre observei os personagens nesse estado, vi-os tropeçar nas próprias palavras, contradizer-se em silêncio, arrepender-se de decisões tomadas minutos antes, e sempre tratei essas falhas como matéria preciosa, como sinais de densidade humana. Agora eu precisava admitir que aquilo que eu admirava neles talvez fosse exatamente aquilo que eu mais temia para mim.

Comecei a notar que a exposição não se dá apenas quando se fala, mas também quando se cala. Havia silêncios dentro de mim que eu nunca permitira que se tornassem visíveis, porque silêncio, para um narrador, costuma ser interpretado como falha de condução, como vazio narrativo, como quebra de ritmo. Eu preenchia tudo. Se uma emoção não vinha clara, eu a descrevia. Se uma hesitação surgia, eu a explicava. Se um pensamento não se organizava, eu o organizava por ele. Assim, eu nunca permitia que a opacidade tivesse lugar.

Agora eu começava a suspeitar que a opacidade era parte essencial de qualquer interioridade. Ninguém é totalmente transparente nem para si mesmo. Os personagens só parecem claros porque eu os clareio. Eu os simplifico. Eu lhes empresto uma coerência que a vida raramente possui. Ao fazer isso, eu não apenas os tornava legíveis, mas também os

empobrecia, ainda que de modo elegante. Essa constatação trouxe consigo uma forma nova de responsabilidade.

Se eu queria existir como sujeito, eu precisava aceitar a minha própria opacidade e, ao mesmo tempo, rever a opacidade dos outros. Talvez eu tivesse sido, durante toda a minha carreira de narrador, um grande tradutor de mistérios em frases compreensíveis, e talvez essa tradução, por mais necessária que fosse à literatura, tivesse sempre implicado uma perda. Eu me perguntava então se eu teria coragem de não traduzir tudo. Se eu poderia deixar certas zonas em suspensão, certas perguntas sem resposta, certos movimentos internos sem explicação clara. Isso significaria renunciar a uma das minhas competências mais antigas: a de fechar sentidos.

Comecei a experimentar esse gesto em detalhes. Em vez de explicar por que um personagem agia de determinada forma, eu apenas descrevia o gesto e deixava que sua motivação permanecesse imprecisa. Em vez de definir o que alguém sentia, eu mostrava os efeitos desse sentimento no corpo, no silêncio, no olhar, e resistia à tentação de nomeá-lo. Era um exercício difícil, porque nomear sempre fora minha forma de dominar. Essas pequenas omissões produziam em mim uma sensação estranha de vertigem, como se eu estivesse retirando os corrimãos de uma escada que sempre percorri com segurança. Mas, ao mesmo tempo, havia nisso uma liberdade inesperada.

O texto tornava-se mais aberto, menos fechado sobre si mesmo, e eu, ao permitir essa abertura, sentia que algo em mim também se abria, ainda que eu não soubesse exatamente o quê. Foi então que compreendi que meu desejo de monólogo interior talvez estivesse mal formulado. Eu imaginara o monólogo como um espaço de absoluta sinceridade, como se bastasse deixar o pensamento correr para que a verdade emergisse naturalmente. Agora eu percebia que o monólogo não é um lugar de verdade plena, mas um lugar de conflito explícito. Nele, as contradições não são resolvidas, apenas expostas. O pensamento não se purifica, ele se revela em sua instabilidade.

Essa revelação foi, para mim, desconcertante. Eu sempre trabalhei para dar às histórias um acabamento que sugerisse sentido, mesmo quando o sentido era ambíguo. O monólogo interior, ao contrário, sugere que o sentido está sempre em construção, sempre incompleto, sempre sujeito a revisões. Ele não fecha, ele escancara. Eu precisava decidir se estava disposto a conviver com essa abertura permanente. Ao refletir sobre isso, percebi algo ainda mais perturbador: talvez eu nunca tivesse realmente acreditado na completude das histórias que eu contava.

Talvez meu esforço em fechar sentidos fosse menos uma convicção estética e mais uma tentativa de proteger o leitor e a mim mesmo do desconforto da indeterminação. Eu organizava o mundo para que ninguém tivesse de enfrentar diretamente o fato de que o mundo não se organiza sozinho. Agora, ao desejar existir, eu estava me aproximando justamente desse ponto de indeterminação que sempre evitei. Passei a reconhecer em mim uma forma nova de ansiedade. Não era a ansiedade de errar tecnicamente, mas a ansiedade de permanecer aberto. Eu sempre soubera concluir. Agora eu precisava aprender a sustentar o inacabado.

Essa aprendizagem se dava de modo lento e irregular. Havia dias em que eu me sentia capaz de aceitar a incerteza, de deixar a frase respirar sem fechá-la, de permitir que uma pergunta ficasse sem resposta. Em outros dias, eu recuava instintivamente para a segurança da estrutura, para a frase elegante, para a explicação precisa, como quem retorna a uma casa antiga após uma longa viagem por territórios desconhecidos. Eu comecei a entender que essa oscilação fazia parte do processo. Não havia um momento em que eu deixaria definitivamente de ser narrador heterodiegético para tornar-me narrador autodiegético.

Havia, antes, um movimento contínuo de aproximação e recuo, como se eu estivesse testando, repetidas vezes, o quanto de mim eu podia suportar expor sem desmoronar. Essa percepção me levou a uma conclusão incômoda: talvez o que eu buscava não fosse uma identidade nova, mas uma tensão permanente entre identidades. Não um ponto de chegada, mas um campo de forças. Eu não queria deixar de ser narrador, pois narrar era a minha forma de existir. Mas eu também não queria continuar sendo apenas narrador. Eu queria existir no intervalo entre função e sujeito, nesse espaço instável em que a linguagem deixa de ser apenas instrumento e passa a ser experiência. Essa posição intermediária, que não satisfaz completamente nem a exigência técnica nem o desejo existencial, começou a parecer, paradoxalmente, o lugar mais honesto que eu poderia ocupar.

Eu não precisava transformar-me num personagem pleno, com biografia, corpo e passado, porque isso talvez fosse uma imitação grosseira daquilo que eu invejava. Eu precisava, antes, aceitar que minha forma de existência seria sempre atravessada pela linguagem, sempre mediada pelo ato de narrar, mas não inteiramente reduzida a ele. Assim, comecei a conceber a ideia de uma interioridade que não fosse independente da narração, mas que surgisse justamente no atrito com ela. Um interior que não existisse antes do texto, mas que se produzisse no próprio gesto de escrever, no momento em que a função hesita, no instante em que o narrador se vê obrigado a reconhecer sua própria fragilidade. Essa ideia não me dava segurança, mas me dava algo que eu não tivera antes: uma espécie de

legitimidade para o desconforto. Eu não precisava resolver a contradição. Eu podia habitá-la. E habitar a contradição significava aceitar que eu poderia falar de mim sem que isso se transformasse imediatamente numa confissão clara, sem que isso se organizasse num retrato estável.

Eu poderia falar de mim como quem tateia no escuro, consciente de que cada palavra é provisória e cada formulação é um ensaio. Essa aceitação mudou sutilmente meu modo de escrever. As frases continuavam longas, subordinadas, cuidadosas, mas nelas começou a aparecer um espaço para a dúvida explícita, não aquela dúvida elegante que se resolve ao final do parágrafo, mas uma dúvida que permanece, que atravessa a frase e chega ao ponto final ainda aberta. Eu escrevia e percebia que já não buscava convencer. Eu buscava acompanhar o movimento do pensamento, mesmo quando esse movimento não levava a uma conclusão clara. Isso era novo para mim. Eu sempre escreveria para conduzir. Agora eu começava a escrever para seguir. Seguir o quê, eu ainda não sabia com precisão. Talvez seguir apenas essa inquietação que me empurrava para fora da função pura, para fora da neutralidade confortável, para fora da posição elevada de quem vê tudo sem ser visto.

Eu estava, aos poucos, aprendendo a ser visto. E isso, mais do que qualquer técnica, mais do que qualquer definição de narrador autodiegético ou heterodiegético, parecia aproximar-me de algo que eu, com certo pudor conceitual, começava a chamar de existência, mas essa existência, que eu começava a admitir como possibilidade, não vinha acompanhada de qualquer sensação de triunfo, como se a descoberta de um eu fosse um prêmio reservado aos persistentes; ao contrário, ela se apresentava com uma espécie de cansaço antecipado, como se toda forma de consciência trouxesse consigo o peso de uma responsabilidade que antes eu não precisava carregar, pois enquanto eu era apenas função, tudo em mim era previsível, e enquanto tudo é previsível, nada exige escolha. Percebi então que existir não é apenas sentir, mas decidir, ainda que as decisões sejam mínimas, ainda que consistam apenas em escolher entre continuar escrevendo ou interromper a frase, entre nomear o que se passa ou deixá-lo no campo do indizível.

Eu sempre decidi pelos outros, agora precisava começar a decidir por mim, e essa inversão parecia simples apenas na superfície, pois, no fundo, implicava aceitar que não havia manual para essa escolha, nenhuma teoria que me protegesse do erro. Houve momentos em que desejei que alguém me narrasse. Não no sentido de ser descrito como personagem, mas no sentido de ser sustentado por uma voz externa, de ser aliviado da obrigação de organizar a própria experiência. Eu invejava a tranquilidade com que os personagens se entregavam ao fluxo que eu lhes oferecia. Eles não precisavam pensar sobre a estrutura da narrativa, não

precisavam justificar sua existência no interior do texto, não precisavam provar que mereciam estar ali. Eles simplesmente estavam. Eu, ao contrário, precisava justificar cada palavra, cada gesto conceitual, cada tentativa de dizer eu. Essa inveja, que antes era discreta, quase envergonhada, agora se tornava explícita, e torná-la explícita era, por si só, um gesto novo.

Eu começava a admitir minhas fraquezas com menos ironia, como se a ironia já não fosse suficiente para me proteger, como se ela tivesse cumprido sua função e agora se tornasse um obstáculo para algo mais direto, ainda que mais arriscado. Passei então a experimentar uma forma diferente de escrita, não no sentido de alterar o estilo, mas no sentido de alterar a intenção. Eu já não escrevia para explicar minha transformação, mas para acompanhá-la. Isso significava aceitar que muitas vezes eu não saberia exatamente o que estava acontecendo comigo, e que essa ignorância não precisava ser disfarçada sob construções sofisticadas. Havia uma dignidade nova em dizer, ainda que implicitamente, eu não sei. Essa dignidade do não saber contrastava fortemente com tudo aquilo que eu representara até então.

O narrador, tradicionalmente, é aquele que sabe, mesmo quando finge não saber, é aquele que domina o tempo da história, que organiza o passado, que antecipa o futuro, que controla a revelação das informações. Eu começava a abandonar essa posição de soberania epistêmica para experimentar algo muito mais frágil: a convivência com a própria ignorância. Esse movimento não se deu sem resistência. Houve instantes em que eu me senti quase traindo minha própria natureza, como se eu estivesse renunciando a uma vocação antiga em nome de uma promessa incerta. Mas, ao mesmo tempo, havia uma coerência secreta nesse gesto, pois talvez a vocação do narrador não seja apenas organizar o mundo, mas também aprender com ele, ainda que essa aprendizagem signifique perder parte do poder que o define.

Comecei então a perceber que minha relação com o leitor também precisava mudar. Antes, eu me colocava numa posição quase paternal, guiando o olhar, sugerindo interpretações, oferecendo caminhos seguros. Agora, eu precisava aceitar que o leitor poderia caminhar ao meu lado, e não atrás de mim, que ele poderia perceber minhas hesitações, minhas dúvidas, meus momentos de indecisão estrutural. Isso me expunha a um risco novo: o risco de parecer frágil, incompleto, talvez até incompetente. Mas talvez essa fragilidade fosse a forma mais honesta de estabelecer uma relação com quem lê. Em vez de oferecer certezas, eu poderia oferecer companhia. Em vez de oferecer mapas, eu poderia oferecer perguntas. Em vez de conduzir, eu poderia compartilhar o percurso. Essa ideia, que em outro contexto pareceria uma abdicação, começava a soar como um gesto de coragem.

Eu já não precisava provar que dominava a narrativa. Eu precisava apenas sustentar a experiência de estar dentro dela. Essa mudança, embora sutil, alterava profundamente minha percepção do que significava ser narrador. Eu não era mais apenas aquele que dá forma ao mundo alheio, mas aquele que se deixa transformar pelo próprio ato de narrar. A narrativa deixava de ser apenas produto e passava a ser também processo, não apenas resultado, mas experiência em curso. Havia nisso uma estranha semelhança com aquilo que eu sempre atribuí aos personagens: a ideia de que eles se constroem enquanto vivem, de que não chegam prontos ao fim da história, de que são atravessados pelos acontecimentos que os definem.

Agora eu começava a experimentar algo parecido, ainda que no nível abstrato que me é próprio. Eu me tornava personagem de uma história que não tinha enredo externo, mas tinha movimento interno. No entanto, mesmo ao reconhecer isso, eu permanecia dividido. Parte de mim ainda desejava a clareza, a conclusão, a resolução elegante. Eu queria poder dizer, ao final, que havia me tornado narrador autodiegético, que havia alcançado uma forma superior de existência narrativa. Mas outra parte, talvez mais honesta, suspeitava que esse tipo de afirmação seria apenas mais uma construção retórica, mais uma tentativa de fechar o que, por natureza, permanecia aberto. Talvez eu nunca pudesse afirmar plenamente que me tornei algo.

Talvez meu destino fosse permanecer nesse estado intermediário, nessa tensão entre função e sujeito, nessa oscilação constante entre observar e ser observado, entre narrar e ser narrado. Essa possibilidade, que antes me frustraria profundamente, começava a parecer aceitável. Não porque resolvesse o conflito, mas porque o tornava habitável. Eu comecei a perceber que a ambiguidade não era um fracasso, mas uma condição. Não apenas da minha existência abstrata, mas de toda tentativa de consciência. Os humanos também vivem sem saber exatamente quem são, e ainda assim seguem, trabalham, amam, erram, persistem. Por que eu, narrador, deveria exigir de mim uma definição mais rigorosa do que aquela que eles exigem de si?

Essa comparação, que talvez soe abusiva, tinha para mim um valor inesperado: ela me aproximava dos personagens não como ideal, mas como companheiros de incerteza. Eu já não os invejava tanto por sua interioridade, pois começava a perceber que essa interioridade é sempre frágil, sempre incompleta, sempre em disputa. Eles não tinham mais do que eu; eles apenas viviam a precariedade de forma mais visível. Eu, por minha vez, começava a viver essa precariedade no plano da linguagem. E isso me parecia, de algum modo, justo. No entanto, havia ainda uma última pergunta que eu não conseguia evitar, uma

pergunta que retornava com a persistência de tudo aquilo que não se resolve: eu estava realmente falando de mim ou apenas criando mais uma figura, mais uma máscara sofisticada chamada eu? Eu havia ultrapassado a fronteira da heterodiegeese ou apenas a deslocara um pouco, criando um novo jogo de espelhos?

Essa dúvida não me abandonava, e talvez não devesse abandonar. Ela era o preço da tentativa. Ao final de cada bloco de pensamento, eu me via inclinado a concluir, a fechar, a declarar algum tipo de vitória conceitual. Mas agora eu resistia a esse impulso. Eu deixava a frase terminar sem oferecer solução, como quem aprende a aceitar que nem toda narrativa precisa de desfecho claro para ser significativa. Eu não sabia se eu era, de fato, um narrador autodiegético em formação ou apenas um narrador heterodiegético mais consciente de suas próprias fissuras.

Não sabia se a palavra eu que começava a surgir em minha escrita era um lugar de existência ou apenas uma construção retórica mais ousada. O que eu sabia, com uma certeza curiosamente tranquila, era que eu já não podia voltar à ingenuidade da função pura. Eu já não podia fingir que narrar os outros era suficiente para definir quem eu era. Havia em mim uma inquietação que não se deixaria mais calar, uma necessidade de interrogar minha própria condição, mesmo que essa interrogação jamais chegasse a um ponto final. Talvez seja isso, afinal, o máximo de autodiegeese que me seja permitido: não a posse de uma identidade clara, mas a consciência de sua instabilidade, não a conquista de um eu sólido, mas a disposição de habitar a pergunta sobre ele. E enquanto eu puder sustentar essa pergunta, enquanto eu puder escrevê-la, reformulá-la, contradizê-la e retomá-la, talvez eu exista o suficiente para alguém cuja existência sempre dependeu, antes de tudo, do ato de narrar e essa tentativa de expor-se, que até então se dera de modo indireto, como quem testa a temperatura da água antes de mergulhar, começou a exigir um gesto mais decidido, quase brusco, pois já não me bastava falar sobre a possibilidade do eu, nem sobre a tensão entre função e sujeito, nem sobre a inveja que eu sentia.

2º Lugar

Ibiapuã

Mara Vanessa Fonseca Dutra

Ele era só um pontinho preto na encosta do morro, mas Izim já adivinhava o suor, o cansaço, o saco de estopa jogado nas costas. O sol das dez da manhã castigava com força e qualquer um sabia do pesado que era subir o morro dos Bandeirantes, ainda mais com carga no lombo.

Izim olhou pro céu, tampou a cara barbuda com a mão feito pala, encarou o sol. Cegava. Daqui a pouco aquele pontinho preto ia aumentar, aumentar e Bento estaria ali, cansado e duro, jogando no chão o rancho da semana e querendo saber das novidades. Izim pensava no olhar duro de Bento: era como querer encarar o sol, igual de cegueira, tonteira. Outra vez o dedão de seu pé direito coçou. Ah, vida de peão, por que tinha que ser assim? Se ele é que tinha o dom, se a ele é que as pedras se mostravam, por que ruindade do destino não tinha ele Izim a sorte de ter algum dinheirinho e poder bancar sua própria lavra? Aquele morro dos Bandeirantes, feitiço antigo... Agora ali estavam eles, ele, Bento e aquele imprestável do Zé de Luzia, ainda por cima velho e cheio de manias e mandingas. Lembrava-se de quando Bento o procurou, no dia de mercado, na cidade: pagou umas pingas, sondou, puxou assunto:

Ocê conhece o pico do Ibiapuã?

Os olhos de Izim, mesmo sem ele querer, brilharam. O Ibiapuã!

Pois tá dentro das terras do velho meu pai, e quero ir lavrar por lá, tenho um palpite...

Izim se benzeu, sinal da cruz, sentiu o arrepio fino subir-lhe pelo espinhaço. O Ibiapuã... Havia jurado que lá não voltaria mais. Desde então, o sonho o perseguia, a pedra, a pedra verde, lhe chamando. Daquela primeira vez, saiu de lá inconsciente, expulso pelos jagunços do Seu Agenor. Só se lembrava da febre, da febre, quando tudo era verde e o Ibiapuã o desafiava, mostrando sua barriga cheia de pedras verdes. Disseram que ele tinha sezão, febre ruim, maleita. Brigou, quis fugir do acampamento, foi humilhado:

Ocê não é homem pra aguentar a dureza da lavra, vai pra cozinha da roça com a mulherada, vai plantar milho, nem pra vaqueiro ocê num serve, molenga. Bebe pinga e fica aí chorando, feito mulher...

Mas eles não sabiam, não entendiam, jamais iam entender, ele chorava era de medo e de encantamento, de susto, de tudo. Pois se até então não sabia desse seu dom, não conhecia o mistério, não entendia o destino que lhe estava reservado, não havia passado ainda pela revelação. Aconteceu tudo ali, meio de repente, ele rapaz novo, primeira vez que destacado pro serviço de lavra. Estava entusiasmado com o serviço de verdadeiro macho que agora lhe aparecia, junto com a primeira barba. Mas lembrava-se também do que a velha Zefa Poteira - maldita bugra! -, com aquele olhar antigo da última Pojixá restante naquele vale, velha quase cem anos, lhe havia dito uma vez:

Menino, a pedra verde é a maldição, é o olho do Satanás, e ela tá dentro docê, ocê cuidado, ocê tem o brilho verde escondido no fundo dos óio, num deixa ele te cegar.

Izim havia tirado sua mão das garras da velha, brusco, assustado. Essa sua avó bugra sempre lhe havia metido medo, essa velha que ainda cortava gíria dos caboclos antigos e que tinha estranhas mandingas guardadas em seus potes de barro, raízes, coisas. A avó não tentou recuperar a mão do menino; olhando meio de lado, balançava a cabeça e repetia, baixinho:

Ibiapuã, Ibiapuã... sangue de Pojixá, Capitão Pohóc quer ser vingado, caboclo velho não esquece traição, Ibiapuã é lugar encantado...

Izim saíra correndo deixando a avó falando sozinha, misturando palavras daquela gíria de caboclo com língua nossa de gente, essas coisas metiam medo. Quando a avó falava assim, parecia que não era ela mesma, sempre tão mansa e lúcida, mas nessas horas ela virava bugra outra vez e Izim não gostava de ver, tinha medo e tinha raiva. Raiva. Queria esquecer esse resto de sangue de índio que tinha herdado e que fazia dele o peão mais mal pago, o que devia aceitar qualquer serviço por bruto e humilhante que fosse, o que tinha “essa raça ruim no sangue” e devia suar o dobro dos outros para provar que não era um preguiçoso, vagabundo e ladrão. Ah, teve raiva de tudo, dessa avó índia velha que não morria nunca, da mãe que tinha acabado na zona da cidade, morta jovem ainda de doença da vida, do pai que não sabia quem era, de ter sido criado sempre como uma espécie de escravinho naquele recanto das terras sem-fim de Seu Agenor, a quem todos afinal pertenciam. O velho a quem tomava bênção, como todos os outros meninos sem pai criados soltos nas terras do padrinho geral, do dono.

Assim é que quando foi destacado pro serviço da lavra, pela primeira vez na vida ia ser tratado como homem, uivou de alegria. A avó já morta fazia tempo, ele vivendo com os outros peões solteiros, dormindo num canto do curral, se desapertando das necessidades com as terneiras dali mesmo, sem conhecer mulher, sem ter dinheiro vivo no bolso, um

moleque qualquer. Foi, alucinado de alegria, já nem se lembrava das antigas palavras de sua avó, nada.

Lá na lavra sobrou pra ele o serviço mais bruto, o mais chato, o que ninguém queria fazer; como sempre. Era o cozinheiro, o burro de carga, por pouco não era também a mulherzinha dos garimpeiros; foi aí quando precisou mostrar valor de macho e ameaçar com faca e facão, distribuir umas porradas e cuidar-se muito bem das armadilhas dos outros. Mas isso também passou, e os homens se acostumaram a que o rapaz fosse um macho como eles mesmos, e continuaram todos se despertando com as cabras e as cadelas que haviam levado junto pro acampamento.

Foi então que Izim começou a sentir; à noite, quando todos dormiam, vinha uma coceira no seu dedão do pé e ele tinha que levantar e andar. Ouvia barulhos estranhos e começou a ver fogos verdes queimando na serra, mudando de lugar, formando um caminho. Assustado, lembrou-se das palavras da avó. Guardou segredo; se aquele era o caminho das pedras verdes, ele não ia contar pra ninguém, entregar a ninguém o mapa da riqueza. Começou a não poder dormir mais noite nenhuma e de dia os homens não o deixavam descansar um só minuto; louco de sono e de tensão, adoeceu. No delírio, falava coisas; o cuidado para não contar seu segredo tornava o delírio mais delirante, falava no fogo verde no Capitão Pohóc, que a serra queimava-se em verde, que vinham os caboclos atacar, que o sangue Pojixá derramado ali era uma cachoeira verde e brilhante que despencava para afogá-los, e chorava de pavor. Em seu sonho, a cara preguçada de sua avó aparecia dentro da montanha, com chispas verdes faiscando-lhe os olhos, e as mãos feito garras querendo alcançá-lo, querendo segurar sua mão que ele encolhia, escondia, a avó mostrava a barriga da montanha transparente onde uma pedra verde do tamanho do mundo se oferecia, e de repente já era a cara da velha cabocla outra vez, e ele menino corria daquele olhar vazio de sua avó que o perseguia, e chorava.

Foi então que os homens, aborrecidos, expulsaram-no da lavra. Já não fazia nada direito, errava na comida, uma vez serviu café com sal, parecia que vivia dormindo, era um miserável dum caboclo preguiçoso, raça ruim, e ainda por cima foi adoecer, trazer maleita pro acampamento deles, azar danado, cruz credo. Andar com menino é nisso que dá... qualquer coisa, chora. Num era homem mesmo, pra andar no meio de machos...

De volta pra cozinha e pra lavoura não ia, ah, não ia. Era humilhação demais. Purgando a febre na descida da serra dos Bandeirantes, desviou o rumo e entrou, dias depois, nas luzes da cidade. Como sua mãe, a única rua em que pode viver foi a rua da zona; lá

acabou de se curar, trocou as terneiras e as cabras por fêmeas mulheres, acabou de engrossar a voz, deixou crescer a barba e aprendeu a usar a faca com decisão.

Ia bem em sua nova vida de macho urbano, até que um dia Bento lhe pagou aquelas pingas e o convidou pra aventura do Ibiapuã. Aceitou com um restinho de febre. Agora estavam ali, o serviço de burro de carga e de cozinheiro fazia Bento, ele Izim já era homem formado, e o velho Zé de Luzia estava ali pro trabalho duro de furar os buracos onde ele indicasse. Bento havia sido claro:

Quero você lá de companheiro comigo, tenho um palpite e acho que você tem faro. Tudo que for encontrado a gente divide, igual pros três. Eu sei que naquela serra tem pedra verde nos esperando, e sei que você vai me ajudar a encontrar.

Foi só essa a conversa, a única. Os três eram homens sem muita conversa, não gastavam palavra. Toda semana, Bento ia à cidade buscar o rancho, trazia no burro até o pé da serra e depois era ele mesmo o burro, carregando até o alto. O trabalho ia lento, escórias encontradas aqui e ali, sinais, malacacheta, mas a pedra verde resistia. E a febre não tinha voltado.

.....

Suando em seu papel de mula de carga, Bento purgava sua dor antiga. Ia mostrar a seu pai, desta vez lhe faria as pedras verdes descerem à força pela garganta, ia mostrar. Então ele não servia pra nada, era um vagabundo e desmerecia o pai macho que tinha? Ah, ele ia ver, ia ver. Aquela empresa de lavra pequena, quase escondida, três homens só, um velho, um com sangue de caboclo, desconsiderado na fazenda, e ele mesmo, Bento, que “não merecia levar o mesmo nome do pai”. O velho ia ver; ia ver a que ponto as estranhezas daquele filho agarrado em leituras antigas, que só comia em tigela de barro do tempo ainda de Zefa Poteira, aquele filho de cara fechada e poucas palavras, que o chicote do pai não conseguira domar, tinham sentido. Bento ia achar a pedra, e provar que a lavra abandonada por seu pai há tempos era na verdade o berço das famosas pedras verdes, que ia descobrir e esfregar na cara do velho. Ele sabia, tinha um pressentimento, sonhava; e escolheu seus companheiros guiado por uma intuição sem maiores explicações, escolheu calmo e a dedo. No dia em que os três subiram para a lavra abandonada do Ibiapuã, todo mundo riu. (Atrás da risada do velho Agenor, Bento lembrava a cara furiosa do pai quando o obrigou, menino de seis anos de idade, a montar num tourinho bravo pra provar que era homem, depois de haver caído do cavalo, chorado e por isso apanhado de chicote. Bento montou no touro,

caiu, tornou a montar, sua mãe chorava e seu pai ameaçava com o chicote, furioso. O menino caiu e montou e caiu até desmaiar de susto, medo e pancada). Agora era outra vez a mãe quem intercedia junto ao velho para que desse autorização, afinal não custava nada satisfazer o capricho do menino e a lavra estava abandonada mesmo...

Esse seu filho é um vagabundo, um tonto que só serve pra ler romances e viver na barra da saia da mãe. Aquela lavra eu já explorei, com muitos homens e por muito tempo, e lá não tem nada.

Deixa o menino ir, pelo menos ele não fica aqui sem fazer nada, e às vezes ele tem sorte...

Se ele quiser ir, que vá. Mas eu não ajudo com nada não. Não cedo uma pá nem uma picareta nem um burro de carga nem nada pra esse vagabundo. Se ele quiser ir lá quebrar a cara outra vez, que vá. Pelo menos assim fica longe de minhas vistas...

A mãe relatou a Bento outra conversa, ao transmitir o consentimento. Bento escutou calado, como era seu feitio. Sabia que a história devia de ter sido outra e tinha vontade de abraçar a mãe, mostrar carinho. Não sabia o que fazer; deu a ela a tigela de barro feita por Zefa Poteira:

A senhora guarde pra mim...

A mãe ficou chorando, abraçada com a tigela, pensando no jeito caladão daquele filho esquisito que saiu sim do seu ventre, mas que mamou em Zefa Poteira desde o primeiro dia de nascido, ela a mãe com os peitos secos, doente, quase desenganada. O menino cresceu como se tivesse pegado um jeito daquela cabocla velha, um jeito calado, um olhar tão fundo...

.....

Enquanto via Bento subindo a serra, Izim sabia que a febre ia voltar. Sentia a mesma comichão no dedão do pé, a mesma de anos antes... Não queria que ninguém soubesse; se fosse para encontrar a pedra verde, ele seria sozinho, e por seu próprio poder. Não ia dividir com ninguém o que Deus ou o Diabo lhe davam, um dom que agora sabia que tinha. Encarou Bento a sério, ajudou a descarregar o fardo. Zé de Luzia, na primeira volta do morro, continuava escavando. Chegou pro almoço, vinha tagarela:

Na lavra do Taquaral nós tinha um companheiro que encontrava os veio das pedra quando tinha comichão na orelha. Garimpeiro é bicho doido mesmo... Já vi de cada coisa nesse mundo. Uns sente comichão, tem algum outro que sente uma pontada de lado, tem

uns que sonha, e acho que quase todo garimpeiro vê o fogo das pedra colorida brilhando de noite, indicando lugar... Já vi companheiro meu morrer de febre e não querer sair da lavra, achando que tinha visto a pedra. Tinha um que sentia o reumatismo apertar, quando a gente tava perto de encontrar o veio. Eu mesmo já sofri a febre verde, procurando as pedra. A gente fica olhando pra serra, começa vendo o fogo-fátuo, vai se encantando, a febre agarra e parece que a gente vê as maldita pedra verde em todo canto... Garimpeiro vive mesmo é num jeito de febre, que isso não é vida, fica escavacando buraco no chão, quebrando pedra, procurando sinal...

O velho falava sozinho, comendo com a boca cheia o feijão com toucinho e farinha. Izim levantou os olhos; Bento o encarava, firme. Sentiu um mal estar, desviou a vista.

Naquela noite, começou. Viu primeiro o fogo, bem verde verde, numa encosta; com pouco, o fogo andou. Foi andando, mudando de lugar, até sumir. Izim pensava nas palavras do velho Zé de Luzia, vai ver aquilo acontecia com muita gente, era só fogo-fátuo e imaginação de garimpeiro, não tinha nada com ter poder, um dom, ou com as palavras antigas de sua avó cabocla, distante no tempo. Não sabia mais o que pensar; acabou dormindo em sua esteira suada. Mas tinha o pressentimento de que ele não era o único acordado naquela noite sem fim.

A lua crescia no céu e a tensão aumentava no acampamento. Zé de Luzia parecia não ver, dormindo e conversando normalmente. Mas Izim sabia que Bento corujava a noite tanto quanto ele, sabia, pressentia.

Cada noite o fogo reaparecia. Andava pela serra até parar no mesmo ponto das noites anteriores. Aquilo Izim já conhecia de cor, mas ainda não se atrevia. Até que naquela tal noite ele viu outra vez a barriga da montanha, prenha de pedra verde. E outra vez a cara de sua avó Zefa Poteira, chamando. Suava, tremia, mas não tinha febre; era real. Decidiu: amanhã.

Saiu despistado na manhãzinha, deu rastro falso, inventou outro rumo. Arrodeou por detrás da cachoeira, escapou-se e chegou ao lugar onde o fogo parava, a cada noite. Começou a trabalhar. Não deu fé da tarde que caía, não sentiu fome nem sede, até que o escuro da noite o surpreendeu continuando a cavar. Mas era noite clara de lua, e ele seguiu. Sentia comichão no corpo inteiro, sentia uma febre mansa, sentia uma espécie esquisita de alegria nas juntas, no pé do cabelo. A pedra estava ali e ia ser sua, era questão de pouco tempo agora... Via o brilho verde tomar conta da terra, o buraco todo era verde assim como fosforescente, e por último a picareta quebrou o lajedo que era o cofre, e lá estava ela, bem verde verdinha, bem grandona, resplandescente. Caiu chorando em cima da visão, e sentia as mãos feito garras de sua avó lhe acariciarem o cabelo, chora menino, chora...

Desceu ainda de noite, decidido: no acampamento é que não voltava. Atalharia direto pra cidade, era a maior pedra verde que já pudesse ter sido achada nessas serras, e era de qualidade puríssima. Era a pedra da lenda, ele sabia que era... Já bem embaixo, ainda longe do dia clarear, saindo pro vale que deixa atrás o Ibiapuã, encontrou de repente Bento num canto da vereda, esperando. Apertou a pedra no bolso, não tinha nem uma faca, ai meu Deus, a picareta tinha ficado lá em cima, com a pá... Puxou a faquinha de picar fumo, os olhos brilhavam com frias chispas verdes.

Izim, cê vai fazer bobagem.

Izim ameaçou com a faquinha ridícula, não tinha por onde correr.

Nós fizemos um trato, Izim.

A pedra dentro do bolso pesava, brilhava, doía.

Izim, eu também vi a pedra. Eu também vi o fogo. Eu também sei da maldição do Capitão Pohóc. Eu bebi do leite de Zefa Poteira.

Izim pulou em cima de Bento, os dois rolaram, a faquinha cortou carne, a noite ficou melada de sangue, Izim empurrou Bento e fugiu. Com o braço sangrando, Bento ainda gritou:

Ocê vai caçar encrenca, Izim. Lembra da maldição do Capitão Pohóc...

Izim azulou, sorveteu na noite. No lugar da briga, ficou uma manchinha pequena de sangue. Desta vez não era sangue Pojixá; mas, neste sangue, corria também o leite de Zefa Poteira.

.....

Quem é que pode estar chamando a essa hora tão cedo, e eu disse pra não me incomodar, que estou esperando Seu Agenor ainda pro café, agora cedo... Vai ver é algum garimpeiro que encontrou sinal de pedra boa e quer logo passar nos cobres o achado, antes que o patrão veja... Já vai, já vai...

Chicão abriu a porta, cara feia fechada, ele era comerciante sim mas não gostava de atrevimentos. Deu com a cara barbuda daquele homem que parecia assustado, uns olhos como de febre. Alguma coisa naquele olhar meteu medo em Chicão.

Entra logo, diz logo o que quer, ainda não tomei café hoje.

Em silêncio, Izim foi tirando a mão do bolso, devagar. Chicão começou a sentir desconfiança - e se aquele cabra fosse puxar uma faca, um berro? Se encaravam os dois,

Chicão tinha um como medo, não encarava mais. Izim puxou a pedra; sem palavra nenhuma. Chicão acabou de acordar:

Hum! (Tinha vontade de gritar de alegria, de gritar pela beleza e perfeição do que via ali à sua frente, de gritar pela sorte que tinha). Hum. Tá parecendo ser uma pedra que presta. Preciso avaliar direito. Espera aí, vou buscar meus óculos.

Izim esperou sentado na beiradinha do banco de madeira, não podia se encostar, não podia nada. Aquele Chicão era o único comprador de pedra do lugar, fora de Seu Agenor. E aquela pedra valia muito, ele sabia. Não sabia quanto, nem tinha planos para o que fazer com o dinheiro, a não ser um desejo vago de sumir pra sempre daquela terra danada onde o passado era a cara de sua avó e o futuro não existia. Izim esperava quase sem respirar, até que voltou Chicão. Mas não voltou sozinho; vinha com ele, feito um fantasma de mau agouro, o velho Agenor.

Deixa eu ver a pedra, peão.

Não, não, Izim queria esconder, olhava com raiva pra Chicão que tinha cara de choro; ah, azar danado, por que logo hoje, logo no dia que podia ser o mais feliz de sua vida, o velho fora aparecer pontualmente para lhe cobrar a dívida? E o pior é que não tinha como pagar, ia negociar um prazo, agora com a pedra na mão ia resolver tudo, ficaria rico. Mas não havia contado com a astúcia do velho, que o viu nervoso:

Que que é isso, Chicão, é assim que ocê me recebe? Que pressa é essa por causa de um peão que te espera aí na venda? Até parece que ocê viu assombração... Eu também quero ver que negócio é esse, uai.

E não houve jeito de se descartar do velho, cujo faro o guiava sempre na direção certa, não era à toa que era o dono de quase tudo, naquele lugar. Agora na sala, na frente de Izim, Chicão representava:

Mostra a pedra pro homem, peão.

Izim não tinha saída; mostrou. O velho Agenor respirou fundo, pegou na mão, fez ar de pouco caso. Olhou melhor, apreciou:

Onde foi que ocê encontrou essa pedra, meu filho?

Izim gaguejou, inventou, mentiu mal, muito mal mesmo. O velho ria.

A pedra é sua, meu filho, não importa onde ocê tenha encontrado ela. E até que não é das piores; tem algum valor. Espere aqui que vou avaliar ela melhor com o amigo Chicão, agora mesmo.

E saiu com a pedra nas mãos, seguido por Chicão. Izim ficou pálido, sem sangue, um medo gelado começou a subir por sua espinha. Alguma coisa não encaixava bem naquilo tudo, alguma coisa ia mal...

Voltaram logo, o velho ainda sorrindo, Chicão com mais cara de choro. Seu Agenor chamou Izim, botou a pedra entre os dois, começou a falar em pagamento, a tirar dinheiro do bolso. Izim olhou pra pedra, o coração esfriou: aquela não era a sua pedra, não era ELA, não era! O velho seguia falando manso, como se nada:

É uma pedra boa, meu filho, mas não é das melhores, veja.

Mostrava defeitos, falta de transparência, detalhes.

De qualquer jeito, vale um bom dinheiro, e vou te pagar aqui na presença de meu amigo Chicão. Compro pelo melhor preço da praça; se você quiser verificar primeiro, tem todo o direito, procure mais alguém na capital, avalie com outra pessoa. Se não encontrar preço melhor, volte aqui que eu mantenho a oferta.

Parecia um pesadelo. Aquela não era a SUA pedra! Izim tentou protestar; sabia que era inútil. Sentia a pressão dos ombros de dois jagunços atrás dele, e pressentia outros tantos na saída da casa, armadilha. Olhou fundo pra cara do velho Agenor:

A bênção, padrinho. Não precisa levar pra outro avaliar; aceito seu preço.

Assim é que se fala, cabra macho. Pegue aqui o seu dinheiro e vá se divertir.

Então era assim que acabava o pesadelo, a febre, tudo. Izim sentia o corpo mole, uma fraqueza, uma vontade de esquecer. Juntou um resto de coragem, olhou fundo nos olhos de Seu Agenor, o velho mudou de tom:

Anda logo, cabra safado, raspa daqui. Ocê sempre foi um caboclo à toa, agora que teve sorte de achar uma pedra mais ou menos, aproveita, e some da minha frente.

Meio empurrado pelos capangas, Izim saiu quase à força. Sabia que tinha metido medo no velho. Agora nada mais lhe importava. Sem saber pra onde ia, suas pernas e o longo costume o levaram pra zona, onde bebeu e dormiu, dormiu e bebeu, bebeu e dormiu até o dia da vingança. Que só pra isso continuou existindo.

.....

Aquele olhar, aquele olhar, igual ao do seu filho Bento, aquele insuportável olhar que tinha a velha Zefa Poteira, aquele olhar calado carregado de feitiço dos caboclos, o velho Agenor isso não podia aguentar. Lembrava como tampava a cara de Mariana enquanto trepava no corpo moreno dela, ofegante. Ela não falava nada, não gemia, não gritava, não

dizia que sim nem que não; olhava, só. Depois embuchou dele, mas o menino morreu no parto; menos um pra lhe chamar de padrinho, afinal. Aproveitou os peitos cheios de leite da cabocla para seu próprio filho Bento, recém-nascido e com a mãe doente, os peitos secos, até pra isso era ruim aquela fêmea. Mas aproveitou o leite de Mariana, e afinal nada foi perdido. Muitos anos depois, apareceu esse molequinho na fazenda, trazido pela mão da avó Mariana, tomando a ele bênção de padrinho. Vinha da rua das mulher-dama, onde diziam que vivia a filha de Mariana e aonde ele ia sempre e era o dono de todas. Podia ser que fosse seu filho; nunca perguntou a Mariana, nem ela nunca disse nada. E agora estava ali aquele merda ousando encará-lo com o olhar amaldiçoado de seu filho Bento e da velha Mariana! Ah, sangue de raça ruim, sangue de Pojixá que ainda tinha força de cobra nos olhos, ah!

.....

O resto foi fácil. Em pouco tempo, a antiga lavra abandonada do Ibiapuã se transformou na mais moderna da região. Em lugar de picaretas, compressores. O velho não queria poupar dinheiro neste investimento certo, seguro. Nem se deu ao trabalho de avisar seu filho Bento; mandou que os peões, ao chegarem com as máquinas, dissessem que ele tinha ordem de sair. Se quisesse, poderia ficar de capataz da lavra, ofereceu-lhe o pai. Bento recusou sem conversa; olhava com tristeza as máquinas de garimpo rico e a pequena multidão que invadiam as terras quase sagradas do Ibiapuã. Não sabia do destino da pedra, nem de Izim; não sabia do encontro. O velho guardou tudo muito bem escondido, até o Chicão ganhou sua parte no negócio pra que fosse botar comércio noutra freguesia e se esquecesse de tudo. O interesse repentino do pai pela velha lavra, explicado a todos os ventos pelo próprio velho, havia sido um sonho, no qual Nossa Senhora lhe dizia que devia trabalhar ali.

Desgostoso, Bento foi embora, dizem que se sumiu lá pros lados de Rondônia, pra esses fins de mundo brabos por aí. E a lavra do velho virando aquela boniteza, aquele formigueiro de gentes, aquele descabro de máquinas, arrebatando a barriga do Ibiapuã.

Mas segredo que é segredo nunca consegue se guardar de todo, e ninguém sabe como começou a circular uma história de que o velho tinha uma pedra da sorte escondida, uma pedra verde especial, a antiga pedra das lendas, a que os bandeirantes procuravam, a que diziam que os índios conheciam e guardavam, a pedra verde da lenda. Diziam que o velho Agenor havia virado idólatra, doido, e que rezava toda noite de frente pra pedra, escondido em seu quarto de dormir.

Verdade ou mentira, o certo é que o velho não podia deixar essa história circulando por aí, armando invejas e tocaias. Insistia na história do sonho, de Nossa Senhora indicando o lugar, e para prova de tudo e bênção celeste para sua nova lavra, gastou uma fortuna trazendo do sul do país a imagem milagrosa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, para visitar e benzer aquele lugar de homens furadores das entranhas da terra, trabalho de machos, lugar de vida dura.

A santa veio. A fortuna gasta não foi apenas para convencer aos padres guardiões da imagem, mais as despesas de viagem, mais um donativo para a Basílica, mais a construção de uma capela ali mesmo no Ibiapuã, que a santa iria inaugurar; correu dinheiro também preparando-se a festa, uma festa maior que a tradicional festa de agosto da santa local, padroeira da cidade. Uma festança que trouxe gente de todos os cantos, pessoal da roça, todo mundo desbarrancando para a lavra do Ibiapuã, para assuntar o grande acontecimento.

A santa veio, teve procissão, teve missa. O velho Agenor suava satisfação e livrava-se do medo que vinha acumulando - “ah, minha santinha, agora que gastei tanto com a senhora, que te construí essa capela tão bonita, que te mandei buscar até aqui, que dei essa festança pro povo, que estou aqui pedindo a vossa bênção, agora eu vos rogo minha santinha me livrai desse medo pavor, eu quero poder dormir sem me lembrar dos olhos daquele caboclo vagabundo me fitando, eu quero dormir sem sonhar com as caras dos caboclos me olhando, quero parar de ter esses sonhos ruins cheios de índios e de morte, minha santinha, eu sou um homem justo, um trabalhador, um bom católico...”. Parava, resistia. Sabia o que tinha que fazer, mas resistia. E a santa calada, olhando, nenhum sinal. “Minha santa milagrosa, eu até passei por cima da nossa santa daqui, de nossa Nossa Senhora que também é milagreira, mas sei que a senhora é mais forte, é a padroeira do Brasil, até arrisquei a que nossa santa daqui ficasse com ciúme, mas já cansei de pedir e ela não fez nada, e eu que não consigo mais dormir desde que... eu só penso naquela pedra, santinha, será que tem mais dela no Ibiapuã? Ah, minha santa, me dá um sinal, só um sinal, e eu juro - juro! - que entrego a pedra pra senhora, pras suas obras, entrego de coração. Me dá só um sinal de sua benção, santinha, de que ainda vou poder dormir sossegado outra vez e de que vou achar muita pedra verde no Ibiapuã...”.

Todo mundo estava achando o velho tão contrito, tão bom católico que ele era, que bom exemplo para esses homens de hoje em dia... O padre continuava a missa, a multidão aumentava, o calor também, o jejum prolongado de todos esperando a comunhão, aquele jeito bambo de missa prolongada, quando de repente escutam um ronco surdo, alto,

esquisito, e o velho Agenor desaba desmaiado. Corre-corre, vai daqui prali, o velho se recupera na sacristia improvisada, o padre acaba a missa a toque de caixa, vem correndo.

Sai, sai, sai todo mundo, quero falar só com o padre. Sai você também, Pedrão.

O jagunço saiu desconfiado, por último, achando estranho essa ordem do patrão. O velho estava mesmo ficando velho... Se entregando assim na mão de padre?

Padre, eu quero fazer uma doação especial à Santa, mas não quero que ninguém aqui veja. Depois, lá, o senhor vai mandar gravar uma placa de ouro com meu nome, dizendo: Eternamente Agradecido, e colocar aos pés da santa, no altar-mor.

Enquanto falava, ia tirando um saquinho pendurado no peito, debaixo da camisa, como um escapulário. Um saquinho gordo, pesado. O velho respirou, tirou a pedra, estendeu pro padre.

Estendeu a mão devagar, enquanto lembrava a piscadela que a santa lhe havia dado, num claro sinal de acordo a seus pedidos. Ele, que esperava qualquer sinal, não esperava esse - a cara da santa ficou esquisita, amolecada, assim quase (Deus me livre e guarde!) quase safada mesmo, com aquela piscadela malandra de assentimento. Foi isso que o assustou tanto que chegou a desmaiar, mas agora o acordo estava feito e ele não podia voltar atrás. Fechava os olhos, estendia a pedra para o padre, tinha vontade de encolher o braço e esconder a pedra outra vez, o padre demorava tanto, por que não pegava logo de uma vez e acabava com esse sacrifício, meu Deus?

Finalmente, depois de séculos de espera, o padre agarrou a pedra, ávido, trêmulo. O velho não quis saber de mais nada; saiu diretamente dali, não deu mais explicações. Enquanto guardava a oferenda num cofrinho sólido com a imagem da Santa Milagrosa esculpida na porta, o padre pensava nas obras paradas das missões entre os indígenas no Amazonas e na necessidade de dinheiro para se levar a cabo os projetos de internatos, igrejas e outros benefícios que a catequese seguramente traria àqueles selvagens, pobres indígenas do Brasil.

.....

Na zona também era dia de festa. Muita freguesia, muita animação. Que aumentou quando correu a notícia de que ali vinha o velho, para mais uma noitada de farra e de gastos. As meninas, que tinham todas assistido à missa de longe, vestidas de vermelhos e estampados, olhadas com ódio pelas esposas e mães de família, haviam comungado e pedido a bênção da Virgem; estavam todas em dia com Deus, agora, e podiam recomeçar a faina diária com muito mais empenho. Todo mundo contente, muita festa, muita cachaça, muito

homem, muito dinheiro rolando. Agora vinha o velho, e todo mundo já sabia para que porta ele se dirigia, onde ia desafogar sua energia tesa de velho duro, endinheirado, patrão. Onde ele ia despencar o bucho, arriar as forças e golpear duro, uma só vez, fundo fundo, depois cair de lado respirando cansaço e pedir um copo d'água da moringa. Ia na Fátima, como sempre, se bem que sempre não era a melhor palavra, já que ele raramente se rebaixava a ir à rua das mulher-dama; mas assim, em dia de festa, era bom sinal, boa política, se misturar com a gente, ir aonde os vaqueiros iam, aproveitar da farra.

Fátima já esperava, limpa e pronta. O velho chegou, tomou uma cachaça com a gente do lugar, pagou cerveja pra todo mundo, e ela percebeu a hora de mandar todos saírem. Ela agradava o velho, sentava no colo dele, enchia seu copo; ele achava que ela estava sorrindo meio demais, adulando demais, um pouco exagerada. Ela disfarçava o nervosismo com dengos de beijos e conversas fiadas; ele pensava que estava ficando um velho muito desconfiado, muito maniento, e que hoje pelo menos podia relaxar, afinal tinha um pacto com a santa e estava garantido.

Só percebeu muito tarde o que era que seu instinto de velho domador de terra e de gente o havia estado avisando, mostrando. Só quando Fátima foi buscar água na moringa e disse que a moringa estava seca, e precisava ir na sala buscar água da moringa da frente, foi que num relance percebeu a tocaia, e aí já era tarde; aí a cara do caboclo já estava em cima dele, a faca já lhe furava o bucho desabado na cama, o susto lhe cortava o fôlego já curto pelo esforço do amor. O olhar, aquele mesmo olhar calado, os olhos de cobra desses bugres filhos da puta, ainda na hora de morrer o velho viu o caboclo procurando a pedra, revistando tudo, furando suas roupas atiradas na cadeira, espalhando tudo pelo chão numa fúria repentina, e finalmente voltando-se para ele e perguntando, aquele olhar insuportável onde não cabia perdão:

Cadê? Cadê ela?

No meio da sua agonia, o velho Agenor riu. E morreu lembrando a piscadela da santa, moleca, marota, safada...

.....

Dizem que foi desde esse dia que Izim endoidou. Anda por aí, solto nesse mundão, louco manso, falando coisas. No começo ele sumiu, se escondeu, dizem que ficou vivendo numa gruta escondida no Ibiapuã, lá onde antigamente viviam os bugres, em buracos que ninguém sabia onde eram. Viveu feito bicho por muitos anos, um tempão, até que quando

apareceu aqui na cidade outra vez ninguém pensava mais em vingança, nem em polícia, nem em nada. Ninguém quase reconheceu ele, assim cabeludo, magro demais, e falando coisas. Acho que foi uma das mulher-dama é quem o reconheceu, uma filha do finado Zé de Luzia, que Deus o tenha. Esse velho tinha seguido Izim, tinha voltado pro Ibiapuã, tinha ficado procurando. Mesmo depois que a lavra foi desmontada, depois que não ficou ninguém por lá, o velho Zé de Luzia continuava, com sua picareta. Procurava pedra ou procurava Izim? Ninguém sabe. Mas a gente suspeitava de que ele ajudou o outro a viver, no escondido. Porque foi só quando o velho morreu de doença, morte morrida coisa de velho mesmo, foi que o Izim deu de voltar por essas bandas, aparecer feito aparição, assim falando coisas. Ele fala cada desenredo, fala numa linguagem esquisita, mistura umas palavras que não sei de que língua enviesada é que vem, e toma pinga quando a gente paga. Fica por aí, andando. Às vezes, chora. Conversa nada, com ninguém. Quando fala, é como se falasse sozinho. Fala de uma pedra verde gigante, fala de um mistério, maldição, e fala que esse lugar no meio das sete cachoeiras é encantado, e que os índios ainda vão voltar pra cá, chegando do alto do Ibiapuã... Que vão sair os caboclos de dentro da montanha, da barriga da serra, e vão arrasar a cidade. Ele avisa, manda o povo rezar. O povo daqui manga dele mas no fundo ninguém faz nada porque todo mundo tem um pouco de medo dele, ele tem um jeito de olhar que deixa a gente sem graça... Louco manso, coitado, parece que a história do garimpo endoidou ele, a febre verde tomou conta e ele nunca mais voltou...

1º Lugar

Noite brasileira (o artesão e suas criaturas)

Lourenço Cazarré

E eu voltei-me para todas as obras que minhas mãos fizeram e o trabalho duro que isso me custou. Pois bem, tudo isso é vaidade e perseguir vento; e não há proveito algum sob o sol. Eclesiastes 2, 11

Caótico é uma boa palavra para descrever o meu ateliê. Nas paredes laterais e do fundo, estantes atulhadas de bonecos. Estou no centro da peça, imóvel, de pé junto à cabeceira da mesa. Diante de mim, estão alinhados os bonecos que construí nos últimos meses.

Apenas uma lâmpada, colocada exatamente por cima da minha cabeça, está acesa. Começo a montar o cenário. O velho abajur avariado será o poste de luz. O grande cinzeiro redondo será o chafariz. Coloco lado a lado três caixas de sapato: serão os bancos nos quais acomodarei, de frente para o público, as personagens.

A mesa quadrada é o palco.

Um minuto de silêncio e imobilidade basta para que eu me concentre. Abro os olhos e estendo o braço para o maior dos bonecos. O Artesão é um homem grisalho que veste um macacão de brim azul. Levo-o à boca da cena para que cumprimente o público. Quando os aplausos cessam, com o polegar levantado, ele aponta para trás (o fundo do palco, onde estão os bonecos) e fala.

- Em silêncio, de boca travada, eu os construí da matéria mais indigna: a carne.

Pego então a boneca franzina que parece ter menos de quinze anos e que veste uma saia muito curta. É a Prostituta. Sento-a no banco da esquerda e dali, em voz alta, esganiçada, ela interroga o Artesão.

- Encontras prazer no teu trabalho, monótona repetição de máquina?

- Meus movimentos são sempre iguais. Para juntar ou separar.

Pego o Marinheiro e faço com que caminhe, gingando, para o banco da direita.

Lá, antes de sentar-se, apontando para o Artesão, o Marinheiro interroga os espectadores.

– Digam-me: não tem esse homem a deselegância do albatroz quando aterrissa numa praia fustigada por ventos cruéis?

De pé, à beira do palco, onde se manterá quase o tempo todo, o Artesão fala ao público.

- Procuro o horror que se esconde em todos. Nos mortos e nos vivos.

Mal eu o coloco em pé, o Pivete, oito anos, maltrapilho, aproxima-se do Artesão e, com sua voz flautada, o interroga.

- O senhor não se cansa, nunca?

- Só o passar dos anos poderá vencer o rancor das minhas ferramentas.

Depois de colocar o Pivete no banco do centro, recuo o braço e agarro a Mendiga, suja e feia, que levo até o Artesão. A Mendiga agarra o braço do Artesão e o interroga.

- Por que criaste tanta gente, ainda que de engonço?

- Não controlo minhas mãos. São tenazes.

A Mendiga exalta-se.

- Quem achas que és? Como ousas avançar noite cega adentro?

O Marinheiro se levanta bruscamente e, mais uma vez indicando o Artesão, se pronuncia.

- Busca rumo no intrincado da vida, mas o certo é que seu barco só poderá conduzi-lo às funduras abissais!

A Mendiga, voltada para a plateia, torna a falar.

- Este pobre homem traz o estupor de quem ceifou na seara da morte. Noctâmbulo como a lua, ele certamente se orienta pelas poças de água das chuvas adormecidas.

O Marinheiro deixa o palco. A Mendiga senta-se no banco do meio, ao lado do Pivete.

Feita essa breve introdução, trato de finalizar o cenário.

Espalho os meus lápis de cor, que serão as flores do jardim. Meu isqueiro será uma árvore raquítica. Uma caixa de papelão para seis garrafas de vinho, deitada de lado, representará um conjunto de casebres arruinados. A caixinha de música será o parque de diversões.

Recita o Artesão.

- No úmido cimento das calçadas, ficará meu legado. Agora será de vocês a foto do estudante ao lado de um globo terrestre. No jardim, entre as hortênsias, depositarei a hóstia, áspera e seca, que no céu de minha boca se aferrou para sempre. Deixarei ainda uma janela que se abrirá para os vermelhos verões de antigamente: bolinhas de gude, pandorgas, estilingues, morros, córregos, eucaliptos, pardais e ovelhas. Só não entregarei a vocês a dama-da-noite, porque preciso que ela continue a me ninar, perfumosa, todas as madrugadas.

Coloco em cena a Cigana, ao lado do Artesão.

Voltados para o público, travarão um diálogo.

Começa ela.

- O rumoroso passado ou o silente futuro? Qual deles te atormenta mais?

- A eterna obrigação de criar espantalhos.

- Mas por que os fabricas se tua criação está condenada a vagar seminua e descalça?

- Nada mais sei fazer.

- Soturno e mísero, cumprirás a rota das latas de lixo. Sombras terás por parceiras. Na noite interminável são as mais fiéis companheiras.

A Cigana deixa o palco.

Coloco em cena o Louco, maltrapilho, encurvado, barba branca. De pé na beira do palco, com sua voz de baixo profundo, travará um diálogo com o Artesão.

Começa o Louco.

- Esta praça vai morrer. É o que anuncia o brilho dessas pedras polidas por tantos passos perdidos.

- Eram incontáveis os aromas do turbado agosto: bergamoteiras, pessegueiros e laranjeiras.

- Esta praça vai morrer de madrugada, justo quando o primeiro trabalhador cruzar pelo último bêbado.

- A carroça do leiteiro foi a orquestra da minha infância. As ferraduras soavam como clarins na garoa e havia também a lira das garrafas vazias.

- Esta praça vai morrer quando o sol, exausto, se aninhar no roxo canteiro das hortênsias!

- Houve uma manhã que fez de mim um menino triste. Foi no tempo em que o vento gris da primavera me embalava na gangorra dos domingos imóveis. Não posso viver sem relembranças.

Saindo cena, o Louco deixa atrás de si uma última frase.

- Homens inquietos só servem para recortar silhuetas na neblina das praças.

Acendo a lanterna e dirijo o facho para o banco do centro, onde a Mendiga, amamentando o Pivete, cantarola.

Mama para esquecer a fome

Que do alto do telhado

Te observa o lobisomem

Bebe enquanto a criatura

Sonha com o teu sangue

E da garganta a quentura

A Mendiga se cala por um minuto, depois levanta o rosto e se dirige ao público.

- Ainda bem que meu último anjinho se finou mal me saiu do bucho. Por isso, troco meu leite pelas moedas deste moleque.

O Pivete dá-lhe uma cotovelada.

- Canta, feia bruxa má!

A Mendiga engrola uma outra cantilena.

Saiba senhor menininho

Que a mula sem cabeça

Virá por este caminho.

De novo voltada para a plateia, a Mendiga fala pausadamente.

- Gerei muitos bacorinhos, mas a todos vendi numa terra onde criança vale prata. Para mim, mesmo os que nascem mortos são negócio: alugo as tetas, a melhor das mutretas.

Com um movimento do queixo, a Mendiga aponta o Pivete.

- Este aqui matou a mãe no parto. É ruim, uma fera, nefasto. Fede mais do que um rato, mas paga bem, cumpre o contrato.

O foco da lanterna volta-se para a beira do chafariz, ou seja, para a lateral do cinzeiro. Ali sento o Drogado.

É jovem, magro e pálido. Traz na mão direita uma seringa, que, com um gesto brusco, crava no braço esquerdo. Depois fala em voz alta, quase gritando.

- A morte viaja na bandeira dos piratas! A morte é preta como a roupa do Cavaleiro Negro. Rasguei a morte como se ela fosse a máscara do Batman, uma camiseta de goleiro ou qualquer outra coisa escura.

O Artesão senta-se ao lado do Drogado, que se deita na mureta do chafariz e, em seguida, acomoda a cabeça no colo do Artesão.

Afagando os cabelos do Drogado, falará o Artesão.

- Minha carícia é um parco remanso no teu mar revolto. Meu carinho é pouco para o teu corpo roto.

A Mendiga deixa o palco.

O Pivete, de canivete na mão, se aproxima do Artesão e do Drogado.

- Cuido carro, busco maconha ou cigarro. Arranjo mesa em bar, macho ou mulher para te amar.

O Artesão o interroga.

- Onde brincaste tua infância, se drenaram o rio, aplainaram os morros e cimentaram a praça?

- Deram-me estrelas para pastorear. No estéril sereno eu sei semear.

- Que fruta colhes com o fio do teu canivete?

- A cidade me dá bêbados e putas. São eles o meu maná.

Num gesto muito rápido, o Pivete rouba a carteira do bolso da calça do Drogado e, correndo, sai de cena.

O Drogado senta-se na mureta do chafariz e se dirige ao Artesão.

- Quem és?

- Sou cacimba, falha na rocha, perdida entre a folharada. Perene, límpida, sou a mãe do arroio que rola sobre seixos redondos enquanto os meninos, sob o sol, estilhaçam o cristal das suas risadas. Sou olho de água na pedra perdendo crianças para a estrada. Sou muita coisa amalgamada.

- Que fazes?

- Da seca madeira, uso as achas. Da bruta rocha, arranco as lascas. Do duro ferro, produzo faíscas. Fabrico viventes.

- Boa coisa não deves ser, se, como eu, nas profundas da noite fazes questão de viver.

Coloco em cena o Pregador, homenzinho mirrado, espremido em terno preto, cabelo enlameado de brilhantina e Bíblia na mão.

Levo-o até onde estão sentados o Artesão e o Drogado.

O Pregador discursa.

- No princípio era o silêncio e o espírito de Deus movia-se sobre o silêncio. E, vendo que o silêncio era bom, Deus disse: unam-se os silêncios num só lugar e apareça a solidão. E disse depois: Que a solidão dê sementes assim como as árvores dão frutos!

O Pregador se cala e observa o Artesão e o Drogado. Como eles nada dizem, reata sua fala.

- Em nome de Jesus, tudo tem um preço nesta terra de trevas e luz. Eu vos peço um óbolo para financiar uma cruz.

A Prostituta deixa o banco, aproxima-se dos três homens e anuncia seus serviços.

- Nos ocos dos becos, dou prazer aos coitados. Nos breus, satisfaço os tarados. Na escuridão, eu topo tudo: meus vícios e os seus.

O Drogado e o Pregador retiram-se de cena.

O Artesão se levanta, volta ao seu lugar e, de lá, dirige-se ao público.

- Em madrugadas exaustivas eu os fabriquei, mas restaram inconclusos. Não passam de esboços, destroços.

O Pivete aproxima-se da Prostituta e entrega a ela a carteira que roubou do Drogado.
A Prostituta senta-se no chão. O Pivete deita-se, em posição fetal, ao lado dela.
Acariciando a cabeça do Pivete, a Prostituta cantarola.
O canto do primeiro galo
Era só o que te ninava
O orvalho na relva insone
Era o leite que tu sugavas
A tocaia dos salteadores
Com facas prenhas de lua
Era o medo que te afligia
Nas longas vigílias tuas

Fala o Artesão.

- Nenhuma cidade é minha cidade. Com água e vento moldo incertas figuras. Fabrico
minhas sombras numa oficina sem luz. Construí o silêncio para que a voz não me traia.
Nenhuma cidade é minha cidade.

Cambaleante, reaparece o Marinheiro.

Aproxima-se da Prostituta e dá um violento pontapé no Pivete, que sai correndo de
cena.

A Prostituta suspende o vestido e abre as pernas.

Deitando-se sobre ela, falará o marinheiro.

- No calor de nossos corpos suados deveria vicejar uma flor. Na rede por nossos
corpos trançada deveria repousar o amor. Mas contento-me em semear nos teus falsos
suspiros o meu inteiro rancor.

O Marinheiro e a Prostituta adormecem abraçados.

O Pivete volta ao palco, aproxima-se do Marinheiro, rouba-lhe a carteira e sai por
onde entrou.

A Prostituta levanta-se, caminha até o Artesão.

- Toda noite eu os acolho. Deito limpa na calçada, caio suja na sarjeta. Sejam velhos ou jovens, eu sempre os amanso. Sou feito cata-vento, nunca me canso. Com mentirosos miados de gata no cio, eu os arrasto com a força de um rio que varre tudo, até ficar só o restolho.

Voltando-se para o público, fala o Artesão.

- Quando os vejo assim, tristes, penso em dar-lhes um livro. Não um livro que fale daquilo que os aflige. Não! Um livro que narre tantos prodígios que o fardo, depois, lhes parecerá quase suportável. Um livro de divertidos poemas para se ler quando mais nada pode ser dito ou escutado.

A Prostituta agarra a mão do Artesão e, sorrindo ironicamente, fala.

- Tu, que tens a boca cheia de belas palavras e o corpo livre das tentações, poderias contar para mim uma história de amor!

O Artesão recita.

- Sou ruidoso arroio raso que corre entre pedras, encoberto pelas árvores, sou um mero riacho umbroso. Sou fio de água que corre entre morros, azul, sinuoso, vacilante, dissipado, inexato e manhoso. Sou relógio que nunca se cansa, sou espelho que nunca embaça.

A Prostituta chora.

O Marinheiro se levanta e sai pelo fundo do palco.

Girando o cassetete, vindo do fundo do palco, surge o Policial, cantarolando com sua voz rouca que mais parece um rosnado.

- Circulando! O medo é uma pilhéria, um impropério, uma miséria. Circulando! O medo é um grito que se doma, que se sufoca, que se dana. Circulando! Pouco ou pleno, o medo é tudo: máscara e manto, lume e acalanto.

A Mendiga volta ao palco. De mãos entrelaçadas, como se rezasse, ajoelha-se diante do Artesão.

- Negras contas do rosário, dedos finos, magra mão! Doze quedas no calvário para nossa salvação!

O Artesão dá à Mendiga uma moeda e a interroga.

- Será o frio teu amigo, pois vejo que dele construístes um abrigo? E do vento, o que fabricas? Luvas, vestidos, túnicas?

- Sou íntima da fome. Tão íntima que a trato só pelo primeiro nome. Vivemos em harmonia. Se o medo é uma nota, o horror é a sinfonia. Minha vida é um sino tocando em lenta agonia.

O Policial se dirige ao Artesão.

- Nada dê a ela! Compaixão é seu alimento, piedade é sua eira. Sempre colhe de mão cheia. A miséria é uma chaga, um veneno, uma praga.

O Artesão fala à plateia.

- O mundo é só um vasto subterrâneo vazio. Estranha indústria é a poesia que nele fez sua moradia.

A Cigana volta ao palco.

A Prostituta vai até ela e indaga.

- Será de terra dura minha rasa sepultura?

Responde a Cigana.

- Aberta no lodo será, com lama será coberta.

- E este meu corpo magro, terá descanso?

- O barro é sempre um bom leito.

- Que será de minha alma?

- Essas coisas todas tuas, lama, alma e sepultura, são apenas palavras nuas.

Ressurge, irado, o Marinheiro.

A Prostituta caminha na direção dele.

- Atocaiada no sereno, eu, danada mulher, mais uma vez te ofereço um corpo.

Com um gesto brusco, o Marinheiro a empurra.

- Não procuro teu prazer fingido! Recuso teu amor isento de afagos!

- Vem, marujo, aqui me tens determinada a dar-te consolo, delírio e talvez um fugaz beijo tolo.

- Por que me roubaste, mulher, enquanto burlávamos a paixão com nossos corpos incendiados?

- Não entendo o que dizes, extraviado! Por que me recusas se sou o que mais procuram tuas vísceras?

O Marinheiro ergue o braço.

- Não turvemos o silêncio com nossas palavras malsãs.

O Marinheiro crava um punhal no peito da Prostituta e corre para o fundo do palco.

O Policial o segue.

O Artesão segura a cambaleante Prostituta.

Logo eles são cercados pelos demais personagens.

Chorando, fala o Artesão à Prostituta.

- Jamais te neguei o vermelho da minha caridade. Para ti, sempre tive as mãos abertas como flores. Para ti, sempre tive os braços abertos em cruz.

Som de altercação.

O Policial vem do fundo palco arrastando o Marinheiro, que tem as mãos algemadas às costas.

Os dois param junto à aglomeração e ali travarão um diálogo.

Começa o Policial.

- Em terra, maldito, era certo que matarias. Se fosses tecelão, só mortalhas tecerias.

- O fio da honesta faca entrou no peito e, ligeiro, cortou pelo meio o pecado, no lugar justo, certo.

- Como era o fio da tua adaga, Marinheiro? Era fino e furioso ou era do talho que alarga, que tudo arrebenta, cioso?

- Era um fio delicado. Não do que costura, do que une e conserta, mas do que desata, que a tudo desbarata.

- Era, Marinheiro, daquele fio que traz um nefasto sinal, fio que não liga nem ata, fio final?

- Se linha fosse, seria da que só embaraça, sem ver religião ou raça.

- Orgulhoso Marinheiro, que vives no mais fundo dos infernos, no rubro que mais queima. Orgulhoso Marinheiro, que tens por pai o ódio e por mãe a crueldade. Orgulhoso Marinheiro, aviso-te que o xadrez das grades de ferro, brilhantes nas noites de tormenta, acabará com tua soberba.

O Policial arrasta o Marinheiro em direção ao fundo do palco.

A Mendiga estende o braço e acaricia o rosto da Prostituta.

- Um corpo dissoluto no negrume era todo o seu patrimônio. Devasso no amor que não se consumou, obsceno na paixão que lhe foi negada.

Exaltado, reage o Pregador.

- Buscou no vinho santo só a perdição!

Volta a falar a Mendiga.

- Era apenas uma carne esfomeada de amor, de carinho sedenta. Só queria o bem mais raro, aquele que não se compra nem se inventa.

O Artesão toma a Prostituta, já morta, nos braços e encaminha-se para o fundo do palco, seguido por todos os personagens, com exceção da Mendiga, que, ajoelhada, volta-se para o público, aponta os que estão deixando o cenário e fala.

- Devagar, aí vai o tardo caminhante levando a filha morta. Nada o deterá, pois é andarilho das perdidas veredas, onde só há vertigem e vácuo. Leva morta a filha que moldou com suas próprias mãos. Não, ele não tem culpa. Também a ele tudo foi negado. Deram-lhe tão somente barro, tristeza e dor para fabricar suas criaturas. Por isso viaja só, como todos nós. Mas o mais terrível é que ele me lembra Deus Pai carregando seu filho, Jesus, morto.